

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

EDILSON DE OLIVEIRA

**FUTEBOL AMADOR: UMA ETNOGRAFIA DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA E O
PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO *HABITUS* DOS JOGADORES DO MIRANTE
ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA – PARANÁ (2013-2021)**

PONTA GROSSA

2022

EDILSON DE OLIVEIRA

**FUTEBOL AMADOR: UMA ETNOGRAFIA DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA E O
PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO *HABITUS* DOS JOGADORES DO MIRANTE
ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA – PARANÁ (2013-2021)**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em
Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de
Ponta Grossa, Área de Cidadania e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior.

PONTA GROSSA

2022

Oliveira, Edilson de
O48 Futebol Amador uma etnografia da cultura futebolística e o processo de
estruturação do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube em Ponta
Grossa – Paraná (2013-2021) / Edilson de Oliveira. Ponta Grossa, 2022.
201 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração:
Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior.

1. Futebol amador - Ponta Grossa. 2. Cultura - Esporte. 3. Etnografia. 4.
Habitus. I. Freitas Junior, Miguel Archanjo de. II. Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 306.483

TERMO DE APROVAÇÃO

EDILSON DE OLIVEIRA

“Futebol amador: uma etnografia da cultura futebolística e o processo de estruturação do habitus dos jogadores do Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa – Paraná (2013-2021)”.

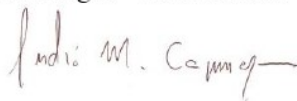
Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor(a) no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Assinatura pelos Membros da Banca:



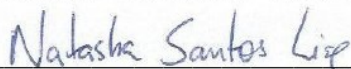
Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Jr – UEPG -PR - Presidente

Prof. Dr. Nuno Domingos - ULisboa-PT - Membro Externo



Prof. Dr. André Mendes Capraro - UFPR-PR - Membro Externo

Prof. Dr. Bruno Pedroso – UEPG-PR - Membro Interno



Prof. Dra. Natasha Santos Lise – UEPG-PR - Membro Interno

Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli - UFPR-PR - Suplente Externo

Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo - UEPG-PR - Suplente Interno

Ponta Grossa, 20 de abril de 2022.

Para os meus professores, que espantaram os fantasmas de minha posição impossível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu confidente, por nunca me deixar desanimar e por me conceder a oportunidade de acordar mais um dia para lutar por aquilo e aqueles que acredito.

Agradeço o Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior, por sempre esperar mais e não menos de seus alunos. Certamente suas expectativas foram frustradas em vários momentos comigo, ao longo destes 10 anos, porém elas foram fundamentais para que eu acreditasse que este dia chegaria. Em um primeiro momento, só não queria mais envergonhá-lo, porém observando seu respeito e amor a educação pública e de qualidade, passei a entender o que significa “fazer o melhor sempre e da primeira vez”.

Agradeço a Tatiane Perucelli, minha companheira, por decidir se aventurar em uma jornada sem nenhuma certeza e com muitas dificuldades, mas na qual podemos dizer orgulhosos que cada passo foi dado em conjunto. Obrigado pelas palavras de incentivo, pelos gestos de carinho, pelo respeito, pelas cobranças e críticas. Sou grato por aprender com você todos os dias.

Agradeço os meus alunos e alunas pela confiança, respeito e carinho. Sem os sonhos e esperanças de vocês, nada disso faria sentido.

Agradeço os membros da banca, Prof. Dr. Nuno Domingos, o Prof. Dr. André Mendes Capraro, Prof. Dr. Bruno Pedroso e Profa. Dra. Natasha Santos Lise, pela disponibilidade em participar desta banca de defesa e pelas considerações apontadas na qualificação. Principalmente pelo legado que construíram e estão construindo ao longo de suas trajetórias acadêmicas, o qual serve de inspiração para todos nós. Como toda ação é significativa, a escolha dos seus nomes, precedeu momentos em que me senti acolhido por cada um, além da admiração, pela competência científica e pela simplicidade, mesmo estando na posição em que estão.

Agradeço os meus pais, Roseli da Rosa e Zacarias de Oliveira, os gestos de altruísmo durante meu crescimento e desenvolvimento, por me incentivarem a estudar “até o final”, mesmo não sabendo exatamente o que isso significava. Também a minha irmã Gislaine de Oliveira e meu irmão Gilson de Oliveira, pela torcida e palavras de incentivo. Vocês sempre foram minhas referências.

Agradeço a minha tia Sirlei Portes de Oliveira e minha prima/irmã Tatiane Oliveira, por todas as orações e torcida, mas principalmente pelo exemplo vivo, do que significa correr atrás de um sonho em equipe.

Agradeço o Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo, suplente da banca, pelo exemplo de seriedade, comprometimento e responsabilidade com um ensino de qualidade, por todas as cobranças e conhecimentos compartilhados durante a graduação no Departamento de Educação Física e no doutorado no PPGCSA. Além da atenção e carinho quando adentrei no Departamento de Educação Física como professor Colaborador.

Agradeço os amigos e colegas de trabalho, Prof. Dr. Diego Petyk de Souza, Prof. Dr. Guilherme Moreira Caetano Pinto, Prof. Dr. Leandro Martinez Vargas e Prof. Dr. Nilo Massaru Okuno, a parceria nos jogos de futebol, as jocosidades, as conversas e conselhos, estas relações foram fundamentais para tornar este processo menos doloroso.

Agradeço a Profa. Adriana Kisielewicz pelas palavras de incentivo, cobranças e experiência profissional compartilhada, mas sobretudo, pelo exemplo pessoal de força, resiliência, amor a vida e amor ao próximo.

Agradeço os professores do Departamento de Educação Física, pelo carinho com que me receberam de volta. Em minha prática pedagógica, certamente há um pouco de cada um de vocês. Em especial o Prof. Me. Carlos Alberto de Oliveira, Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr. e a Profa. Ma. Fabiane Distefano.

Agradeço as Profa. Dra. Maria Odete Vieira Tenreiro, Profa. Dra. Graciete Tozetto Goes, Profa. Dra. Marcela Teixeira Godoy e o Prof. Dr. Nelson Silva Junior, pelos ensinamentos e experiências compartilhadas nos anos de iniciação à docência, o PIBID deu sentido a minha vida profissional. Por isso, sou grato a seriedade e o compromisso com que encararam a necessidade de colocar em prática, ações que garantissem o acesso e a permanência dos acadêmicos na universidade. Foi muito fácil entender o papel da interdisciplinaridade na educação e do trabalho em equipe observando vocês.

Agradeço os colegas do Núcleo de Estudos Esporte Lazer e Sociedade, do PPGCSA, os momentos compartilhados juntos, as mensagens de apoio, incentivo e principalmente as críticas, durante os debates sobre nossas produções acadêmicas. Em especial a Profa. Ma. Marcela Caroline Pereira, Profa. Ma. Érica Fernanda de Paula, Prof. Jorge de Lima, Junior, Prof. Guilherme Habinoski e Prof. Thiago Savio Ingles da Luz.

Agradeço os agentes universitários do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-Graduação (CIPP) e do Departamento de Educação Física (DEDUFIS), por deixarem nossos ambientes de estudos e trabalho nas melhores condições possíveis, pelo zelo e preocupação com as pequenas coisas que poderiam nos afetar. Em especial ao Alexandre Ferreira.

Agradeço os ex-treinadores e amigos e Prof. Everson da luz e Prof. Carlos Mendes, por todos os conselhos e cobranças durante os anos de treinamentos e competições. Estas palavras fizeram-me tomar as decisões “certas” nos momentos mais conturbados de minha vida.

Agradeço os meus amigos Maicon da Silva e Marcelo da Silva, os momentos de dificuldades e de decepções vividos, mas principalmente as alegrias dentro e fora de campo.

Agradeço a diretoria, comissão técnica, jogadores, familiares e torcedores do Mirante Esporte Clube, por todo apoio e confiança depositados ao longo destes anos de trabalho.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa, bem como meu crescimento e amadurecimento.

A própria ilusão não é ilusória e é preciso esquivar-se de ver um fantasma arbitrário que não é senão o efeito objetivo de sua posição impossível no sistema econômico e social.

(Pierre Bourdieu)

RESUMO

O objetivo da tese foi analisar o sistema simbólico fomentado e que fomenta as práticas futebolísticas e o processo de estruturação do habitus dos jogadores do Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa - Paraná (2013-2021). Para tanto, recorreu-se a etnografia, pois ela possibilita a reflexão sobre o grupo social estudado, através de seu próprio “ponto de vista” sobre o mundo, com base na interpretação de suas práticas simbólicas. Entre Campeonato Amador Divisão Especial e Campeonato Amador Máster, de 2013 a 2021, acompanhou-se o Mirante E. C. nas 13 competições em que o time foi inscrito. Além das saídas de campo nos dias de jogo, observou-se os jogadores, dirigentes e torcedores do clube em outros momentos, como: nas “peladas” (jogos recreativos); nas rodas de sociabilidade; em festividades comemorativas do clube (aniversários ou eventos de encontro de veteranos); em mutirões de reformas; reuniões da diretoria; além de festas de aniversário, churrascos e demais comemorações particulares de agentes envolvidos com o Mirante E. C., quando convidado. Para apresentação dos resultados, adotou-se o formato *Multipaper* ou modelo Escandinavo, que se caracteriza pela apresentação do estudo através de uma coletânea de artigos. Ao longo deste processo foram desenvolvidos sete artigos. Os três primeiros, caracterizam-se por um esforço “fora de campo”, através dos quais realizou-se estados do conhecimento da produção acadêmica sobre futebol amador no Brasil (através de teses e dissertações da BDTD) e em diferentes locais do mundo (através da base de dados Scopus) e uma revisão de literatura sobre os desafios contemporâneos da pesquisa etnográfica. Em seguida, os quatro artigos da segunda parte da tese, abordam diretamente as questões emergentes das descrições etnográficas realizadas nos campeonatos amadores de Ponta Grossa, como: os sentimentos de identidade com o clube, expressos através das relações de conflito entre diferentes diretorias; o uso do capital futebolístico fora do campo, nas relações de trabalho ou política eleitoral; a importância das práticas futebolísticas na trajetória de agente que vivenciou o esporte em suas diferentes dimensões; e os dilemas e conflitos enfrentados pelos praticantes de futebol em uma pandemia. Infere-se que desde sua gênese fabril, a prática futebolística amadora possuía e possui a capacidade de ser convertida em capital econômico, cultural, social ou simbólico, aplicável para além das linhas geográficas dos campos. Por este motivo, apresenta-se a necessidade de se pensar em um capital futebolístico. No contexto pontagrossense, entre as memórias do passado dos veteranos e a esperança subjetiva (quase mística), de que tudo é possível através de um grupo que se reconheça como uma família, os símbolos, normas e leis que regem este espaço social permanecem sendo reproduzidas, legitimando simbolicamente o futebol amador como uma prática indispensável do cotidiano destes agentes sociais. Assim, suas formas de ver, sentir e agir sobre o mundo, ou seja, seu *habitus*, estão diretamente relacionadas às leis e lógicas do campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

Palavras-chave: Futebol amador; cultura; etnografia; *habitus*.

ABSTRACT

The objective of the thesis was to analyze the symbolic system fostered and that fostered football practices and the process of structuring the habitus of Mirante Esporte Clube players in Ponta Grossa – Paraná (2013-2021). To this end, ethnography was used, as it enables reflection on the social group studied, through its own “point of view” on the world, based on the interpretation of its symbolic practices. Between Special Division Amateur Championship and Master Amateur Championship, from 2013 to 2021, Mirante E. C. was accompanied in the 13 competitions in which the team was registered. In addition to field trips on game days, the club's players, managers and fans were observed at other times, such as: in “peladas” (recreational games); in the circles of sociability; at commemorative club festivities (anniversaries or veterans gathering events); in reform efforts; board meetings; in addition to birthday parties, barbecues and other private celebrations of agents involved with Mirante E. C., when invited. For the presentation of the results, the Multipaper format or Scandinavian model was adopted, which is characterized by the presentation of the study through a collection of articles. During this process, seven articles were developed. The first three are characterized by an effort "off the field", through which states of knowledge of academic production on amateur football in Brazil (through BDTD theses and dissertations) and in different parts of the world (through from the Scopus database) and a literature review on the contemporary challenges of ethnographic research. Then, the four articles of the second part of the thesis directly address the issues emerging from the ethnographic descriptions carried out in the amateur championships of Ponta Grossa, such as: feelings of identity with the club, expressed through the conflicting relationships between different boards; the use of football capital outside the field, in labor relations or electoral politics; the importance of soccer practices in the trajectory of an agent who has experienced the sport in its different dimensions; and the dilemmas and conflicts faced by football practitioners in a pandemic. It is inferred that since its industrial genesis, amateur football practice had and still has the ability to be converted into economic, cultural, social or symbolic capital, applicable beyond the geographic lines of the fields. For this reason, there is a need to think about football capital. In the Ponta Grossa context, between the memories of the veterans' past and the subjective (almost mystical) hope that everything is possible through a group that recognizes itself as a family, the symbols, norms and laws that govern this social space continue to be reproduced. , symbolically legitimizing amateur football as an indispensable practice in the daily lives of these social agents. Thus, their ways of seeing, feeling and acting on the world, that is, their habitus, are directly related to the laws and logic of the Ponta Grossa amateur football field.

Keywords: Amateur soccer; culture; ethnography; *habitus*.

RESUMEN

La tesis tuvo como objetivo analizar el sistema simbólico fomentado y que promueve las prácticas futbolísticas y el proceso de estructuración del habitus de los jugadores del Mirante Esporte Clube en Ponta Grossa - Paraná (2013-2021). Para ello se utilizó la etnografía, ya que permite reflexionar sobre el grupo social estudiado, a través de su propio "punto de vista" sobre el mundo, a partir de la interpretación de sus prácticas simbólicas. Entre Campeonato Amateur División Especial y Campeonato Amateur Máster, de 2013 a 2021, Mirante E. C. estuvo acompañado en las 13 competencias en las que estuvo inscrito el equipo. Además de las salidas al campo los días de partido, los jugadores, directivos y aficionados del club fueron observados en otros momentos, como: en peladas (juegos recreativos); en los círculos de sociabilidad; en las festividades conmemorativas del club (aniversarios o reuniones de veteranos); en los esfuerzos de reforma; reuniones de mesa; además de fiestas de cumpleaños, parrilladas y otras celebraciones privadas de los agentes involucrados con Mirante E. C., cuando sean invitados. Para la presentación de los resultados se adoptó el formato Multipaper o modelo escandinavo, que se caracteriza por la presentación del estudio a través de una colección de artículos. Durante este proceso, se desarrollaron siete artículos. Los tres primeros se caracterizan por un esfuerzo "fuera de la cancha", a través del cual se exponen estados de conocimiento de la producción académica sobre el fútbol amateur en Brasil (a través de tesis y disertaciones del BDTD) y en diferentes partes del mundo (a través de la base de datos Scopus) y una revisión de la literatura sobre los desafíos contemporáneos de la investigación etnográfica. Luego, los cuatro artículos de la segunda parte de la tesis abordan directamente las cuestiones que emergen de las descripciones etnográficas realizadas en los campeonatos amateur de Ponta Grossa, tales como: los sentimientos de identidad con el club, expresados a través de las relaciones de conflicto entre diferentes tableros; el uso del capital futbolístico fuera del campo, en las relaciones laborales o en la política electoral; la importancia de las prácticas futbolísticas en la trayectoria de un agente que ha vivido el deporte en sus diferentes dimensiones; y los dilemas y conflictos que enfrentan los practicantes de fútbol en una pandemia. Se infiere que desde su génesis industrial, la práctica del fútbol amateur tuvo y tiene la capacidad de convertirse en capital económico, cultural, social o simbólico, aplicable más allá de las líneas geográficas de los campos. Por eso, es necesario pensar en el capital del fútbol. En el contexto de Ponta Grossa, entre los recuerdos del pasado de los veteranos y la esperanza subjetiva (casi mística) de que todo es posible a través de un grupo que se reconoce como familia, los símbolos, normas y leyes que rigen este espacio social siguen siendo reproducido., legitimando simbólicamente el fútbol amateur como una práctica indispensable en la vida cotidiana de estos agentes sociales. Así, sus modos de ver, sentir y actuar sobre el mundo, es decir, su habitus, están directamente relacionados con las leyes y la lógica del campo de fútbol amateur de Ponta Grossa.

Palabras clave: Fútbol amateur; cultura; etnografía; habitus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma dos passos realizados na coleta de dados das investigações.....	31
Figura 2 - Produção científica anual sobre a temática futebol amador e cultura.....	36
Figura 3 - Índice de citação global dos artigos com a temática futebol amador e cultura.	37
Figura 4 - Mapa temático gerado através dos artigos analisados sobre futebol amador e cultura.....	38
Figura 5 - Dendrograma da análise de múltiplas correspondências da temática futebol amador e cultura.	39
Figura 6 - Número de teses e dissertações sobre futebol amador em uma perspectiva sociocultural defendidas por estado brasileiro entre os anos de 2014 e 2021.	57
Figura 7 - A relação de amor ao Mirante Esporte Clube, ao futebol e ao filho foi externada por um dos jogadores, através de uma tatuagem, a qual foi feita quando ele não vestia mais a camisa do clube, devido a mudança de gestão e lógica de formação.	113
Figura 8 - Comunicado do presidente do Mirante Esporte Clube em um grupo de WhatsApp criado por ele, que conta com representantes de diferentes clubes amadores de Ponta Grossa e região, anunciando sua saída do cargo no ano seguinte.	120
Figura 9 - PrintScreen do grupo do Mirante E. C. no WhatsApp, com a exclusão de vários jogadores, após ausências não justificadas nas peladas.....	1700
Figura 10 - Agentes que fazem parte do Mirante Esporte Clube, compartilhando fotos antigas e relembrando jogos marcantes em suas memórias, após mais de um mês de paralização da prática do futebol em Ponta Grossa, devido ao Covid-19.	172
Figura 11 - Interação dos jogadores do Mirante Esporte Clube, em um poste do jogador do Clube de Vila, que lembrava uma partida realizada entre os clubes há três anos.	173
Figura 12 - Mensagem de um agente do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, mobilizando os demais jogadores e clubes para solicitar o retorno do campeonato amador.....	174

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Títulos dos artigos selecionados para análise através da base Scopus.....	32
Quadro 2 - Número de teses e dissertações encontradas entre os anos de 2014 e 2020, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações de acordo com a aplicação de cada operador booleano.	52
Quadro 3 - Elementos a serem analisados no Estado do conhecimento.....	53
Quadro 4 - Dados gerais das teses e dissertações analisadas no Estado do conhecimento.	54
Quadro 5 - Número e % de métodos ou técnicas utilizadas pelos pesquisadores na coleta de dados de suas teses e dissertações sobre futebol amador.	58
Quadro 6 - Número e % de autores que foram as referências teóricas e metodológicas dos pesquisadores em suas teses e dissertações sobre futebol amador.	59
Quadro 7 - Número e % de autores que foram as referências bibliográficas sobre futebol dos pesquisadores em suas teses e dissertações sobre futebol amador.	59

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Registro aéreo do estádio do Mirante Esporte Clube.	97
Fotografia 2 - Veteranos e torcedores do Mirante Esporte Clube aguardando o início do jogo válido pelo Campeonato Amador.	97
Fotografia 3 - Meninos jogando futebol após o término de uma partida do Mirante Esporte Clube, no Campeonato Amador de Ponta Grossa, enquanto seus pais/jogadores socializavam no bar do clube.	98
Fotografia 4 - Vestiários do Mirante Esporte Clube. A direita o espaço destinado ao clube, a esquerda para os visitantes e no centro o vestiário dos árbitros.	98
Fotografia 5 - Torcedores, familiares e veteranos acompanhando uma partida do Mirante Esporte Clube.	99
Fotografia 6 - Jogo treino entre os times Máster e Principal do Mirante Esporte Clube. Antes do início das competições amadoras de 2017.....	99
Fotografia 7 - Festa Junina realizada no Mirante Esporte Clube para arrecadação de fundos.....	100
Fotografia 8 - Torneio de futebol suíço realizado no Mirante Esporte Clube para arrecadação de fundos.	100
Fotografia 9 - Nesta imagem pode-se observar o registro impresso da homenagem realizada ao futebolista Russo, em 15 de setembro de 2001, pela Associação Atlética Blue Star Master. A qual possui um lugar especial em seu acervo pessoal e em suas memórias individuais.	142
Fotografia 10 - Ingresso de um dos jogos promovidos pelo Mirante Esporte Clube, disputado contra a equipe de aspirantes do Coritiba F. C.	154
Fotografia 11 - O registro foi realizado após a disputa de uma das partidas do Campeonato Amador de Futebol de Ponta Grossa, na ocasião Russo acompanhou do alambrado a atuação de seu filho.	155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3 OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR PELO MUNDO: UMA ANÁLISE DOS ARTIGOS ACADÊMICOS DA BASE SCOPUS	29
3.1 INTRODUÇÃO.....	29
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3.3 A FUNÇÃO SOCIAL E SENTIDO DO JOGO	33
3.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
3.4.1 O Futebol Amador como uma Prática de Cavalheiros	40
3.4.2 A Popularização do Futebol como Estratégia de Governo: O Caso da China	41
3.4.3 Diversidade, Preconceito e Identidade Racial	42
3.4.4. Os Clubes e os Campos de Futebol como Espaços de Lutas Sociais	44
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
4 CULTURA E CAPITAL FUTEBOLÍSTICO: UM ESTADO DO CONHECIMENTO DAS TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE O FUTEBOL AMADOR (2014-2021)	49
4.1 INTRODUÇÃO.....	49
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	54
4.3.1 Capital Futebolístico: Uma Análise da Conversão das Práticas Futebolísticas Amadoras em Poder Simbólico	61
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5 ETNOGRAFIA, PESQUISA DE CAMPO E MÍDIAS SOCIAIS: O LUGAR DO ETNÓGRAFO NO SÉCULO XXI	70
5.1 INTRODUÇÃO.....	70
5.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	73
5.3 O CAMINHO DA ETNOGRAFIA ATÉ AS “DESCRIÇÕES DENSAS”	75
5.4 PESQUISA DE CAMPO, REDES SOCIAIS E APLICATIVOS DE COMUNICAÇÃO: QUESTÕES PARA UMA ETNOGRAFIA NO SÉCULO XXI.....	78
5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84

6 FUTEBOL AMADOR E IDENTIDADE: UMA ETNOGRAFIA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS EQUIPES DO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA – PARANÁ (2013-2021).....	86
6.1 INTRODUÇÃO.....	86
6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	88
6.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	91
6.3.1 O Mirante Esporte Clube: Um Time Familiar tem Futuro?	94
6.3.2 O Processo de Formação dos Times do Mirante E. C. para Disputa do Campeonato Amador de Futebol	107
6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
7 CAPITAL FUTEBOLÍSTICO E COTIDIANO: NOTAS ETNOGRÁFICAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO E DA POLÍTICA ELEITORAL NO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA-PR (2013-2021).....	123
7.1 INTRODUÇÃO.....	123
7.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	125
7.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	128
7.3.1 Notas sobre as Práticas Futebolísticas Amadoras e as Relações de Trabalho.....	129
7.3.2 Notas sobre as Práticas Futebolísticas Amadoras e a Política Eleitoral em Ponta Grossa.....	134
7.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
8 CAPITAL FUTEBOLÍSTICO E MEMÓRIA: A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL AMADOR NA TRAJETÓRIA SOCIAL DO JOGADOR “RUSSO” EM PONTA GROSSA – PARANÁ.....	142
8.1 INTRODUÇÃO.....	142
8.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	147
8.3.1 O Time dos Irmãos: Os Primeiros Contatos do Russo com o Futebol.....	148
8.3.2 A Trajetória de Russo no Campo Futebolístico Amador ne Ponta Grossa	151
8.3.3 A Transmissão do Gosto pelo Futebol ao Herdeiro	155
8.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
9 COVID-19 EM CAMPO: UMA ETNOGRAFIA DOS EFEITOS SOCIOCULTURAIS DO ISOLAMENTO SOCIAL EM UM CLUBE DE FUTEBOL AMADOR NO BRASIL..	159
9.1 INTRODUÇÃO.....	159
9.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	161

9.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	164
9.3.1 O Coronavírus em Campo	167
9.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
REFERÊNCIAS	185
ANEXO A: PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	198
ANEXO B: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	201

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - através de uma investigação suplementar da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2015, sobre os principais indicadores referentes às práticas de esporte e atividade física no Brasil - 38,8 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade praticaram algum esporte em 2015. Dos quais, 63,2% ou 24,5 milhões são homens. (IBGE, 2017).

Direcionando a análise para a modalidade esportiva mais praticada no Brasil, o futebol, verifica-se que se trata de uma prática prevalentemente masculina, pois os homens correspondem a 94,5% ou 14,5 milhões dos praticantes desta modalidade. (IBGE, 2017). Neste viés, percebe-se que a prática futebolística corresponde a 59,2%, das práticas esportivas masculinas.

Ao propor-se a compreender o significado sociocultural do futebol no Brasil, Daólio (2006) apontou para o desejo de ascensão social, através da realização do sonho de ser jogador de futebol profissional, como fator significativo. Segundo Damo (2005), tornar-se um futebolista profissional fascinava os meninos brasileiros, principalmente os oriundos de escolas públicas. Não obstante, Damo (2005) e Cavalcanti (2017) destacam em seus estudos que esta ascensão através da prática futebolística, vem tornando-se cada vez mais complexa, difícil e (talvez) ilusória, devido a grande maioria dos jogadores profissionais encontrarem-se “à margem dos holofotes”.

Ao observar os dados publicados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sobre um “Raio-X do mercado 2019”, naquele ano, 22.177 jogadores possuíam contratos profissionais com clubes brasileiros. (CBF, 2019). Ao cruzar estes dados com os números obtidos pelo IBGE (2017), pode-se inferir que este número representa 0,2% dos praticantes de futebol no Brasil. Isto é, embora o “sonho” de tornar-se jogador profissional apresente-se ao longo da trajetória dos praticantes de futebol, este não é o único fator que nos permite entender a dimensão do futebol, pois em algum momento da trajetória, tornar-se profissional deixa de ser uma opção, se é que um dia foi, porém, a prática do esporte persiste.

Segundo DaMatta et al. (1982) o futebol apresenta-se como um dos sistemas simbólicos extremamente significativos para grande parte dos brasileiros. Deste modo, durante o processo de compreensão dos signos emergentes das práticas futebolísticas, torna-se possível refletir sobre as articulações do futebol com as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas do grupo social investigado.

Não obstante, ao adentrar no debate, Damo (2003, 2005) alerta para a necessidade de se falar em “futebóis¹”, no plural, devido à grande diversidade sociocultural do Brasil. Assim, o primeiro movimento teórico realizado neste estudo, foi buscar compreender nas produções acadêmicas sobre a temática, como o futebol vem sendo abordado nas diferentes regiões do país e em seus diferentes contextos.

De forma sintética, podemos desatacar o estudo de Campos (2015), sobre como as ligas municipais organizadas pela Federação Amazonense de Futebol (FAF) tornam-se para muitos moradores desta localidade, principalmente entre as mulheres, que acompanham seus esposos durante as viagens para os jogos, uma das poucas se não a única possibilidade de atividade de lazer. A investigação de Pimenta (2013), que aborda as dificuldades enfrentadas pelo futebol amador na zona rural de Sobral-CE, explorando principalmente as relações entre o a política eleitoral local e o futebol amador.

Em São Paulo, Spaggiari (2009) buscou compreender a importância do futebol para agentes em posição de invisibilidade. Grunennvaldt, Grunennvaldt e Pinho (2015) exploraram o significado do futebol na vida de jogadores negros em Cuiabá-MT, nas décadas de 1950 e 60, intentando compreender como o futebol tornou-se um elemento capaz de desmarginalizar os futebolistas negros.

No Rio Grande do Sul, autores como Rigo (2007), sobre um clube de futebol social e recreativo da cidade de Pelotas (RS) e Myskiw e Stigger (2014), sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre (RS), tem realizado estudos para compreender os impactos do futebol no cotidiano destes espaços sociais. No mesmo viés Oliveira (2013), realizou um estudo sobre a “suburbana”, competição amadora de futebol da cidade de Curitiba-PR. Na mesma cidade, Canedo Jr., Capraro e Souza (2019) analisaram através de entrevistas orais, como o SOBE Iguaçu e o Trieste FC, os dois clubes amadores de maior tradição da capital paranaense, foram fundados para que os imigrantes italianos pudessem jogar e rememorar um hábito vivenciado em seu país.

No contexto local, destaca-se a investigação de Freitas Jr (2000), sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário Esporte Clube, uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa. Mais recentemente, Oliveira e Freitas Jr. (2020) analisaram o “sentido do jogo” para os

¹ O autor ensaia uma divisão do futebol em quatro matrizes ou quatro grandes configurações, são elas: a) futebol profissional, que compreende-se e engloba os atores (jogadores, especialistas e torcedores) do futebol-espetáculo ou de alto rendimento; b) o futebol de bricolagem, revela-se através das peladas, dos rachas, fute e as demais designações locais; c) já o futebol comunitário, denomina-se em outros contextos como futebol de várzea, de bairro ou amador; d) a quarta configuração é o futebol escolar, que vincula-se às instituições escolares, com enfoque pedagógico. (DAMO, 2003, 2005).

futebolistas amadores de Ponta Grossa, base de outras produções a respeito das experiências de empoderamento pessoal vivenciadas através de um clube de futebol amador (FREITAS JR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018), ou sobre o processo de aprendizagem da cultura futebolística (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018), o respeito aos veteranos (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCCELLI, 2019) e o papel simbólico e instituinte dos rituais de preparação para os jogos do campeonato amador de futebol de Ponta Grossa (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2019).

Após olhar para as diferentes regiões do Brasil e para o contexto pontagrossense, percebe-se através dos estudos, que todos apresentam direta ou indiretamente, uma busca por acesso a diferentes direitos. Os quais, compilados, compõem o nosso entendimento sobre cidadania através da prática futebolística. Um dos fatores que pode desencadear esta busca, é a ineficiência do Estado em estabelecer garantias ao acesso a direitos sociais básicos. Como nem sempre há estas garantias² (FERRAJOLI, 2006), os agentes buscam novas estratégias para acessar estes serviços. Neste processo, o futebol apresentou-se historicamente e apresenta-se como uma possibilidade estratégica de se enfrentar as lutas cotidianas.

Mas de que modo isto ocorre? Bourdieu (2008a) atribui à família e à escola, uma importância singular no processo de incorporação de certos padrões de gostos, decorrentes de padrões de *habitus*, uma vez que ocorrem nestes espaços as socializações primárias dos agentes. O *habitus* pode ser compreendido como o princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, seu sistema classificatório. Assim, na relação entre a “capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida”. (BOURDIEU, 2008a, p. 162).

Dessa forma, o autor salienta que, inseparavelmente, família e escola operam como espaços constituintes das competências julgadas “necessárias” para os diferentes momentos, bem como espaços de definição do valor destas competências. (BOURDIEU, 2008a). Ao aferir valor a uma determinada competência cultural, a família e a escola baseiam-se em um *senso de aplicação* que justifique os investimentos (altos ou baixos) realizados. (BOURDIEU, 2008a).

² Sobre esta relação entre os direitos e as garantias Ferrajoli (2006) aponta que os “direitos” estabelecidos através de cartas ou contatos internacionais não são efetivamente direitos, mesmo com a noção de direitos fundamentais se discriminando sem balizas geográficas, uma vez que, para além da proclamação, mesmo quando é de classificação constitucional, este não seria um direito, tornando-se necessário garantias, não apenas garantias constitucionais (referindo-se a dimensão jurídica), de que o estabelecido encontra-se assegurado cotidianamente como direito.

No campo futebolístico amador pontagrossense, percebeu-se que as famílias envolvidas nestes espaços, atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração. Ou seja, acreditavam que as práticas, valores e representações aprendidos neste espaço seriam “aplicados” em outros momentos e contextos de suas vidas. (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018). Deste modo, pode-se inferir que para eles, era rentável simbolicamente, jogar futebol na cidade de Ponta Grossa e de forma mais geral no Brasil, se considerarmos os achados dos estudos supracitados.

Perante o exposto, estruturou-se a seguinte questão norteadora: Em que momento jogar futebol tornava-se mais do que uma opção esportiva e passa a ser socialmente estratégico para os agentes do Mirante Esporte Clube³, imbricando-se no seu modo de ver, sentir e agir sobre o mundo? Para Bourdieu (2004, p. 158), o *habitus* produz práticas e representações que “só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social”. Em outras palavras, não é possível compreender um grupo social específico em sua complexidade, sem um instrumental teórico-metodológico que permita a submersão na realidade do grupo investigado.

Em busca dos sentidos destes códigos sociais, iniciou-se em 2013 a realização de uma investigação etnográfica nos campeonatos amadores de futebol em Ponta Grossa. (FREITAS JR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2016). Naquele contexto, a construção de uma tese de doutorado era um projeto de vida acadêmica distante, porém foi possível estabelecer contatos e principalmente treinar a etnografia. A medida em que as descrições superficiais (GEERTZ, 2008) eram superadas, devido a um amadurecimento acadêmico e estreitamento das relações com os agentes sociais envolvidos com as atividades do Mirante Esporte Clube, ocorreu também a oportunidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG, dando continuidade à pesquisa.

Através da etnografia interpretativa de Geertz (2001, 2003, 2008) e da teoria do campo social de Bourdieu (2001, 2008b, 2011, 2021), buscou-se construir um mapa deste espaço, identificando as posições sociais – e sua respectiva hierarquia –, os objetos de disputa e as estratégias de manutenção ou subversão das lógicas do campo. Para compreender as estruturas e agentes, realizou-se uma tipologia dos clubes e jogadores que participavam dos campeonatos amadores de Ponta Grossa. Através dos diários de campo, também foi possível descrever o

³ Visando respeitar em todas as etapas do estudo a dignidade, a liberdade e a autonomia dos agentes sociais investigados, conforme exige a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que trata dos aspectos éticos de investigações com seres humanos, optou-se pela utilização de um nome fictício para o clube no qual o estudo foi desenvolvido. A opção pelo nome Mirante Esporte Clube, remete simbolicamente à ponte no campo futebolístico amador pontagrossense, que serviu de base para nosso olhar sobre este espaço social.

olhar destes agentes para o Mirante E. C. como uma grande família. Assim, foi possível compreender como ocorria a construção social do gosto pelas práticas futebolísticas no clube, bem como suas funções simbólicas e instituintes.

Estas interpretações materializaram-se através da dissertação⁴, defendida em 2018. O ano também marcou o início do doutorado no mesmo programa de pós-graduação, com o mesmo orientador (desde 2012) e mesma temática, o futebol amador pontagrossense. Porém, nem por isso menos desafiadora, pois quando se trata de etnografia, tal como um rio, mesmo saltando sempre no mesmo lugar, jamais se mergulhará na mesma água. (SAHLINS, 1993).

A estruturação do campo e a interpretação da aprendizagem desta cultura, levaram-nos a visualizar a dimensão das práticas futebolísticas na vida destes agentes sociais. Deste modo, busca-se defender a tese que o futebol amador é - assim como a família, a escola ou a religião - um elemento central do processo de estruturação do *habitus* dos agentes envolvidos com as atividades do Mirante Esporte Clube, pois é a base de uma economia simbólica que atribui valor a prática do futebol, fomentando a existência de um capital futebolístico, que também é potencialmente convertido em outros capitais, em outros campos sociais. Ao mesmo tempo, este mesmo futebol amador, apresenta-se como uma necessidade primordial, em que nem mesmo o sentimento de medo, gerado por uma pandemia, foi capaz de superar o seu papel emocional ou impedir a sua prática.

Diante do exposto, o objetivo da tese foi analisar o sistema simbólico fomentado e que fomenta as práticas futebolísticas e o processo de estruturação do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa - Paraná (2013-2021). Para tanto, optou-se pela continuidade do estudo etnográfico. Uma vez que, as experiências acumuladas desde o início da investigação sobre o futebol amador pontagrossense, em 2013, seriam fundamentais para submergir na trajetória sociais dos agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C.

Como o trabalho etnográfico se caracteriza por uma observação participante (ANGROSINO, 2009), em que ser aceito pelo grupo estudado é fundamental para superar as descrições superficiais (GEERTZ, 2008), a primeira estratégia adotada *in loco* foi acompanhar todos os jogos do Mirante E. C., uma vez que as partidas dos campeonatos amadores ocorriam

⁴ O trabalho etnográfico realizado até então no clube, materializado através da pesquisa intitulada “Redescobrimo o sentido do jogo: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná (2013-2017)”, que classificou-se entre as três melhores dissertações, na 1ª Edição do Prêmio Brasil de Teses e Dissertações sobre Futebol e Direitos do Torcedor, lançado em 2019 pela Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor (SNFDT), vinculada à Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania. A premiação foi a publicação do estudo em formato de livro.

simultaneamente todos os domingos pela manhã. Deste modo, a leitura deste mapa, deu-se a partir da posição em que se encontrava no clube.

Entre Campeonato Amador Divisão Especial e Campeonato Amador Máster, acompanhou-se o Mirante Esporte Clube nos 13 campeonatos em que houve equipe inscrita. O clube não participou da competição principal em 2018 e 2021 e dos campeonatos máster de 2019, 2020 e 2021, porém as idas a campo tiveram continuidade em outros estádios, isto também ocorreu quando o clube foi eliminado da competição antes de seu término, pois mesmo não observando diretamente o time em campo, estava-se em contato constante com os agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C.

Além das saídas de campo para acompanhar os jogos válidos pelo Campeonato Amador Divisão Especial e Máster, organizados pela Liga de Futebol de Ponta Grossa, também acompanhou-se os jogadores, dirigentes e torcedores do Mirante E. C. em outros momentos, como: nas “peladas”, jogos recreativos realizados aos sábados em diferentes estádios da cidade; nas rodas de sociabilidade nos bares dos clubes e ao redor dos estádios; em festividades comemorativas do clube (aniversários ou eventos de encontro de veteranos); em mutirões de reformas; reuniões da diretoria do clube; além de festas de aniversário, churrascos e demais comemorações particulares de agentes envolvidos com o Mirante E. C., quando convidado.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a apresentação dos resultados de todo material coletado e analisado ao longo destes anos, adotou-se o formato de coletânea de artigos (USP, 2019) ou modelo escandinavo (UEL; UEM, 2017; UFG, 2019), que se caracteriza pela apresentação da tese, através de um conjunto de artigos com complementariedade. Em que cada artigo corresponde a um objetivo específico da tese, os quais em conjunto permitirão encontrar as respostas para a questão norteadora e atingir o objetivo geral.

Devido a utilização de procedimentos metodológicos distintos, como: revisão de literatura, análise bibliométrica, estado do conhecimento, história oral e etnografia, optou-se por apresentar no tópico “Procedimentos metodológicos” de cada artigo, os detalhes das ações de coleta e análise dos dados. Não obstante, cabe salientar que a caracterização do estudo como etnográfico, decorre-se da relevância deste método nas ações do pesquisador no campo, que se fez presente direta ou indiretamente em todos os artigos construídos. Por este motivo, também se destinou um artigo da tese, para esclarecer a percepção teórico-metodológica dos autores sobre o que é fazer etnografia.

A adoção deste modelo de escrita, não é novidade em programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros e busca dar mais visibilidade e dinamismo ao processo de publicação dos achados das dissertações e teses, devido aos critérios de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES⁵). Segundo Kawasaki (2017) os critérios da CAPES para a avaliação dos Programas, se caracterizam pela ênfase na produção intelectual docente e valorização da produção intelectual na forma de publicação internacional ou em veículos de estratos superiores, o que tem induzido à intensificação das atividades de pesquisa. Se somada a baixa leitura integral e utilização de teses como referência, como apontou o editorial de uma das edições da Nature (2016), encontra-se um cenário propício para adoção formas de escrita distintas ao modelo tradicional (monográfico).

Em comum, as normativas de programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina/Universidade Estadual de Maringá (2017), Universidade de São Paulo (2019) e Universidade Federal de Goiás (2019), apontam para a necessidade de uma introdução, apresentando a problemática da dissertação ou tese, seguida pela coletânea de artigos que deve conter dois ou mais estudos publicados ou prontos para publicação, com o orientando e

⁵ A CAPES é uma fundação do Ministério da Educação (MEC), que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados brasileiros, dentre as suas linhas de atuação podemos destacar o acesso e divulgação da produção científica e avaliação da pós-graduação *stricto sensu*.

orientador como autor e coautor. O texto deve ser finalizado com as considerações finais, na qual busca-se articular os achados dos estudos com a questão norteadora e objetivo proposto. Quanto ao estágio do artigo (finalizado, submetido, aceito ou publicado), há uma orientação para que os membros da banca sejam informados de sua condição, o que não inviabiliza as críticas de um estudo publicado, pois trata-se de processos distintos.

No cotidiano dos agentes pertencentes ao campo acadêmico (orientações, núcleos de pesquisa, reuniões, bancas etc.), pontos de vista distintos emergem sobre a adoção deste formato de escrita. Para Kuhlmann Jr. (2014) muito mais do que uma discussão sobre o modelo, que se caracteriza pela entrega de um estudo como último ato de um ciclo, este debate faz parte de um processo mais amplo, ou seja, a avaliação dos programas de pós-graduação pautada no produtivíssimo.

Neste contexto, segundo o autor, para alguns, adotar o modelo escandinavo significa adentrar a uma lógica produtivista, se submetendo aos julgamentos e padrões estreitos de quantificação e estratificação da CAPES. Já para outros, significa adaptar-se as regras do jogo.

Diante do exposto, a opção pela realização da tese neste formato, parte da premissa de que para adentrar no campo acadêmico, assim como em qualquer outro conforme explica Bourdieu (2011), precisa-se pagar o preço de entrada. Deste modo, mais importante neste momento que as críticas a serem tecidas sobre esta lógica de produção (devido a posição em que se encontra neste espaço social), é o acúmulo do capital específico e o acesso a postos estratégicos, em que seja possível proferir um discurso legítimo.

A escrita repetitiva, talvez seja a maior crítica ao modelo escandinavo, devido a retomada de alguns elementos gerais em vários artigos, através de notas explicativas, mas principalmente nos procedimentos metodológicos. A qual existe, pois há a necessidade de os artigos serem compreendidos separadamente.

Além desta questão, embora a escrita da tese em formato de artigos crie quebras a narrativa (o que poderia ser interpretado como um ponto negativo em um estudo de caráter etnográfico) e tenha os resultados e discussões balizados por um limite de palavras ou laudas, acredita-se que a necessidade de problematizar, estabelecer inferências e considerações em cada artigo, exige do pesquisador um grande esforço reflexivo, o qual nem sempre será visto, pois o que se entrega não é a parte submersa do *iceberg* (algo que se pode fazer em uma tese monográfica, embora não seja o ideal), mas que é fundamental para incorporação do ofício de pesquisador.

Diante do exposto, a presente tese materializou-se através da realização de sete artigos distintos, porém complementares. Os dois primeiros artigos foram elaborados com o intuito de

compreender o campo de produção acadêmica sobre a temática futebol amador em uma perspectiva sociocultural.

Deste modo, no Artigo 1 intitulado “Os significados do futebol amador pelo mundo: uma análise dos artigos acadêmicos da base Scopus”, analisou-se os sentidos e significados das práticas futebolísticas amadoras em diferentes localidades do mundo. A investigação tornou-se significativa em dois pontos distintos, o primeiro foi compreender o espaço e relevâncias das produções acadêmicas brasileiras sobre a temática internacionalmente. Já o segundo, refere-se à possibilidade de entender como este fenômeno social se faz presente em culturas distintas, mas ao mesmo tempo conectadas, pela globalização desta prática.

O segundo passo dado, foi direcionar o olhar para o futebol amador brasileiro, através do Artigo 2, em que se realizou um Estado do Conhecimento das teses e dissertações brasileiras que tiveram como objeto de estudo a dimensão sociocultural do futebol amador. Com o título “Cultura e Capital Futebolístico: um estado do conhecimento das teses e dissertações brasileiras sobre o futebol amador (2014-2021)”, o estudo foi uma análise do papel da prática futebolística amadora na estruturação das posições e relações sociais em diferentes locais e temporalidades do Brasil.

Assim como em um contexto global, o olhar para o futebol amador no Brasil permitiu ver a pluralidade cultural deste fenômeno, possibilitando a realização de comparações entre estas realidades, entendendo as singularidades do Mirante Esporte Clube e os elementos que o articulam simbolicamente a outros clubes amadores brasileiros. O futebol amador apresentou-se tanto no Brasil, quando em países europeus como um espaço de conflitos, lutas e resistência. Porém, mesmo nas realidades em que a sociabilidade e as jocosidades futebolísticas predominavam frente a possíveis tensões, foi possível identificar a utilização das práticas futebolísticas de forma estratégica.

Esta leitura levou-nos a avançar na construção de um conceito que explicasse a força deste futebol, assim chegou-se ao capital futebolístico. Para observar a ação deste capital específico do campo futebolístico, foi necessário observá-lo no campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Porém, outra questão que mereceu destaque, foi a utilização da etnografia em metade das dissertações e teses. No decorrer da análise destas produções, sentiu-se a necessidade de refletir sobre o que seria fazer etnografia na atualidade.

Deste modo, antes de observar e interpretar a prática do futebol amador em Ponta Grossa, buscou-se refletir sobre os desafios na delimitação do campo de pesquisa etnográfica, cada vez mais permeado por relações sociais multiespaciais fomentadas pelo imbricamento

entre mundo geográfico e o virtual, através do Artigo 3, intitulado “Etnografia, pesquisa de campo e mídias sociais: o lugar do etnógrafo no século XXI”.

Estabelecer esta discussão foi fundamental para construir o aporte teórico e metodológico necessário para enfrentar dilemas emergentes nas incursões *in loco*, tanto nos espaços geográficos, quanto virtuais. Principalmente nos últimos dois anos, marcados pela pandemia de COVID-19.

Adentrando ao campo futebolístico amador pontagrossense, no Artigo 4, intitulado “Futebol amador e identidade: uma etnografia do processo de formação das equipes do Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa - Paraná (2013-2021)”, interpretou-se os sentidos e significados que forjam a identificação dos agentes sociais com o que é ser Mirante Esporte Clube, intentando compreender se isso contribui para a manutenção das atividades do clube. O período longo de observações participantes, decorrentes de investigações anteriores a tese, permitiram olhar para o processo de transição do poder no clube, as disputas de poder e entrada no campo.

A divisão entre os “times” formados para representar o Mirante E. C. no campeonato amador pontagrossense e o “clube”, possibilitou uma leitura mais densa sobre o processo de manutenção das atividades do Mirante. Pois se para jogar o campeonato é preciso apenas de jogadores, para existir durante quase um século é necessário envolvimento, identificação e pertencimento, não só dos jogadores, mas de todos aqueles que se dispõem a realizar as pequenas e grandes atividades que precedem ou sucedem um jogo de futebol.

A definição da melhor visão, dentre as visões sobre como deve ser o clube, fomentam conflitos internos e ao mesmo tempo, o desejo em fazer parte deste jogo, elemento fundamental para a existência de um campo social segundo Bourdieu (2001). Assim, este sentimento de identidade, ressalta o quanto o *habitus* dos agentes sociais envolvidos com o clube está “impregnado” (DAOLIO, 2006) pelos valores e práticas futebolísticas. Metodologicamente, olhar para o campo de pesquisa etnográfica como um espaço em constante transformação, também abriram espaço para discussões sobre o fazer etnográfico nas ciências sociais aplicadas.

Em seguida, através do Artigo 5 “Capital futebolístico e cotidiano: notas etnográficas das relações sociais de trabalho e da política eleitoral no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-PR”, buscou-se analisar como este capital futebolístico era utilizado cotidianamente pelos principais agentes pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

A análise nos permitiu verificar que nas relações de trabalho, o acúmulo de capital futebolístico era uma estratégia rentável economicamente ou por melhores condições de trabalho, principalmente para os agentes que realizaram menos investimentos em outros campos sociais, como o acadêmico. Quanto a dimensão política, para manter-se nas posições

de destaque na política local, o agente investia seus capitais culturais, sociais e econômicos, mas principalmente seu tempo, no acúmulo de capital futebolístico, o qual retroalimentava seu capital político.

Aprofundando a leitura social do estudo anterior, no Artigo 6 “Honra ao mérito futebolístico amador: memórias da influência do futebol na trajetória do futebolista ‘Russo’ em Ponta Grossa – Paraná”. Buscou-se responder como os ganhos futebolísticos, vistos no *sensu comum* como financeiros, transcendem o capital econômico e as linhas geográficas do campo, influenciando a trajetória de um jogador de futebol amador.

Ao olhar para este caso, não estávamos analisando apenas como isso ocorre em uma cidade localizada no interior do Brasil ou com um jogador específico, mas sim submergindo a uma realidade empírica se faz presente no campo futebolístico amador de Ponta Grossa e que pode fazer parte de qualquer outra localidade em que a cultura futebolística se apresente. Para tanto, analisou-se a influência do capital futebolístico na trajetória do Russo para além dos campos onde eram disputados os campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa.

Por fim, no Artigo 7 “Futebol amador e COVID-19: uma etnografia dos efeitos socioculturais do isolamento social no Mirante Esporte Clube Em Ponta Grossa – Paraná”, objetivou-se interpretar e analisar como as interações sociais e culturais fomentadas pelas práticas futebolísticas no Mirante Esporte Clube, foram afetadas pelas medidas de distanciamento e isolamento social na cidade de Ponta Grossa, devido a Covid-19. Neste estudo, o contexto de isolamento social, nos levou a explorar ainda mais, os aplicativos de comunicação e redes sociais, como espaços de produção de sentidos e significados.

Embora a pandemia não possa ser interpretada como positiva socialmente, ela nos permitiu observar o futebol amador em um contexto muito singular, pois as restrições de mobilidade criaram tanto conflitos internos nos jogadores, quanto externos com os companheiros de equipe e agentes sociais do campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Para muitos, o futebol praticado por eles deveria ser visto como uma necessidade primária, devido aos sentimentos e afetividades, isto é, o amor ao jogo, mas interpretou-se também, que se tratava da preservação dos ganhos simbólicos no campo, do acúmulo de capital futebolístico e da manutenção do posto ocupado. Uma vez que estas condições simbólicas necessitam de manutenção.

Através dos artigos previamente apresentados, almejamos expressar a complexidade das práticas futebolísticas como um sistema cultural brasileiro, que transcende a dimensão profissional e espetacularização. O futebol amador aqui apresentado, pode ser visto como um lugar de lazer e sociabilidade, de acúmulo de poder ou capital futebolístico - importante no

enfrentamento de barreiras sociais -, mas também capaz de despertar profundos sentimentos afetivos, sem os quais, o agente que o vivencia cotidianamente teria dificuldade de atribuir sentido a sua realidade.

3 OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR PELO MUNDO: UMA ANÁLISE DOS ARTIGOS ACADÊMICOS DA BASE SCOPUS

Resumo: Tendo como ponto de partida a questão norteadora: como a prática futebolística amadora atribuiu sentido ao mundo social de futebolistas amadores em diferentes momentos históricos e localidades do mundo? O objetivo do estudo foi analisar as produções acadêmicas da base Scopus sobre os sentidos e significados das práticas futebolísticas amadoras. Para tanto, realizou-se um estado do conhecimento dos artigos disponíveis na base Elsevier Scopus, os quais foram analisados por meio do software Biblioshiny for Bibliometrix. Conclui-se que uma marca do futebol amador é sua pluralidade, devido as suas características de desenvolvimento que os tornam singulares. Como a busca pelo desenvolvimento de uma cultura futebolística local na China, a luta pela manutenção dos campos de futebol no Brasil ou o ativismo esportivo europeu, contra o sexismo e o racismo. Entre as dificuldades e preconceitos, jogar futebol simboliza um ato resistência e de luta, por vitórias dentro e fora de campo.

Palavras-chave: Cultura; identidade; preconceito; poder; relações sociais.

3.1 INTRODUÇÃO

A formação cultural de um agente engloba elementos que vão desde a política, a educação e as finanças, chegando a outros muitas vezes secundarizados, como a literatura, o cinema, a música, o lazer e o esporte. Observar estes espaços a partir de suas interações simbólicas permite ao pesquisador ampliar a compreensão dos usos cotidianos da cultura e das relações vivenciadas nas sociedades em que elas estão dispostas. (DOMINGOS, 2012a).

O campo futebolístico suburbano de Lourenço Marques, em Moçambique, é um exemplo ilustrativo de tal argumentação. Domingos (2012b) constatou que as ideologias cultivadas pelos agentes nas instituições educacionais, estatais, étnicas e religiosas contrastavam-se com as cultivadas no futebol, sobretudo no suburbano, promovido fora do controle do Estado. Neste campo particular, foi estabelecida uma nova ordem de equilíbrio, a qual não se pautava fundamentalmente no interesse dos dominantes.

Entre os países europeus o cenário não foi diferente, a popularização do futebol para além da Inglaterra foi marcada por debates intensos sobre o impacto do novo esporte na identidade coletiva dos países. Na Alemanha segundo Markel (2014), para citar um exemplo, o futebol era visto como uma “Doença Inglesa”. Não obstante, o esporte popularizou-se no país, assim como na Inglaterra e em muitas outras nações, através das classes operária, imbricando-se as lutas cotidianas, aos valores sociais e as práticas de lazer destes agentes.

No contexto brasileiro, enquanto uma manifestação cultural, o esporte/futebol permite o estabelecimento de articulações com as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas de determinados grupos. Damatta et al. (1982) buscaram demonstrar a existência de um equívoco, por parte dos autores críticos de esporte, e mais especificamente do futebol, em

considerar que esta modalidade se encontrava em oposição à sociedade, ou seja, não se trata de uma dicotomia entre futebol *versus* sociedade. Pelo contrário, há um alinhamento entre futebol “e” sociedade, visto que, enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria sociedade brasileira sendo expressa, através das regras, das relações estabelecidas, dos gostos e das ideologias, apresentando-se como um dos elementos da *illusio*, ou seja, deste jogo social do qual todos fazem parte. (DAMATTA et al., 1982).

A facilidade de se jogar futebol, talvez se encontre no fato de que o jogo não depende das condições físicas, ele adapta-se absorvendo os materiais disponíveis, sejam quais forem, pois, sua existência está ligada fundamentalmente as relações sociais que se retroalimentam (GRØNLUND, 2021). Neste viés, Toledo e Camargo (2018) referem-se ao futebol como um “esporte global”, pois embora sua gênese na Inglaterra, encontre-se alicerçada nos modos de vida e princípios eurocêntricos, cada vez mais, sua prática passou a ser apropriada, ressignificada e a produzir nacionalismos esportivos em diferentes países e continentes, como a América do Sul e a África e mais recentemente em regiões como a China e Oriente Médio.

Para Buarque de Holanda (2014), o desafio acadêmico está em compreender e explicar, o que torna tão atraente tal modalidade esportiva. A fim de explorar um destes ângulos de análise (a dimensão cultural do futebol amador) que atribui latitude e longitude do fenômeno, levantou-se o seguinte questionamento: como a prática futebolística amadora atribuiu sentido ao mundo social de futebolistas amadores em diferentes momentos históricos e localidades do mundo?

A opção de olhar para o futebol amador, justifica-se pela possibilidade de explorar um jogo menos glamourizado para os grandes meios de comunicação, mas nem por isso menos significativo na vida dos agentes que o praticam. O contexto de distanciamento e isolamento social, devido a pandemia de COVID-19 também nos instiga a entrar na reflexão, pois foi preciso ficar sem futebol. Tornando atual a frase atribuída a Bill Shankly de que “O futebol não é uma questão de vida ou morte”, mas ele seria mais ou menos importante que isso? E de que futebol estamos falando?

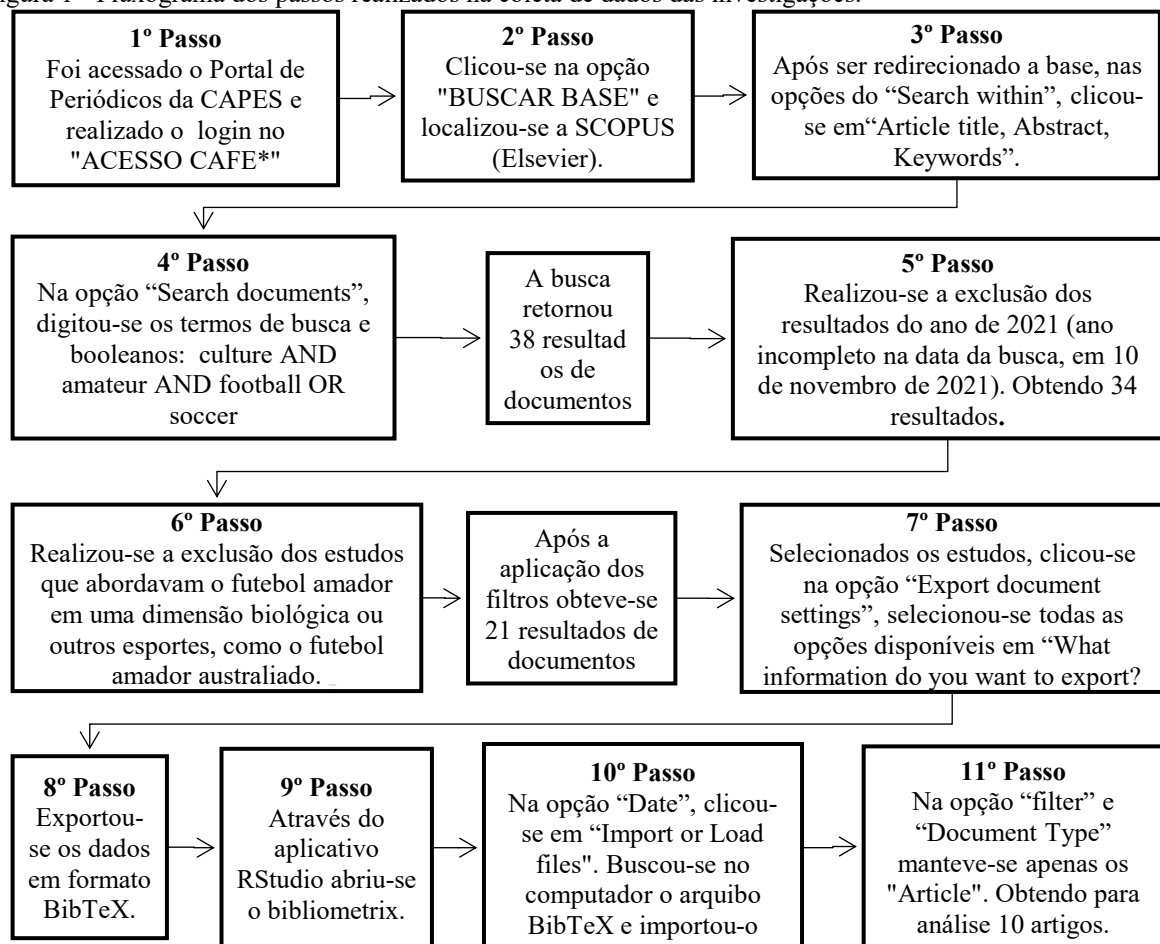
Para Moore (2021) o futebol profissional masculino adquiriu uma importância que simplesmente não merece, pois é apenas uma pequena parte do jogo como um todo. Deste modo, pretendendo compreender e dar visibilidade a outra dimensão deste esporte, o objetivo do estudo foi analisar as produções acadêmicas da base Scopus sobre os sentidos e significados das práticas futebolísticas amadoras.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para tanto, recorreu-se ao estado do conhecimento, o qual segundo Morosini e Fernandes (2014) pode ser compreendido como a síntese da produção científica sobre uma temática específica, em uma determinada área, em um espaço de tempo e tipo de produção (artigos, teses, dissertações ou livros). Esta síntese, apresentada de forma descritiva, é precedida de etapas como a identificação, o registro e a categorização de objeto de estudo abordado nas produções analisadas.

Nesta investigação, delimitou-se como espaço de coleta de dados, a base Elsevier Scopus, o maior banco de dados multidisciplinar com revisão por pares (OLIVEIRA; GRÁCIO, 2012). Deste modo, após a seleção da base, os passos adotados são apresentados na figura 1:

Figura 1 - Fluxograma dos passos realizados na coleta de dados das investigações.



Fonte: Os autores

Nota*: Sobre o Acesso Cafe, vale esclarecer que a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) é um serviço que corresponde à uma federação de gestão de identidade que tem o objetivo principal de facilitar a disponibilização e o acesso a serviços web. Com a identidade institucional, os usuários acessam estes serviços web das mais diferentes origens usando o login e senha da sua própria instituição. Dentre os quais, podemos citar o acesso livre aos conteúdos de diferentes bases de dados, como a Scopus.

Ressalta-se que a opção pela análise apenas dos artigos, justifica-se devido ao fato de que este tipo de produção encontra-se disponível na íntegra na base Scopus, diferente de outros tipos de produções, como capítulo de livro, por exemplo, que em muitos casos é possível acessar apenas a citação ou resumo da investigação. Quanto a baliza temporal, cabe destacar que além da exclusão das produções do ano de 2021, ainda em andamento, não realizou-se outro recorte. De tal forma, os artigos selecionados para análise são apresentados no quadro 1.

Quadro 1 - Títulos dos artigos selecionados para análise através da base Scopus.

	TÍTULO DOS ARTIGOS	AUTORES
1.	Oral history and football practice in Brasil: from an emerging methodology and field of study to a critical review of the country of football from the 1970s to the 2010s	Bernardo Buarque de Hollanda e Raphael Rajão Ribeiro
2.	Whats in a name? Measuring access to social activities with a field experiment	Cornel Nessler, Carlos Gomez-Gonzalez e Helmut Dietl
3.	Glocal culture, sporting decline? Globalization and football in Scandinavia	Torbjörn Andersson e Hans Hognestad
4.	Developing a sustainable football model with the AFC Vision Asia Philosophy - two grassroots development cases in Zibo and Qingdao	Yiyong Liang
5.	It's not just about the football: leading social change in a Sunday league football team	Lee Tucker
6.	Women can't referee: exploring the experiences of female football officials within UK football culture	Alison Forbes, Lisa Edwards e Scott Fleming
7.	The making of an ethnically diverse management: contested cultural meanings in a dutch amateur football club	Michel van Slobbe, Jeroen Vermeulen e Martijn Koster
8.	Leadership power perception of amateur and professional soccer coaches and players according to their belief in good luck or not	Erkut Konter
9.	Coming on with leaps and bounds in the metropolis': London football in the era of the 1908 Olympics	Dilwyn Porter
10.	Contested conceptions of identity, community and multiculturalism in the staging of alternative sport events: a case study of The Amsterdam World Cup football tournament	Daniel Burdsey

Fonte: Os autores

Após coleta e análise dos dados, elaborou-se o plano de redação do texto. Em um primeiro momento, apresentou-se a compreensão teórica adotada para refletir sobre os sentidos e significados das práticas futebolísticas nos diferentes estudos. Em seguida realizou-se a análise, visualização e interpretação dos dados através do software de código aberto “Biblioshiny for Bibliometrix”.

O acesso ao Biblioshiny for Bibliometrix, ocorreu através do programa Rstudio. Inicialmente realizou-se o download e instalação o programa de idioma R mais recente da plataforma RStudio. Após abrir o RStudio, digitou-se o comando “install.packages("bibliometrix")”, na janela da interface de controle para concluir a instalação do pacote bibliometrix: (“Bibliometrix”). Após instalação abriu-se a biblioteca do bibliometrix

e o programa biblioshiny digitando os comandos: `library(bibliometrix)` em uma linha e `biblioshiny()`, na linha seguinte da janela de interface.

Segundo Santos (2020) o biblioshiny permite que os usuários realizem análises bibliométricas e visuais através de uma interface interativa da web, que dispõe de um conjunto completo de análises de informações que vão desde dados mais técnicos, como a produção científica anual, autores e periódicos que mais publicaram sobre a temática, artigos mais citados, localidade das publicações e filiações institucionais, até análises conceituais, através de mapas temáticos, dendrogramas, redes de correspondência, nuvens de palavras etc. Os resultados desta análise serão apresentados a seguir.

3.3 A FUNÇÃO SOCIAL E SENTIDO DO JOGO

A necessidade de olhar para a pluralidade cultural do futebol, parte da perspectiva de que este jogo simples e cativante, adquiriu com o passar dos anos uma diversidade global que os estudos esportivos precisam dar conta. (DAMO, 2019). Neste viés, ao olhar para a dimensão amadora deste esporte, com o objetivo de compreender as suas formas distintas de prática, torna-se fundamental esclarecer qual a compreensão de jogo adotada na presente investigação.

Assim, recorreu-se aos pressupostos teóricos de Huizinga (2016) e Bourdieu (1992, 2010). Embora os autores abordem o jogo de perspectivas diferentes, o primeiro mais interessado em observar a seriedade que permeia a ludicidade do jogo e o segundo nas táticas e estratégias sociais de disputa, as duas abordagens se fazem necessárias para a compreensão de um fenômeno multifacetado, como o futebol amador.

A obra “*Homo Ludens*”, de Huizinga (2016), possui um título bastante sugestivo, as proposições e ao que ele almejava externar. Segundo Huizinga (2016) em uma época mais otimista, nossa espécie recebeu a designação de *Homo sapiens*. Porém, com o passar do tempo uma nova nomenclatura, mais modesta que a que supúnhamos no século XVIII, passou a nos designar como *Homo faber*. Neste contexto, se a nomenclatura de definição de nossa espécie possuía um papel na reflexão social, o autor infere que a expressão *Homo ludens* mereceria um lugar neste debate, pois é no jogo e pelo jogo que as sociedades surgem e se desenvolvem. (HUIZINGA, 2016).

Ao referir-se a natureza e significado do jogo como fenômeno cultural, Huizinga (2016) argumenta que o jogo tem a capacidade de ultrapassar os limites da atividade puramente física ou biológica, devido a sua função significante. Ou seja, em um jogo, de futebol por

exemplo, existirá sempre alguma coisa "em jogo" que transcende o seu resultado, conferindo sentido à ação. Em outras palavras, "Todo jogo significa alguma coisa". (HUIZINGA, 2016).

Esta função social do jogo, atribui-lhe uma dimensão própria, a qual possui características intrínsecas as suas regras, mas também se articulam aos jogos sociais. Uma destas características é a voluntariedade, ou seja, é preciso querer e gostar de jogar. Em sua teoria social, Bourdieu (1992) propõe a leitura das relações entre os agentes como um jogo social, o qual, para existir e dar sentido aos conceitos de campo, *habitus* e capitais, necessita que os agentes sociais estejam dispostos a jogá-lo e a disputar os troféus instituintes das posições no jogo. Neste sentido, o gosto apresenta-se como uma ponte importante de reflexão, pois o gostar de uma prática ou bem cultural, como o futebol, é resultante de um processo complexo e específico, que precede a existência do próprio agente.

Nosso nascimento, é também a nossa inscrição em uma posição no campo social, através da qual incorporaremos disposições de pensar e agir, que atribuirão sentido ao jogo. (BOURDIEU, 1992). Os agentes sociais dotados do sentido de jogo, incorporaram ao longo de sua circulação no campo, esquemas práticos de percepção e de apreciação que funcionam, seja como instrumentos de construção da realidade, seja como princípios de visão e de divisão do universo no qual eles se movem, portanto, não têm necessidade de colocar como fins os objetivos de sua prática. (BOURDIEU, 2010).

Dentre elas, gostar do jogo de futebol poderá ser uma, a qual possuirá sentidos e significados diferentes, de acordo com a posição social deste agente e o valor desta prática neste campo social. De acordo com Huizinga (2016) embora o jogo tenha adquirido uma posição secundária em relação a temas mais "sérios", como a economia ou a religião, no contexto acadêmico, ao olhar para o cotidiano, um indivíduo adulto e responsável também joga e além de não o enxergar como dispensável ou supérfluo, os seus significados construídos de forma prazerosa se transforma em necessidade, com uma função vital para o indivíduo e com uma função social para a sociedade. (HUIZINGA, 2016).

Para o autor, isso ocorre devido a função absorvente do jogo, ao menos no lugar onde ocorre e enquanto dura o jogo, pois tal transporta o indivíduo de sua "vida comum", para um espaço onde coletivamente são determinadas as regras, as quais tem como finalidade a criação de um equilíbrio no jogo, do contrário ele esvazia-se. Tal dimensão nem sempre é possível em seus cotidianos, portanto o jogo é também uma manifestação de luta por alguma coisa ou pela representação de algo. Luta que tem seus efeitos continuados no cotidiano daqueles que o disputam, ou seja, o jogo acaba, porém seus significados continuam sendo projetados. (HUIZINGA, 2016).

Para compreender a dimensão dos significados da prática futebolística ou do jogo de futebol, é preciso aprofundar o olhar sobre a função social dos significados. Um espaço profícuo para tal observação de acordo com Geertz (1973), são os sistemas simbólicos estruturados pela religião. Pois na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque representa um tipo de vida idealmente adaptado, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por se apresentar como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 1973).

Neste contexto, a visão de mundo de um determinado grupo, estruturada pela ótica da religião, mas que poderia ser sob outro ponto de vista, legitima-se através do "significado" dos símbolos que o representam. O significado, para o autor, apresenta-se em qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que tenha como objetivo vincular uma concepção, essa por sua vez é o "significado" do símbolo.

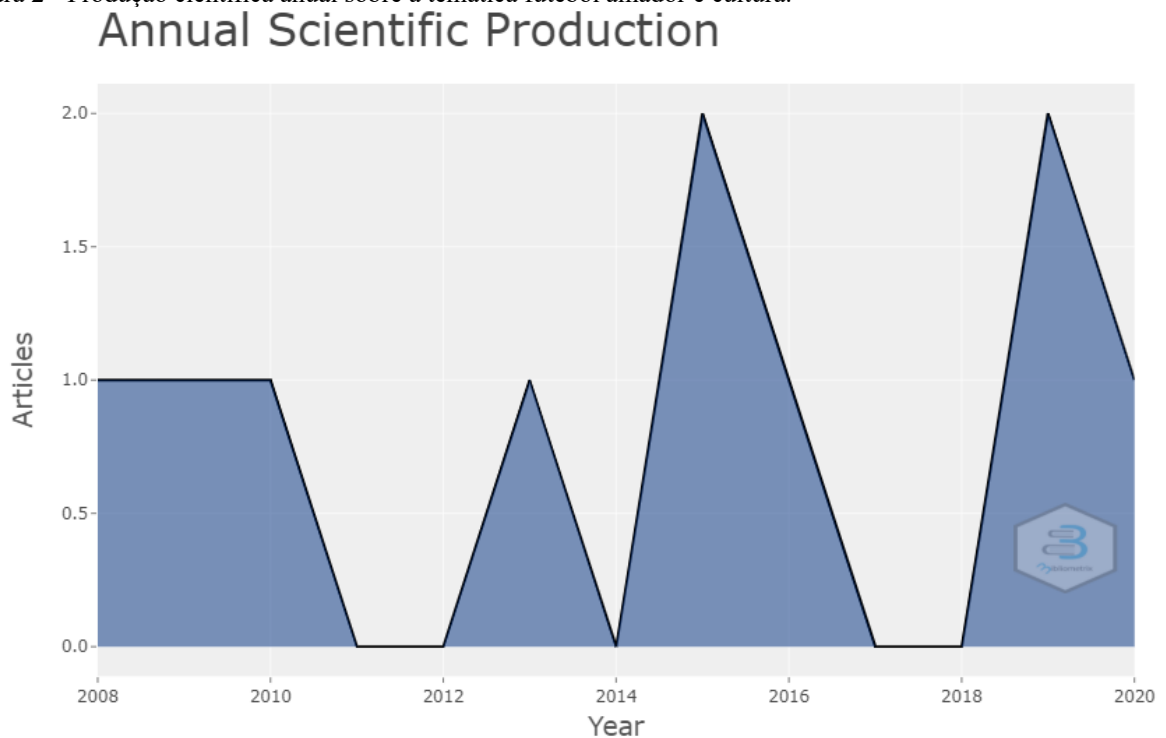
Um pingente em formato de cruz não nos diz muito, mas este mesmo objeto portado por um cristão, torna-se símbolo de uma concepção de vida buscada por todos aqueles que se identificam com o cristianismo e, portanto, dotam-se dos códigos necessários para interpretar os mais profundos significados deste objeto. Deste modo, os significados emergem a partir do papel que desempenham na construção ou manutenção das disposições morais e estéticas de um grupo. (GEERTZ, 1973).

Tendo como ponto de partida, os pressupostos teóricos levantados sobre jogo (HUIZINGA, 2016), sentido do jogo (BOURDIEU, 1992, 2010) e significado (GEERTZ, 1973), buscou-se na sequência apresentar e analisar as investigações sobre o futebol amador e cultura, apresentadas no quadro 1.

3.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao observar a produção científica anual sobre a temática futebol e cultura, não foi possível identificar uma recorrência nas produções e, mesmo sem a aplicação de uma baliza temporal como recorte, o primeiro artigo encontrado foi de 2008, revelando que a temática passou a ganhar atenção acadêmica na última década, conforme apresenta a figura 2:

Figura 2 - Produção científica anual sobre a temática futebol amador e cultura.



Fonte: Software Biblioshiny for Bibliometrix.

Em uma busca exploratória, ao remover o termo “culture” da busca realizada no estudo, ou seja, pesquisando por “amateur AND football OR soccer”, obteve-se um total de 1.139 resultados (excluindo o ano de 2021). O número superior aos 34 documentos encontrados, revela que o futebol amador vem sendo abordado sob outras óticas, como as investigações sobre lesões ou aspectos fisiológicos da prática do esporte. No mesmo viés, realizou-se em outra busca, a substituição do termo “amateur” por “professional”, obtendo um total de 7.512 (excluindo o ano de 2021) resultados de documentos com os termos de busca e booleanos “professional AND football OR soccer”.

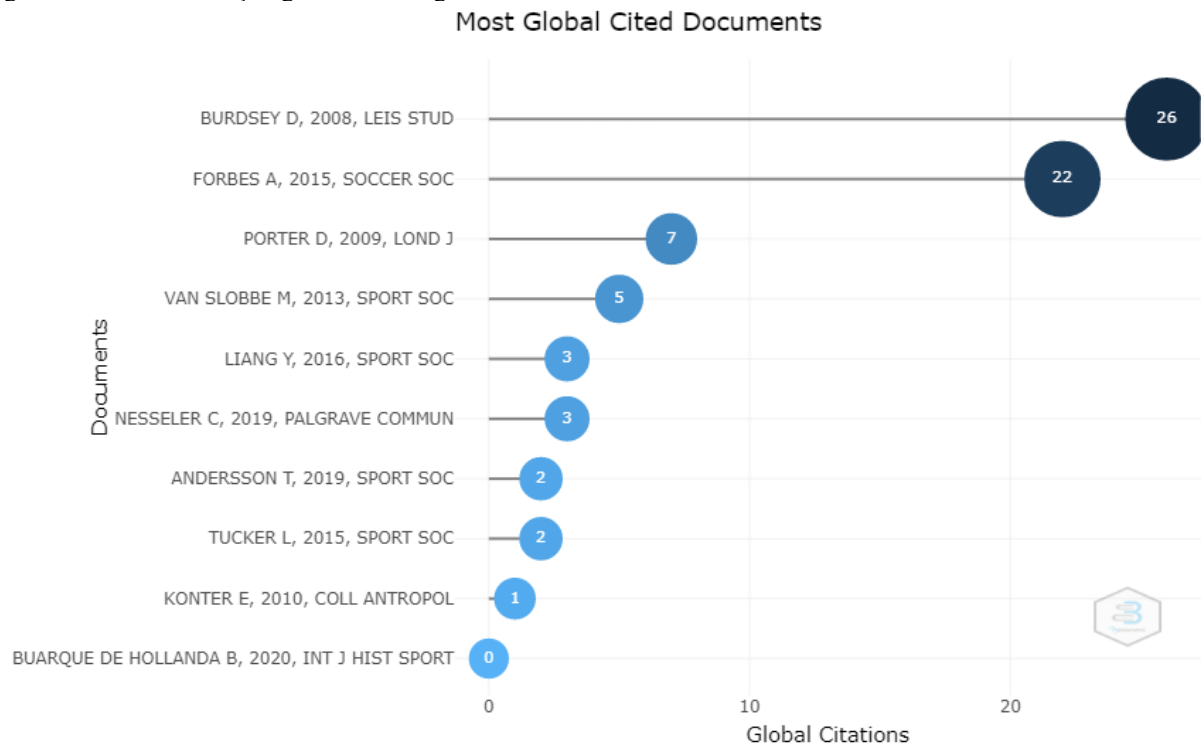
O número de resultados da busca por futebol profissional é expressivamente maior, se comparada a busca analisada no presente estudo, sobre a dimensão cultural do futebol amador, isso revela a carência acadêmica de se abordar este ângulo de análise (BUARQUE DE HOLANDA, 2014). Também reforça o argumento de autores como Damo (2003), que enfatizam que nosso olhar sobre o fenômeno futebol, encontra-se baseado na lógica profissional e espetacularização do esporte.

Nos 10 artigos analisados, não se encontrou predomínio de um autor em relação aos demais, fato que apontaria a existência de uma referência na temática, o mesmo não ocorreu com as instituições de ensino que estes vinculam-se. Já quanto aos periódicos, o *Sport in Society* destacou-se com 40% das publicações, os demais periódicos, obtiveram uma publicação cada.

O periódico tem como objetivo fomentar o debate crítico sobre o esporte, na área das ciências humanas e sociais como, por meio de pesquisas multidisciplinares e interdisciplinares.

No entanto, conforme ilustra a figura 3, embora o periódico *Sport in Society* possua o maior número de produções, os artigos mais citados encontram-se no periódico *Leisure Studies* e *Soccer in Society*.

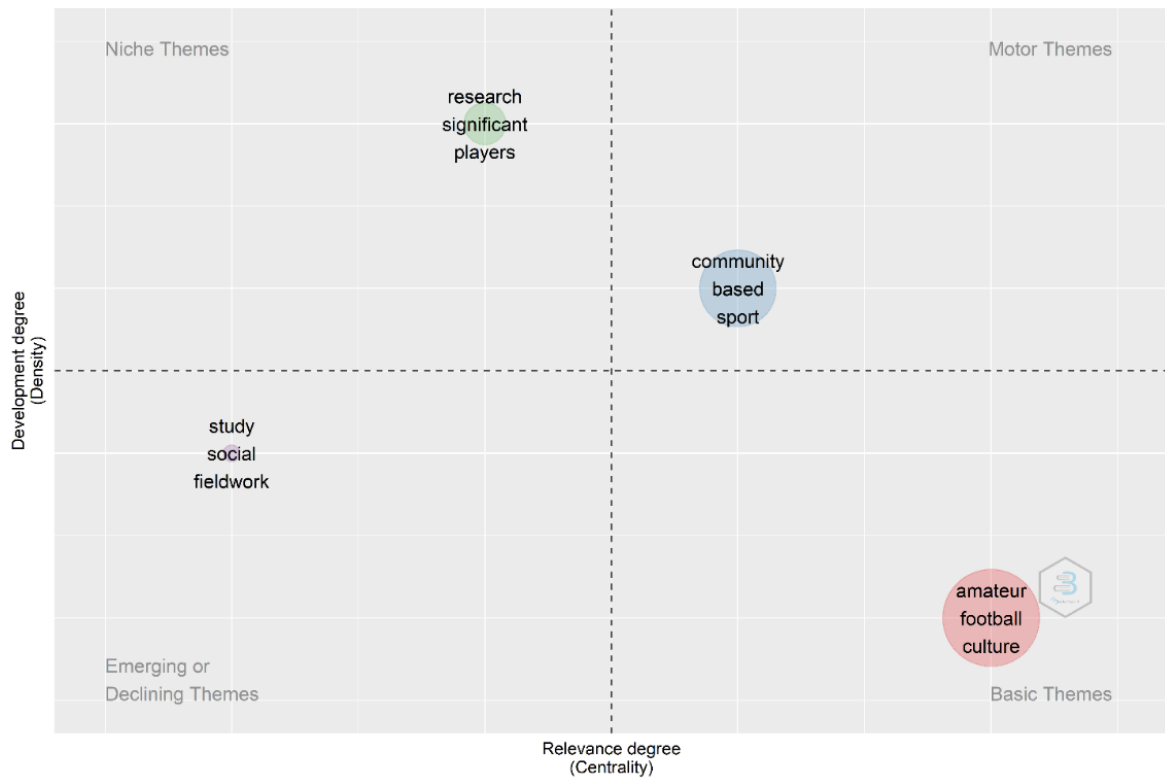
Figura 3 - Índice de citação global dos artigos com a temática futebol amador e cultura.



Fonte: Software Biblioshiny for Bibliometrix.

Iniciamos a análises conceituais, através do mapa temático dos *abstracts* dos artigos. Conforme ilustrado na figura 4, quatro temas emergiram como relevantes. Enquanto um tema de base, a cultura futebolística amadora, como um tema motor, o futebol como esporte comunitário, as pesquisas sobre os significados do futebol para os jogadores são apontadas como um tema nicho e como temas emergentes ou em declínio, as pesquisas sociais de campo.

Figura 4 - Mapa temático gerado através dos artigos analisados sobre futebol amador e cultura.

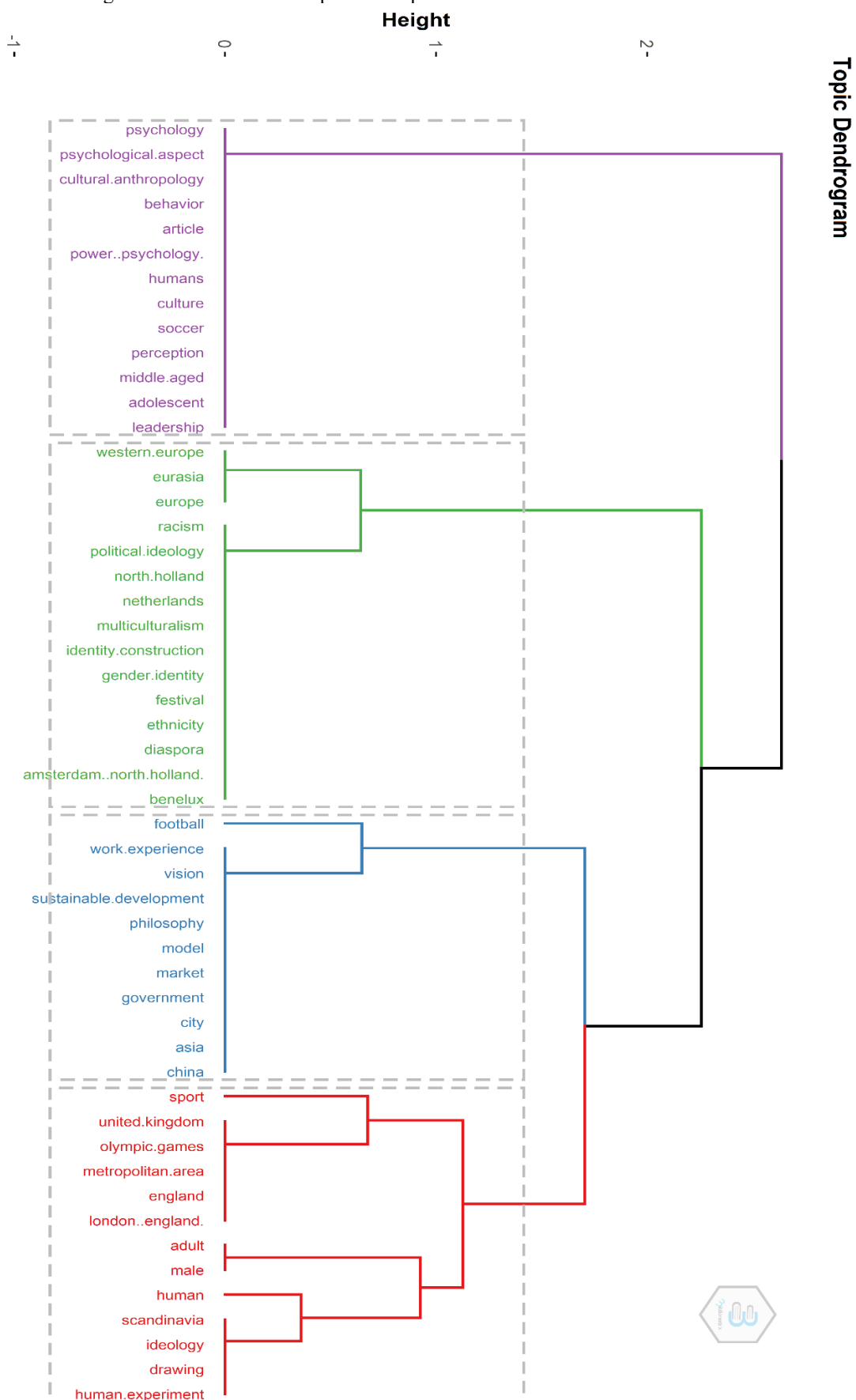


Fonte: Software Biblioshiny for Bibliometrix.

Ao avançar a análise do mapa temático, foi possível identificar que os temas base e motores buscavam construir e apresentar uma leitura histórica da cultura futebolística na sua fase inicial de desenvolvimento. Já os temas apresentados como nichos e, neste caso, emergentes, pretendiam interpretar os significados das relações sociais fomentadas pelo futebol amador em suas localidades, fazendo uso de pesquisas de campo, em destaque a etnografias.

Para aprofundar mais o olhar sobre os estudos selecionados, realizou-se na sequência, uma análise de múltiplas correspondências através do dendrograma, disposto na figura 5.

Figura 5 - Dendrograma da análise de múltiplas correspondências da temática futebol amador e cultura.



Fonte: Software Biblioshiny for Bibliometrix.

Através dos *Clusters* formados pela análise fatorial expressa com o dendrograma, pode-se observar quatro grupos temáticos em que as investigações se correlacionam. Em vermelho, observou-se um agrupamento que aborda as dimensões históricas da prática futebolística. O *cluster* azul apresenta o governo como um agente relacionado a prática futebolística amadora. O grupo de termos expressos na cor verde, exploram a identidade como um elemento relacional ao futebol amador. Já no *cluster* expresso pela cor roxa, foi possível identificar inferência as relações de poder que permeiam a vivência cultural do futebol amador.

Com base nos quatro *clusters*, optou-se pela construção de quatro subtópicos no texto, para descrever e discutir qualitativamente os achados dos estudos.

3.4.1 O Futebol Amador como uma Prática de Cavalheiros

Em seu estudo, Porter (2009) explora o contexto do futebol em Londres e entusiasmo dos londrinos pelo jogo em 1908, quando o futebol adentrou as Olimpíadas de Londres como esporte olímpico. Segundo o autor, neste contexto clubes profissionais já se estruturavam, no entanto, os clubes amadores eram os grandes responsáveis por fomentar o sentimento de identidade local através dos símbolos futebolísticos.

Fora da Inglaterra, ao proporem-se a realizar uma leitura histórica da prática do futebol na Península Escandinava, Torbjörn e Hans (2017) identificam os impactos do futebol profissional inglês no desenvolvimento do esporte na Noruega, Suécia e Dinamarca. De acordo com os autores, durante as décadas de 1880 e início de 1890, os jogos de exibição realizados pela tripulação da marinha britânica na costa norueguesa foram o ponto de partida para a popularização do futebol nas três nações escandinavas. A incorporação da prática aos gostos dos trabalhadores foi tamanha, ao ponto de seus jogadores e técnicos tornarem-se referências no futebol e ganharem influência não apenas da Grã-Bretanha, mas também em países da Europa Central, como a Alemanha, a Áustria, a Tchecoslováquia e a Hungria, onde o futebol se tornou popular na virada do século anterior. (TORBJÖRN; HANS, 2017).

Não obstante, com o passar dos anos a profissionalização do futebol tornou-se uma realidade na Inglaterra, o que não ocorreu nos países escandinavos, pois inspirado no “amadorismo cavalheiro do esporte britânico” rejeitaram este novo modelo de futebol. (TORBJÖRN; HANS, 2017). Um elemento significativo deste processo, segundo os autores, foi que a prática amadora do futebol era defendida também pelos clubes e atletas da classe trabalhadora.

Este movimento, segundo Torbjörn e Hans (2017) demarcou uma luta simbólica estratégica, no sentido de defender o local em oposição a uma globalização do futebol e de seus significados. No entanto, esta resistência do amadorismo contribuiu para uma entrada tardia na lógica profissional (competitiva) o que impactou na qualidade técnica do futebol apresentado pelos clubes e seleções escandinavas em competições internacionais.

3.4.2 A Popularização do Futebol como Estratégia de Governo: O Caso da China

A investigação de Liang (2016) apresenta uma singularidade que o distingue dos demais estudos analisados, pois segundo o autor, o processo de desenvolvimento do futebol na China tem como base um projeto de governo, que tem como objetivo criar uma cultura futebolística no país. Neste sentido, a investigação de Liang (2016) analisa o programa Vision Asian Philosophy da Confederação Asiática de Futebol, em duas cidades da China, Zibo e Qingdao.

Iniciado em 2003 o programa pretendia elevar o padrão do futebol asiático e fomentar sua prática em um nível comunitário através de ações como: elevar o nível de gestão do futebol em órgãos governamentais, clubes e competições em todos os níveis; formação e especialização de atletas de base; o treinamento e formação de técnicos e árbitros; o fomento a realização de competições e criação de clubes de futebol; o desenvolvimento do mercado do futebol; a cobertura midiática dos eventos futebolísticos e clubes; o desenvolvimento do futebol e futsal feminino; e o incentivo ao torcedor de futebol. (LIANG, 2016).

Ao longo deste processo, conforme o autor, o Estado busca a detecção de potenciais jogadores de futebol através das aulas de educação física, os quais seriam direcionados a centros provinciais, espaços que se encontram na intermediária do sistema cujos jogadores são vistos como atletas de meio período e ganham algum tipo de remuneração financeira e benefício (educacional). No topo há hierarquia encontra-se a seleção nacional e as equipes provinciais e como o sistema foi inteiramente financiado pelo Estado, os atletas são funcionários públicos em tempo integral. (LIANG, 2016).

Esta estruturação do futebol como um sistema, no intuito de acelerar o processo de elevação do nível dos jogadores que representam o país e de popularização da prática do futebol na China, distingue-se das lutas travadas por diferentes grupos em diferentes localidades do Mundo (Brasil, Reino Unido, Escandinávia, Holanda e Suíça) pela visão sobre como o futebol deveria ser praticado, que contribuiriam para emergência de vivências plurais do jogo. O efeito

simbólico deste projeto de futebol, foi segundo Liang (2016) a dificuldade de se construir laços comunitários fortes entre times de futebol provinciais e as comunidades.

Atentos a este baixo engajamento, os governantes das cidades chinesas de Zibo e Qingdao, tem atribuído centralidade ao fomento de ligas amadoras no interior da cidade, aos moldes de uma cultura futebolística tradicional em que os vínculos entre os clubes locais e a população local, são a base de todos o sistema cultural.

3.4.3 Diversidade, Preconceito e Identidade Racial

A integração social, nível de interação de indivíduos com outros membros de um grupo, é uma necessidade de todas as sociedades (NESSELER; GOMEZ-GONZALEZ; DIETL, 2019). Segundo os autores, a Suíça consiste em um local extremamente profícuo para análise da integração social, pois o país é constituído por subgrupos distintos, com diferenças regionais, culturais e linguísticas. Dentre as práticas culturais, o futebol possui uma grande relevância, pois trata-se do esporte mais popular da Suíça.

Diante deste cenário, e partindo da premissa de que as regras do futebol se aplicam igualmente a todos os participantes, portanto, preconceitos baseados em diferenças raciais, religiosas ou linguísticas seriam pouco relevantes, Nessler, Gomez-Gonzalez e Dietl (2019) objetivaram em seu estudo analisar mediante um experimento social com responsáveis por equipes de futebol amador, a taxa de respostas (aceite ou recusa), para o pedido de suíços e estrangeiros de terem uma experiência prática de futebol, com estes clubes amadores.

Os resultados mostram que o índice de respostas e sinalizações positivas, foram maiores para os suíços em comparação a taxa de resposta a nomes estrangeiros. Assim, Nessler, Gomez-Gonzalez e Dietl (2019) constataram que em um território multicultural como a Suíça, nem todos tinham as mesmas oportunidades de acesso às atividades sociais. Através das experiências com a prática futebolística amadora verificou-se que uma parte considerável da população, possuiria uma maior dificuldade para criação de interações sociais, algo prejudicial para o sucesso de sua integração sociocultural. (NESSELER; GOMEZ-GONZALEZ; DIETL, 2019).

Olhando para multiculturalismo e relações diaspóricas, em Amsterdã, na Holanda, ocorre a Copa do Mundo de Amsterdã. Um torneio de futebol masculino amador, que envolve as diversas comunidades de migrantes e refugiados da cidade. Tal como uma Copa do Mundo da Federation Internationale de Football Association (FIFA), o torneio é composto por 32 times, representando cada um, uma nação. (BURDSEY, 2008).

Burdsey (2008) propôs-se a analisar as relações sociais estabelecidas pelos jogadores e comunidades, pois além da competição de futebol amador, várias outras atividades culturais acontecem ao longo do dia. Segundo o autor, a Copa do Mundo de Amsterdã, representa mais do que um evento puramente comunitário. Por meio de uma ênfase evidente no multiculturalismo e na integração de diferentes grupos étnicos, o evento constitui parte de um processo mais amplo de resistência contra hegemônica às práticas cada vez mais mercantilizadas e excludentes do futebol global de elite. (BURDSEY, 2008).

Os espaços sociais onde ocorrem os jogos, buscam fomentar a identidade étnica dos participantes, através de símbolos como os uniformes, bandeiras ou presença de jogadores profissionais oriundos destas comunidades étnicas minoritárias. Esta atmosfera cria um cenário distinto da exclusão e preconceito racial sofrido no futebol holandês local. Outro ponto destacado por Burdsey (2008) é o engajamento daqueles que acompanham as seleções amadoras. Contribuindo para que os significados deste futebol transcendam o campo de jogo, tornando-se um espaço no qual identidades pessoais e sociais são criadas, organizadas e ajustadas. (BURDSEY, 2008).

No mesmo viés, o preconceito racial emergente quando um time de futebol amador holandês decide mesclar a gestão totalmente branca do clube foi o objeto de estudo de Van Slobbe, Vermeulen e Koster (2013). Baseado em um período de 3 anos de trabalho de campo etnográfico em um clube de futebol, localizado em um bairro com diversidade étnica no Reino dos Países Baixos, os autores analisaram a transição planejada de uma gestão holandesa totalmente branca para uma gestão etnicamente diversa. Segundo os autores, a transição da gestão levou a diretoria a possuir entendimentos distintos sobre suas práticas e artefatos culturais, seus símbolos.

Ao longo deste processo de ressignificação da cultura organizacional do clube, os autores destacam que a divisão entre “nós” e “eles” reforçava a existência de dois grupos distintos gerindo o mesmo time de futebol amador. Pois os agentes que se encontravam a mais tempo na gestão do clube (os brancos) sentiam-se ameaçados a cada proposição de mudança, uma vez que isso descaracterizaria simbolicamente, a visão de mundo deste grupo. Por outro lado, a ressignificação do jogo era fundamental para que os *outsiders* (negros), se sentissem com parte da direção do clube, do contrário, mudariam as pessoas, mas o jogo social permaneceria o mesmo. (VAN SLOBBE; VERMEULEN; KOSTER, 2013).

Para os autores, era evidente que o que estava em jogo era a propriedade simbólica do clube. Neste contexto, o estudo permitiu refletir que para além do clube e campo de futebol, a igualdade étnica não pode ser alcançada simplesmente por mudanças nas posições formais do

jogo. Fazer isso significa negligenciar os processos culturais informais do cotidiano que expressos em práticas e artefatos simbólicos. (VAN SLOBBE; VERMEULEN; KOSTER, 2013).

Outro aspecto significativo encontrado através do olhar para o desenvolvimento histórico do futebol, foi o imbricamento das práticas futebolísticas as práticas religiosas. Konter (2008) explorou em seu estudo, como a religião e as crenças de boa sorte ou superstições, tem um importante impacto no dia a dia dos jogadores de futebol amador. Seguindo o autor, os jogadores amadores utilizavam a dimensão mística da religião, para dar significado a habilidades que ele próprio não dava conta de explicar, para justificar conquistas, para criar esperanças ou sentir-se seguro e confiante.

Segundo o autor, foi possível identificar que os jogadores e treinadores amadores relacionavam estas crenças ao resultado e desempenhos bons ou ruins em campo. A dimensão simbólica destas crenças de boa sorte era tamanha ao ponto de ser capaz de afetar a motivação dos jogadores, autoconfiança, controle, coragem, estresse e habilidades psicológicas. Impactando de forma prática, na dinâmica dos jogos. (KONTER, 2008).

3.4.4. Os Clubes e os Campos de Futebol como Espaços de Lutas Sociais

Ao proporem-se a analisar as memórias de jogadores de futebol amador, através da história oral em Belo Horizonte, Brasil, Buarque de Hollanda e Ribeiro (2020) inferem que as experiências de vida compartilhadas por estes jogadores anônimos, que competiam e competem em campeonatos amadores, evidenciam o domínio da prática futebolística como a atividade de lazer das classes trabalhadoras brasileiras. Dentre os elementos mais significativos observados, através da memória dos entrevistados, estavam as preocupações com a aquisição, propriedade ou perda de campos de futebol ou a casa do clube.

A relação de identidade destes jogadores com os campos e clubes do futebol locais, era representada pelo “esforço” e pela “resistência”. As memórias do esforço decorriam dos esforços físicos dos jogadores para construção coletiva destes espaços para a prática do futebol, pois contar com tratores, demandava articulações políticas, o que nem sempre era viável. Já o sentimento de resistência, decorria de pressões externas, como por exemplo, a especulação imobiliária, que levou muitos clubes a perderem seus campos (locais de memória).

Neste contexto, mesmo sem seu maior símbolo, seu lugar, manter o clube vivo era desejo coletivo, para que as memórias vividas não fossem esquecidas e um ato de reafirmação do valor simbólico do clube. Segundo Buarque de Hollanda e Ribeiro (2020) as narrativas de

fundação e manutenção desses clubes de futebol amador celebram a força, a inteligência, a astúcia, a persistência e a solidariedade comunitária destes jogadores anônimos. Buarque de Hollanda e Ribeiro (2020) destacam que as lutas decorrentes dos processos de ocupação e manutenção dos campos amadores, constituía-se também como uma luta pelos direitos a espaços de lazer e sociabilidade em Belo Horizonte.

Tal como os conflitos e sentimentos descritos por Buarque de Hollanda e Ribeiro (2020), foi possível identificar ao olhar para o modelo de futebol amador norueguês, sueco e dinamarquês, segundo Andersson e Hognestad (2017). Como o futebol amador, enquanto uma prática cultural, provou ser resistente na Península Escandinava, à medida que as novas gerações também adotavam times de futebol locais com o objetivo de expressar distinção e identidades.

Em sua investigação Tucker (2014) se propõe a analisar, através de uma abordagem etnográfica, o processo de desenvolvimento de uma cultura inclusiva que combata comportamentos e atitudes sexistas, racistas e homofóbicos, no interior do The Red, um clube de futebol amador inglês. Em defesa do ativismo esportivo, o autor foi o criador do clube a ser analisado, segundo ele, devido ao engajamento de tantos, o futebol apresenta-se como um espaço profícuo para ativistas, campanhas e movimentos que busquem fomentar a justiça social.

Segundo Tucker (2014) em nível amador, está surgindo uma rede de clubes de futebol que defendem princípios de anti-sexismo, anti-racismo e anti-homofobia. Cada vez mais organizada, com torneios por toda a Europa, esta cultura inclusiva promove um olhar distinto ao vencer a todo custo vista no futebol tradicional. Neste sentido, através de seu diário de campo Tucker (2014) descreve em seu estudo, o difícil processo de promover mudanças sociais positivas, dentro e fora de campo.

Ao longo dos quatro anos de pesquisa, o autor descreve como os momentos de dificuldade dentro de campo, impactavam de forma negativa na incorporação dos valores do clube. O contrário também foi verdadeiro, desempenho bem-sucedido da equipe The Red, possibilitava uma associação entre os valores de justiça social defendidos e seu desempenho dentro de campo. Os resultados em campo eram importantes. (TUCKER, 2014). A dimensão absorvente do jogo e sua função social, descritas anteriormente através de Huizinga (2012), materializam-se através das experiências de Tucker (2014), mas também de Forbes, Edwards e Fleming (2014), os quais abordaram o sexismo e a marginalização sofrida pelas mulheres, árbitras de futebol amador no Reino Unido.

Forbes, Edwards e Fleming (2014) constataram através das incursões *in loco*, como as árbitras mulheres possuíam menos espaço nas escalas de arbitragem para os jogos, mas

principalmente o quanto seu conhecimento sobre as regras e capacidade de arbitragem eram questionados pelos jogadores e torcedores. De acordo com os autores, as mulheres precisavam adotar estratégias para superar as atitudes hostis vivenciadas ao longo do jogo.

Dentre elas, destaca-se a suas negociações contínuas com sua identidade como mulheres, ou seja, reproduzindo gestos, posturas e vestimentas masculinizantes. Ou então a negociação de sua autoridade máxima no jogo, como árbitra, de modo a construir um ambiente favorável, pois no futebol amador os homens e a masculinidade são predominantes. (FORBES; EDWARDS; FLEMING, 2014).

No mesmo sentido, ao analisar a Copa do Mundo de Amsterdã, Burdsey (2008) constatou que ao mesmo tempo em que o evento fomenta um ativismo esportivo significativo, quanto as questões étnico-raciais. O torneio reproduz estruturas patriarcais mais amplas da esfera pública diaspórica, na medida em que restringe ou marginaliza a participação das mulheres no evento. Este olhar evidenciou-se através da inexistência da prática do futebol por mulheres e através de discursos machistas sobre a forma de se vestir ou de se comportar das mulheres. Principalmente quando elas se encontravam a beira do campo, próximas a grupos que representavam as nações muçulmanas.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo materializou-se em dois momentos. No primeiro, buscou-se aporte teórico para compreender a dimensão simbólica do jogo na sociedade. Através das características que compõe o ato de jogar é possível inferir que o jogo como uma prática lúdica, também se constitui como uma prática social, a medida em que o significado do resultado do jogo não se encontra nele, mas sim nas relações sociais do grupo que o joga.

Deste modo, o gosto pelo futebol, como um bem cultural torna-se fruto de um processo social cercado por símbolos (o campo, a bandeira, o escudo, as fotografias, os troféus etc.) e seus significados que prendem os praticantes de futebol amador as teias culturais deste jogo. O futebol em específico, tem seus significados inundados por grandes cargas afetivas.

Estas inferências, embasadas teoricamente através de autores clássicos da literatura sociológicas e antropológica, ganham vida ao observar os diferentes futebolis praticados no nos países do Reino Unido e da Península Escandinava, no Brasil, no Reino dos Países Baixos, na Suíça e na China. Mas também através do multiculturalismo presente em torneios amadores de futebol como a Copa do Mundo de Amsterdã, na Holanda.

O mapa temático dos artigos, possibilitou a compreensão de que a base dos estudos culturais sobre o futebol amador, encontra-se no olhar ao passado, a fim de entender como foram os primeiros passos dos futebolistas ingleses ou as memórias dos jogadores amadores brasileiros. No entanto, cada vez mais estudos etnográficos ganham espaço acadêmico, devido a sua possibilidade de aprofundar-se nas relações sociais destes agentes e entender o que de fato está em jogo, quando estes se dirigem ao campo de futebol.

Neste viés, a análise fatorial (dendrograma) articulada aos pressupostos teóricos de jogo, sentido do jogo e significado, nos permitiram inferir que o campo de futebol amador é um espaço de luta. Dentro e fora de campo, ocorrem simultaneamente dos jogos, os quais se retroalimentam. Em campo, sob as regras da FIFA os jogadores disputam a vitória, a qual nem sempre é colocada explicitamente como fundamental por um grupo, porém, tacitamente seu resultado é relevante para as dinâmicas sociais. Como Huizinga (2012) infere e Tucker (2014) constatou ao criar o The Red, um time de futebol amador engajado a combater atitudes sexistas, racistas e homofóbicos, para além das quatro linhas.

Este ativismo esportivo, decorre de preconceitos observados socialmente e que são vistos e vividos em campo, devido a dimensão adquirida pelo futebol, que se tornou popular entre agentes sociais de culturas, religiões e etnias completamente distintas. Porém, duas formas de preconceito destacam-se das demais. Um deles refere-se ao racismo, objeto de estudo dos autores que abordaram o futebol holandês, emerge como uma barreira a ser enfrentada cotidianamente, principalmente quando o que está em jogo é a ocupação de uma posição de destaque na hierarquia do futebol amador, como a diretoria de um clube.

A segunda forma de preconceito abordada foi a desigualdade de gênero, em um esporte predominantemente masculino, as mulheres são convidadas a participar das práticas futebolísticas amadoras em posições adjuvantes, como de torcedoras, e ao buscarem outras posições no campo, o preconceito emerge como uma barreira que dificulta o acesso a espaços como o de jogadora ou árbitra de futebol amador.

Por fim, conclui-se que o futebol amador apresenta uma grande pluralidade cultural, devido as suas características de desenvolvimento que os tornam singulares. Como a busca pelo desenvolvimento de uma cultura futebolística local na China, a luta dos futebolistas amadores brasileiros pela manutenção dos campos de futebol como espaços simbólicos de memória, identidade e pertencimento ou o ativismo esportivo europeu. Não obstante, em todos os casos, o futebol amador não é visto apenas como mais um jogo, aqueles que o praticam acreditam no seu potencial de gerar mudanças positivas socialmente. Assim, em meio as dificuldades e

preconceitos, jogar futebol simboliza um ato resistência e de luta, por vitórias dentro e fora de campo.

4 CULTURA E CAPITAL FUTEBOLÍSTICO: UM ESTADO DO CONHECIMENTO DAS TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE O FUTEBOL AMADOR (2014-2021)

Resumo: O objetivo do estudo foi analisar o papel da prática futebolística amadora na estruturação das posições e relações sociais em diferentes locais e temporalidades do Brasil, através da realização de um Estado do Conhecimento, das teses e dissertações brasileiras defendidas entre os anos de 2014 e 2021, disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foram analisadas 12 dissertações e 4 teses produzidas nesta baliza temporal. Dentre as referências bibliográficas sobre futebol mais citadas nas pesquisas, destacam-se os autores Damo, DaMatta e Rigo, os quais também fizeram uso da etnografia, principal procedimento teórico-metodológico, de coleta de dados. Quanto as referências teóricas, para análise e interpretação dos dados, Pierre Bourdieu foi o autor mais utilizado. Isso permitiu a visualização de paralelismos entre os estudos, que colocavam as práticas futebolísticas amadora como estratégicas e fundamentais nos trajetos sociais dos futebolistas, fomentando a emergência de um novo capital, o capital futebolístico.

Palavras-chave: Futebol amador; relações sociais; poder simbólico; cultura futebolística; etnografia.

4.1 INTRODUÇÃO

Compreender as alteridades do mundo social é um dos maiores desafios das Ciências Sociais Aplicadas na atualidade. Principalmente em sociedades com grande pluralidade cultural, religiosa, étnica, gênero, econômica, política etc., como a brasileira. (GODOY; SANTOS, 2014). Diante deste cenário, a Nova História Cultural, decorrente de diálogos interdisciplinares e ancorada nas “descrições densas” da Antropologia, propõe uma nova abordagem de leitura social, mais atenta aos detalhes, aos sentidos e significados das relações sociais, mais receptiva a novas categorias de análise. (BARROS, 2011).

Historicamente o “Estado” e o “Mercado” consolidaram-se como categorias hegemônicas para compreensão das relações sociais. (MARX, 2013). Segundo Barros (2011, p.42) “com os marxistas da Escola Inglesa, o mundo da Cultura passa a ser examinado como parte integrante do “modo de produção”, e não como um mero reflexo da infraestrutura econômica de uma sociedade.

De acordo com Bourdieu (2014) o Estado enquanto instituição base para a integração lógica e moral da sociedade, ou seja, que fundamenta e atribui sentido ao mundo social, sempre foi objetos de críticas quanto a sua “função”. O autor destaca que para Hobbes e Locke ⁶o

⁶Thomas Hobbes filósofo e teórico político inglês que ficou conhecido no campo acadêmico pela obra *Leviatã*. Foi considerado um dos expoentes do pensamento contratualista na Filosofia Política (MIRANDA, 2013). John Locke foi um filósofo inglês considerado o fundador do empirismo moderno e o primeiro grande teórico do liberalismo. (VÁRNAGY, 2006).

Estado era compreendido como a instituição destinada a servir o bem comum, já para Marx e seus sucessores o estado atuava como um aparelho de coerção, responsável pela manutenção da ordem pública a serviço dos interesses da classe dominante. No entanto, em ambos os casos, não se discute os motivos de sua existência. (BOURDIEU, 2014).

O problema do olhar marxista neste contexto, encontra-se na compreensão apriorísticas de que Estado e Mercado explicavam as relações sociais como um todo. Embora alguns objetos de estudo enquadrem-se nesta leitura social, outros corriam o risco de se engessarem nos determinismos destas categorias de análise. Por este motivo, Bourdieu (2014) chama a atenção para a necessidade de se olhar para o Estado, poderíamos acrescentar também o mercado, como mais um ponto de vista e não como o único.

Ao escrever “A Distinção”, Bourdieu (2008) busca demonstrar através de uma sociologia do gosto, como se construía entre os franceses, o espaço dos estilos de vida. A investigação permitiu que o autor inferisse que o gostar de determinado alimento, obra literária, estilo musical ou esporte, eram frutos de um processo de transformação da cultura em natureza, ou seja, de uma naturalização de comportamentos culturalmente apreendidos, os quais eram feitos corpo, entendidos pelos agentes como partes de si mesmos.

Esses princípios geradores de práticas sociais e do modo de se posicionar para ver o mundo ou o *habitus*, resultantes destes gostos, tornavam-se socialmente distintas e distintivas. Para Bourdieu (2008) isto era a prova de que existia uma eficácia real no simbólico. Deste modo, olhar para fora de categorias hegemônicas de análise, seria fundamental para exercer o ofício de sociólogo.

Dentre as diferentes práticas simbólicas, podemos destacar o fenômeno esporte. Ao longo da história recente das humanidades, inúmeras práticas lúdicas esportivizaram-se. Uma delas, que se manteve hegemônica, devido a suas múltiplas projeções e experiências valorativas, políticas, sensoriais e estéticas, é o futebol. (TOLEDO; CAMARGO, 2018). Assim, segundo os autores, este esporte tornou-se uma referência para se pensar as relações sociais em contextos urbanos.

Tamanho é o desdobramento simbólico do futebol, que este transcendeu sua origem territorial europeia, alicerçando-se nos modos de vida, produzindo nacionalismo esportivos, de agentes de outros continentes como América do Sul e África, tornando-se potencialmente nacionalizável em regiões como a China e Oriente Médio. (TOLEDO; CAMARGO, 2018). Tais inferências, instigam-nos a refletir sobre a multiplicidade de perspectivas de apropriação do futebol, em contextos culturais distintos.

No Brasil, a significância do futebol é tamanha que é possível através do esporte acessar indícios de lógicas que auxiliam na interpretação da sociedade brasileira. (DAMATTA et al., 1982). Por este motivo, inúmeros são os autores que buscaram e buscam analisar o futebol teoricamente, assim “outros futebóis⁷”, para além do profissional, passaram a adquirir visibilidade acadêmica.

Diante deste cenário, entende-se que um dos primeiros passos a serem estabelecido, em um estudo que objetiva analisar o papel da prática futebolística amadora na estruturação das posições e relações sociais em diferentes locais e temporalidades do Brasil, é compreender o que tem sido produzido academicamente sobre a temática. Para tanto, optou-se por realizar um Estado do Conhecimento, das teses e dissertações brasileiras que tiveram como objeto de estudo a dimensão sociocultural do futebol amador.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Estado do conhecimento pode ser compreendido como a identificação, o registro e a categorização de um objeto, “que leve à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

Na presente pesquisa optou-se pela identificação e registro das produções acadêmicas disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), uma rede de sistemas de informação com acesso livre, que armazenam as teses e as dissertações dos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros. A escolha da BDTD justifica-se pela seleção do tipo de produção acadêmica, as teses e dissertações.

De acordo com Abreu e Neto (1999), a transformação de teses e dissertações em artigos científicos é algo extremamente comum, porém, devido as normas de escrita, em um artigo o autor deve focar a discussão do objeto por uma única perspectiva, já nas teses e dissertações o problema pode ser abordado por dimensões distintas. Com o objetivo de

⁷Devido a diversidade futebolística no Brasil, Damo (2003, 2005) alerta para a necessidade falar em futebóis, deste modo, ensaia uma divisão do futebol em quatro matrizes ou quatro grandes configurações, são elas: a) futebol profissional, que compreende-se e engloba os atores (jogadores, especialistas e torcedores) do futebol-espetáculo ou de alto rendimento; b) o futebol de bricolagem, revela-se através das peladas, dos rachas, fute e as demais designações locais; c) já o futebol comunitário, denomina-se em outros contextos como futebol de várzea, de bairro ou amador; d) a quarta configuração é o futebol escolar, que vincula-se às instituições escolares, com enfoque pedagógico.

estabelecer um olhar mais amplo aos objetos investigados pelos autores, optou-se pelas produções nestes formatos.

O segundo passo foi a delimitação temporal do recorte, para tanto, definiu-se a busca entre os anos de 2014 e 2021. O marco temporal inicial justifica-se pela derrota emblemática da seleção brasileira de futebol, nas semifinais da Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil. Jornais tradicionais como Folha de São Paulo (2014) e especializados como o GE (2014), descreveram o evento como massacre, catástrofe ou vexame histórico. Na mídia esportiva e em periódicos acadêmicos se utilizou o acontecimento para debater o futuro do futebol, vários questionamentos também emergiram a respeito da força do futebol na atualidade.

Para Carlos e Marques (2016) a crença do futebol como patrimônio nacional é colocada em questionamento e desconstruída, através de derrotas como “o vexatório 7 a 1”. Para os autores o futebol no Brasil é produto de grande audiência, portanto “uma forma menos ligada à cultura e mais ligada à exploração dos recursos financeiros que ele mobiliza” (CARLOS; MARQUES, 2016, p. 59). Diante deste cenário, optou-se por estabelecer a partir desta data, um ponto de reflexão sobre os significados das práticas futebolísticas.

Estabelecidos os filtros, acessou-se o site da BDTD e clicou-se em busca avançada. Na opção ano de defesa, restringiu-se a busca de 01/01/2014 até 31/10/2021. Os termos de busca utilizados e operador booleano foram: 1) amador AND futebol; 2) “prática futebolística” e; 3) futebol AND várzea. Tais termos foram pesquisados individualmente, na ordem supracitada, em todos os campos (título, autor, assunto, resumo português, resumo inglês, editor e ano da defesa) disponíveis na plataforma, em seguida, exportados em formato csv para registro.

Realizadas as buscas, optou-se por classificar os estudos de acordo com o objeto de análise, conforme quadro abaixo.

Quadro 2 - Número de teses e dissertações encontradas entre os anos de 2014 e 2020, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações de acordo com a aplicação de cada operador booleano.

	Categorias	amador AND futebol	prática futebolística	futebol AND várzea
1	Futebol profissional	13	18	1
2	Aspectos socioculturais do futebol amador	10	4	6
3	Lesões e aspectos biológicos e fisiológicos do futebol	13	1	0
4	História de clubes e jogadores de futebol profissional	3	3	1
5	Aspectos socioculturais da história do futebol amador	2	3	1
6	Repetidos	2	0	0
7	Fora da temática	9	1	6
	Total de teses e dissertações	52	30	15

Fonte: os autores

Após categorização primária, iniciou-se o processo de aplicação dos demais critérios de inclusão e exclusão do estudo. Como o objetivo do estudo é abordar as dimensões socioculturais de outros futebolis que não o profissional, excluiu-se das fases seguintes as 31 pesquisas da categoria 1 e as 7 da categoria 4, pois estas dissertações e teses abordavam aspectos técnicos, táticos, históricos, turismo, cobertura midiática e torcedores de clubes profissionais do futebol brasileiro. Em seguida, excluiu-se também as investigações da categoria 3, que embora abordassem o futebol amador, tinham como objeto de análise as lesões e os aspectos biológicos e fisiológicos que permeiam a prática do futebol.

Por fim, excluiu-se as pesquisas repetidas no próprio termo de busca (categoria 6) e as consideradas fora da temática (categoria 7), pois devido a busca em todos os campos, palavras como “várzea” direcionaram a pesquisas sobre a cidade de Várzea Grande ou estudos geográficos sobre as regiões de várzea (grandes extensões de terra plana). A palavra amador e prática também remeteram a pesquisas sobre outras modalidades esportivas como futebol americano, rúgbi, voleibol etc.

Deste modo, do Quadro 2, classificou-se para a sequência do estudo as teses e dissertações das categorias 2 e 5, as quais abordavam diretamente as dimensões sociais, culturais e históricas do futebol amador em diferentes localidades do Brasil. Somadas as duas categorias totalizou-se 26 pesquisas, destas excluiu-se 10 por repetirem-se em um ou mais termos de busca. Finalizando a etapa de seleção com 16 teses e dissertações.

Em seguida, definiu-se os elementos das teses e dissertações a serem coletados e analisados no estudo, conforme descritos no quadro abaixo.

Quadro 3 - Elementos a serem analisados no Estado do conhecimento.

IDENTIFICAÇÃO	
1.	Título do artigo
2.	Autor
3.	Orientador
4.	Formação
5.	Universidade
6.	Ano da publicação
INTRODUÇÃO	
7.	Problema e objetivo de estudo
METODOLOGIA	
8.	Localidade
9.	Sujeitos
10.	Abordagem metodológica
RESULTADOS E DISCUSSÕES	
11.	Principais referências teóricas
12.	Principais resultados alcançados

Fonte: Os autores

Após coleta e análise dos dados, o plano de redação do texto foi dividido em dois momentos distintos. No primeiro, seguindo a ordem dos elementos listados (1 ao 11), realizou-se a apresentação e discussão dos dados. Em seguida, tomando como base os “Principais resultados alcançados”, redigiu-se um texto refletindo sobre os achados das investigações, refletindo como eles articulam ou nos ajudam a compreender o campo futebolístico amador no Brasil.

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme descrito nos procedimentos metodológicos, iniciamos a exposição e análise do material coletado, com os dados gerais das investigações, conforme exposto no Quadro 4.

Quadro 4 - Dados gerais das teses e dissertações analisadas no Estado do conhecimento.

(continua)

ID	Título	Autor	Orientador	Ano	Instituição
D1	Futebol de várzea como mediador cultural na comunidade São Gonçalo Beira Rio	Benitez, Allan Kardec Pinto Acosta	Rodrigues, Francisco Xavier Freire	2014	UFMT
D2	O futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas	Barros, Rooney Augusto Vasconcelos	Soares, Artemis de Araújo	2014	UFAM
D3	A cidade do futebol: Etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara	Chiquetto, Rodrigo Valentim	Magnani, Jose Guilherme Cantor	2014	USP
D4	Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930	Lima, Fernando Godinho	Rigo, Luiz Carlos	2014	UFPEL
D5	Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)	Correia, Jones Mendes	Rigo, Luiz Carlos	2014	UFPEL
D6	Futebol em Goiânia: sociabilidades e espaços	Leão, George Bruno Machado	Collaço, Janine Helfst Leicht	2016	UFG
D7	Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: uma abordagem sócio-histórica (1993-2014)	Martins, Mariane Goettert	Stigger, Marco Paulo	2016	UFRGS
D8	Amadores, profissionais e varzeanos: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade	Biagi, Diego Fernandes de	Hollanda, Bernardo Borges Buarque de	2017	FGV
D9	Campo de terra, campo da vida: interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube	Silva, Roberta Pereira da	Abramides, Maria Beatriz Costa	2017	PUC SP
D10	Redescobrimo o sentido do jogo: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no mirante esporte clube em Ponta Grossa - Paraná (2013-2017)	Oliveira, Edilson de	Freitas Junior, Miguel Archanjo de	2018	UEPG

Quadro 4 - Dados gerais das teses e dissertações analisadas no Estado do conhecimento.

(conclusão)

D11	“A várzea é imortal”: abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana	Favero, Raphael Piva Favalli	Magnani, Jose Guilherme Cantor	2018	USP
D12	Tem que ser um amador profissional' os sentidos do trabalho para treinadores de futebol amador	Maoski, Diogo Bonin	Meneghetti, Francis Kanashiro	2018	UTFPR
T1	Família joga bola: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana	Spaggiari, Enrico	Frúgoli Junior, Heitor	2014	USP
T2	O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940	Mayor, Sarah Teixeira Soutto	Silva, Silvio Ricardo da	2017	UFMG
T3	Ser 'daqui' ou 'de fora': hierarquias, descontinuidade e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis	Invernizzi, Lisandra	Bassani, Jaison José	2018	UFSC
T4	“Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo	Pisani, Mariane da Silva	Almeida, Heloisa Buarque de	2018	USP

Fonte: Os autores

Ao observar os dados sobre autores, orientadores e instituições, fica evidente a diversidade. Quanto aos autores das teses e dissertações, não se encontrou a aparição de nenhum deles em mais de um estudo. Sobre os orientadores, Luiz Carlos Rigo da Universidade Federal de Pelotas e Jose Guilherme Cantor Magnani da Universidade de São Paulo, possuem duas orientações de dissertações cada, o que não os destaca significativamente dos demais em número de orientações. No entanto, cabe uma ressalva, pois estes nomes aparecerão novamente na sequência da análise, como autores importantes no contexto do futebol amador e da etnografia urbana, respectivamente.

A saber, Rigo está vinculado a diferentes projetos de pesquisa ligados ao futebol (feminino, de base, a popularização e história da modalidade em Pelotas) e registrado no diretório de grupos da CNPq, no Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física, Esporte e Lazer. Já Magnani, é coordenador do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, sua relação com o futebol pode ser observada através das bancas de tese e dissertação sobre a temática.

Quanto as instituições de ensino, embora a Universidade de São Paulo – USP, se destaque das demais, com duas teses e duas dissertações. No entanto, cabe apontar que não há uma justificativa que coloque a instituição como um *locus* de referência, como um grupo de pesquisa sobre futebol registrado na CNPq ou uma relação entre as pesquisas, exceto as duas orientações de Magnani. As outras 12 investigações se dividem entre mais 11 instituições. Sobre o ano das defesas, 6 (37,5%) delas são de 2014, seguida pelo ano de 2018, com 5 (31,25%) defesas.

Olhando para as áreas de formação, destacam-se os programas de Antropologia Social, com 6 (37,5%) estudos e os programas de Educação Física/Ciência do Movimento com 4 (25%) teses e dissertações. A predominância das duas áreas nos ajudará a compreender os aportes metodológicos e teóricos das teses e dissertações. As demais investigações dividiram-se igualmente entre programas de pós-graduações em ciências sociais aplicadas, história, administração, serviço social, estudos culturais e sociedade e cultura. Isto evidencia o caráter multidisciplinar do objeto futebol amador, pois embora exista a predominância de algumas áreas, há também uma diversidade de estudos, que objetivam compreender o futebol amador por outras lentes teóricas.

Quanto aos objetivos, foi possível classificar os estudos em duas categorias distintas, de acordo com sua temporalidade. Das 16 investigações, quatro dissertações e uma tese, cinco ao total, propuseram-se a abordar os aspectos históricos do desenvolvimento do futebol amador. Estas apresentavam em comum nos objetivos, a pretensão de investigar, compreender e analisar os processos de emergência, disseminação e popularização do futebol, em cidades como Belo Horizonte (MAYOR, 2016), São Paulo (BIAGI, 2017); Rio Grande/RS (LIMA, 2014; CORREIA, 2014) e Ponto Alegre (MARTINS, 2016), devido as relações sociais e interdependências que faziam com que o futebol amador ocupasse um lugar de destaque nas dinâmicas sociais destas cidades.

As teses e dissertações que abordaram o contexto atual do futebol amador brasileiro, de Benitez (2014), Barros (2014), Chiquetto (2014), Leão (2016), Favero (2018), Maoski (2018), Invernizzi (2018) objetivaram analisar, interpretar e compreender os sentidos e significados da prática futebolística amadora em suas localidades.

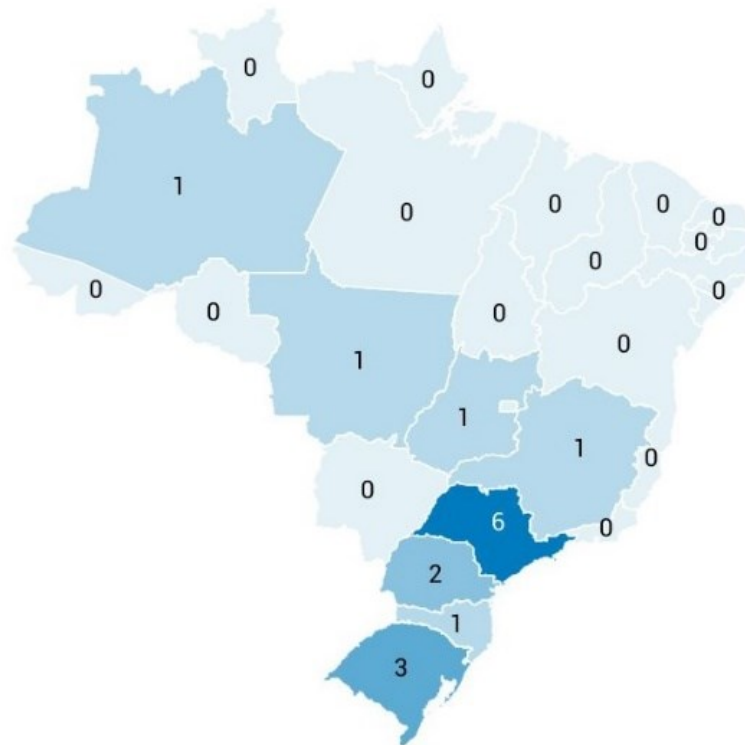
Seguindo a mesma lógica, porém devido as singularidades de seus contextos, alguns autores direcionavam seus olhares para algumas especificidades desse fenômeno sociocultural. Para Spaggiari (2014) o foco eram as dinâmicas, práticas e relações constitutivas do processo de produção de jogadores na várzea paulistana. Em Ponta Grossa/PR Oliveira (2018), investiga o processo de aprendizagem e reprodução da cultura futebolística. Em comum, as pesquisas atribuem um papel significativo da família na valorização das práticas futebolísticas.

Tamanho é o significado destas práticas, que autores como Silva (2017) buscam compreender o futebol de várzea como uma organização popular e de resistência, mas também de sociabilidade e formação de vínculos, através de uma equipe chamada Negritude Futebol Clube. No mesmo viés, Pisani (2018) busca compreender como marcadores sociais de gênero, raça, sexualidade e classe, permeiam as redes de afetividade e lutas cotidianas das mulheres que

jogam futebol em São Paulo/SP. Em ambas as investigações os campos de futebol amador foram compreendidos como espaços de conflitos, em busca do direito a igualdade.

A respeito dos locais das pesquisas, foi possível identificar uma hegemonia da região sudeste e sul, com destaque para o estado de São Paulo, conforme ilustra a figura abaixo, seguido pelo Rio Grande do Sul e Paraná.

Figura 6 - Número de teses e dissertações sobre futebol amador em uma perspectiva sociocultural defendidas por estado brasileiro entre os anos de 2014 e 2021.



Fonte: os autores.

As pesquisas nestes estados, referem-se as práticas futebolísticas com diferentes nomenclaturas, como o “Futebol de várzea” em São Paulo (FAVERO, 2018; SPAGGIARI, 2014), Mato Grosso (BENITEZ, 2014) e Rio Grande do Sul (MARTINS, 2016), Futebol Amador no Paraná (OLIVEIRA, 2018; MAOSKI, 2018), Futebol não profissional em Santa Catarina (BASSANI, 2018) e Futebol de Mulheres em São Paulo (PISANI, 2018). Dentre as nomenclaturas, a última é a única que se refere a categoria de gênero e a única a abordar o futebol em que as mulheres são protagonistas da prática.

Oliveira (2018) ao analisar o futebol amador na cidade de Ponta Grossa - PR e Barros (2014), em sua investigação nas comunidades rurais do Baixo Amazonas identificam a presença das mulheres nos espaços destinados as práticas futebolísticas, porém na posição de

coadjuvantes. Deste modo, a tese de Pisani (2018) evidencia a necessidade de mais estudos sobre o futebol de mulheres. Realizando um exercício com os dados, esta discrepância também se evidencia ao observar que dentro os 16 autores, 5 (31,25%) são mulheres e entre os 14 orientadores, 4 (28,57%) são mulheres.

Quanto aos aspectos metodológicos das investigações, os autores das teses e dissertações fizeram menção a 7 métodos ou técnicas de análise distintos. Cabe destacar que um pesquisador pode, em sua investigação, usar quantos métodos ou técnicas de coleta julgar necessário, por este motivo se justifica um número total de 23 menções, se comparado ao número de teses e dissertações, conforme ilustra o quadro abaixo.

Quadro 5 - Número e % de métodos ou técnicas utilizadas pelos pesquisadores na coleta de dados de suas teses e dissertações sobre futebol amador.

	Método ou técnica utilizados na coleta de dados	Número de menções do método ou técnica	% em relação ao número de teses e dissertações (16)
1	Etnografia	8	50 %
2	Análise Documental	5	31,25%
3	História Oral	4	25%
4	Observação	2	12,5%
5	Entrevistas	2	12,5%
6	Questionário	1	6,25%
7	Revisão de Literatura	1	6,25%
Total	7	23	143,75%

Fonte: Os autores

O trabalho etnográfico foi apontado como a principal estratégia para coleta e interpretação dos dados. Como a abordagem do problema de todas as investigações foi qualitativa, ou seja, intentando compreender detalhadamente os significados e características do fenômeno social investigado. (GIL, 2008). A investigação etnográfica, caracterizada por sua forma descritiva, permitiria que os pesquisadores pudessem submergir nas complexidades das relações estabelecidas pelos investigados.

O trabalho de Análise Documental em jornais, revistas, atas e estatutos de clube, foi um recurso fundamental para aqueles que se propuseram a desenvolver pesquisas históricas. Onde o acesso ao passado só é permitido ao autor através destes registros, como a investigação de Correia (2014), que se propõe a analisar o futebol amador riograndense entre os anos de 1900 e 1916. Outro recurso importante, foram as entrevistas de história de vida, respaldadas na História Oral, a qual segundo Alberti (1990) tem como principal alicerce a narrativa e busca apresentar versões de experiências de vida de pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, relevantes para compreensão do objeto de estudo.

Ao longo deste processo de coleta e posteriormente análise dados, a escolha da lente que se fará a leitura da realidade investigada é crucial, ou seja, qual referencial teórico e metodológico se adotará. Deste nodo, buscamos através do quadro 6, analisar quais foram os autores mais utilizados na construção das teses e dissertações.

Quadro 6 - Número e % de autores que foram as referências teóricas e metodológicas dos pesquisadores em suas teses e dissertações sobre futebol amador.

	Referências teóricas e metodológicas	Número de pesquisas em que o autor aparece	% em relação ao número de teses e dissertações (16)
1	BOURDIEU, Pierre	10	62,5%
2	ELIAS, Norbert	7	43,75%
3	GEERTZ, Clifford	4	25 %
4	MAGNANI, Jose Guilherme Cantor	4	25 %
5	FOUCAULT, Michel	3	18,75%
6	HUIZINGA, Johan	3	18,75%
7	DE CERTEAU, Michel	3	18,75%
8	WACQUANT, Loic	3	18,75%
9	AUGÉ, Marc	2	12,5%
10	SIMMEL, Georg	2	12,5%
11	MEIHY, José Carlos Sebe Bom	2	12,5%
12	MARX, Karl	1	6,25%
13	ALBERTI, Verena	1	6,25%
14	BURKE, Edmund	1	6,25%
15	HOBSBAWM, Eric	1	6,25%
16	GIDENS, Anthony	1	6,25%
17	BUTLER, Judith	1	6,25%
18	GOLDMAN, Marcio	1	6,25%

Fonte: Os autores

Dentre as referências, os autores mais citados foram os sociólogos Norbert Elias (43,75%) e Pierre Bourdieu (62,5%), presente em 10 das 16 teses e dissertações. A significância destes autores, para a temática de estudo, pode ser compreendida através de suas teorias. Tanto Elias com as configurações sociais, quando Bourdieu com o campo, legitimaram através de suas leituras sociais, a importância do fenômeno esportivo para compreensão da sociedade moderna.

Quadro 7 - Número e % de autores que foram as referências bibliográficas sobre futebol dos pesquisadores em suas teses e dissertações sobre futebol amador.

(continua)

	Referências bibliográficas sobre futebol	Número de pesquisas em que o autor aparece	% em relação ao número de teses e dissertações (16)
1	DAMO, Arlei Sander	12	75%
2	DAMATTA, Roberto	9	56,25%
3	RIGO, Luiz Carlos	7	43,75%
4	GASTALDO, Édison	5	31,25%
5	MYSKIW, Mauro	5	31,25%
6	DAÓLIO, Jocimar	3	18,75%
7	TOLEDO, Luiz Henrique de	3	18,75%

Quadro 7 - Número e % de autores que foram as referências bibliográficas sobre futebol dos pesquisadores em suas teses e dissertações sobre futebol amador.

(conclusão)

8	CALDAS, Waldenyr	3	18,75%
9	GOELLNER, Silvana Vilodre	2	12,5%
10	GUEDES, Simoni Lahud	2	12,5%
11	STIGGER, Marco Paulo	2	12,5%
12	PIMENTA, Rosângela Duarte	2	12,5%
13	VELHO, Gilberto	2	12,5%
14	ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira	2	12,5%

Fonte: Os autores

Luiz Carlos Rigo, outro orientador de duas pesquisas sobre a temática neste recorte temporal, foi referência em 43,75% das investigações. Grande parte destas referências decorrem de sua tese de doutorado intitulada “Memórias de Um Futebol de Fronteiras”, a qual abriu caminho para reflexões sobre os sentidos e significados da prática futebolística amadora fora do eixo Rio-São Paulo. Não obstante, os dois autores mais citados entre as teses e dissertações foram DaMatta (56,25%), visto como um pioneiro nos estudos sobre futebol e sociedade, em grande parte, devido a obra “Universo do Futebol”, de 1982. O livro é um compilado de textos, escritos por diferentes autores, mas que se imbricou-se a imagem do antropólogo Roberto DaMatta.

Por fim, presente em 75% das teses e dissertações, estão as obras do também antropólogo Arlei Sander Damo. Todas as referências ao autor giram em torno da noção de “futebóis”, proposta pelo autor em 2003, no artigo “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”, publicado na revista Movimento e dois anos mais tarde, presente em sua tese de doutorado “Do dom à profissão - Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”.

Com base nas teorias de Elias (configuração) e Bourdieu (Campo), a noção de Brasil como país dos futebóis, propunha a necessidade de se olhar o futebol brasileiro para além da configuração profissional. Assim o autor propõe uma classificação do futebol como: profissional, de bricolagem, comunitário e escolar.

Tomando como referência as ações dos autores supracitados, que em maior ou menor grau contribuíram significativamente para a leitura e interpretação do fenômeno futebol. Buscaremos nas páginas seguintes, juntamente com a apresentação dos achados das teses e dissertações selecionadas, refletir sobre como o futebol amador articula estas realidades distintas.

4.3.1 Capital Futebolístico: Uma Análise da Conversão das Práticas Futebolísticas Amadoras em Poder Simbólico

O poder simbólico é um poder invisível, presente nas relações cotidianas entre agentes sociais e entre agentes e estruturas sociais, capaz de estabelecer a ordem de uma determinada realidade, atribuindo sentido ao mundo social. (BOURDIEU, 1998). Embora em uma sociedade capitalista, sejamos tentados a ancorar a palavra poder a uma leitura econômica do mundo, Bourdieu (2008b) alerta-nos para a necessidade de fugir deste reducionismo economicista.

Segundo o autor, em oposição a lógica do mercado, há no cotidiano aquelas que por definição negam e desafiam o cálculo, como na unidade doméstica, em que a lógica do amor perpetua em seu interior uma lógica econômica muito específica. (BOURDIEU, 1998). Esta união por intensos laços afetivos, fruto de um trabalho simbólico e prático “tende a transformar a obrigação de amar em disposição amorosa e a dotar cada um dos membros da família de um ‘espírito de família’”, o qual não se baseia na capacidade de contribuição de cada um dos membros para com o grupo, mas sim na dimensão simbólica dos laços consanguíneos.

Entretanto, não é apenas nas unidades domésticas que esta lógica do amor é produzida e reproduzida. O gosto pela prática futebolística, também é explicado pela lógica do amor, como identificou Oliveira (2018) em seu estudo sobre os futebolistas amadores de Ponta Grossa, eles justificavam os motivos pelos quais não perdiam um jogo do clube, ao amor ao futebol e ao clube, não só como um time, mas como uma família.

Entretanto, por mais desinteressado que o amor ao futebol pareça ser, e é difícil pensar onde está o interesse de alguém que quer apenas jogar uma partida de futebol, ele não o é. Pois como observou-se na análise das teses e dissertações acima, as práticas que envolvem o futebol amador, como o torcer, o gerenciar uma equipe ou o praticá-lo são constituídas socialmente através de relações de afetividades, mas também tensões e lutas.

Nas investigações de Mayor (2016), Lima (2014), Correia (2014) e Martins (2016), a historicização do futebol amador em suas localidades significa registrar a dimensão do futebol para além do eixo Rio-São Paulo. Em sua dissertação Martins (2016) aborda a as relações de poder no futebol de Porto Alegre, na década de 90, entre aqueles que defendem um futebol de amador mais flexível quanto as regras e os que buscam aproximá-lo a dimensão profissional, com mais credibilidade.

Já as demais investigações, possuem em comum, a discussão sobre o início da prática futebolística pela elite e sua popularização nas décadas de 1910, 20 e 30. Neste contexto, Mayor

(2017) e Biagi (2017) destacam as tensões ao longo do processo de apropriação da prática futebolística pelos trabalhadores. Lima (2014) e Correia (2014), enfatizam em suas investigações a importância das equipes fabris, as quais passaram a ganhar cada vez mais significado, com a realização de competições locais e regionais. As brigas, as excursões, as torcidas e as mudanças estruturais como a criação de estádios de futebol, passaram a modificar e dar movimento as paisagens urbanas.

Na década de 30, como marca da popularização do futebol, empresas já contratavam seus empregados com o único objetivo de incorporá-los ao time de futebol que a representava. Neste contexto, os pagamentos velados, eram uma estratégia adotada por equipes, para ludibriar as regras das ligas, comandadas por membros da elite, que eram contrários a remuneração financeira para jogadores de futebol. Assim, compreender esse momento histórico permite entender como o futebol imbricou-se a lutas sociais, por direito ao lazer, melhores condições de trabalho e as identidades dos jogadores com o time, com a empresa ou com a região geográfica, que dava nome a equipe.

Segundo Benitez (2014), o futebol amador age como um mediador cultural silencioso, alinhando conflitos decorrentes das inúmeras possibilidades de ser, estar e viver na comunidade São Gonçalo Beira Rio - MT. Neste viés, pode-se afirmar que o mesmo ocorre no Baixo Amazonas. Para Barros (2014) a importância do futebol amador como fenômeno de lazer na região, pode ser visualizada através dos jogos entre casados e solteiros; da presença das mulheres, que embora não o pratiquem, encontram dele um dos poucos espaços de lazer; e da união entre católicos e evangélicos. Deste modo, o futebol amador apresenta-se como um meio complexo de expressão da vida cotidiana e suas relações socioculturais.

De acordo com Leão (2016), em Goiânia - GO, tal como as redes sociais ligam as pessoas umas às outras, o futebol amador por muito tempo desempenhou esta função, através das “resenhas” ou conversas descontraídas sobre vivências futebolísticas, os churrascos, a bebida e as famílias. Destacando assim, a função aglutinadora do esporte.

Ao referir-se aos sentidos e significados da prática futebolística não profissional em Florianópolis-SC, Invernizzi (2018) destaca elementos semelhantes, as sociabilidades, o pertencimento comunitário e a performance, são os elementos basilares das relações de poder entremeadas em uma teia de significações que o futebol, assim como em Goiânia - GO, age como aglutinador.

Na mesma direção, Chiquetto (2014) destaca o significado dos encontros para jogar, tomar uma “gelada” e “resenhar”. Para estes jogadores de Manaus, a importância do futebol era tamanha que se encontravam entre duas famílias, uma composta pelos jogadores da equipe e

outra pela esposa e filhos. Escolher a segunda, significaria ficar longe do futebol, já optar pela equipe, significava (no contexto das jocosidades futebolísticas) assumir o *status* de corno, pois aos dar prioridade as práticas futebolísticas, seu posto no lar ficaria vago.

Favero (2019) por sua vez, aborda as lutas travadas em São Paulo, para manter o futebol de várzea vivo. Devido aos processos de especulação imobiliária e exclusão, são cada vez menores as quantidades de locais para a prática do futebol. Aqueles extintos, levam consigo as memórias e identidades dos clubes. Deste modo, o futebol, uma das principais bandeiras do movimento operário, oriundo da várzea, se mantém vivo devido aos sacrifícios de alguns membros. Os seus significados são tão profundos, segundo o autor, que mesmo mudando as pessoas e as características, a várzea é imortal. (FAVERO, 2019).

Sobre o ofício de treinador de futebol amador, através da suburbana de Curitiba, estado do Paraná, Maoski (2018) aponta como sentidos atribuídos a atividade, um lazer com responsabilidade, a manutenção de vínculos afetivos, uma identificação com o “ser” treinador, o reconhecimento social; a oportunidade de colocar em prática ideia, o devir de um sonho, um espaço de capacitação e desenvolvimento profissionais e o amor ao futebol.

Os conflitos e lutas sociais, decorrentes do racismo e do machismo, são os objetos de análise de Silva (2017) e Pisani (2018). Através do Negritude Futebol Clube, time de futebol de várzea da cidade de São Paulo, Silva (2017) discutiu como o racismo incidia e se refletia nos diversos campos da vida destes jogadores. “Não é à toa”, segundo o autor a maioria dos pertencentes ao Negritude F.C. eram negros e negras. Ou seja, a identidade étnico-racial fazia-se presente na constituição e manutenção deste time.

Neste sentido, Silva (2017) destaca que entre os jogos, as vivências marcadas pelo racismo e a resistência das mulheres, o futebol de várzea apresentava-se como um espaço de sociabilidade, formação de vínculos e resistência. Sua importância era tamanha, que mesmo em meio as adversidades, crianças e adolescentes permitiam-se sonhar uma realidade melhor.

Na etnografia de Pisani (2018), o futebol amador foi identificado como um suporte para o enfrentamento de violências sofridas pelas mulheres dentro e fora de campo. Tal como a chuva, o sol ou o barro eram as dificuldades a serem superadas nos dias de jogos, antes ou após eles, a misoginia, o racismo, o sexismo, a lesbofobia e a transfobia fizeram-se presentes nos relatos destas jogadoras. Não obstante “foi a partir da prática do futebol e da pertença ao grupo composto por mulheres que dividem um background em comum que muitos desses episódios de violência puderam ser manejados e contornados” (PISANI, 2018, p. 231).

Deste modo, pode-se inferir que a prática futebolística amadora é socialmente estratégica para os agentes. Ou seja, nestes espaços de disputas espalhados pelo Brasil, em que

estes agentes se encontram inseridos, a prática de futebol amador compões o grupo de práticas sociais responsáveis pela estruturação da lógica de hierarquização do poder simbólico perante os pares. Embora não resulte de um interesse consciente, as práticas futebolísticas são estratégicas, uma vez que orientam as ações dos agentes sociais, de modo a ajustá-las as situações vivenciadas. (BOURDIEU, 2004).

Não obstante, para compreender como as práticas futebolísticas adentram ao quadro das práticas legitimadoras e são convertidas em poder simbólico, é preciso recuar teoricamente e entender como o poder simbólico é constituído no interior de um grupo social. De acordo com Bourdieu (2001, 2008a) o espaço social é constituído de tal modo que os agentes e grupos se dispõem neste campo em função de suas posições sociais.

Esta posição decorre de um processo de socialização e acúmulo de poder simbólico, que precede o próprio nascimento do agente social, através das heranças sociais e culturais ou das estratégias adotadas por este agente. (BOURDIEU, 2001). Assim, a ocupação das posições de destaque no campo, está diretamente ligada ao volume de capital global, acumulado pelo agente social ao longo de sua trajetória ou herdado de seus pares.

Podemos compreender o capital global, como resultado da dinâmica relacional entre os capitais econômico, cultural, social e simbólico. (BOURDIEU, 2008b). Para o autor, o capital econômico, é constituído pelo conjunto dos bens econômicos como renda e patrimônio. Já o capital cultural, conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo sistema educacional e transmitidas pela família, pode ser encontrado em três estados distintos. O estado objetivo, parte do capital econômico e consiste na posse de bem culturais (quadros, esculturas, livros etc.), o estado institucionalizado do capital cultural compreende os títulos instituídos pelo sistema educacional (graduado, mestre, doutor etc.) e o estado incorporado, são as práticas e disposições de agir incorporadas pelo agente ao longo de seu processo de socialização. O capital social, corresponde ao conjunto das relações sociais que o agente dispõe, seu trabalho de instauração e manutenção destas relações, através das sociabilidades. E o capital simbólico, caracterizado pelos ritos instituintes, que atribuem reconhecimento aos agentes ou grupos sociais. (BOURDIEU, 2001, 2002, 2008a, 2008b).

Neste contexto, autores como Spaggiari (2015) e Oliveira (2018), apropriaram-se da noção de capital simbólico, para referir-se ao valor das práticas futebolísticas, nas economias simbólicas dos grupos investigados. Entretanto, esta classificação é bastante genérica e coloca o futebol ao lado de muitas outras práticas, que não possuem um sistema cultural estruturado, como é seu caso.

Por outro viés, Favero (2019) busca denominar os rendimentos futebolístico como capital corporal, partindo desta perspectiva, as habilidades futebolísticas de um agente, o colocam em situações de vantagem, frente a disputa dos tropéis sociais. Tal noção avança, ao propor um capital específico para o futebol. No entanto, a palavra corporal, reduz o significado das práticas futebolísticas, que são corporais, mas também linguísticas.

Já Invernizzi (2018), em sua tese, refere-se as práticas que permeiam o jogo, convertidas em capital nos campos de futebol amador como “capital futebolístico”. A autora embasa a utilização deste conceito na pesquisa de Carmen Rial (2008), que define o capital futebolístico como:

a soma de conhecimentos particulares ao campo futebolístico, sejam eles conhecimentos corporais (saber como empregar o corpo nas performances futebolísticas), sociais (conhecer pessoas importantes para a ascensão no campo) ou econômicos (saber administrar contratos e inversões monetárias). (RIAL, 2008, p. 24).

Tal definição é realizada por Rial (2008) em nota de rodapé, não existindo ao longo do tempo a pretensão de justificar ou refletir de forma mais densa sobre este capital específico. Diante deste cenário, buscaremos nas páginas seguintes, avançar na estruturação deste conceito e justificar, através das 16 teses e dissertações, a relevância do capital futebolístico para compreender a hierarquização social, em diferentes contextos brasileiros.

Cabe salientar que, não estamos reduzindo a dimensão dos capitais econômico e cultural, minuciosamente cunhados por Pierre Bourdieu e consagrados academicamente. Mas sim reconhecendo a dimensão simbólica que as práticas futebolísticas amadoras, adquiriram ao longo do tempo em diferentes localidades do Brasil.

Neste sentido o capital futebolístico emerge de um conjunto de práticas herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, corporais e linguísticas, capazes de legitimar um agente em uma posição sociais de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido, mas também pela capacidade de conversão destas práticas ou deste capital, em outros capitais (econômico, culturais, social e simbólico). Em virtude disso, pode-se enxergar a dimensão relacional deste capital, entre o campo futebolístico amador e a sociedade.

Com base nas teses e dissertações investigadas, é possível inferir que o futebol amador foi no passado e ainda é um recurso estratégico de locomoção no espaço social, em direção a posições melhores. (CORREIA, 2014; LIMA, 2012; MARTINEZ, 2016; LEÃO, 2016). O domínio sobre as práticas futebolísticas se convertia em um capital muito específico. Deste modo, dentro do contexto destes grupos sociais, vir de uma família de jogadores de futebol,

jogar bem, conversar sobre o jogo, torcer e se envolver na gestão dos clubes, eram práticas possíveis de serem convertidas em poder, capaz de atribuir legitimidade aos discursos e práticas de negro, da mulher, do idoso, do pobre. (SILVA, 2017; PISANI, 2018; OLIVEIRA, 2018).

Deste modo, para compreender como é possível que uma prática esportiva seja capaz de fomentar uma estrutura de trocas simbólicas, convertidas em poder, em diferentes espaços sociais, deve-se analisar como as ações do cotidiano são codificadas, bem como indícios de como dotar-se dos códigos de leitura. Assim como o capital cultural descrito por Bourdieu (2001, 2002, 2008), o capital futebolístico pode existir sob diferentes formas: Em estado incorporado, em estado objetivado e em estado institucionalizado.

O capital futebolístico incorporado, é fruto de práticas e disposições de agir produzidas e reproduzidas por um sistema simbólico do futebol e da família. Como aponta Daolio (2006) ao referir-se sobre as dimensões simbólicas do futebol brasileiro, ao nascermos já recebemos juntamente com o nome, um time do coração, como se estivesse "na ordem das coisas" (BOURDIEU, 1999), a necessidade de se torcer para alguém. Neste sentido, identificamos um ponto em comum com os capitais descritos por Bourdieu (2001, 2002, 2008), que é a capacidade deste capital ser herdado.

Para entender a herança futebolística, precisamos assumir que o futebol é um sistema simbólico estruturado na sociedade brasileira, o qual interage constantemente com outros campos, tais como o econômico, político, religioso, educacional, midiático etc., mas que encontra no seio familiar um dos pilares da produção e reprodução de seus valores e lógicas de funcionamento. Para Bourdieu (2008a) assim como a escola, a família estrategicamente define quais competências culturais devem ser priorizadas, tendo como critério de decisão, a capacidade de rentabilizar o investimento, nos diferentes mercados que constituem o universo social.

Deste modo, muito além do time de coração recebido, primeira lição sobre o torcer (DAOLIO, 2006), o herdeiro adquire ao nascer a responsabilidade de seguir os passos do pai, avô, irmão, tio ou outro familiar, no campo futebolístico amador. Desde muito cedo este agente transitará em espaços de socialização tomados pelas práticas futebolísticas, sendo obrigado e ao mesmo tempo em que passará a gostar de saber mais sobre seu time, sobre o time dos adversários, sobre o time que seu antecessor representa no campo futebolístico amador, aprenderá os ritos do vestiário (o qual ele só é autorizado a entrar devido a posição ocupada pelo antecedente), a beira do campo, participará das rodas de sociabilidade pré e pós partidas.

Nestes locais será motivado/cobrado a assumir a posição ocupada pelo seu pai futuramente, questionado se jogará com a camisa do pai (número/posição), se jogará em outra

posição de maior destaque, se participará da gestão do clube. Será apresentado aos agentes do campo, e gozará da posição ocupada pelos predecessores. O peso da responsabilidade de preservar o capital herdado é também uma vantagem frente a outros agentes que pretendem adentrar no campo futebolístico amador, pertencer a uma equipe, mas que não teve as mesmas oportunidades de acesso.

Herdado ou não, este capital futebolístico é incorporado de duas maneiras: fisicamente, através das habilidades futebolísticas, isto é, do desenvolvimento das capacidades físicas, técnicas e táticas necessárias para um bom desempenho em campo, expresso através da posição em que atua, dos dribles, da capacidade de decisão dos jogos etc. Habilidades adquiridas ao longo de anos de vivência prática.

Ou através de qualificações intelectuais sobre o jogo, disposições duradouras expressas em circuitos linguísticos onde são externalizadas as leituras de jogo, os conhecimentos táticos da modalidade e gerais sobre o universo do futebol, tais como: escalações, transações, estratégias e história, dos clubes locais e dos grandes clubes nacionais e internacionais.

Além das práticas incorporadas, outra forma de se enxergar o capital futebolístico é em seu estado objetivado, expresso dentro do campo futebolístico amador através de bens materiais, tais como bolas, chuteiras e camisetas/agasalhos de clubes, no início da infância, até chegar aos patrocínios ou investimentos nas equipes e campeonatos amadores, como bancar os churrascos e cervejas nos momentos de sociabilidade, compra de uniformes para a equipe, pagamentos de arbitragem ou atletas e demais investimentos nas sedes dos clubes.

Por fim, também podemos ver o capital futebolístico sob a forma institucionalizada, que consistem na valorização dos agentes em decorrências de suas conquistas oficiais, por exemplo, no campo futebolístico amador, ser uma atleta com passagem em uma equipe profissional, significa ter um lugar entre os amadores, pois a profissionalização certifica sua competência. Para além do profissional, os troféus de melhor jogador, de melhores goleiros, de artilharias e principalmente os títulos conquistados como amador (independentemente de ter sido titular ou reserva), serão convertidos em posições e legitimidade de fala nos espaços sociais.

Enquanto um corpo biológico, estes agentes estão situados em um lugar e ocupando uma posição no espaço físico, mas acima de tudo no espaço social. (Bourdieu, 1998). Os conflitos para manutenção desta posição, a busca por um posto ou por um lugar privilegiado no campo, perpassam pelo acúmulo de capital futebolístico, que ocorre de forma estratégica,

partido da lógica bourdieusiana, desde as primeiras socializações dos agentes sociais no campo futebolístico.

Assim, para os agentes investigados nas 16 teses e dissertações, o futebol amador foi fundamental em seus trajetos sociais. As relações dentro destes espaços, se estabeleciam conforme as posições a distribuição de capitais econômico, culturais, sociais e simbólicos destes agentes na sociedade. No entanto, no interior destes espaços sociais, destinados as práticas futebolísticas, passaram a emergir distorções cada vez maiores destes capitais, devido a uma lógica muito específica, em que gostar e viver o futebol era a *nemos*, isto é, uma lei fundamental do sistema cultural. (BOURDIEU, 2001).

A dimensão destas práticas, pode ser observada, na medida em que o que se fazia em campo, também se tornava prática distintiva fora dele. Isto é, as práticas futebolísticas amadoras são rentáveis, estratégicas e distintivas. Um exemplo ilustrativo desta argumentação são os autores das teses e dissertações analisadas, oito deles ou 50%, fizeram questão de enfatizar ao longo da problematização da pesquisa, o seu envolvimento pessoal com a prática futebolística. Atribuindo ao futebol, aos sentimentos despertados por ele ou as memórias, os motivos para buscarem suas titulações acadêmicas. De forma mais ou menos destorcida, em maior ou menor grau, o capital futebolístico (incorporado, objetivado ou institucionalizado) dos pesquisadores, foi importante para o desenvolvimento das teses e dissertações, ou seja, convertido em capital cultural institucionalizado.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estabelecer um olhar mais técnico sobre as dissertações e teses, encontrou-se predominância dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e de Educação Física/Ciência do Movimento. Por um lado, as investigações objetivavam abordar os aspectos históricos da gênese, desenvolvimento e popularização do futebol amador em diferentes cidades do país. Por outro, os autores abordaram o contexto atual do futebol amador brasileiro, tentando interpretar dimensão simbólica da prática futebolística amadora em grandes centros urbanos ou no interior dos estados. Para atingir os objetivos, a etnografia (nas investigações atuais), a análise documentos e história oral (investigações históricas), foram as metodologias mais utilizadas nas teses e dissertações.

Dentre as referências bibliográficas sobre futebol mais citadas nas dissertações e teses, destacam-se os antropólogos Damo (2003) e DaMatta et. al. (1982) e o profissional de educação física Rigo (2001), além das áreas destes autores relacionarem-se as áreas dos programas de

pós-graduação com mais investigações sobre o futebol, estes autores também utilizaram em suas investigações os mesmos procedimentos metodológicos, com destaque para a etnografia. Neste contexto, pode-se identificar um alinhamento dos novos pesquisadores com os objetos, objetivos e procedimentos teórico-metodológicos de autores consagrados no campo. Essa convergência pode ser interpretada como um ponto positivo, se o objetivo dos aspirantes for avançar nas lacunas deixadas, e por vezes apontadas, por aqueles que antecederam.

Quanto as referências teóricas, Pierre Bourdieu (62,5%) foi o autor mais utilizado na interpretação dos dados coletados. O que nos levou a construção do segundo tópico do artigo, ancorando nos achados das dissertações e teses, onde buscou-se analisar a conversão das práticas futebolísticas amadoras em poder simbólico.

Nas investigações que historicizaram o futebol amador, os autores abordaram as tensões ao longo do processo de apropriação da prática futebolística. O qual inicialmente atribuíam movimento as paisagens urbanas, através das rixas, as excursões, as torcidas e as mudanças estruturais como a criação de estádios de futebol. Mas que passou a ganhar cada vez mais significado, passando a agir com um mediador cultural, capaz de mediar conflitos decorrentes das inúmeras possibilidades de ser, estar e viver em sociedade.

Atualmente, esta função continua presente, seja pelo direito ao lazer, através da prática de do esporte ou como um ponto de identificação, capaz de unir agentes de uma mesma etnia, sexo, gênero, religião ou realidade socioeconômica, fazendo a equipe um suporte para o enfrentamento dos preconceitos e violências sofridas cotidianamente. Em outras palavras, para além da carga afetiva conferida as práticas futebolísticas, o gosto ou amor pelo futebol, jogar futebol era socialmente estratégico para os agentes. Não só estratégico, mas visto também como fundamental em seus trajetos sociais.

Isso só era possível, porque através destas práticas futebolísticas herdadas, adquiridas e incorporadas, além dos circuitos de consagração fomentados por elas, os agentes que aceitavam as regras deste “jogo social”, com singularidades em cada região do país, poderiam legitimar-se em posições sociais de destaque no campo futebolístico em que se encontrava inserido. Não obstante, desde a gênese fabril da prática futebolística, este reconhecimento possuía e possui a capacidade de ser convertido em capital econômico, cultural, social ou simbólico, aplicável para além das linhas geográficas dos campos. Permitindo que constatem através destas dissertações e teses, a existência de um capital futebolístico.

5 ETNOGRAFIA, PESQUISA DE CAMPO E MÍDIAS SOCIAIS: O LUGAR DO ETNÓGRAFO NO SÉCULO XXI

Resumo: As mudanças mais significativas no modo de fazer etnografia, que consolidaram o método, sucederam debates sobre o lugar do etnográfico na construção de seus diários de campo, em diferentes momentos históricos e contextos socioculturais. Diante disso, o objetivo do presente artigo é refletir sobre os desafios na delimitação do campo de pesquisa etnográfica, cada vez mais permeado por relações sociais multiespaciais fomentadas pelo imbricamento entre mundo geográfico e o virtual. Para tanto, realizou-se uma análise bibliográfica em autores clássicos da literatura antropológica, como Malinowski (1978), Geertz (2003; 2008; 2010), Augé (2005) e Hine (2015), a última, principal referência sobre a utilização da internet para a etnografia, e sociológica como Bourdieu (2001, 2002, 2008, 2011); Bourdieu e Wacquant (2005), Wacquant (2002). O que propomos, ao discutir as características que atribuem a certos espaços físicos e virtuais, a legitimidade como lugares e lugares etnográficos, é a necessidade de se olhar para o “campo etnográfico” atualmente, sem esta subdivisão físico ou virtual. Trata-se de um espaço abstrato, mas acima de tudo, real e constitutivo da visão sobre o mundo dos membros do grupo.

Palavras-chave: Etnografia, campo de pesquisa, internet, mídias sociais, netnografia.

5.1 INTRODUÇÃO

Geertz (2008) define a Etnografia como a prática de uma descrição densa, ancorada em uma teoria interpretativa da cultura, a qual deve ser sempre semiótica. O objetivo desta prática é segundo o autor, apreender os significados e as estruturas significantes que orientam e embasam os atos dos sujeitos. Neste processo, a Etnografia não seria propriamente um método e sim um esforço intelectual entrelaçado no exercício etnográfico, que se caracteriza pelo estabelecimento de relações com informantes, mapeamento do campo, manutenção do diário de campo, transcrição de textos etc. (GEERTZ, 2008).

Em um destes esforços, mais precisamente no dia 17 de março de 2019, pela primeira vez em seis⁸ anos, escrevi meu diário sem ir a campo. O descrito foi sobre uma experiência que eu “não vivi”, ou seja, os motivos pelos quais eu não havia ido ao estádio de futebol acompanhar o jogo do Mirante⁹ Esporte Clube, válido pela 5ª rodada do Campeonato Amador de Futebol de

⁸ Nossas pesquisas sobre as dimensões históricas, sociais e culturais do futebol amador de Ponta Grossa, iniciaram na graduação (2012-2015) com meu ingresso no Programa de Voluntário à Iniciação Científica (PROVIC) – UEPG, em 2013. Tiveram sequência no mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da instituição (2016-2018) e atualmente continuam sendo desenvolvidas durante a realização do doutorado no mesmo programa de pós-graduação. Neste contexto, cabe destacar que embora sejam utilizadas algumas experiências empíricas registradas no diário de campo para construção da problematização do presente artigo, o objetivo do estudo não é analisar estes dados, mas sim as questões epistemológicas e metodológicas decorrentes destas experiências.

⁹ Mesmo utilizando elementos empíricos, apenas para auxiliar a construção do problema de pesquisa, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, tanto para os agentes quanto para o clube de futebol no qual realizou-se as observações *in loco*, na construção da tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas. Este foi denominado Mirante Esporte Clube, uma vez que o significado desta palavra faz alusão ao clube que foi o ponto de partida da investigação etnográfica.

Ponta Grossa, Paraná - Brasil. Acordar pela manhã e ir à beira do alambrado, para não ver as pessoas que eu habitualmente encontrava, durante a realização da iniciação científica e mestrado, como já havia ocorrido nas quatro rodadas anteriores da competição, em que apenas encostei-me no alambrado e assistir ao jogo, sem dividir uma “cerveja”, participar das rodas de conversa, adentrar no vestiário ou participar das confraternizações pós jogo (práticas comuns em anos anteriores), me parecia angustiante e pouco atrativo.

Aquele sentimento intrigou-me e motivou a construção do diário fora do campo, se é que realmente estava fora dele, pois revelava dois desafios a serem compreendidos e superados, se o objetivo fosse continuar o trabalho de campo. O primeiro, mais duro para o pesquisador, referia-se ao desconforto em ir a campo, pois ele expressava claramente o rompimento do distanciamento entre pesquisador e grupo social investigado, uma preocupação primordial para realização de uma etnografia. Deste modo, questionava-me em que momento falhei na vigilância reflexiva¹⁰? Porém esta questão incomodava-me menos, pois poderia contar com a figura do orientador¹¹, para puxarem-me de volta a um ponto seguro ou para fora da zona de risco. (BOURDIEU; WACQUANT, 2005). Também, porque ao mesmo tempo em que este envolvimento se aparentava problemático, este permitiu-me não apenas ver, mas sentir na pele, o processo de transição do poder no clube, a base deste segundo desafio.

Na passagem de 2018 para 2019, o clube teve sua gestão modificada, eu que possuía uma relação muito próxima da gestão anterior, convidado para tornar-me um dos membros da diretoria do clube no ano de 2017, não consegui compreender todos os motivos e tensões desta transição de diretoria e os conflitos gerados com ela, mesmo acompanhando todos os encontros presenciais do clube¹². Tal situação possibilitou ver com clareza o quanto o campo de investigação etnográfica é um espaço em constante transformação (SAHLINS, 1993) e embora o envolvimento com camadas mais internas do clube me permitisse um acesso a comunicações

¹⁰ Esta necessidade de uma vigilância do pesquisador, quanto as suas ações e modo de ver e descrever o campo de pesquisa, emerge quando os etnógrafos passam a realizar suas descrições sobre objetos familiares. Nestes casos Bourdieu e Wacquant (2005) alertam para a necessidade de o pesquisador não se deixar absorver pelos sentimentos e representações do objeto. Destarte, a vigilância reflexiva pode ser compreendida como uma busca por uma neutralidade científica ou como propunha Malinowski (1978) um relato honesto dos dados.

¹¹ Em uma de nossas orientações cogitei a possibilidade de acompanhar os jogadores que haviam migrado para outros clubes, embasado em justificativas teóricas que tinham como pano de fundo, apenas o interesse pessoal. Porém podadas de imediato pelo orientador, que me fazia olhar para o clube, como o objeto central de análise.

¹² Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos-treino, nas peladas realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do amador. Foram acompanhadas, também, as festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos (torneios, festas juninas), em mutirões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante E. C. (no ano de 2017). (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020, p. 42-43).

mais restritas, as posições no jogo social podem sempre ser modificadas, principalmente em um campo não estruturado. (BOURDIEU, 2005, 2008a, 2008b).

Ao refletir sobre a ordem dos acontecimentos, até chegar na transição do poder, identificou-se outro elemento produtor de sentidos e significados, para além das relações sociais presenciais, qual seja, as mídias digitais. Embora já tivéssemos utilizado dados obtidos através de aplicativos de comunicação e redes sociais na construção de investigações anteriores (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020), a transição de diretoria, evidenciou ainda mais a importância do virtual na formação do grupo, construção das relações de pertencimento e articulações políticas restritas.

Com a transição do poder, primeiro, as mensagens diárias no WhatsApp silenciaram-se, até mesmo as mais inconvenientes, como os repetitivos “Bom dia!”, “Hoje é sexta-feira!” ou então, as jocosidades futebolísticas (GASTALDO, 2010) após cada rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol, revelando que os grupos em que eu estava inserido não estavam mais ativos. Depois não avistei mais fotos dos jogadores que faziam parte do elenco, com os uniformes do Mirante E. C., postadas orgulhosamente nas redes sociais.

Em seguida, passei a identificar através das redes a ida de vários destes jogadores para outras equipes do amador e a existência de grupos paralelos, nos quais eu não fui adicionado. Então, ir ao estádio onde ocorreria a primeira partida do Mirante E. C. no Campeonato Amador de Futebol, dia 17 de janeiro de 2019, para o sétimo ano consecutivo, percebi que era um completo estranho para os novos jogadores do time e novo presidente do clube, sem lugar e sem voz.

Ao referir-se a internet, Hine (2015) enfatiza que vem se tornando cada vez mais difícil justificar uma separação, a priori, da internet com um espaço independente do campo de pesquisa. Isso é, estudar um campo social sem levar em conta as interações do virtual, pode ser assumir o risco de perder elos importantes na produção de sentidos e significados, pois cada vez mais, as questões de pesquisa que queremos indagar implicam em explorar dinâmicas culturais para além de um único espaço geográfico.

Hine (2015) entende que a incorporação das relações proporcionadas pela internet, nas descrições do etnógrafo, seria uma forma de adaptação as condições da sociedade contemporânea, que possui suas comunicações mediadas por computadores e smartphones. Segundo a autora, é problemático confiar apenas em um meio (tradicional), quando há várias formas de comunicação. Destarte, o etnógrafo deve participar das comunicações em primeira pessoa, ao mesmo tempo em que toma nota de quaisquer outras formas de documentos e registros que circulem entre o grupo social investigado.

Partindo do proposto por Hine (2015), percebeu-se que para entender as mudanças ocorridas no Mirante E. C., seria necessário recuar na análise empírica e refletir sobre o que podemos compreender como campo de pesquisa etnográfico atualmente. Quais os cuidados teóricos e metodológicos o pesquisador que pretende trabalhar com etnografia deve ter e os desafios a serem enfrentados frente as tecnologias digitais de informação e comunicação.

Neste contexto, alguns estudos na internet têm se nomeado como etnografias dos ciberespaços, netnografias ou estudos netnográficos. De acordo com Zanini (2016), a netnografia pode ser compreendida como o estudo das relações e formações de grupo em redes sociais e aplicativos de comunicação. Não obstante, assim como o espaço geográfico parece não dar mais conta da delimitação do campo de pesquisa, falar de uma etnografia na internet, mesmo que seja em uma única rede social ou aplicativo de comunicação, como se eles delimitassem teoricamente e metodologicamente o *locus*, pode significar cair no mesmo equívoco.

Frente ao avanço tecnológico e internet, que deram origem a novas formas e espaços de comunicação e os limites geográficos, levanta-se o seguinte questionamento: Qual o lugar do etnógrafo no século XXI? Partindo da noção de lugar antropológico de Augé (2005), como um lugar capaz de compreender as alternâncias constantes da vida social, o objetivo do presente artigo foi refletir sobre os desafios na delimitação do campo de pesquisa etnográfica, cada vez mais permeado por relações sociais multiespaciais fomentadas pelo imbricamento entre mundo geográfico e o virtual.

Assim como a realização de uma etnografia “ao vivo”, foi um marco de passagem do século XIX para XX. Entende-se que é fundamental atualmente, compreender a articulação entre o lugar geográfico e virtual na construção dos códigos culturais de um determinado grupo. Deste modo, o presente estudo consiste em um esforço teórico que busca avançar o debate em uma questão chave, não só para a realização do trabalho empírico na tese, mas para outros pesquisadores que se propõem a estudar o esporte sob a ótica das ciências sociais através de pesquisas etnográficas.

5.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para atingir o objetivo proposto, optou-se pela realização de uma pesquisa aplicada, a qual se caracteriza pela intencionalidade de utilização prática dos conhecimentos abordados em torno de problemas específicos levantados. (GIL, 2008). A abordagem do problema, deu-se pelo viés qualitativo. Assim, a organização do escopo de referências, seguiu-se o critério de

relevância dos autores e obras selecionadas em seus respectivos campos de atuação. Os quais abordam diretamente as questões apresentadas, ou que estabelecem discussões sobre temas convergentes à reflexão sobre o estudo etnográfico.

Deste modo, quanto aos objetivos do estudo, encontrou-se aporte na pesquisa descritiva, a qual volta-se para a descrição e exploração das particularidades do fenômeno. Para tanto, realizou-se uma análise bibliográfica de acordo com os pressupostos elaborados por Gil (2002). Para o autor uma das maiores vantagens deste tipo de estudo, está na possibilidade de abranger em sua análise, a cobertura de uma série de fenômenos, inviáveis de serem investigados diretamente.

Para realização da análise encontrou-se aporte referencial em obras e autores clássicos da literatura antropológica, como Malinowski (1978), Geertz (2003, 2008, 2010), Augé (2005), Sahlins (1993) e Hine (2015), a última, principal referência sobre a utilização da internet para a etnografia. Também autores da literatura sociológica como Bourdieu (2001, 2002, 2008, 2011); Bourdieu e Wacquant (2005), Wacquant (2002). Além destes, selecionou-se autores que encontraram nestes clássicos, os pilares de sustentação de seus trabalhos de cunho metodológico e epistemológico sobre a etnografia em uma perspectiva interdisciplinar. São eles: Angrossino (2009), Barbosa e Cunha (2006) Uriarte (2012), Laplantine (2007), Magnani (2002) e Zanini (2016).

Neste processo metodológico de construção da pesquisa, seguiram-se as etapas descritas por Gil (2002). São elas: a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto (Gil, 2002, p. 59-60).

Elaborada a questão norteadora, apresentada acima, estruturou-se a redação do texto em dois tópicos. Através do primeiro pretende-se demonstrar o processo de consolidação da etnografia e suas transformações em diferentes contextos socioculturais, a medida em que as discussões epistemológicas e metodológicas avançavam no campo científico. No segundo, buscou-se abordar o desafio de realizar uma etnografia em um campo de pesquisa multiespacial, utilizando como ponto de reflexão a rede social Facebook e o aplicativo de comunicação WhatsApp ambos da empresa Meta. Justifica-se a utilização destes meios de comunicação, por serem as maiores mídias digitais em número de usuários ativos atualmente. (WE ARE SOCIAL, 2020).

5.3 O CAMINHO DA ETNOGRAFIA ATÉ AS “DESCRIÇÕES DENSAS”

O lugar do etnógrafo na construção de suas descrições densas, sempre foi o centro das discussões epistemológicas e metodológicas na antropologia e nas ciências sociais. As mudanças mais significativas no modo de fazer etnografia, que consolidaram o método, sucederam debates sobre o lugar etnográfico, em diferentes momentos históricos e contextos socioculturais.

A primeira mudança ocorreu no fim do século XIX e início do século XX, com as críticas em torno do pesquisador de gabinete, o qual escrevia e refletia sobre as informações/observações fornecidas a ele por missionários, viajantes e homens com conhecimento sobre as populações estudadas. (LAPLANTINE, 2007). De acordo com o autor, os relatos dos viajantes eram mais uma busca cosmográfica do que uma pesquisa etnográfica, o objeto de observação, nessa época era mais o céu, a terra, a fauna, do que o homem em si, e quando era, tratava-se do homem físico, coletavam curiosidades, e os exemplos etnográficos eram mobilizados para ilustrar como as sociedades primitivas tornavam-se civilizadas.

Neste momento, a dualidade entre sujeito observador e objeto presentes em outras áreas, refletiu a antropologia da época, que optou por definir o distanciamento geográfico como parâmetro de neutralidade e demarcação do campo de pesquisa. Deste modo as primeiras sociedades estudadas, foram as sociedades longínquas. Outro aspecto que caracteriza esse momento inicial da etnografia, segundo Laplantine (2007) foram os direcionamentos atribuídos pela visão evolucionista de sociedade. Que qualificava as tribos e povos “selvagens” estudados como organizações sociais “simples”, as quais futuramente atingiriam o nível de organização “complexa” das sociedades avançadas ou “civilizadas”.

A partir desse olhar, originou-se a necessidade de discussões não somente sobre o ato de observar, mas o como processar essa observação. Não bastava mais interpretar o que é observado, era preciso interpretar as interpretações (as relações sociais). Com essas mudanças a etnografia contemporânea (para a época) buscava através da introdução de fatos minúsculos recolhidos em uma única sociedade, analisar a significação e a função de relações sociais, a Antropologia torna-se pela primeira vez uma atividade ao ar livre (LAPLANTINE, 2007), levada como diz Malinowski (1984), "ao vivo", em uma "natureza imensa, virgem e aberta”.

Neste novo momento da etnografia, alguns pesquisadores passaram a realizar incursões, para observarem os nativos sem intermediários. Dentre esses, destacam-se Franz Boas e Bronislaw Malinowski, dois precursores da Etnografia.

O primeiro, americano de origem alemã, orientava suas pesquisas em uma perspectiva microssociológica. Segundo Boas (2005) no campo tudo deveria ser anotado no detalhe, e no detalhe do detalhe, pois desta forma seria possível identificar as singularidades dos processos de desenvolvimento social e cultural dos diferentes grupos. Elemento que embasa sua crítica mais severa a suposição da existência de origem histórica comum, que poderia ser reconstruída através da identificação dos seus diferentes estágios. (BOAS, 2005).

Ao longo do trabalho etnográfico Boas (2005) alerta que os costumes só possuem significação se forem relacionadas as conjunturas nas quais se inscrevem. A descrição e análise científica destes processos só caberia ao antropólogo, devido a sua base teórica, deste modo, seria necessária a emergência de uma Etnografia profissional. (LAPLANTINE, 2007). Não obstante Franz Boas, não teve – ao longo de sua trajetória acadêmica – a pretensão de estruturar ou discutir um método de pesquisa etnográfica que contemplasse suas críticas e reflexões estruturadas nas pesquisas de campo.

Bronislaw Malinowski por sua vez, teve esta pretensão (não inicialmente), fato que o colocou em evidência academicamente a partir de 1922. O autor defendia a inexistência de uma evolução social, isto é, uma sociedade primitiva (selvagem) não era um produto inacabado ou a caminho de um mundo civilizado. Tratava-se apenas de uma cultura distinta, com valores e práticas singulares, característicos das experiências vivenciadas historicamente, socialmente e culturalmente por aquele grupo.

Não obstante, o reconhecimento de Malinowski (1976) veio com a estruturação de um método etnográfico, potencialidade de forma mais ou menos accidental. Seu objetivo inicial era estudar o kula nas Ilhas Trobriand, uma espécie de sistema comercial baseado em trocas, não obstante a impossibilidade de deixar as Ilhas Trobriand, devido a Primeira Guerra Mundial, aliada as necessidades de aprender a língua nativa e de interagir com as práticas cotidianas dos trobriandeses, devido aos mais de três anos in loco (1914-1918), modificaram completamente os rumos da investigação de Malinowski (1978).

As vivências neste período, através de uma observação participante, permitiram que o pesquisador refletisse e estruturasse um método de pesquisa etnográfica, alicerçado em três princípios, quais sejam: 1) a estruturação genealógica da “tribo”; 2) a vivência entre os nativos; e 3) a construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa através das interpretações de suas práticas simbólicas. Princípios estes, essenciais para a compreensão do “ponto de vista do nativo”, para “perceber a sua visão sobre seu mundo”. (MALINOWSKI, 1976).

Para Barbosa e Cunha (2006) Malinowski conseguiu através de seus escritos na obra "Os Argonautas do Pacífico Ocidental", fazer os leitores verem e ouvirem aquilo que ele mesmo

tinha visto, ouvido e sentido no campo. Capacidade descritiva que legitimou de vez a observação participante e o autor como referência do fazer etnográfico na época.

Quatro anos mais tarde, em 1926, nascia Clifford Geertz, um antropólogo estadunidense que tornou-se uma das principais referências para a realização de pesquisas etnográficas devido ao desenvolvimento de sua teoria interpretativa da cultura, a qual só era possível através da realização de descrições densas em campo. Em sua obra “A interpretação da cultura”, publicada em 1973, o autor define cultura como uma teia de sentidos e significados, na qual o homem encontra-se amarrado, ao passo em que ele mesmo a teceu. (GEERTZ, 2008).

Deste modo, a realização de uma descrição densa, seria a interpretação desta complexidade, a construção de uma leitura sobre algo que não está escrito. Para tanto, mais do que anotações em um diário, sobre o que se vê no campo, o pesquisador precisa ser aceito pelo grupo social investigado. Somente após isso, ele receberá as pistas e explicações necessárias para entender o sentido dos diálogos e práticas do grupo, ou como ilustra Geertz (2008), o pesquisador passará a falar a mesma língua que os nativos.

Ao mesmo tempo em que se estabelecia a visão de que fazer etnografia, significava compreender o modo de vida do outro como uma forma distinta de cultura e não como produto inacabado de um evolucionismo (MALINOWSKI, 1976) e que a melhor forma de se realizar essa compreensão era através de descrições densas. (GEERTZ, 2008). O processo de expansão urbana e crescimento demográfico das cidades em diferentes locais do mundo, davam origem a novos modos de vida, frutos de tensões e conflitos étnicos, processos migratórios e estabelecimento de novas formas de ver o mundo.

Dentro deste contexto, os etnógrafos passam a olhar para seus próprios locais de origem, como possíveis campos de investigação, assim a etnografia urbana passa a ganhar espaço no campo acadêmico, com forte influência da Escola de Manchester e Escola de Chicago. O objeto de “análise da antropologia urbana seria constituída pelas diferentes práticas e não pela cidade como uma totalidade ou uma forma específica de assentamento”. (MAGNANI, 2002, p. 25). A investigação etnográfica de Wacquant (2002), materializada através da obra “Corpo e Alma” é uma referência deste esforço intelectual de compreender as lógicas próprias de um grupo específico, o *gym*, inserido em um todo, a metrópole Chicago.

Este olhar, de perto e de dentro da cidade, colocou o lugar do etnógrafo em conflito, pois não se trata mais de estudar os “nativos”, uma vez que o pesquisador pode inclusive fazer parte do grupo social investigado, mas sim conseguir delimitar objeto e campo de pesquisa. Ou seja, olhar para um campo de futebol e definir sua localização como o lócus do estudo, é cair em uma armadilha definida por Magnani (1996) como “tentação da aldeia”, ou seja, buscar na

forma de se fazer etnografia clássica, segurança metodológica para enfrentar problemas que só emergiram atualmente nas etnografias.

Somada a esta questão, cada vez mais, a internet passa a fazer parte do processo de produção de sentidos e significados das vivências destes grupos sociais. Segundo Hine (2015) a internet é um espaço cultural onde cada vez mais, as pessoas estão participando de interações e atividades relevantes para suas vidas em diferentes níveis. Deste modo, para Zanini (2016) novos espaços de convivência e sociabilidade estão sendo forjados (os ciberespaços), tornando cada vez menos visível as fronteiras do campo de pesquisa etnográfica.

5.4 PESQUISA DE CAMPO, REDES SOCIAIS E APLICATIVOS DE COMUNICAÇÃO: QUESTÕES PARA UMA ETNOGRAFIA NO SÉCULO XXI

Para iniciar a conversa sobre o lugar etnográfico, é necessário recorrer aos escritos de Marc Augé. Para o antropólogo, não foi a antropologia que abandonou o estudo das tribos e campos mais exóticos, mas sim a sociedade contemporânea que passou a necessitar, cada vez mais, de compreensão. Entretanto, neste mundo de superabundância espacial, tornando imprescindível que reaprendamos a pensar o espaço. (AUGÉ, 2012).

O primeiro ponto para compreensão do lugar antropológico é não o confundir com um espaço geográfico, ele pode até ser, mas se caracteriza pela configuração de posições. Deste modo, ao nascermos em um lugar, isso já passa a se tornar um elemento constitutivo de nossa identidade. (AUGÉ, 2012). Podemos ir além, se trouxermos para o diálogo, elementos da teoria de Bourdieu (2001), ao nascermos, a ocupação profissional de nossos pais, as crenças religiosas, a formação escolar, os gostos alimentares e práticas de lazer (o time de futebol), todas estas relações sociais que precedem nosso nascimento, fazem com que nossa gênese seja também nossa inserção em um determinado ponto do mundo social pré-determinado, nossa herança sociocultural. Os motivos pelos quais permaneceremos neste ponto ou não, as facilidades e dificuldades de circulação por este espaço social, podem ser compreendidos através de nossa etnografia. Por este motivo, segundo Augé (2012) o lugar e o lugar etnográfico são identitários, relacionais e históricos.

Neste sentido, olhar o campo de pesquisa pela lógica de estruturação do campo, descrita por Bourdieu (2011) pode tornar-se bastante frutífero em possibilidades de análise. Para o autor o espaço social é constituído por posições sociais distintas e coexistentes, “definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de

proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre*” (BOURDIEU, 2011, p.18-19).

A distribuição destes agentes se dá em função de suas posições na ordem hierárquica do espaço. Em sociedades mais desenvolvidas, segundo o autor, o capital econômico e o capital cultura são a base do esquema classificatório, agindo como princípios de diferenciação. Deste modo, através dos bens, das práticas e das maneiras de agir dos agentes pertencentes a um grupo, se estrutura um sistema complexo de signos distintivos. (BOURDIEU, 2011).

Neste contexto, ao existir em um espaço, ocupar uma posição, o agente social passará a ver e perceber as lógicas próprias socialmente pertinentes para o grupo, pois ao estar inscrito naquele lugar ele se dotará “das categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um *gosto*, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir”. (BOURDIEU, 2011, p. 23).

A compreensão e apresentação de todos estes esquemas classificatórios e símbolos distintivos, muitas vezes despercebidos pelos próprios pertencentes ao grupo (naturalização das práticas sociais), só se efetiva através de um grande esforço do etnógrafo. Principalmente nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pelo advento da internet como um fenômeno de massa e por relações sociais multiespaciais.

Para Hine (2015) realizar uma etnografia na internet é algo complexo e por vezes confuso, pois usuários da rede fazem muitas coisas distintas, portanto com diversos significados culturais. As relações com os familiares, com os colegas de trabalho e com meios de comunicação em massa, dentre outras, forjam relações sociais simultâneas em espaços distintos, on-line ou geograficamente situados em um ponto do globo.

Não obstante, a etnografia é uma abordagem muito útil para submergir nestas singularidades, devido a sua capacidade adaptativa, frente a diferentes circunstâncias. (HINE, 2015). Mais do que isso, para a autora a internet precisa da etnografia, ao passo que, esculpir um objeto de pesquisa na rede é um grande desafio para os etnógrafos, devido a sua complexidade temporal e espacial, ao entrelaçamento social e aos processos culturais que incorporam a internet em nosso cotidiano. Um caminho para enfrentar essa diversidade, flexibilidade e heterogeneidade consistem em refletir metodologicamente este espaço social. (HINE, 2015).

Como não temos a pretensão de apontar caminhos para realização de uma etnografia exclusivamente on-line. Apresentaremos na sequência, algumas reflexões para se pensar a produção de valores, crenças e sociabilidades através das relações on-line e off-line de um grupo.

Um parêntese faz-se necessário, certamente a internet não é um fenômeno acessível a toda a população mundial, portanto é fundamental que o pesquisador esteja ciente de que em algumas comunidades o acesso à internet é limitado, principalmente em países ou regiões com altos indicadores de pobreza. Entretanto, segundo dados da agência We Are Social¹³ sobre as práticas dos usuários na internet em 2020, mais de 4,5 bilhões de pessoas utilizam a Internet.

Dentre as diferentes possibilidades de uso, as mídias digitais ultrapassam a marca de 3,8 bilhões de usuários. (WE ARE SOCIAL, 2020). Facebook e WhatsApp (aplicativo do Facebook), destacam-se como a maior rede social e aplicativo de comunicação em número de usuários. O Facebook é a plataforma de redes sociais mais utilizada no mundo. Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, 83% dos brasileiros com acesso à internet possuem conta no site, o qual “é listado como o principal veículo de consumo de informações”. (ALVES, 2016, p. 69). Mas o que a torna relevante para o debate sobre etnografia e o campo de pesquisa etnográfico?

Lançado em 2004, o Facebook é uma rede social em que seus usuários se cadastram através de um computador ou smartphone, criando um perfil que pode conter fotos, vídeos e informações pessoais como: data de aniversário, religião, status de relacionamento, educação, trabalho, familiares etc. Embora os leitores certamente conheçam o Facebook, vamos realizar um exercício didaticamente reflexivo. Esta rede social se torna atraente, por não se tratar simplesmente de um espaço de armazenamento informações. O perfil do usuário é organizado através de uma *timeline*, na qual os *posts* são arquivados ordenadamente, do mais recente para o mais antigo e compartilhados em uma página principal do Facebook, porém, personalizada para cada usuário.

As relações sociais iniciam-se quando o usuário envia uma solicitação de amizade para alguém que ele conheça fisicamente ou para um completo desconhecido, ou então quando ele é notificado de que há uma solicitação de amizade de um conhecido ou não. Na plataforma, há uma barra de pesquisa, em que um usuário principiante pode procurar amigos através de seus nomes ou localidade em que residem, entre outras formas. Há também as indicações de amizade sugeridas pela plataforma, levando em consideração o círculo de amizades do usuário.

Após adicionar alguns amigos, o usuário pode interagir com eles de diferentes formas:

- 1) Ele pode postar algo no mural de seu amigo, comumente os usuários fazem estes *posts* nos aniversários de outros usuários.
- 2) Ele pode manifestar sua reação ao *post* de outro usuário, amigo seu ou que possua uma conta pública. Essa reação pode ser um tradicional “curti”, emoji

¹³ We Are Social é uma agência que propõe conectar pessoas e marcas de maneiras significativas, criando ideias que as pessoas gostam e compartilham. (WE ARE SOCIAL, 2020).

expresso por uma mão com o dedo polegar estendido e demais dedos flexionados, ou então pelos emojis "amei", "uau", "haha", "triste" e "raiva", desenvolvidos pelo Facebook para manifestar outros sentimentos. Os emojis são ideogramas utilizados em mensagens eletrônicas. 3) Ele pode escrever também um comentário no *post* de outro usuário. 4) Caso queira uma conversa privada, esse usuário tem a opção de enviar mensagens em um chat restrito. Estas ações também podem ser realizadas por outros usuários em sua *timeline* ou chat. O Facebook contribui de forma significativa para estas relações notificando os usuários sobre as ações realizadas pelos seus amigos.

Como estas formas de interação ficam permanentemente registradas ou até que o usuário a apague. Há a possibilidade de o usuário publicar em seu *status*, mensagens temporárias (vídeos, fotos, mensagem de texto, links, enquetes etc.). Durante um dia, seus amigos de plataforma ou um grupo de amigos restrito, poderão visualizar e interagir com a publicação. Além destas ações, através do Facebook é possível que os usuários criem grupos de afinidade (privados ou públicos), como um grupo de uma determinada instituição de ensino, clube de futebol ou compra e venda. Os usuários também podem programar um evento que acontecerá de forma presencial ou virtual e convidar seus amigos através da rede social.

Alves (2016) explica que cada ação na rede corresponde a criação de um laço na arquitetura da plataforma. Em suas palavras “Cada objeto, seja uma página, um grupo ou um usuário, é descrito como um nó, e as ações (curtidas, comentários e compartilhamentos) são suas arestas. O próprio ambiente de circulação de informações é nomeado Social Graph, isto é, o grafo de articulações entre as diversas entidades que compõem a plataforma”. (ALVES, 2016, p. 77).

Assim, estas ações fomentam o estabelecimento de relações sociais em diferentes esferas da vida cotidiana (educação, trabalho, lazer, religião etc.). Enquanto um fenômeno culturalmente incorporado, as atividades realizadas através da internet estão adquirindo mais e mais significados, ao ponto de ressignificarem a vida cotidiana, que promete ser vivida cada vez mais em ambientes digitais. (HINE, 2015).

A interpretação etnográfica torna-se mais fascinante quando as relações sociais estabelecidas através da rede, possuem uma origem ligada a experiências presenciais com o grupo. Ou então quando a vivência online transcende este espaço e passa a conduzir as ações práticas do grupo, no próximo encontro. Isso exige, tanto do pesquisado, quanto dos demais agentes sociais que compõem o grupo, uma experiência nestes dois lugares, do contrário, haverá perda de sentido.

Porém, o fato de os usuários compartilharem em sua *timeline* postagens públicas, limita consideravelmente a profundidade das trocas discursivas. Uma reação, um comentário ou o conteúdo de um *post* dizem muito, ou seja, podem significar muitas coisas, porém partindo do ponto de vista interpretativo de Geertz (2008), da necessidade de descrições densas, estas ações são apenas indícios. Para superar a descrição superficial destas “piscadelas”, o etnógrafo precisa agir ativamente no campo, buscar novas estratégias.

Um ponto de articulação entre as relações estabelecidas presencialmente por um grupo, de forma restrita e as interações dos agentes sociais deste grupo em espaço sem fronteiras como o Facebook (e outras redes sociais), é o WhatsApp. O aplicativo (app) foi lançado em 2009 com objetivo de enviar mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones de qualquer localidade do mundo, inovando e popularizando a prática de troca de mensagens, até então limitadas devido aos preços e serviços oferecidos pelas operadoras de telecomunicação.

Além das trocas de mensagens e chamadas de voz e vídeo privadas, o WhatsApp também possui a função *status*, tal como o Facebook, mas sua maior característica é, sem dúvidas, a possibilidade de criação de grupos para compartilhamento de informações. A popularização do app fez com que passássemos a enxergar mais e mais grupos em sua aba de conversas, tais como o: da família, do trabalho, da escola, da universidade, da igreja, do time de futebol, do churrasco etc.

Com o passar do tempo e estreitamento ou distanciamento das relações sociais, ocorrem modificações no interior destes grupos, como o fato de se adicionar um novo membro ou então a exclusão de um, devido ao não cumprimento das regras do grupo. Também há a fragmentação destes grupos, com a criação de um subgrupo do trabalho, criação de um grupo específico para apenas alguns amigos da universidade ou a criação de um grupo atualizado, “time de futebol 2021”, no qual não estão presentes todos os integrantes do time 2020, em alguns casos, estes membros “excluídos” nem sabem da existência do novo grupo. Em outras palavras, essa dinâmica de grupo se caracteriza pela criação, exclusão, atualização, modificação e abandono das conversas em grupo. Cada uma destas ações impacta simbolicamente nas relações sociais presenciais e/ou virtuais destes usuários.

As regras de participação nos grupos são outro ponto significativo para reflexão, pois algo que pode ser compreendido como inadequado ou impróprio para um grupo, talvez seja o motivo para a existência de outro grupo. Um exemplo ilustrativo desta argumentação são as discussões e propagandas políticas no interior destes grupos. Em uma eleição polarizada, como foi a de 2018 no Brasil (TOKARNIA, 2018), alguns grupos do WhatsApp deixaram explícitas a proibição de postagens de cunho político partidário, ao mesmo tempo, o aplicativo foi um

importante veículo de comunicação e campanha, justamente através destes grupos. Entretanto, a maioria das regras não são explícitas, mas implícitas (aprendidas e incorporadas) através dos processos de socialização online e offline.

A dimensão atingida pela internet no cotidiano, permite-nos inferir, ao menos neste momento histórico, que espaços virtuais como o Facebook e WhatsApp, são lugares antropológicos, pois somam em suas diferentes formas de vivências, as características descritas por Augé (2012). Estes são lugares identitários, pois desde a criação do perfil e divulgação das primeiras informações pessoais, sobre localidade, crenças, educação, trabalho e relacionamento, as postagens curtidas, comentadas, compartilhadas e a formação de grupo nestes espaços, fomentam os alinhamentos entre características ou ideias em comum entre os usuários.

Neste contexto, as regras de sociabilidade, normas e valores compartilhados coletivamente, expressam a dimensão relacional do lugar virtual. Tais elementos nos permitem enxergar o campo de pesquisa etnográfico, nas sociedades contemporâneas, como um campo de forças, tal como propõe Bourdieu (2002, 2011), isto é, um campo de lutas simbólicas, onde os agentes se enfrentam com recursos e finalidades distintas, conforme suas posições, com o intuito de conservar este espaço simbólico de poder ou de transformá-lo.

Em meio as disputas travadas no interior destes espaços simbólicos (os geográficos e a internet), os agentes sociais se imbricam uns ao outros e as teias de significados, isto é, a cultura de um grupo é transmitida, mantida ou modificada. Deste modo, podemos entender que redes sociais como o Facebook ou apps como o WhatsApp, são também “lugares de memórias”, a medida em que a *time line* e conversas em grupo não são apenas espaços produtores de histórias, mas sim as próprias histórias vividas por estes agentes.

Os desafios para de entender a internet através da etnografia, assemelham-se, guardadas as devidas proporções, as dificuldades enfrentadas por antropólogos e cientistas sociais em entender os grandes centros urbanos, quando estes lugares passam a despertar a atenção dos pesquisadores, tanto quanto as tribos longínquas. Dentre as questões, podemos destacar as reflexões sobre como olhar para o indivíduo em uma grande cidade, sem perdê-lo no todo, pois diferentemente de uma tribo isolada, a geografia não exerce o papel de delimitador. Isso produz a sensação de que em um grande centro urbano ou uma metrópole, só se consegue observar a massa e indivíduos cada vez mais isolados ou atomizados. (MAGNANI, 2002).

Não obstante, em crítica a este olhar, Magnani (2002) propõe que uma simples estratégia metodológica, como acompanhar os indivíduos em suas rotinas cotidianas, permitiria ao etnógrafo entender a multiplicidade de significados presentes em suas práticas no trabalho,

no lazer, na religião etc. Porém, o grande problema desta estratégia estaria na viabilidade de execução e no risco de se cair nas fragmentações interpretativas.

Assim o autor propõe um olhar “de perto e de dentro”, tendo como ponto de partida os próprios arranjos dos agentes sociais, ou seja, os lugares pelos quais estes agentes transitam e encontram-se para trocas nas mais diferentes esferas sociais, como a religiosidade, o trabalho, o lazer, a cultura, a participação política ou associativa, entre outras. Segundo o autor, esta estratégia demanda do pesquisador um investimento em “ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise”. (MAGNANI, 2002, p. 18).

Diante deste contexto, as redes sociais e aplicativos de comunicação, também devem ser interpretados como lugares de trânsito e de encontro por estes agentes. Portanto, ao fazer uma etnografia de grupos que utilizam a internet como lugar de relações sociais, será preciso compreender o quais os espaços virtuais utilizados, pois a internet é algo abrangente e pouco preciso, e seus significados nas relações sociais estabelecidas por estes grupos.

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação foi estruturada em dois momentos distintos. Através do primeiro, foi possível identificar que o modo de fazer etnografia, articulado ao *locus* de estudo, sempre fizeram parte das discussões metodológicas. O abandono dos gabinetes para uma pesquisa “ao vivo”, a aprendizagem da linguagem nativa (que transcende o ato de falar e ouvir) e o olhar para os contextos urbanos, exigiram mudanças no modo de fazer etnografia e olhar para o campo.

Atualmente, a internet apresenta-se como a questão da vez. Sua importância nas dinâmicas sociais é inegável, portanto, é fundamental que antropólogos, sociólogos e cientistas sociais invistam esforços na compreensão dos seus significados e impacto nas relações sociais de diferentes grupos espalhados pelo globo. Na presente pesquisa, em um segundo momento, chamamos a atenção para o risco de isolá-la no processo interpretativo de um grupo. Ação que pode comprometer a descrição densa da cultura de um grupo.

O que propomos, ao discutir as características que atribuem a certos espaços físicos e virtuais, a legitimidade como lugares e lugares etnográficos, é a necessidade de se olhar para o “campo etnográfico” atualmente, sem esta subdivisão (físico/virtual). Trata-se de um espaço abstrato, com ou sem internet, dentro de uma metrópole ou em uma tribo remota, demarcado

por fronteiras ou globalizado, espaço de uma única língua ou que se comunica de outras formas (como o corpo), mas acima de tudo, real e constitutivo da visão sobre o mundo dos membros do grupo.

A longevidade da noção de descrições densas, proposta por Geertz (2008) talvez se concentre no fato de o autor não apresentar “tutoriais” de como se realizar uma etnografia, pois a etnografia não é apenas um método, mas sim uma teoria interpretativa da cultura. No mesmo sentido, a presente investigação não aponta formas de se fazer uma etnografia no virtual, pois a discussão central se limitou a delimitação do campo.

A opção pode ser compreendida como uma limitação do estudo, ao passo que também a apresentamos como uma possibilidade de estudos futuros, uma vez que a descrição de algumas etapas, com o cuidado de não a tornar estanque, podem contribuir para que pesquisadores iniciantes não cometam os mesmos erros, avançando assim, na qualidade das interpretações e descrições etnográficas. Porém, entende-se que a discussão sobre o campo era o primeiro passo a ser dado.

6 FUTEBOL AMADOR E IDENTIDADE: UMA ETNOGRAFIA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS EQUIPES DO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA – PARANÁ (2013-2021)

Resumo: O objetivo do estudo foi interpretar e analisar os sentidos e significados que forjam a identificação dos agentes sociais com o que é ser Mirante Esporte Clube, intentando compreender se isso contribui para a manutenção das atividades do clube. Assim, optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Infere-se que a longevidade do Mirante E. C., pode ser compreendida através das disputas internas pela definição do projeto de futuro do clube, permeadas por afetividades e sentimentos de identificação com os símbolos do clube. Deste modo, entre as memórias do passado dos veteranos e a esperança subjetiva (quase mística), de que tudo é possível através de um grupo que se reconheça como uma família, os símbolos, normas e leis que regem este espaço social permanecem sendo reproduzidas, legitimando simbolicamente o futebol amador como uma prática indispensável do cotidiano destes agentes sociais.

Palavras-Chave: Cultura futebolística; gestão; disputa de poder; etnografia de longa duração.

6.1 INTRODUÇÃO

Para o antropólogo americano Marshall Sahlins, a complexidade de se compreender os sentidos e significados das práticas culturais de um determinado grupo, está no fato de que elas estão sempre em constante mudança. A oportunidade de perceber empiricamente as palavras de Sahlins (1993) surgiu em 2019, após sete anos *in loco*, observando e descrevendo as relações sociais estabelecidas no interior de um clube de futebol amador, localizado na cidade de Ponta Grossa, estado do Paraná-Brasil.

Naquele ano, houve uma mudança na gestão do clube, o novo presidente demonstrou uma visão diferente sobre qual deveria ser o objetivo do Mirante Esporte Clube¹⁴ nas competições amadoras de futebol da cidade. Propondo um projeto de futuro, diferente daquilo que havíamos descrito entre os anos de 2013 e 2018, nos Diários de Campo (DC) e publicado¹⁵ em periódicos acadêmicos, como representativo do que era “ser Mirante E. C.”

¹⁴ Visando respeitar em todas as etapas do estudo a dignidade, a liberdade e a autonomia dos agentes sociais investigados, conforme exige a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que trata dos aspectos éticos de investigações com seres humanos, optou-se pela utilização de um nome fictício para o clube no qual o estudo foi desenvolvido. A opção pelo nome Mirante Esporte Clube, remete simbolicamente à ponte no campo futebolístico amador pontagrossense, que serviu de base para nosso olhar sobre este espaço social. Destaca-se que a adoção de nomes fictícios também ocorreu com os agentes sociais (torcedores, jogadores, técnicos, presidentes etc.). o ato de tratá-los pelo nome (mesmo que fictícios) ao longo do texto, permite uma proximidade narrativa fundamental para o leitor entender os sentimentos presentes destas relações.

¹⁵Sobre as experiências de empoderamento pessoal (FREITAS JR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018); sobre o processo de aprendizagem da cultura futebolística (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018); sobre o respeito aos veteranos (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCELLI, 2019); sobre o ritual de preparação para os jogos (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2019).

Deste modo, caso alguém se dirigisse ao estádio do Mirante E. C., em 2019, 2020 ou 2021, para observar as relações descritas anteriormente (2013-2018), certamente enxergaria um local completamente diferente do exposto nas investigações anteriores. Sahlins (1993), ajuda-nos a entender esta situação ao apontar que quando um pesquisador se propõe a realizar uma análise sociocultural através da etnografia, permanecer em campo torna-se uma exigência primordial para se construir “descrições densas” (GEERTZ, 2008) e ao mesmo tempo, um caminho direto para o contraditório. Nas palavras do autor:

Pelo menos no que concerne a antropologia, duas coisas são certas, a longo prazo: uma delas é que estaremos todos mortos; mas a outra é que estaremos todos errados. Evidentemente, uma carreira acadêmica feliz é aquela em que a primeira coisa acontece antes da segunda. (SAHLINS, 1993, p. 3).

O sentimento de que a segunda coisa aconteceu antes da primeira, devia-se ao fato de que, decorria-se do longo período em que havíamos permanecidos em campo. Entretanto, a realização de uma etnografia em longa duração, nos possibilitaria, a partir do descrito por Sahlins (1993) em sua obra “Esperando Foucault, ainda”, uma experiência extremamente rica academicamente, por permitir que observássemos a continuidade das práticas, dos ritos e das tradições do Mirante E. C. Mais do que isso, teríamos a oportunidade de compará-las em temporalidades distintas., pois “Implícita ou explicitamente, a etnografia é um ato de comparação. Em virtude da comparação, a descrição etnográfica torna-se objetiva”. (SAHLINS, 1993, p. 16).

Tais comparações não podem ser ingênuas, pois assim como a floresta amazônica, que existe há milênios e, portanto, já substituiu todas as árvores originais inúmeras vezes (SAHLINS, 1993), em toda cultura, haverá tensões, conflitos, mudanças e relações de poder, objetos de uma etnografia de longa duração. Porém o que fomenta a manutenção daquele grupo serão os elos de identificação forjados no interior do grupo, o qual é estabelecido através da valoração seletiva das similaridades e diferenças dos agentes pertencentes ao grupo social.

Deste modo, a angústia inicial de não ter realizado uma etnografia competente, abriu espaço para provocações sobre quais os motivos por trás das mudanças? A mudança na gestão e organização daquele clube de futebol amador em 2019, revelavam o início do fim de um clube prestes a se tornar centenário (em 2022) ou seria justamente estas transições as responsáveis pela longevidade do clube?

Diante do exposto, somos instigados a refletir sobre quais motivos levam um clube de futebol amador, que teve seu auge na década de 1930 e seu último título amador conquistado há mais de 25 anos, a permanece em atividade após mais de 99 anos de sua fundação?

Para tanto, o objetivo do estudo foi interpretar os sentidos e significados que forjam a identificação dos agentes sociais com o que é ser Mirante Esporte Clube, tentando compreender se isso contribui para a manutenção das atividades do clube.

6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Baseando-se em *insights* que permitem a reorganização dos dados, coletados inicialmente como fragmentos e indícios soltos de um arranjo complexo. (MAGNANI, 2002). De acordo com Malinowski (1978) uma explicação através do método etnográfico deve orientar-se por três princípios: (1) fornecer um esquema claro e firme da constituição social do grupo investigado; (2) a vivência entre os nativos; e (3) a construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa.

A etnografia direciona a realização de diferentes etapas metodológicas, que não necessariamente apresentam uma sequência cronológica. Nesta pesquisa, primeiramente estabeleceu-se o objeto e os sujeitos, estruturas que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, estipulou-se o campo futebolístico amador pontagrossense, pois nestes espaços ocorrem os campeonatos mais antigos, ainda em atividade da cidade (RIBEIRO JR, 2004). A entidade responsável pela organização e gerenciamento do futebol amador é Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG) fundada em 1928, que completou 93 anos de história em 2021.

Quanto à baliza temporal, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2013 e 2021. Neste tipo de análise o contato prévio com o tema, a autorização e aproximação com o grupo social investigado, a realização das primeiras descrições, a aceitação, para então a construção de descrições “densas”, são etapas que se diferenciam de pesquisador para pesquisador, transformando o tempo em uma “variável dinâmica” em que a permanência *in loco* não pode ser definida antecipadamente.

Compreendendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo. Em um primeiro momento realizou-se um levantamento de artigos, dissertações, teses e livros, que abordam a questão do futebol amador em geral e do futebol amador no contexto da cidade de Ponta Grossa. Dentre as quais se destaca os estudos: de Rigo (2007) sobre um clube de futebol social e recreativo da cidade

de Pelotas; de Cunha et al. (2013) sobre as memórias de um clube que disputa a competição amadora de futebol em São José Norte; de Myskiw e Stigger (2014) sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre; de Oliveira (2013) sobre a “suburbana” competição amadora de futebol da cidade de Curitiba; e no contexto local destaca-se a obra de Ribeiro Jr. (2004), na qual o autor realiza um resgate das competições e resultados dos clubes pontagrossenses, porém sem reflexões teóricas; e de Freitas Jr (2000), sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário E. C., uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa.

Na sequência, buscou-se a autorização para a inserção *in loco*, tal tarefa foi facilitada através de uma visita dos pesquisadores a Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), por meio da qual obteve-se os contatos dos clubes filiados. De posse destas informações realizou-se aleatoriamente uma ligação para o agente “responsável” pelo Mirante E. C., que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender-nos e colocar-se a disposição. Desta maneira, definiu-se o clube como o ponto de partida da investigação.

Autorizada a inserção *in loco*, iniciou-se a observação participante, desdobrada na estruturação de um diário de campo, onde se objetivou compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense. Tal compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada de “densa”. Como salienta Geertz (2008) o que se faz em um estudo etnográfico é principalmente a descrição das observações em um diário de campo (DC), não simples anotações, mas descrições “densas”.

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais. (BOUMARD, 1999). Ao passo que as descrições capturem os “detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social a fim de evocar o ‘sentimento’ de uma cena e não apenas seus atributos superficiais”. (ANGROSINO, 2009, p. 32-33).

No decorrer deste processo, acompanhou-se os jogos de duas categorias em que o Futebol amador da cidade de Ponta Grossa - PR se subdivide, são elas: Campeonato Amador Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos) e O Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos). Estas partidas são realizadas em vários campos da cidade de Ponta Grossa e região, ocorrendo em sua grande maioria aos domingos pela manhã, característica que impossibilita a observação de mais de uma partida por rodada. Deste modo, como a profundidade de interpretação e análise são a essência da investigação etnográfica, optou-se por

acompanhar em todas as partidas o Mirante E. C. e estabelecer-se através dele o olhar para os demais clubes, verificando-se assim as lógicas comuns e as lógicas que os diferenciam.

Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas¹⁶, realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do campeonato amador. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em multidões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, de reuniões da diretoria do Mirante E. C. e grupos de WhatsApp.

Compreendendo a dimensão das relações proporcionadas pela internet na sociedade contemporânea, através das comunicações mediadas por computadores e smartphones (HINE, 2015), optou-se por incorporadas nas descrições etnográficas, as relações estabelecidas através de redes sociais e grupos de aplicativos de comunicação. As saídas de campo, foram registradas em um Diário de Campo (DC), visto que normalmente o indivíduo lembra-se somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem sentido no momento do acontecimento. (DAMATTA, 1987).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização dos diários fez-se dentro e fora de campo, além de um caderno, para anotação das informações que se consideravam mais relevantes, logo após a saída do campo realizou-se através do recurso do gravador, uma descrição detalhada das experiências observadas e experimentadas, com o objetivo de minimizar as perdas da memória. A segunda etapa de construção do DC consistiu-se na escuta e posterior transcrição do áudio, em seguida a construção de um relatório complementar.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Neste processo analítico considerara-se como fundamental para o estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas. Ressalta-se que o estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana¹⁷, conforme

¹⁶O termo “pelada”, na linguagem futebolística, refere-se a um jogo de caráter “lúdico”, no qual algumas regras, como a presença de árbitros, a uniformização das equipes, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes. No caso específico do amador pontagrossense, são realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não há jogo do amador.

¹⁷ A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de projetos de pesquisa que envolvam seres humanos. Após submissão da proposta na Plataforma Brasil, o projeto é designado para análise por um Comitê de Ética vinculado ao sistema. (PLATAFORMA BRASIL, 2021).

designação da Plataforma Brasil, sob o número do CAAE: 66013317.8.0000.5694 e do Parecer: 2.005.549.

6.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma boa etnografia, desde Malinowski, Geertz e Sahlins, é aquela capaz de tornar visível as regras e normas culturais cristalizadas no interior dos grupos nativos e, portanto, responsáveis pela construção da sociedade investigada. Como códigos, essas leis não estão escritas explicitamente em lugar algum, mas sim inscritas “no mais escorregadio de todos os materiais: o ser humano”. (MALINOWSKI, 1978, p. 25).

Ao iniciar as primeiras observações *in loco* em 2013, não imaginava que passaria mais de 8 anos acompanhando aquele clube, fato que me colocou junto com um pequeno grupo de agentes, pois a maioria dos jogadores não permaneciam tantos anos consecutivos no clube. Realizar uma etnografia em longa duração, permitiu acompanhar não apenas as vivências e práticas de um grupo, mas seus conflitos e transformações ao longo dos anos. Um dos primeiros elementos que chamou a atenção nas descrições do diário de campo, foi a diversidade dos agentes sociais.

Os jogadores, dirigentes e torcedores do Mirante Esporte Clube, vinham de diversas regiões da cidade¹⁸, de todas as idades e com construções culturais e padrões econômicos distintos. Mesmo com estas diferenças, existia em certa medida, um “equilíbrio de poder”¹⁹.

Assim, a ilusão de ótica construída nas imagens sociais entre o bem-sucedido e o fracassado é problematizada, ao passo em que o estabelecido socialmente perde protagonismo nas teias de interdependência. Já os normalmente considerados *outsider* sem outras configurações, ao adentrarem nestes ambientes deixam o estigma da marginalidade e assumem um papel de destaque nessa nova ordem. (FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018, p. 586).

¹⁸ De acordo com os dados obtidos no site do IBGE (2021), Ponta Grossa – PR, possui uma população estimada (2021) de 358.838 habitante, quarta maior do estado. Desta população, 105.823 pessoas encontram-se em uma ocupação profissional. Embora a cidade encontre-se na 14ª posição do estado em salário médio mensal dos trabalhadores formais, com 2,6 salários-mínimos, 32,7 % dos trabalhadores possuem rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo. Comparando a outros municípios, a cidade está em 60º do ranking estadual do Produto Interno Bruto (PIB). Na educação, quanto as notas dos Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), 6,5 nos anos iniciais e 4,8 nos anos finais do ensino fundamental (Rede pública) a cidade encontra-se nas posições 149 e 288 respectivamente.

¹⁹ Para Elias (2005) as relações sociais entre os indivíduos ou entre indivíduos e grupos sociais, devem ser compreendidas como parte de uma configuração mutável, na qual há “um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração. (ELIAS, 2005, p. 143).

Estas micro tensões que ocorriam durante os jogos, devido a busca pela titularidade, as atuações em campo, o comprometimento com a equipe, os auxílios financeiros com arbitragem, eram fundamentais para uma mudança positiva no olhar “sobre aqueles” jogadores e no olhar “daqueles” jogadores marginalizados socialmente (devido a profissão ou falta de escolaridade), auxiliando no empoderamento pessoal.

Partindo dos pressupostos teóricos de Bourdieu (2001), também é possível compreender as mudanças na visão destes agentes sociais, devido a *nomos* do grupo. Bourdieu (2001) destaca que no interior de todos os campos sociais, há uma “lei fundamental”, seu *nomos*, tão real para os integrantes do campo, que não precisa ser enunciada, tão óbvia para os agentes sociais pertencentes ao campo, que podem passar completamente despercebidas por forasteiros, pois só é enunciada, de forma tautológica, quando ocorre nas interações sociais algo excepcional. Deste modo, podemos compreender esta lei fundamental como base de um sistema de valores naturalizados pelos agentes.

No contexto do Mirante E. C., em investigações anteriores, analisou-se alguns destes valores, como o respeito, a valorização e a admiração aos jogadores mais velhos, os veteranos, pela trajetória no futebol pontagrossense e no clube, devido a características como experiências e sabedoria acumuladas em décadas de futebol (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCELLI, 2019). O respeito e defesa do clube como um “lugar de família”, ou seja, da busca por aproximar cada vez mais os filhos e esposas, aos filhos e esposas de outros jogadores, tornando o estádio do Mirante E. C. um espaço de fraternidade e os churrascos e festividades após os jogos encontros em família. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

Neste contexto, possuir uma noiva, esposa ou filhos atribuía perante o grupo, uma imagem de responsabilidade e compromisso, diferente dos jogadores solteiros. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020). Seguindo esta lógica, o gosto pela prática futebolística e o amor pelo Mirante E. C eram ensinados desde cedo, através da entrada das crianças no campo, dos meninos no vestiário, das conversas sobre futebol, das histórias contadas aos menores sobre os feitos dos pais. (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018).

No entanto, a justificativa por aproximar a família, transmitir aos filhos e permanecer no clube por décadas, por vezes, deixando de lado a posição adquirida em outros espaços sociais devido a sua escolaridade ou rendimentos econômicos, estava ancorada no amor ao futebol. Não a qualquer futebol, mas aquele jogado no Mirante Esporte Clube. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

Ao realizar uma análise da dimensão simbólica e instituinte do ritual de preparação para os jogos no clube, identificamos que os momentos de socialização antes dos jogos, os atos

ritualísticos dentro do vestiário e os momentos pós jogos, eram espaços importantes não só do ponto de vista da crença e da superstição, mas também na instituição social. Para os jogadores mais jovens, chegados recentemente ao clube, significava passar a fazer parte da “Família”, “Ser Mirante”. Já para os agentes pertencentes à família, o próximo passo viria em longo prazo, com suas instituições ao posto de “veterano”. (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2018).

Entretanto, estas transições entre aprender a gostar de futebol e do Mirante E. C., aproximar a família e permanecer no clube por décadas, até tornar-se veterano, não ocorriam de forma harmônica. Como destaca Hall (2012) a identificação estabelecida através do reconhecimento de uma origem, características ou um ideal em comum, com uma pessoa ou grupo, é um processo nunca completado. Deste modo, embora possua recursos materiais e simbólicos para sustentá-la, ela jamais anulará a diferença.

Assim, a manutenção da identificação é realizada através de um processo, em que as diferenças realizam a marcação de fronteiras simbólicas. (HALL, 2012). Portanto, nunca haverá um equilíbrio completo, pois ao mesmo tempo em que haverá uma identificação demasiada, existirão também agentes pouco engajados. No Mirante E. C., em meio a este processo foi possível verificar a saída de alguns agentes, a entrada de outros, a busca pela preservação das práticas e valores ou os conflitos por mudanças.

O retorno ao estádio do clube em 2019 para construção da tese, descrito nos diários de campo como inquietantes, devido as modificações em sua gestão do clube, deixavam claro como o processo de identificação encontra-se sempre em constante transformação. Deste modo, passamos a perceber a necessidade de se olhar para os agentes sociais do campo, não apenas pelo seu posto, isto é, o torcedor, o jogador, o técnico ou o gestor. Mas sobretudo, pela sua identificação aos valores e práticas vivenciadas coletivamente.

Assim, duas categorias distintas, porém interdependentes emergiram. A primeira delas foi o “Clube”, composto por torcedores, familiares, veteranos, gestores, presidente, técnicos e jogadores, que possuíam laços afetivos com o Mirante. Não obstante, com o anúncio do calendário do campeonato amador, feito pela Liga de Futebol de Ponta Grossa no início de cada ano, emergiam atritos entre estes agentes, sobre o que seria melhor para o clube.

Por um lado, aqueles que defendiam a formação de times competitivos, mesmo deixando de fora jogadores que possuíssem relações identitárias com o clube, mas que não fossem habilidosos o suficiente, perante o nível de jogadores almejados. Por outro, aqueles que acreditavam que a melhor estratégia seria apenas completar o elenco, tendo como base os jogadores envolvidos emocionalmente com o Mirante.

Por este motivo, além do clube, foi necessário olhar para “os times do clube”, como categoria de análise. Estes por sua vez, eram formados anualmente por jogadores e técnicos que possuíam sentimentos ou não pelo Mirante. Este olhar para a formação do time foi importante, pois independente dos atritos no interior do clube, em maior ou menor número, os jogadores que não possuíam relação com o clube eram importantes, pois sem eles, os times do clube não se formavam. Destarte, buscaremos demonstrar nas páginas seguintes, como ocorrem estas relações sociais, no interior do Mirante E. C. e na formação de seus times.

6.3.1 O Mirante Esporte Clube: Um Time Familiar tem Futuro?

Ao longo das observações *in loco*, percebeu-se que os clubes que disputam o campeonato amador de Ponta Grossa possuíam motivações distintas, devido aos diferentes pontos de vista sobre o que, de fato, estava em jogo. (HUIZINGA, 2000). De acordo com Bourdieu (2004) o campo social pode ser compreendido como um espaço de posições, onde os agentes sociais encontram-se localizados um determinado ponto, a partir do seu nascimento e da sua trajetória. A cada posição, corresponde um ponto de vista distinto, por vezes antagônicos, sobre o sentido das relações sociais que nele acontecem.

Os clubes sociais emergiram em Ponta Grossa, como catalisadores de pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Nos clubes sociais em que o futebol se apresentava como esse elemento aglutinador, o envolvimento emocional não só dos jogadores, mas também de seus familiares tornou-se bastante significativo. (FREITAS JR., 2000).

Identificou-se na realidade do campeonato amador da cidade de Ponta Grossa, a partir do Mirante Esporte Clube, tipos²⁰ distintos de clubes, que foram organizados em 5 categorias, são elas: os Clubes de Vila, os Clubes Social, os Clubes Associativos, os Clubes Empresa e os Clubes Visitantes. Considerou-se nesta categorização, as características comuns entre os clubes e as que os distinguiam dos demais grupos, como por exemplo, as formas de “luta”, as estratégias ou as “táticas” adotadas pelos agentes individualmente e de forma coletiva.

²⁰Durante a descrição do campo futebolístico amador pontagrossense, Freitas Jr e Oliveira (2020) realizaram uma categorização dos clubes em 4 tipos, são eles: Clubes de Vila, Clubes Empresa, Clubes Visitantes, Clubes Associativos/Sociais. Porém, durante o processo de reflexão sobre o que já havia sido produzido, para encontrar possibilidades de avanço. Percebeu-se que seria necessário subdividir a última categoria. Embora os clubes Associativos e Sociais possuíssem muitas semelhanças, o não pagamento de mensalidade, no caso dos clubes sociais, modificava consideravelmente as ações dos agentes pertencentes a estes locais no campo. Deste modo, adotaremos no presente texto, a divisão em 5 tipos distintos de clube. Como a caracterização destes clubes, já foi realizada de forma mais densa (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2020), realizaram ao longo do texto, descrições a partir do Mirante Esporte Clube.

O Mirante Esporte Clube, pode ser compreendido como um Clube Social. Embora estes clubes tenham passado por um processo de construção de um estatuto, formação de diretorias e regulamentação oficial, como possuir CNPJ. Nem sempre houve por parte dos gestores destes clubes, o cuidado com a preservação destes documentos. No Mirante E. C., por exemplo, estes documentos já existiram, no entanto, o que regia a organização do grupo e a hierarquia das posições, eram os valores transmitidos através das vivências cotidianas e dos ritos.

Por este motivo, nem sempre havia clareza sobre as funções de cada um na estrutura do clube, os agentes que se envolviam na gestão buscavam, dentro de suas possibilidades, maneiras de contribuir para a manutenção e melhora na estrutura do espaço. A única função estabelecida anualmente foi a do técnico do time principal e do time máster. As duas categorias em que o clube buscava disputar o campeonato amador de Ponta Grossa.

Não obstante, os clubes sociais possuíam um grau maior de organização para as competições, se comparados aos Clubes de Vila, por respeitarem uma hierarquia simbólica e por manterem atividades ao longo do ano todo, sejam os jogos válidos pelo campeonato amador, seja por peladas, jogos treino ou jogos festivos. Outra de suas características é a inexistência de pagamento de mensalidades. Somada ao descrito acima, estes elementos os distinguem dos clubes associativos.

Porém, o fato de não possuírem uma receita fixa e disponível para participar das competições amadoras organizadas pela Liga, os colocava em uma posição de desvantagem, se comparados aos Clubes Cidades, Clubes Empresas ou Clubes Associativos. Os clubes sociais dificilmente possuíam patrocinadores e a busca por algum eram sempre difíceis. Ao longo do período em que acompanhei o Mirante E. C., envolvi-me em diferentes ações que faziam parte das práticas dos agentes que compunham o clube. Dentre elas, a busca por patrocínios.

Na tarde deste sábado, por volta das 13:30, do dia 18 de março de 2017, recebi uma ligação do Wagner²¹ avisando que devido ao sorteio a equipe do Mirante E. C. não jogaria no dia seguinte. Eu agradei a ligação, mesmo já sabendo daquela informação, em seguida ouvi o real motivo da ligação, era um convite para ir até um material de construção da cidade, realizar um pedido de patrocínio. Imediatamente concordei, pois já havia o auxiliado na construção de um projeto de patrocínio. Combinamos de nos encontrar as 15 horas no estabelecimento, junto com ele, também foi o Caio, que inicialmente descrevi em meus diários de campo como o dono do bar, mas que identifiquei ser um faz tudo e acima de tudo, que possua uma identidade com o clube. Após nos cumprimentarmos, entramos no material de construção e conversamos com

²¹No decorrer da investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, como estratégia que visa preservar os sujeitos do clube no qual realizou-se as observações in loco. Esta opção decorre do grau de envolvimento estabelecido pelo pesquisador, ao ser aceito em várias camadas do grupo investigado, desta maneira sendo possível circular por diferentes subgrupos existentes dentro do próprio clube.

um dos funcionários que imediatamente foi chamar o gerente. A conversa não durou mais do que dois minutos, Wagner se apresentou e com o projeto de patrocínio na mão, contou rapidamente um pouco da história do clube e disse ao gerente o que precisávamos. Na primeira pausa da fala, ele foi interrompido pelo gerente, que disse não ter interesse, em seguida despediu-se alegando ter outras demandas. Com poucas palavras, em direção ao estacionamento, onde havíamos estacionado os carros, Wagner e Caio se despediram. Através da mudança na expressão e do tom de voz, percebi que ele havia sentido um golpe, talvez pela hostilidade na resposta. (DC, 18/03/2017).

Em conversas posteriores, percebi que o desânimo de Wagner, devia-se as seguidas vezes que ouviu não, aos pedidos de patrocínio. Sem estabelecer julgamentos sobre a sua forma de abordagem, era possível entender seu incomodo, por não possuir capital econômico suficiente para bancar as despesas das competições ou a falta de capital social e político, para conseguir parcerias. Estas questões foram apontadas pelo próprio Wagner em outras ocasiões.

Deste modo, o grupo buscava outras formas de angariar recursos financeiros, as principais eram o aluguel do campo para equipes que disputavam o campeonato e não possuíam estádio ou para equipes de jogadores que buscavam um espaço adequado para a prática do futebol de campo, as tradicionais peladas²². Além da venda de bebidas nos dias de jogos do campeonato amador ou peladas.

Estas fontes de renda juntas, somadas a alguma doação, por parte de agentes que possuíam laços de afetividade com o clube, possibilitavam o pagamento do salário de um caseiro, contas de água e luz, manutenção do campo e em parte, os gastos com arbitragem, taxa de inscrição nos campeonatos e de filiação a Liga. Como os valores financeiros nem sempre eram suficientes, comumente o clube realizava almoços, com a venda de ingressos ou rifas para arrecadação de fundos para reformas ou reparos na estrutura física do local.

²² O termo “pelada”, na linguagem futebolística, refere-se a um jogo de caráter “lúdico”, no qual algumas regras, como a presença de árbitros, a uniformização das equipes, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes. No caso específico do amador pontagrossense, são realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não há jogo do amador.

Fotografia 1 - Registro aéreo do estádio do Mirante Esporte Clube.



Fonte: Os autores.

Fotografia 2 - Veteranos e torcedores do Mirante Esporte Clube aguardando o início do jogo válido pelo Campeonato Amador.



Fonte: Os autores.

Fotografia 3 - Meninos jogando futebol após o término de uma partida do Mirante Esporte Clube, no Campeonato Amador de Ponta Grossa, enquanto seus pais/jogadores socializavam no bar do clube.



Fonte: Os autores.

Fotografia 4 - Vestiários do Mirante Esporte Clube. A direita o espaço destinado ao clube, a esquerda para os visitantes e no centro o vestiário dos árbitros.



Fonte: Os autores.

Fotografia 5- Torcedores, familiares e veteranos acompanhando uma partida do Mirante Esporte Clube.



Fonte: Os autores.

Fotografia 6 - Jogo treino entre o os times Máster e Principal do Mirante Esporte Clube. Antes do início das competições amadoras de 2017.



Fonte: Os autores.

Fotografia 7 - Festa Junina realizada no Mirante Esporte Clube para arrecadação de fundos.



Fonte: Os autores.

Fotografia 8 - Torneio de futebol suíço realizado no Mirante Esporte Clube para arrecadação de fundos.



Fonte: Os autores.

Para reduzir os custos, estas pequenas reformas eram realizadas através de mutirões. Ao longo do período em que observei o clube, participei de alguns deles.

Ao chegar no estádio do Mirante neste sábado, as 8:00 horas pela manhã, tive a sensação de que causei certo espanto por parte dos veteranos, alguns jogadores e alguns membros da equipe técnica do clube. Quando Wagner me informou por telefone que não haveria pelada no próximo sábado e que aproveitariam o dia para fazer algumas reformas no estádio, para o início do ano, ele não esperava que eu estivesse falando sério, quando disse que os ajudaria. Provavelmente eles haviam combinado um horário anterior, pois ao adentrar no bar do estádio, onde os encontrei, a maioria estava finalizando o café. Uma panela com virado e ovos quase vazia na bancada e os pratos na mesa, um deles ainda sendo degustado por um dos jogadores, revelava que haviam combinado de tomar café junto. Foi possível perceber que Wagner ficou “sem jeito” por não ter me convidado para vir antes, talvez achasse que eu não viria mesmo, ou que eu não toparia se fosse mais cedo, ou ainda que eu não me juntaria a eles para comer virado com ovo (Wagner é um dos agentes que mais está demorando para esquecer que eu sou professor do ensino superior, sinto que isso é uma barreira para ele falar quaisquer coisas, de qualquer forma, perto de mim). Mas tratei logo de quebrar o clima, mencionando justamente o fato, dizendo: - Porra Wagner, me passou o horário só para perder um viradão desses. Sacanagem! Como não havia mais o que eles me oferecerem, tratei logo de dizer que da próxima não queria perder o café, pois comer virado pela manhã me lembrava a infância na casa de meus avós. Realmente lembrava. Em seguida aceitei o café, oferecido por ele, ao mesmo tempo em que dividíamos o que cada um faria. Alguns jogadores, que trabalhavam na construção civil, ocuparam-se de instalar portas nos banheiros masculinos e femininos, as quais um deles havia ganhado em uma obra. Outros, foram para os vestiários, fazer uma nova pintura e parafusar alguns ganchos para os uniformes com número e nome de cada jogador, pois muitos continuariam representando a equipes naquele ano. Com mais alguns, eu fui para o campo, pintar os muros do alambrado, corrigir falhas na tela, cortar o gramado, pintar as linhas. O clima era descontraído, um jogador ligou o som de seu carro, motivando piadas quando a música não agradava um ou outro agente. Próximo do meio-dia, cada um contribuiu com o que podia, para comprar carne, linguiças e pão, assados por Caio, enquanto continuávamos trabalhando. Quando estava pronto, ele nos chamou, abrindo apenas 4 garrafas de cerveja, justificando que era o suficiente para comermos e não abandonarmos o trabalho. Durante o almoço, as conversas giraram em torno de assuntos familiares, filhos, profissão e o futuro do clube. A necessidade de envolver mais jogadores naquelas ações apareceu como prioridade. Sendo necessário pensar em estratégias, investir mais no clube. Um jogador veterano começou a levar o assunto para o imaginário, apontando para os espaços do clube, sugeria onde poderiam ser criadas as piscinas, o campo de society, o parquinho para as crianças etc. Após as conversas irem para o campo do imaginário, retornamos ao “mundo real” e continuamos o trabalho até o final da tarde. (DC, 21/01/2017).

Porém, mesmo com todas estas iniciativas, nem sempre era possível arrecadar a quantia necessária para manter a equipe nas competições. Isso impactava diretamente na forma e nos objetivos do Mirante E. C. nos campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa.

Durante as observações realizadas entre os anos de 2013 e 2018, para os agentes que comandavam o Mirante E. C., os campeonatos amadores eram acima de tudo, espaços e para socialização e confraternização. A lógica familiar descrita por Oliveira e Freitas Jr (2020) ajuda a entender esta percepção. Por este motivo, em torno dos alambrados, arbitrais e reuniões de representantes de clube, sempre surgiam discussões sobre as diferenças de poder entre as

equipes amadoras. Para alguns a Liga deveria se profissionalizar, o primeiro passo para isso seria filiar-se novamente a Federação Paranaense de Futebol. Para outros, a flexibilidade e dificuldades fazia parte do espírito do amadorismo.

Tensões semelhantes foram identificadas por Myskiw e Stigger (2014, p. 448), no circuito municipal de futebol em Porto Alegre. Segundo os autores, nas reuniões com os representantes das equipes “não raramente, emergiam disputas entre aqueles que discursavam por uma organização mais próxima do profissional e, em contraponto, os que defendiam que a várzea não é o profissional”.

Essas discussões afloraram-se em 2016, quando a Liga realizou o campeonato amador principal em duas fases. Na primeira, os mais bem colocados de cada grupo, classificaram-se para uma fase final, que seria considerada no ano seguinte a Série Ouro do campeonato amador pontagrossense, já os times que não se classificassem, disputariam a Série Prata. O objetivo era criar duas divisões mais equilibradas no campeonato amador principal de 2017, porém a decisão não se manteve, pois, o Mirante E. C. e outras equipes que jogariam a Série Prata, se recusaram a jogá-la se a divisão se mantivesse.

Esta situação é instigante, pois ao mesmo tempo em que os gestores do Mirante E. C., enfrentavam dificuldades para manter as atividades e a estrutura do clube, inclusive estabelecendo objetivos mais singelos nas competições amadoras, como a classificação para as fases eliminatórias, eles não se viam como um clube pequeno.

Um ponto de ancoragem para essa percepção era a história do clube, para alguns veteranos, que haviam participado de conquistas, como o título amador da década de 1990, seria inaceitável ver o clube disputando uma competição contra times criados naquele ano (2017) ou sem a mesma tradição. No início do ano de 2017, presenciei a beira do alambrado uma destas conversas, entre alguns veteranos e o técnico da equipe.

O jogo entre o time máster e o time principal do Mirante estava nos 30 minutos do segundo tempo, aproximadamente, quando seu Sebastião chamou Caio [então técnico, mas que posteriormente pleitearia a presidência do Mirante E. C.] e perguntou a ele como havia ficado a situação do Mirante. Sebastião referia-se a queda do clube para a série prata no ano anterior. Em seguida disse que aquilo não existia, que o Mirante E. C. tinha muita história e seria vergonhoso disputar uma segunda divisão inventada. Em seguida, Caio disse que não jogariam, que já haviam conversado com outras equipes que disputariam a prata, para se recusarem a jogar, caso a Liga de Futebol de Ponta Grossa, mantivesse a divisão. Seguido por comentário de concordância (tem que fazer isso mesmo) e balançares de cabeça de outros veteranos que estavam na roda. Caio disse que havia marcado um jogo entre os Mirante e o Clube de Vila, para aproveitar o encontro e trazer mais um time para o nosso lado. Antes do assunto mudar, mais uma vez, seu Sebastião disse: “– Isso mesmo, tem que bater o pé, nós não entramos em campo em campeonato de três ou quatro times. O Mirante é um dos times mais antigos, essa ideia não deu certo, tem que acabar com divisão, é amador e

pronto. Sempre jogamos de igual para igual contra esses times que pagam jogador, já fomos campeão inclusive. Não vai ser agora que vamos ter medo deles. Ano passado erramos, inventamos moda, agora é virar a página e montar um time bom”. (DC, 29/01/2017).

Como o histórico do Mirante E. C. nos campeonatos amadores era de cair na primeira fase ou nas quartas de final (primeira fase eliminatória, após a fase de grupos), apenas em duas ocasiões (amador Máster 2017 e Divisão Especial 2020), a equipe chegou às semifinais. Sempre ouvi discursos sobre a necessidade de se criar times mais competitivos, ou seja, mesmo que os agentes tentassem justificar as suas campanhas na competição, a objetivos e princípios, não possuir equipes competitivas abria margem para questionamentos sobre o “trabalho” desenvolvido por aquele grupo de agentes.

Após a desclassificação do Clube no campeonato amador Divisão Especial de 2016 (que o levaria a disputa da série prata), surgiu a proposta de reorganização hierárquica no clube, através de uma diretoria. Pois era necessário criar times mais competitivos, mas para isso, uma gestão organizada seria fundamental. No momento, eu estava a cinco anos acompanhando o clube em todos os amistosos que participava, jogos-treino, campeonato amador principal e máster (acima de 35 anos). Por este motivo, recebi o convite de Wagner, para ser um dos membros da diretoria do clube.

Vendo que mais uma camada de aceitação²³ havia sido rompida, disse sim para o convite e participei da primeira reunião da nova diretoria do clube, no dia 24 de março de 2017. Quando me atribuíram a posição de 1º Secretário da diretoria. Após mais de um mês, dia 09 de maio de 2017, realizamos a segunda e última reunião da diretoria.

O principal assunto abordado na reunião foi uma notificação judicial, referente a uma dívida antiga do Mirante Esporte Clube, no valor corrigido de sessenta e dois mil oitocentos e vinte e quatro reais e vinte e oito centavos (R\$ 62.824,28), acumulada devido a não isenção do IPTU em um período de aproximadamente quatorze anos. Após discussão, definiu-se que seria necessário, procurar com urgência um advogado para verificar as possibilidades de negociação da dívida do clube. Outra questão levantada por um dos membros da diretoria foi a necessidade de zelar-se pelo ambiente familiar construído, sendo responsabilidade de todos os membros da diretoria mediar e agir diante de situações que entrem em conflito com este valor. A situação foi levantada, porque em uma pelada realizada anteriormente, um jogador bebeu mais do que devia e “deu em cima” da esposa de um dos jogadores, enquanto ele estava em campo. Deliberou-se também sobre a necessidade de levantar recursos para o pagamento dos demais gastos do clube. Assim encerrou-se a reunião com o compromisso dos membros, de pensarem em possibilidades para arrecadação de fundos, seja: uma feijoada, um bingo ou uma Festa Junina. Ao término da reunião, em conversa paralela com Wagner, fui informado de que precisaria das atas, para levar

²³ Ser aceito pelo grupo social estudado é parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o qual influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da pesquisa. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

aos conselheiros, para que eles reconhecessem a nova diretoria, isso me deixou confuso, pois estávamos realizando uma reunião da diretoria. (DC, 09/05/2017).

Depois daquele encontro, conversamos em vários outros momentos no estádio, porém Wagner não mencionava a realização de novas reuniões da diretoria. No grupo de WhatsApp, criado por mim a pedido de Wagner, o silêncio prevalecia. Até que durante uma de nossas conversas, saindo do campo após o término de uma das partidas do amador, ele mencionou a não aprovação dos conselheiros, de seu nome como presidente.

Questionado sobre o que seria e quem fazia parte deste conselho, ele me respondeu que houve uma época em que o Mirante teve um momento formal, com criação de um novo estatuto e um conselho, que teria como objetivo dar suporte a diretoria e zelar pelos patrimônios do clube (estádio). Citou o nome de um deles, um ex-vereador da cidade, mas buscou logo mudar de assunto, aparentando ficar em um estado melancólico ao falar sobre o tema. Em seguida, disse que manteria o trabalho no clube, que independente da decisão “deles”, pretendia seguir ajudando o clube no que fosse possível, em qualquer posição. (DC, 11/06/2017).

Deste modo, a proposta de criação de uma diretoria oficializada foi perdendo força nos diálogos e a gestão do clube retornou as características dos anos anteriores. Assim o Mirante seguiu participando do Campeonato Amador Principal de 2017 e participou do Campeonato Amador Máster de 2018, no último, os custos com arbitragem já estavam sendo custeados por alguns jogadores do time. No entanto, devido as dificuldades financeiras, os agentes que faziam parte do grupo responsável pelas tomadas de decisão no clube decidiram não inscrever o Mirante E. C. na competição principal daquele ano. O que fomentou muitas conversas paralelas nos estádios em que as partidas do amador principal aconteciam, pois a não participação de uma equipe tradicional como a do Mirante, era motivo de estranhamento.

Neste contexto, o nome do Roberto entra em cena e passa a ser apontado como a pessoa que assumiria o clube no ano seguinte. Ele foi um jogador do Mirante E. C. na década de 1990, período em que o clube conquistou seu último campeonato amador de futebol. Em suas redes sociais, expõe orgulhosamente as fotos do tempo em que jogou no clube, sempre acompanhado de seus filhos, os quais também o acompanharam na gestão do Mirante E. C. quando ele assumiu a presidência. Portanto, tratava-se de um ex-jogador do Mirante E. C., que possuía fortes sentimentos de identificação com o clube, mas que havia se distanciado do clube.

Ciente das mudanças que estavam por vir, retornei as observações em 2019, no jogo entre Mirante e Clube de Vila, na casa do clube de vila, válido pela primeira rodada da competição.

Se não fossem as camisas do Mirante E. C., levaria muito mais tempo para reconhecer no elenco os poucos jogadores que já haviam vestido a camisa do clube em outra ocasião. Nas conversas de alambrado, agentes sociais que acompanhavam ativamente jogos do amador, falavam da nova equipe do Mirante. No alambrado do meu lado esquerdo, um homem com aproximadamente 40 anos, contava a outro, que o técnico do Mirante, havia sido goleiro do Operário Ferroviário Esporte Clube, equipe profissional da cidade, e que nos últimos anos estava trabalhando como técnico, na suburbana, competição amadora de Curitiba. Outro grupo, falava dos jogadores do Mirante E. C., que nenhum deles era daqui que todos eram da suburbana e campolarguense. Embora não fosse completamente verdade, pois consegui identificar alguns jogadores de Ponta Grossa. (DC, 17/02/2019).

Diferente dos agentes que se propuseram a integrar a diretoria do clube em 2017, Roberto possuía um capital futebolístico maior. Isso possibilitou o estabelecimento de algumas parcerias, efetivadas através de mudanças estruturais nas dependências do clube, como pintura, construção de muros em um local antes aberto ou novos uniformes (inclusive para comissão técnica).

Outra mudança significativa, foi vista em um dos momentos mais importantes para os jogadores do Mirante E. C. de anos anteriores, o rito de preparação para os jogos. Diferente da chegada com antecedência, para tomar um café e comer pinhão, nos domingos de inverno, quando o jogo era realizado pela manhã, que fomentava conversas informais, sobre o cotidiano de cada jogador. Os jogadores chegavam diretamente para o vestiário do clube, alguns vinham juntos dividindo o carro, outros sozinhos, mas o clima era menos descontraído, os diálogos entre os jogadores mais técnico e voltados para o campeonato amador.

Os discursos performáticos, que envolviam histórias vividas no clube, que reforçavam a noção de família (FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA, 2018) perderam espaço para o discurso individual, “mostre para eles quem você é” proferido não a um jogador, mas ao coletivo. Outro momento que mudou completamente o sentido, foram os encontros no bar, pós partida. O tradicional churrasco era realizado, mas os jogadores permaneciam apenas em caso de bons resultados em campo ou se existisse um motivo para a comemoração. Alguns aguardavam os primeiros pedaços de carne, se serviam e logo depois se despediam dos companheiros alegando outros compromissos, futebolísticos ou não. Após uma hora do término da partida, ficavam apenas os veteranos e ex-jogadores do Mirante, no bar do clube.

O presidente do Mirante E. C. também enfrentou dificuldades para manter os jogadores vindos de fora no elenco, tanto por questões econômicas, quanto por disputa de posições. Pois para os vindos de fora, a titularidade era exigências, para aqueles que aceitaram jogar sem qualquer ganho, o jogador que ocuparia sua posição, deveria ser melhor do que ele. Naquele ano, a posição mais problemática foi a de goleiro. No início da preparação para competição, havia dois goleiros que já jogaram pelo Mirante em anos anteriores, ambos de titulares, nos

respectivos anos. Como a proposta era criar um elenco forte, os dois concordaram em criar uma sistemática de revezamento, no entanto, com a vinda dos jogadores e técnicos de fora (Porto Amazonas, Irati, Palmeira e Curitiba), surgiu a presença de mais um goleiro, que veio para ser titular.

Deste modo, um dos goleiros de casa, buscou outra equipe para disputar a competição. Após algumas partidas, começou a existir uma pressão por parte dos veteranos, jogadores e do Roberto, para que o técnico dessa mais oportunidade para o goleiro local, pois na primeira rodada, ele havia feito um bom jogo, mas na sequência dos jogos foi substituído. Quando o pedido foi atendido e o goleiro local passou a jogar um tempo e depois iniciar o jogo como titular, o goleiro de fora recusou-se a vir de outra cidade para ocupar a posição de reserva. Com ele, mais alguns jogadores abandonaram a equipe e o Mirante, mais uma vez, sofreu com a falta de goleiro.

Em um dos últimos jogos da fase de grupos, o único goleiro da equipe foi expulso, por brigar com um jogador do próprio time. Fato muito semelhante ao ano de 2016, quando devido as mesmas situações disputei um jogo do campeonato amador pelo Mirante E. C. (OLIVEIRA, 2018), porém desta vez um jogador de linha ocupou o papel no jogo seguinte. Neste ano, o Mirante E. C. encerrou sua participação na nona colocação do campeonato, muito aquém das expectativas do presidente.

O ano de 2020 iniciou com uma formação diferente da equipe, o presidente Roberto, decidiu que seria também o técnico da equipe do Mirante e para auxiliá-lo, contou com seus dois filhos. Neste ano, a base da equipe não foram os jogadores pagos, mas um grupo de jogadores que disputavam competições de clubes associativos juntos, que levava o nome da casa noturna da qual os filhos de Roberto eram sócios. Somados a estes jogadores, foram reincorporados alguns jogadores das peladas, que jogaram o amador de 2017 ou antes disso.

Ao longo das rodadas foi possível identificar a força das relações entre os jogadores, os quais mobilizaram um número significativo de torcedores jovens ao estádio. Diferente da presença marcada por veteranos e esposas de jogadores, os jogos em casa do Mirante, contavam com a presenças de muito amigos homens, que justificavam ir torcer pelos “parceiros” que jogavam juntos em peladas, futebol de clube ou competições universitárias. Além destes amigos, existia uma presença expressiva de mulheres, algumas esposas ou noivas, mas a maioria, namoradas ou amigas das namoradas e dos jogadores.

Além da partida e das tradicionais rodas para tomar cerveja, alguns jovens dividiam um narguilé, que gerava certo desconforto por parte dos veteranos. Os momentos precedentes e posteriores a partida também contavam com um grupo de pagode da região, que tornava o

jogo um espaço potencializados de sociabilidade. De acordo com Simmel (2006) a sociabilidade deve ser compreendida como uma maneira através da qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade, motivados por interesses em comum, sejam eles momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes.

Não obstante, nas relações de sociabilidade as alegrias individuais encontram-se ligadas a felicidade coletiva. Por esse motivo a sociabilidade segundo Simmel (2006) transfere todas as exigências de “caráter sério e até mesmo trágico em muitos sentidos, para o plano do jogo simbólico de seu reino de sombras, no qual não há atritos, justamente porque as sombras não podem colidir umas com as outras”. (SIMMEL, 2006, p. 78).

Tal como aponta Simmel, naquele time do Mirante, a profundidade das relações, não avança ao ponto de os jogadores dividirem coletivamente seus problemas ou suas lutas cotidianas, fundamentais para construção de relações duradouras, tanto entre os jogadores quanto com o clube. Assim, mais uma vez, não se conseguiu nos diários de campo, identificar uma relação de pertencimento ou afetividades com o Mirante E. C.

Não obstante, para entender melhor os motivos por trás desta mudança de gestão no Mirante E. C., e porque, mesmo com mais articulações no campo, o novo presidente enfrentou dificuldades para formar o time e principalmente engajá-los ao clube através de laços afetivos, foi necessário olhar para o processo de formação dos times que representaram o clube.

Para tanto, recorreu-se a uma tipologia dos jogadores, descrita por Oliveira e Freitas Jr (2020), que a partir das motivações dos jogadores dos clubes que disputaram o campeonato amador de futebol de Ponta Grossa, identificam quatro tipos distintos, são eles: 1) Aqueles que jogam devido à identidade com o clube; 2) Aqueles que jogam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade; 3) Aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol e; 4) Aqueles que jogam devido aos benefícios ou remunerações. No entanto, o foco da presente análise foi olhar apenas para o Mirante E. C. tentando compreender como a presença ou ausência destes jogadores afetavam as relações sociais estabelecidas pelos agentes que faziam parte do clube, ou seja, que direta ou indiretamente envolviam-se em sua gestão.

6.3.2 O Processo de Formação dos Times do Mirante E. C. para Disputa do Campeonato Amador de Futebol

Se nos fosse solicitado, que explicássemos a alguém que nunca ouviu falar de futebol, qual era o objetivo do jogo, em poucas palavras, possivelmente diríamos que em uma partida de futebol, dois times se enfrentam em um campo, disputando a posse de uma bola com os pés,

a qual era utilizada para realizar um número maior de gols que o adversário, conquistando assim a vitória. Quando há mais de dois times interessados no jogo, sistemas de disputa em formato de campeonatos, torneios ou copas são realizados, para definir entre todos os times participantes, qual a melhor equipe de futebol.

Partindo desta mesma lógica, a melhor equipe seria a que possuísse os melhores jogadores, estes por sua vez, seriam aqueles que fossem dotados das melhores capacidades físicas, habilidades técnicas (fundamentos) e consciência tática (leitura de jogo) do futebol. Neste viés, para o forasteiro, a formação de uma equipe seria bastante simples, pois bastaria reunir o melhor elenco, que as vitórias aconteceriam naturalmente e a conquista do título seria uma consequência.

Evidente que há alguns equívocos nesta leitura simplista do sentido do jogo, pois se apenas 11 jogadores de um time entram em campo, em uma partida oficial, restando a outros a posição de reserva. No interior do próprio time, já há uma disputa antes mesmo de o jogo contra um adversário começar. Neste sentido, a figura do técnico, torna-se relevante para mediar estes conflitos no elenco.

Para além da disputa interna, se há mais de um time, certamente haverá uma disputa pelos melhores jogadores. Isto faria com que nenhuma das equipes possuísse o elenco perfeito ou que um time, devido ao seu capital econômico, conseguisse ter os melhores jogadores, tornando a competição desinteressante, para todos os times que não possuíssem poder de negociação, para obter aqueles jogadores. No entanto o dedutivismo não se aplica às leis do futebol, as partidas realizadas no campeonato amador de futebol de Ponta Grossa, são um exemplo ilustrativo de tal afirmação.

Em primeiro lugar, nem sempre em uma partida de futebol amador na cidade, o objetivo era vencer. Ao longo das observações no Mirante E. C. constatou-se que apenas em alguns jogos vencer tornava-se primordial, isto ocorria nos “jogos absorventes” (GEERTZ, 2008), quando o clube enfrentava os clubes dominantes do campo, ou seja, as equipes que possuíam estrutura para compor os melhores elencos “tecnicamente”. Esta inferência evidenciava-se em falas como as proferidas por um dos jogadores do Mirante E. C., em uma conversa sobre o jogo da rodada seguinte, em que o clube jogaria contra o atual campeão da competição.

Cara. Semana que vem vai ser pauleira, vou dar o sangue, jogar muito mais bola que joguei hoje. Eu não ligo muito para a vitória, gosto de jogar e me divertir, depois tomar uma cervejinha, dar risada com a rapaziada, mas contra aqueles caras não, daqueles eu quero ganhar. Podemos perder todos os jogos depois, nem classificar, mas o gostinho de ver a cara de taxa daqueles marrento eu quero ter. Ainda mais na casa

deles, até foguete vou soltar lá dentro se a gente ganhar. Se, não! Nós vamos ganhar! (DC, 28/05/2017).

Nos jogos entre equipes desiguais, quando existia um favoritismo, o desejo pelo resultado aflorava-se no interior da equipe “azarona”, pois a vitória representava perante os agentes do campo, a conquista de um troféu moral (BOURDIEU, 2008a). Para Huizinga, devido a função significativa, no jogo sempre existe alguma coisa "em jogo" que não é o resultado do jogo, ou seja, transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Em outras palavras, todo jogo significa alguma coisa para além do seu resultado. (HUIZINGA, 2000).

Em segundo lugar, os melhores jogadores nem sempre são os mais habilidosos com os pés. Para compreender esta questão, é necessário entender quem são os jogadores de futebol amador e esta resposta só pode ser compreendida se articulada a uma terceira situação. O poder não é distribuído proporcionalmente entre os clubes, apenas alguns dominam a disputa pelo título de campeão amador de futebol, os clubes “ortodoxos” (OLIVEIRA, 2018), devido ao capital econômico que permitia aos gestores oferecerem algum tipo de remuneração financeira ou benefícios (compra de material esportivo, pagar academia, isenção de mensalidade em clubes associativos ou dias de folga nos clubes empresa), aos jogadores mais habilidosos (ex-profissionais ou aspirantes a profissão).

Deste modo, algumas equipes entram na competição sabendo que não vão vencê-la, porém fazem todo o possível para disputá-la. Não por uma esperança subjetiva (BOURDIEU, 2002) de que algo místico poderia acontecer e elas tornassem-se campeãs, mas sim a demarcação de uma posição e uma luta para mudar ou retomar o controle sobre o sentido do jogo²⁴, este foi o caso do Mirante E. C. entre os anos de 2013 e 2018.

Entre campeonato Amador Principal e Amador Máster, ao longo de 2013 a 2021, acompanhei a formação de 13 equipes do Mirante E. C., 7 principais (o clube não participou da competição de 2018 e 2021) e 6 equipes máster (o clube não inscreveu um time no campeonato amador de 2019, 2020 e 2021). Ao longo destes 8 anos, a lógica de formação das equipes sofreu um rompimento no segundo semestre de 2018, com a ausência da equipe no campeonato amador principal, que culminou com a mudança na gestão do clube. Por este motivo, iniciaremos apresentando o processo de formação da equipe entre os anos de 2013 e 2018.

²⁴ De acordo com o Bourdieu (2008a), ter o sentido do jogo significa “ter o jogo na pele”, dotar-se de um senso histórico.

Nos times máster do Mirante E. C. que observei serem formados, categoria criada para jogadores acima de 35 anos, nunca houve o pagamento de qualquer valor aos jogadores, pelo contrário, em momentos de “crise” alguns veteranos que ainda jogavam nesta categoria e possuíam uma relação afetiva com o clube, costumavam dividir o valor pago para a arbitragem em cada jogo. Mesmo que ficassem no banco de reservas, isso não os impedia de continuar contribuindo com o clube.

No campeonato amador principal, o Mirante E. C. também não pagava seus jogadores. Isso não era um problema, porém diferente do time máster, dividir as despesas da competição era inadmissível para os jogadores do time, pois significa no contexto da cultura futebolística local, pagar para jogar na categoria principal. Fazer isso, reduziria drasticamente o valor simbólico de ser convidado por um clube para compor o time de futebol naquele ano.

Em meio a estas limitações e dificuldades, os dirigentes do Mirante E. C. precisavam formar seus times todo ano. Deste modo, a base dos times principal ou máster, eram os jogadores que possuíam uma identidade com o clube. O mesmo ocorria com outros clubes sociais e clubes de vila, mas distinguia-se dos Clubes Cidade, Empresa e Associativos, que priorizavam o rendimento em campo dos jogadores e os bons resultados da equipe.

Este tipo de jogador, não fazia só parte do time, mas sim do clube Mirante. Quanto menos estruturado fosse o clube, maior seria a importância destes agentes na dinâmica do grupo, ao passo que, se vários destes jogadores saíssem ou se afastassem ao mesmo tempo, haveria uma grande chance de o clube fechar suas portas.

Uma característica marcante destes jogadores é que eles permaneciam em um mesmo clube por anos ou até décadas, e, em vários casos, após “pendurarem as chuteiras”, estes continuam frequentando o clube, envolvendo-se em atividades administrativas ou apenas acompanhando os jogos através dos alambrados. Recorrendo à discussão de identidade, apresentada por Bauman (2005), verifica-se que para este grupo ela é construída e, principalmente, estimulada (no sentido de uma manutenção constante), por laços emocionais e afetivos de longa duração.

A presença dos familiares também era frequente e fundamental. Avós, pai, mãe, tios, esposa e filhos estão entre os torcedores. Pode-se destacar as esposas e filhos(as) como mais participativos. Algumas mais tímidas acompanham os jogos quietas, torcendo silenciosamente, outras, porém gritam frases motivacionais para o esposo e o time como: “Vai amor!”; “Vamos time!”; “Mostre/Mostrem quem manda!”; entretanto, outras optam por tirar sarro da atuação do esposo em campo, gritando frases como: “Não me envergonhe!”; “Como vai aguentar correr com essa barriguinha?” (no caso dos jogadores acima do peso); “Se errar mais um gol não vai

para casa”; entre outros, sempre acompanhados por risos. Quanto a presença das esposas no alambrado e nas rodas de sociabilidade, churrascos e festividade, vale destacar que o fato delas não entrarem em campo, não atesta uma secundariedade ou um papel coadjuvante nas relações sociais do clube.

Um primeiro passo para refletir sobre essa questão é modificar o olhar sobre o alambrado, o qual poderia ser definido como a tela que separa o campo de jogo da arquibancada, que distingue os jogadores dos torcedores, os bons (homens mais habilidosos) e os ruins (homens menos habilidosos ou mulheres). Não obstante, estar à beira do campo, não significa ser ruim, a presença dos veteranos - posto almejado pelos jogadores mais novos (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCELLI, 2019) - atesta o quanto o futebol amador é mais do que chutar uma bola. As jocosidades futebolísticas no alambrado, emergentes das interações com o que ocorre no campo, permitem-nos perceber o quando o futebol amador de Ponta Grossa é uma prática corporal, mas também linguística.

No ponto de vista das próprias mulheres, elas sentem-se pertencentes a dinâmica do jogo que ocorre dentro e fora de campo. A importância de estar noivo no processo de aceitabilidade (OLIVEIRA, 2018), os almoços festivos apenas para casais ou a presença das esposas nas reuniões da diretoria do clube, a qual era precedida de um jantar, atestam o quanto as relações de gênero no clube, são também relações conjugais, em que acordos e trocas ocorriam, como as mencionadas por um casal, durante o almoço no clube.

Estávamos almoçando em uma mesa montada ao ar livre entre o bar e o campo do Mirante, quando Gabriel (auxiliar técnico do time na Divisão Especial) perguntou se eu e minha noiva havíamos ido a um circo que estava na cidade, respondemos que não, em seguida ele começou a relatar empolgadamente as atrações do show. Durante a fala, foi interrompido pela esposa (Édina) que comentou: “- Quem vê você falando assim, não imagina que nem queria ir” [seguido por risos]. Então ele complementa: “- Vida em família é assim mesmo. Igual quando eu comecei a vir aqui, você não queria vir. Mas foi só ver que tinha churrasco e outras mulheres, que passou a vir sempre”. Édina conclui: “- Isso é verdade, no começo vim só para ver se tinha futebol mesmo [risos], aí encontrei outras mulheres, começamos a tirar sarro de vocês jogando e ainda tinha churrasco todo final de semana. Não precisava fazer almoço e lavar louca”. No momento, minha noiva concordou com sua esposa, alegando vim ver se eu estava mesmo estudando o futebol. Neste momento, Gabriel olha em minha direção e diz que em uma vida de casal, todos precisavam ceder e fazer acordos, se o futebol era importante para eles, a família (esposa e filhos) deveria apoiar, da mesma forma, quando eles queriam fazer algo, ele deveria ser “parceiro” e acompanhar. Então finalizou explicando uma destas trocas: “- Todo domingo a gente vem cedo aqui, geralmente já almoça no Mirante E. C., depois a tarde eles decidem o que fazer, se vamos na casa de alguém, no circo, no shopping, onde for a gente vai, é o combinado. (DC, 26/02/2017).

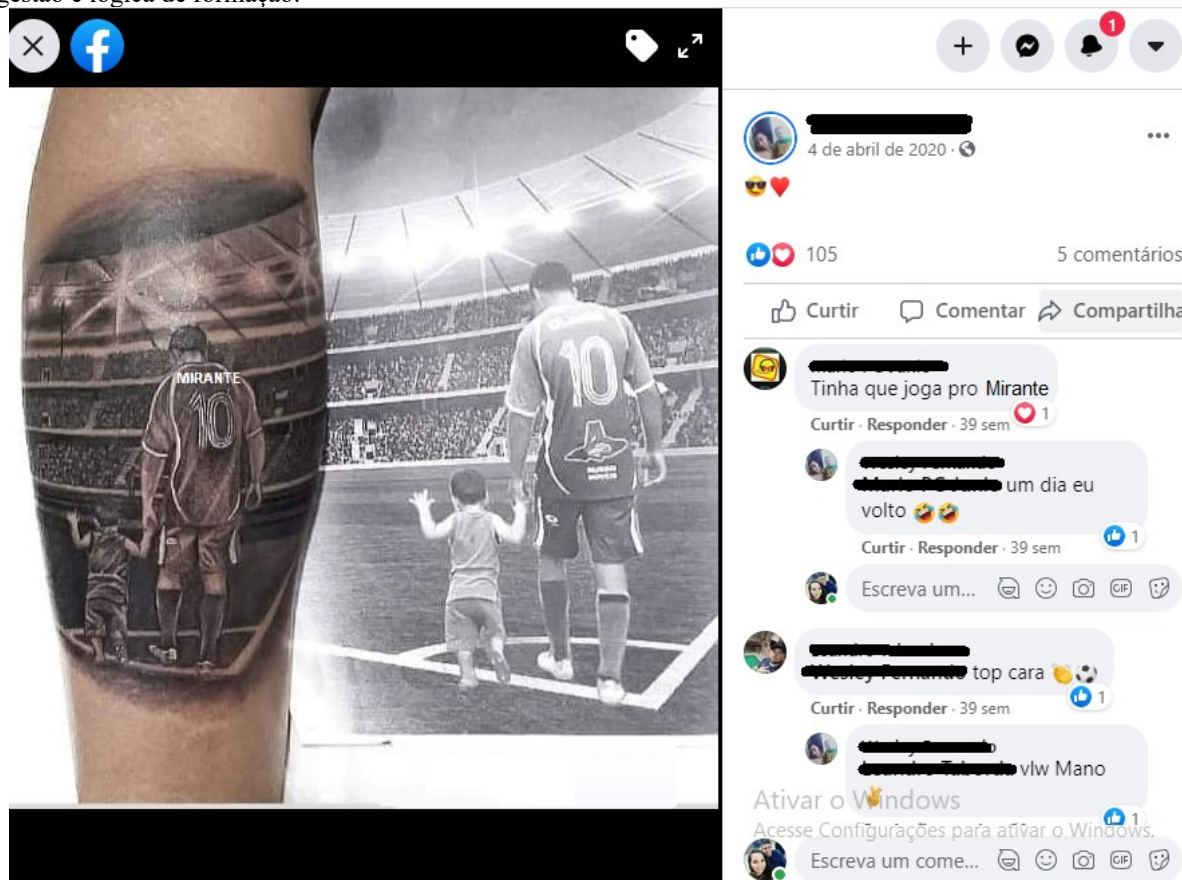
Ao olhar para a participação das esposas na dinâmica deste espaço social, seja no alambrando, nas confraternizações ou reuniões da diretoria, não foi possível identificar o

interesse em adentrar no campo de futebol. Tal contexto, leva-nos a duas interpretações, a primeira é que o futebol transcende a dimensão corporal, como já dito anteriormente. A segunda, refere-se à incorporação dos papéis sociais, neste contexto, a inexistência de um conflito atesta a naturalização de um processo sociais. (BOURDIEU, 2011).

Um indício desta lógica pode ser visto ao direcionamos nosso olhar para as meninas, filhas dos jogadores, é possível observar as falas dos pais, sobre as conquistas das filhas em competições futebolísticas escolares ou a presença delas dentro de campo, nos momentos precedentes e posteriores aos jogos, jogando com outros meninos sem qualquer distinção. Neste contexto, a prática do futebol é incentivada pelos próprios pais destas meninas, no entanto, a distinção entre os meninos e meninas ocorre com a entrada dos jogadores no vestiário. Espaço extremamente rico simbolicamente (PETROGNANI, 2017), mas restrito para as meninas. Neste contexto, o crescimento traz consigo as diferenças dos papéis de cada um no campo.

No caso dos filhos, observou-se muitos pais/jogadores que aproveitam o tempo anterior ao início do jogo e o intervalo para jogar bola com eles, os quais alegam fazer isso para ensinar a criança a valorizar o clube e tomar gosto pelo futebol. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020). Um exemplo emblemático desta inferência pode ser observado através da tatuagem feita por um jogador do Mirante E. C.

Figura 7 - A relação de amor ao Mirante Esporte Clube, ao futebol e ao filho foi externada por um dos jogadores, através de uma tatuagem, a qual foi feita quando ele não vestia mais a camisa do clube, devido a mudança de gestão e lógica de formação.



Fonte: Fernando (2020).

Rica em significados, a imagem ilustra a entrada do jogador em campo, um ato cercado por superstições e crenças, como descreve Petrognani (2016) em sua tese sobre o ritual de preparação dos futebolistas para o jogo. O fato de seu filho acompanhá-lo nesta entrada, simboliza também seu desejo em transmitir ao herdeiro, o gosto pela prática futebolística. Não obstante, a representação desta ação, em um estádio lotado, que nada se parece com o cenário do campeonato amador, onde a foto foi inicialmente registrada.

Permite-nos compreender a relevância do futebol em sua vida e a imagem que ele produz de si naquele espaço e tempo. Ao menos no tempo em que dura a partida de futebol, ele não se via como um peladeiro ou um atleta de fim de semana, mas sim um “jogador de futebol” com todo o simbolismo que esta posição social carrega no Brasil. (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2020).

O momento em que o jogador decide fazer esta tatuagem também foi emblemático, pois com a mudança de gestão no clube (2018/19), seu nome foi cortado da lista de jogadores

que comporiam o time do Mirante E. C. naquele ano, o que não reduziu a sua identificação com o clube, que em resposta a um comentário na sua rede, diz que um dia voltaria a jogar pelo time.

Para este jogador e outros, que possuíam uma identidade com o clube, as vitórias e títulos não tinham um fim em si mesmas, mas eram uma forma de associar seu nome ao clube, passando a ser conhecido no campo, como o seu Tião do Mirante E. C., por exemplo. Essas “teias de significados” (GEERTZ, 2008), tecidas ao longo das vivências no clube, eram representadas através da noção de família, onde independente dos laços consanguíneos, os jogadores utilizavam este termo para explicar o significado dos encontros.

Não obstante, a partir dos discursos dos agentes do campo, ficou evidente que a quantidade de jogadores que se enquadram nesta tipologia vinha tornando-se cada vez menor. Situação que passava despercebida em alguns clubes, porém, parecia incomodar os membros da diretoria do Mirante E. C. Deste modo, uma das estratégias utilizadas era trazer para o time, amigos de futebol, conhecidos no time do clube, da universidade, da escola, do futebol na empresa etc. Segundo eles, a relação de amizade poderia ser uma porta para criação de elos mais duradouros com o clube. Assim, além dos jogadores que possuíam uma identidade com o clube, o outro grupo que compreendia grande parte do elenco, eram aqueles que jogavam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade.

Os agentes que se enquadravam neste grupo, encontram-se cada vez mais próximos do grupo anterior. Porém, as ligações que os mantinham em um time se ancoravam predominantemente nos grupos de amizades em torno do futebol. Ou seja, se a maioria do seu grupo de amigos se sentisse satisfeitos, eles permaneceriam naquele time, caso contrário, o grupo buscaria outro time para disputar o amador.

O compromisso com a vitória e a busca pelo título existia, mas caso não viesse, o sentimento de frustração ou fracasso não se sobrepunham às relações de amizade, fomentadas através dos espaços de socialização. Por este motivo, estes jogadores não tinham espaço em todos os clubes, mas encontravam no Mirante E. C. certo alinhamento.

Como a maioria dos jogadores não recebia benefícios ou remunerações para compor o time, ganhar uma cerveja, um refrigerante ou um churrasco, realçava os egos. Todos, ou a maioria deles, teriam condições financeiras para comprar isso, mas o significado dessa relação estava justamente no simbolismo de receber, no sentir-se valorizado. Em um dos jogos da categoria máster do Mirante E. C., válida pelo campeonato de 2015, alguns jogadores que haviam sido substituídos e não se encontravam mais no banco de reservas, mas sim no alambrando com os demais torcedores faziam piadas com a cerveja. Um deles alegando joga para cansar e ter mais sede, outro adentrou a conversa dizendo: “– Eu gosto de jogar bola, mas

gosto mesmo é de ser substituído, para tomar uma cervejinha gelada e de graça”. (DC, 03/05/2015).

Se olharmos para o maior dos objetos de disputa entre os jogadores, o *status*, em certa medida era questionado, pois, o grande diferencial do amadorismo era a possibilidade de não seguir rigidamente os padrões oficiais de jogo. Com exceção dos jogos contra as equipes favoritas, nestes casos, o jogo era encarado com seriedade. Isto ocorria, principalmente, porque, para este tipo de jogador, as possibilidades de entrada em um clube Ortodoxo²⁵ eram bastante reduzidas, uma vez que o fato de eles valorarem mais a sociabilidade seria interpretado como falta de seriedade.

Não obstante, esta característica destes jogadores, os aproximava do Mirante E. C., que entendiam que os jogadores desta tipologia seriam potenciais membros a estabelecerem vínculos longínquos com o clube, motivo pelo qual encontrou-se muitos destes jogadores nas equipes máster e principal. Como estes jogadores ainda não possuíam tempo suficiente para se legitimar em um clube, elementos como a habilidade motora e capacidades (física, técnica e tática); o poder econômico ou político; e o carisma pesavam na decisão dos dirigentes, para que aqueles fossem convidados a permanecer na equipe, ou para que decidissem migrar para outro clube.

Além destes jogadores, um terceiro tipo de jogador procurado pelos agentes que faziam parte da diretoria do Mirante E. C., eram aqueles que jogavam devido ao amor ao futebol. Para estes, a socialização ou confraternização após cada um dos jogos não era primordial, diferente dos tipos apresentados acima, para os quais a “cerveja ou o churrasco” eram os principais motivadores dos encontros. Os jogadores deste grupo valorizavam o jogo e o resultado, em caso de vitórias e, principalmente, classificações para as fases seguintes, o “churrasquinho era merecido”, no entanto, nos casos de derrotas e campanhas ruins na competição, não se justificava a realização de festividades.

Embora no Mirante E. C. se valorizasse os momentos destinados à socialização e o espaço de confraternização, independente do resultado do jogo, via-se com frequência jogadores que se enquadravam nesta tipologia, indo rapidamente para o vestiário e para suas casas, alguns sérios, com expressões “fechadas”, descontentes. Em muitos destes casos, os

²⁵Ao dissertar sobre os elementos que compõem o campo social, Bourdieu (2011) propõe que podemos enxergar ao menos duas divisões básicas entre os agentes sociais, um deles é composto pelos ortodoxos, os dominantes do capital legítimos e das posições almeçadas no campo. Em oposição, há os heterodoxos ou dominados, aqueles que buscam subverter a lógica do espaço social. No contexto do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, usou-se a denominação clubes ortodoxos, para referir-se aos clubes que dominam o campo, tanto em títulos amadores, quanto nas decisões sobre como as competições devem ser conduzidas.

jogadores acabaram migrando para outros clubes, por não concordarem com a forma como o grupo via o futebol.

Porém, os jogadores que adotavam uma postura compreensiva, entendendo que cada um enxergava o jogo de uma forma distinta e que não existia um único modo de se pensar, não eram marginalizados ou tratados com distinção pelos demais companheiros de clube, devido à não participação frequente nas rodas de sociabilidade. Pelo contrário, sua presença era destacada, tornando-se um dos alvos das gozações em grupo. Como, por exemplo, “Hoje a mulher te liberou?”; “Agradou a patroa ontem?”; “Acho que alguém não vai entrar pra dentro de casa hoje”; ou “Alguém vai apanhar quando chegar em casa”. Todas estas frases foram proferidas em tom provocativo e alto, para certificar-se de que vários sujeitos ouvissem e continuassem as brincadeiras com o jogador.

Embora os comentários fossem satíricos, tornando o ambiente descontraído, passou-se a perceber, durante as observações, que havia por trás destes discursos, uma negociação constante por parte dos jogadores desta tipologia, com seus familiares e principalmente esposas. Diferentemente das relações de proximidade, pertencimento e/ou identidade com o clube, construída por alguns jogadores, que acabava aproximando também a família ao time. O distanciamento dos jogadores desta tipologia tornava mais tênue sua negociação cotidiana para frequentar este espaço. Como pode-se verificar no trecho do DC a seguir:

Após a vitória do Mirante E. C., por três gols a dois, válida pela 9ª rodada do Campeonato Amador Máster, o clube assumiu a terceira colocação ficando a apenas um ponto do segundo colocado. A empolgação tomou conta dos jogadores e torcedores, fato que levou alguns jogadores a iniciarem uma coleta de contribuições financeiras para compra de carne, linguiça e pães. De imediato a maioria dos jogadores decidiu ficar para o churrasco, o qual não havia sido programado com antecedência. Assim, quando Rodrigo avistou Felipe deslocando-se em direção ao seu carro, ele chamou-o e perguntou se ele estava sabendo que fariam “uma carne”. Felipe respondeu que sim, mas que precisava ir para casa, novamente Rodrigo insiste para que ele ficasse. “-Fique aí irmão, os piás já foram buscar a carne, logo chegam do mercado, vamos ali tomar uma cerveja, você come uma carne e vai pra casa, a mulher nem vai perceber ou fala que o jogo atrasou”. Ambos riram e então Felipe respondeu: “-Não vou poder ficar mesmo, ontem jogamos à tarde com o pessoal aqui e ficamos até às 22 horas tomando cerveja. Hoje eu tenho que almoçar com a patroa, eu tinha um ‘cartucho’ e gastei ontem, se soubesse que fariam churrasco tinha ido pra casa cedo e aproveitava hoje, mas preciso ir mesmo”. Após esta frase os dois gargalharam, e Rodrigo concordou com a “justificativa” do companheiro, assim, estes despediram-se, um deles voltando para o bar e outro entrando em seu veículo e deixando o estádio do Mirante E. C. (DC, 23/04/2017).

Além das negociações em casa, o motivo pelo qual muitos destes jogadores não participavam de certas confraternizações estava relacionado à sua organização do tempo, para poder participar de vários jogos nos fins de semana. O “amor” pelo futebol leva-os a compor

diversas equipes e disputar competições em diferentes locais. O campeonato amador era sempre a prioridade, porém, na sequência desta ordem estavam os campeonatos dos clubes associativos. Alguns jogadores desta tipologia chegam a participar de competições em mais de dois ou três clubes, simultaneamente, em diferentes categorias, além de torneios para os quais eram convidados.

Para os jogadores deste tipo, a habilidade era, em certa medida, uma unidade de troca simbólica, ou seja, para que permaneçam disputando os campeonatos amadores e de clubes, “jogar bem” era essencial. Os treinamentos em academias ou o *crofut* (oferecido em um clube associativo da cidade) reforçavam a preparação física necessária para disputa de tantos jogos. Seus gestos, o tocar na bola, expressavam um domínio técnico mais refinado; o modo de correr, a movimentação em campo, demonstravam um conhecimento e uma preocupação tática diferenciada das tipologias anteriores.

Por fim, um tipo de jogadores que sempre foi o centro de discussões dentro do Mirante E. C. e que compunham a maior parte do elenco dos clubes ortodoxos, eram aqueles que jogavam por um clube devido aos benefícios ou remunerações. Na dinâmica dos jogos, estes jogadores distinguiam-se dos de outras categorias, pois “desequilibravam” (termo nativo) as partidas devido às melhores condições físicas, técnicas e táticas. Este tipo era formado por jogadores ex-profissionais, por jogadores que ainda tentavam a carreira como profissional e por jovens, que acreditavam que o amador poderia ser uma possibilidade de ingresso em uma equipe profissional.

Para os jogadores que já haviam encerrado suas carreiras como futebolistas profissionais, receber para jogar os campeonatos amadores era condição fundamental. Não pelo valor financeiro, mas pelo significado deste ato no campo. Ao passo que, em muitos casos, se este jogador parasse de receber propostas remuneradas, seriam grandes as chances de este encerrar suas participações também nos campos amadores. Para estes jogadores o nível técnico e condicionamento físico eram primordiais, por este motivo realizavam preparações individualmente, em academias e em locais específicos para treinar os fundamentos do futebol, como os espaços de *crofut*, por exemplo.

Entretanto, o ato de um jogador amador receber qualquer remuneração financeira para jogar por um determinado clube era, por si só, um gerador de polêmicas e posicionamentos distintos entre os jogadores, técnicos e dirigentes dos clubes amadores. Os jogadores que mantinham relações duradouras com o clube, caso do núcleo do Mirante E. C. alegavam que a essência do amadorismo era justamente o sentimento de amor ao futebol, de identidade com o clube, de fraternidade através dos espaços de socialização e não um espaço de ganho financeiro.

Devido a este fato, em alguns clubes, o pagamento de qualquer valor financeiro ou benefício para jogar era velado, pois um dos princípios do amador, ressignificado de sua origem burguesa, era a não remuneração. Nestes casos, falar abertamente que se recebia qualquer quantia poderia afetar o equilíbrio estabelecido na equipe.

Durante as observações *in loco*, presenciou-se no Mirante E. C. um destes conflitos. De forma velada, o técnico do clube da Divisão Especial, no ano de 2016, convidou seis jogadores de uma cidade vizinha para comporem a equipe do Mirante E. C., oferecendo-lhes uma “ajuda de custo” para o deslocamento até a cidade. Não obstante, o compromisso não foi cumprido pelo técnico, o qual havia garantido à diretoria do clube que se responsabilizaria pelos custos, fato que acarretou um desfalque de seis jogadores na primeira rodada da competição. A situação tornou-se mais problemática, quando os jogadores do grupo descobriram da proposta realizada, que ocasionou a saída de mais alguns jogadores do time, inviabilizando uma “boa” participação do Mirante E. C., que, ao longo daquele ano, enfrentou dificuldades para entrar em campo com 11 jogadores.

Assim, mesmo sabendo da importância destes jogadores em campo, o Mirante E. C., enfrentava um duplo desafio, a ausência de recursos para compor uma equipe com um grande número desses jogadores e assim tornar-se competitiva futebolisticamente, ou então expor-se aos conflitos e tensões existentes, quando optavam por ter apenas alguns destes jogadores para “reforçar” o elenco.

Neste sentido, as equipes dominantes da liga, eram via de regra, as que mantinham em seus elencos uma composição diferente da do Mirante E. C., com um número maior de jogadores remunerados ou que “amavam” o futebol em seu contexto competitivo, existindo pouco espaço para aqueles que viam o amador como um espaço de sociabilidade.

Ao assumir a presidência do Mirante E. C. em 2019, Roberto se propôs a mudar esta lógica de formação da equipe, estabelecida até então no clube. Diferente dos anos anteriores (2013-2028), em que a base da equipe eram os jogadores que possuíam uma identidade com o clube e aqueles que jogavam devido a sociabilidade, naquele ano, a base foram jogadores remunerados. O restante da equipe foi composto por jogadores que jogavam por amor ao futebol e alguns por amor ao Mirante, porém apenas aqueles que possuíam um nível técnico semelhante aos jogadores remunerados. Isto, na perspectiva do Roberto, presidente do clube.

A exclusão de jogadores que representavam o Mirante E. C. com frequência, gerou um clima de tensão e expectativa quanto aos resultados da equipe em campo. Vários destes ex-jogadores que mantinham relações afetivas com o Mirante E. C., mantiveram seus laços com o clube através das peladas e mesmo nos alambrados, acompanhavam os jogos do time em casa

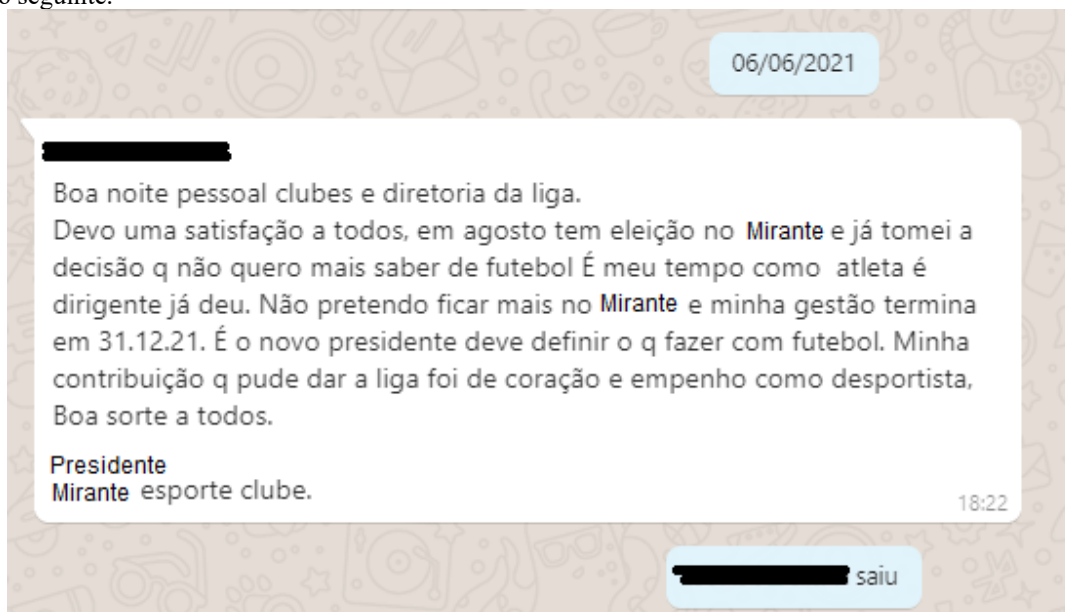
e alguns fora. Segundo eles, era o momento de ver, se aqueles jogadores eram tudo isso mesmo e esperar tudo isso passar, para poder retornar a equipe. Para eles, aquele modelo de equipe não vingaria, era uma questão de tempo.

Em oposição a estes jogadores, que para alguns agentes que concordavam com o ponto de vista do novo presidente, estavam ressentidos, mas aquilo era o correto, pois uma equipe forte não era feita apenas com amizade. Para além do clube, era preciso fortalecer o amador, criar uma competição estruturada, se filiar novamente a Federação. Como o Mirante era um clube tradicional, seu crescimento era importante para o campo futebolístico.

Não obstante, como descrito acima, a participação do time no campeonato de 2019 foi abaixo das expectativas criadas. Em 2020, mudanças foram realizadas, porém a pandemia de Covid-19 impactou a realização do campeonato amador de Ponta Grossa. A competição foi paralisada em sua terceira rodada, retornando somente após mais de 6 meses, com restrições quanto a aglomerações, como os churrascos pós jogos. Impactando diretamente em um ritual, que tinha um papel importante no estreitamento das relações entre os jogadores e entre os jogadores e clubes, pois era o espaço onde os veteranos, dividiam suas memórias com os jogadores mais jovens.

No ano de 2021, o campeonato amador de futebol contou com a participação de 19 equipes, o Mirante Esporte Clube não foi uma delas, meses antes do início do campeonato, ainda incerto devido a pandemia, Roberto comunicou em um grupo formado por ele, para criação de uma liga filiada à Federação Paranaense de Futebol, que deixaria a presidência do clube.

Figura 8 - Comunicado do presidente do Mirante Esporte Clube em um grupo de WhatsApp criado por ele, que conta com representantes de diferentes clubes amadores de Ponta Grossa e região, anunciando sua saída do cargo no ano seguinte.



Fonte: Presidente (2021).

Durante o aniversário de 99 anos do clube, em novembro de 2021, Roberto já fazia planos para o ano do centenário. Questionado se seguiria na presidência no ano seguinte, ele afirmou que sim. Tal situação leva-nos a refletir como o processo de construção de uma identidade com o futebol é longo, carregado de afetividade e dores. Não obstante, mais difícil do que enfrentar os conflitos e sacrifício cotidianos é deixar o campo de jogo e “pendurar as chuteiras”.

6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movido pelo anseio de compreender quais motivos que levam um clube de futebol amador, que teve seu auge na década de 1930 e seu último título amador conquistado há mais de 25 anos, permanecer em atividade após mais de 99 anos de sua fundação, o presente estudo lançou-se na complexa tarefa de realização de uma etnografia em longa duração. A possibilidade de estabelecer análises comparativas entre os diferentes períodos da trajetória social do grupo estudado, foi extremamente significativa na busca pela resposta da questão inicial apresentada.

No entanto, permanecer mais tempo no Mirante Esporte Clube que a maioria dos jogadores que por ali passaram, foi um processo doloroso marcados por vários recomeços. Pois a medida em que os jogadores e dirigentes do clube modificavam, novas disputas de poder e

ordem hierárquica era estabelecida. Como se trata de uma etnografia, o lugar do pesquisador também sofria estas modificações.

A possibilidade de olhar novamente para as relações sociais descritas em momentos anteriores, ao mesmo tempo em que buscava-se superar novamente as camadas de aceitabilidade com a nova gestão do clube, permitiram enxergar uma divisão interna anteriormente não percebida. O Mirante era um clube social, mas ao mesmo tempo formava-se anualmente equipes, as quais disputavam os campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa, nas categorias principal e máster.

Nos primeiros anos de incursões a campo, os times eram formados pelos agentes que compunham o clube, ou seja, que possuíam laços afetivos com o Mirante. Por este motivo, esta divisão só ficou evidente com a nova diretoria do clube, que buscava a criação de uma equipe mais competitiva. Assim foi possível observar uma mudança no perfil dos jogadores que compunham os times que representavam o Mirante E. C. no campeonato amador. Os jogadores que possuíam relações de identidade com o clube, foram substituídos por aqueles mais habilidosos do campo futebolístico amador pontagrossense, os que jogavam devido ao recebimento de benefícios ou remunerações e por amor ao futebol, mas não ao Mirante E. C.

Assim como os jogadores que mantinham laços afetivos com o clube, os jogadores “mais habilidosos”, do ponto de vista da nova diretoria, não obtiveram êxito no projeto de conquista de um título amador, fato que fomentou a manifestação de despedida do atual presente da gestão do clube. Em 2022, o presidente manifestou interesse na continuidade do trabalho, porém ainda não se sabe se veremos a formação de uma diretoria com olhar diferente das gestões anteriores ou se o antigo grupo disputará os postos no clube e no campo, mas a realização do estudo evidenciou o quanto a história social de um grupo é marcada por disputas de poder, conflitos, distanciamentos estratégicos, abandonos ou resistências.

A longevidade do Mirante Esporte Clube, pode ser compreendida através destas disputas internas, permeadas por afetividades e sentimentos de identificação com os símbolos do clube, como seu estádio, suas cores, seu escudo, seu hino e principalmente as memórias dos momentos proporcionados pela prática do futebol. A cada ano que passa, o clube aproxima-se de seu centenário, prova irrefutável segundo os próprios agentes pertencentes ao clube, que o Mirante não é pequeno, por este motivo, a ideia de fechar as portas ou aceitar uma posição de coadjuvante no campo futebolístico amador é vista como uma heresia.

Não obstante, os agentes têm consciência dos investimentos realizados por outras equipes amadoras, que torna cada vez mais difícil uma disputa pelo título de campeão amador em condições de igualdade. Deste modo, entre as memórias do passado dos veteranos e a

esperança subjetiva (quase mística), de que tudo é possível através de um grupo que se reconheça como uma família, os símbolos, normas e leis que regem este espaço social permanecem sendo reproduzidas, legitimando simbolicamente o futebol amador como uma prática indispensável do cotidiano destes agentes sociais.

7 CAPITAL FUTEBOLÍSTICO E COTIDIANO: NOTAS ETNOGRÁFICAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO E DA POLÍTICA ELEITORAL NO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA-PR (2013-2021)

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar como o capital futebolístico é utilizado cotidianamente pelos principais agentes pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta Grossa – Paraná. Para tanto, realizou-se uma etnografia no Mirante Esporte Clube, durante sua participação nos campeonatos amadores organizados pela Liga de Futebol de Ponta Grossa, entre os anos de 2013 e 2021. No contexto das relações de trabalho, o acúmulo de capital futebolístico poderia ser interpretado como uma estratégia rentável economicamente ou por melhores condições, seja em uma perspectiva informal, formal ou empreendedora. Já quanto a dimensão política, para manter-se nas posições de destaque na política local, o agente investia seus capitais culturais, sociais e econômicos, mas principalmente seu tempo, no acúmulo de capital futebolístico, o qual retroalimentava seu capital político. Em ambos os casos, permanecer no campo futebolístico amador de Ponta Grossa era fundamental, pois deixar o posto conquistado significaria assumir o risco de sofrer perdas simbólicas dentro e fora do campo.

Palavras-chave: Futebol amador; etnografia, poder, cultura.

7.1 INTRODUÇÃO

O sistema de produção e circulação de bens simbólicos é definido por Bourdieu (2011) como um sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias, estruturado pela função que cada uma cumpre na sua produção, reprodução e difusão. O sistema cultural fomentado pelo gosto por futebol, em diferentes localidades do mundo (BURDSEY, 2008; TUCKER, 2014; TORBJÖRN; HANS, 2017), do Brasil (BUARQUE DE HOLLANDA; RIBEIRO, 2020; PIMENTA, 2013; MYSKIW; STIGGER, 2014) e em Ponta Grossa (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020), pode ser visto como um destes espaços de produção e circulação de bens simbólicos.

Enquanto uma estrutura estruturada, o campo futebolístico pode ser interpretado através da hierarquização de suas posições. Em nível global a Federation Internationale de Football Association (FIFA) ocupa um posto de destaque neste espaço social, pois é a instância que governa o cenário competitivo do esporte, sob a visão de tornar o futebol mais acessível e competitivo não apenas em um ou dois continentes, mas em todos os lugares do mundo. Para isto, a sua estrutura é composta por 211 associações afiliadas (confederações continentais, confederações e federações nacionais, ligas regionais e locais etc.), que possuem a obrigação de respeitar os estatutos, objetivos e ideais do órgão dirigente do futebol mundial. (FIFA, 2022).

Embora a representação do que é ser um jogador de futebol tenham como referência o esporte praticado profissionalmente (DAOU; GUARESCHI; AZAMBUJA, 2014), principalmente devido ao papel da mídia (PIMENTA, 2008), a leitura deste sistema cultural pela ótica bourdieusiana, exige que o vejamos também como uma estrutura estruturante. Ou

seja, para adentrar no campo futebolístico e ascender profissionalmente faz-se necessário aprender e incorporar os valores e práticas legítimos do campo, em outras palavras, adquirir os capitais necessários para poder entrar no jogo. Destarte, a diversidade cultural que o futebol apresenta, devido a sua popularização em diferentes contextos, torna-o também passível de modificações de suas leis e normas por parte de seus praticantes, algumas destas, podem inclusive mudar o sentido do jogo, produzindo e circulando bens simbólicos estrategicamente mais rentáveis as realidades locais onde estes agentes sociais estão inseridos.

Em Ponta Grossa, cidade localizada no interior do estado do Paraná – Brasil, recentemente a equipe local de futebol profissional vem ganhando visibilidade no cenário nacional. Com a obtenção dos títulos de Campeão Brasileiro - Série D (2017) e Campeão Brasileiro - Série C (2018), o Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) conquistou o direito de disputar a Série B do Campeonato Brasileiro. De acordo com os dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o OFEC ocupa a 34ª posição no Ranking Nacional dos Clubes. (CBF, 2022).

Não obstante, a cidade ainda não possui tradição na produção e revelação de futebolistas profissionais. Já o futebol praticado de forma amadora, fomenta a manutenção de um sistema cultural centenário²⁶, que vem produzindo e reproduzindo o gosto pela prática futebolística amadora geração após geração. (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018).

Tal contexto nos leva a inferir que a estrutura futebolística global, busca fomentar a esperança e o desejo dos praticantes em tornarem-se futebolista profissionais. Porém, as realidades objetivas dos contextos em que o futebol é praticado, podem apontar para um uso estratégico diferente das práticas futebolísticas, transcendendo inclusive a noção de prática como o ato de jogar corporalmente o futebol. Isto é, além da experiência física, o futebol também pode ser praticado simbolicamente, pois há o jogador, mas há aquele que torce, aquele que comenta, aquele que escreve e em todos os casos, há a possibilidade de sentir o futebol, ação explicada em alguns estudos através do imbricamento do esporte com a religião (PETROGNANI, 2016), do futebol com a paixão (OLIVEIRA, 1999), do futebol com a festa (CUNHA FILHO; MACIEL, 2020), do futebol com o torcedor (PAIXÃO; KOWALSKI, 2011) e do futebol com a identidade (ALVES, 2010).

²⁶ A Liga Ponta-Grossense de Desportos, atual Liga de Futebol de Ponta Grossa foi fundada em 1928, ano que em 9 equipes disputaram seu primeiro torneio amador. Antes disso, em 1909, Ribeiro Jr. (2004) destaca em sua obra “Futebol Pontagrossense: Recortes da História” que a cidade sediou a primeira partida de futebol do Paraná. Entre estas datas, clubes como o OFEC (em 1912) e o Mirante E. C. (em 1922) surgiram, dentre outros, os quais movimentaram as paisagens locais, dando origem a novas formas de lazer, de sociabilidade e identificação, com as cores e bairros de origem dos clubes, que ainda permanecem em atividade.

Esta diversidade de interações, contribui para a objetivação de um capital capaz de simbolizar e organizar as relações sociais no interior deste sistema cultural, qual seja, o capital futebolístico. Ele tem como ponto de partida as vivências futebolísticas de um agente social dentro de campo, com a bola nos pés, onde o seu desempenho e resultado do jogo importam, mas transcende as quatro linhas, refletindo na postura desse jogador no vestiário, nos momentos informais de sociabilidade antes e após os jogos ou festividades e na forma de se relacionar com os agentes envolvidos com as atividades futebolísticas do clube. Deste modo, as formas dos agentes verem, sentirem e agirem sobre o futebol, hierarquizam o espaço social, aqueles que possuem suas práticas mais alinhadas as visões legítimas no campo, ocupam os postos de destaque, por possuírem um capital futebolístico maior.

Assim, o capital futebolístico emerge de um conjunto de práticas herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, corporais e linguísticas, capazes de legitimar um agente em uma posição social de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido, mas também pela capacidade de conversão destas práticas ou deste capital, em outros capitais (econômico, culturais, social e simbólico).

Diante do exposto, um grande desafio para avançar na compreensão do futebol como um fenômeno cultural consiste em refletir sobre a dinâmica relacional deste capital, com outros capitais, não apenas dentro do campo futebolístico, mas os usos sociais do capital futebolístico para além do espaço específico em que ele se desenvolveu. Neste contexto, o objetivo do estudo foi analisar como o capital futebolístico é utilizado cotidianamente pelos principais agentes pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta Grossa – Paraná.

7.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Tendo como referência as experiências de Geertz (2001, 2003, 2008, 2010) e Wacquant (2002), na realização da presente investigação, estabeleceu-se inicialmente o objeto e os sujeitos do estudo, estruturas que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, estipulou-se o campo futebolístico amador pontagrossense, pois nestes espaços ocorrem os campeonatos mais antigos, ainda em atividade da cidade. (RIBEIRO JR, 2004).

Reconhecendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo, realizou-se um levantamento e leitura das produções que abordavam o futebol amador em geral e do futebol amador no contexto da cidade de Ponta Grossa. Após esta ação, buscou-se uma autorização legítima para adentrar no campo. Tal tarefa foi facilitada através de uma visita dos pesquisadores a LFPG, por meio da qual obteve-se os contatos dos clubes filiados. De posse destas informações realizou-se aleatoriamente uma ligação para o agente “responsável” pelo Mirante E. C., que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender e colocar-se a disposição. Desta maneira, definiu-se o clube como o ponto de partida da investigação.

As descrições iniciais (superficiais) contemplaram o primeiro processo de estruturação do mapa do campo. Para a captação dos elementos provenientes destes encontros, dentre as possibilidades de procedimentos utilizou-se o diário de campo, visto que um indivíduo se lembra somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem nenhum sentido no momento. (DAMATTA, 1987). Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização do DC fez-se dentro e fora de campo.

Além do tradicional caderno, utilizou-se aplicativos para anotações e gravações de áudio do smartphone, devido à praticidade de seu uso e por se tratar de um objeto extremamente familiar para os agentes do campo. Compreendendo a dimensão das relações proporcionadas pela internet na sociedade contemporânea, através das comunicações mediadas por computadores e smartphones (HINE, 2015), foram incorporadas nas descrições etnográficas, relações estabelecidas através de redes sociais e grupos de aplicativos de comunicação.

Considera-se que o processo de aceitabilidade ou “ser aceito” pelo grupo social estudado, é parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o qual influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da coleta de dados. Quanto ao ser aceito, isso pode se estabelecer em longo, médio prazo ou até mesmo logo nos primeiros contatos do pesquisador com o grupo estudado. Visto que esta questão é relativa ao grupo (o qual pode ser mais ou menos acessível), bem como à postura do investigador (que pode dispor de maior ou menor facilidade, artifícios e estratégias para tornar esta aproximação possível). Todo este processo é muito mais complexo que uma definição temporal estabelecida aprioristicamente.

Autorizada a inserção *in loco* e superada as camadas de aceitabilidade, iniciou-se a estruturação do DC, onde objetivou-se compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense. Cabe destacar que esta compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada como “densa”.

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais. (BOUMARD, 1999). Ao passo que as descrições capturem os detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social evocando o “sentimento” de uma cena e não apenas seus atributos superficiais. (ANGROSINO, 2009).

No decorrer deste processo, acompanhou-se os jogos de duas categorias em que o Mirante E. C. participava, sendo elas: o Campeonato Amador Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos) e o Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos). Estas partidas eram realizadas em vários campos da cidade de Ponta Grossa e região, ocorrendo em sua grande maioria aos domingos pela manhã ou nos mesmos horários, característica que impossibilitava a observação de mais de um jogo por rodada. Assim, optou-se por acompanhar todas as partidas do Mirante E. C. e estabelecer-se através dele o olhar para os demais clubes, verificando-se assim as lógicas comuns e as lógicas que os diferenciam.

Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas, realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do campeonato amador. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em multidões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante (no ano de 2017).

Quanto à baliza temporal, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2013 e 2021. Neste tipo de análise o contato prévio com o tema, a autorização e aproximação com o grupo social investigado, a realização das primeiras descrições, a aceitação, para então a construção de descrições “densas”, são etapas que se diferenciam de pesquisador para pesquisador, transformando o tempo em uma “variável dinâmica” em que a permanência *in loco* não pode ser definida antecipadamente. (OLIVEIRA, 2018).

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Neste processo analítico a organização dos dados ocorreu de forma manual, considerara-se como fundamental no estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas.

Em relação aos aspectos éticos da investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, tanto para os agentes quanto para o clube de futebol no qual realizou-se as observações

in loco, este foi denominado Mirante Esporte Clube, uma vez que o significado desta palavra faz alusão ao clube que foi o ponto de partida da investigação. Ressalta-se também que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana, conforme designação da Plataforma Brasil²⁷, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

7.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o processo de construção de uma tipologia dos jogadores de futebol amador do Mirante Esporte Clube, em Ponta Grossa - PR, Freitas Jr e Oliveira (2020) utilizaram as motivações dos jogadores para estarem naquele campo, como referência para analisar as diferenças e as semelhanças que os classificariam em um tipo ou outro.

Dentre aqueles que jogam devido à identidade com o clube foi possível identificar que seu *habitus*, alinhava-se perfeitamente com o *habitus* específico do campo, pois desde sua infância, estes herdeiros do Mirante E. C., foram socializados para incorporarem os valores e práticas legítimas neste espaço social e assim, assumirem futuramente suas posições de “direito”.

Como destaca Bourdieu (2001) o *habitus* específico de um campo se institui em estado incorporado, portanto, trata-se de um processo gradual e progressivo em que a conversão do *habitus* originário²⁸ para aquisição do *habitus* específico, requisito para adentrar no jogo, acaba passando despercebida. Deste modo, mesmo para aqueles que não entendiam o sentido do jogo, segundo a ótica do Mirante E. C., como os que jogavam devido ao amor pelo futebol ou devido aos benefícios/remunerações e até mesmo os que jogavam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade, jamais lhes era posto ou imposto de maneira explícita este *habitus*, o que não faz deste processo, uma experiência menos dolorosa ou sem encruzilhadas, pois a sua aparência dócil, não minimiza o peso das mudanças necessárias para se ver o mundo sob a ótica do novo grupo.

Segundo Bourdieu (2001), cada campo pode ser compreendido como a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e nos *habitus*. Deste modo, o *habitus*

²⁷A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de projetos de pesquisa que envolvam seres humanos. Após submissão da proposta na Plataforma Brasil, o projeto é designado para análise por um Comitê de Ética vinculado ao sistema. (PLATAFORMA BRASIL, 2021).

²⁸Bourdieu (2001) utiliza a noção de *habitus originário*, para explicar o processo de entrada e/ou transição de um agente social, de um campo para outro. Assim, o *habitus originário* refere-se ao *habitus* do campo em que este agente encontrava-se inserido, o qual pode ou não apresentar proximidade com o *habitus específico* do campo em que o agente postula adentrar.

específico de um campo, imposto aos postulantes, nada mais é do que um modo de pensamento que norteia a construção daquela realidade. Neste contexto, um agente social que pretende adentrar no campo, deve trazer para o jogo um *habitus* compatível ou próximo, mas sobretudo maleável e aberto a possibilidade de uma reestruturação.

Ao ser aceito no campo, as ações e reações deste agente social buscarão sempre manter ou melhorar sua posição no espaço, com o intuito de conservar ou aumentar o capital específico que só se consegue no campo. (BOURDIEU, 2011). Direcionando o olhar para o campo futebolístico amador de Ponta Grossa, verificamos motivações distintas para adentrar no campo, devido a elas, os agentes passaram por processos com diferentes graus de reestruturação, porém o investimento era feito, pois de forma consciente ou inconsciente, a motivação decorre dos ganhos sociais provenientes do capital futebolístico adquirido.

Estes ganhos podem representar posições de destaque no campo futebolístico amador, como assumir o posto de veterano (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2018), mas também em outros espaços sociais fora do campo específico, devido a dinâmica relacional do capital futebolístico com os demais capitais, e principalmente, devido a dimensão do futebol na sociedade brasileira, como sistema cultural. Exploraremos a seguir, as relações do *habitus* específico do campo futebolístico amador de Ponta Grossa e do capital futebolístico, com as relações formais e informais de trabalho e com a organização política formal no município de Ponta Grossa.

7.3.1 Notas sobre as Práticas Futebolísticas Amadoras e as Relações de Trabalho

No trabalho etnográfico, ser aceito pelo grupo social investigado é fundamental para que o pesquisador consiga realizar suas descrições densas sobre os sentidos e significados do que observa. (GEERTZ, 2008). Neste sentido, Malinowski (1984) destaca que o pesquisador precisa estabelecer estratégias e atuar ativamente para que isso ocorra. Durante este processo, nas idas a campo para observar os agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C., percebeu-se no equipamento fotográfico utilizado, uma oportunidade de estreitar os laços com alguns jogadores e criar uma rede de contatos, porém, no decorrer das observações, tornou-se mais do que isso.

Realizar algumas entrevistas exploratórias fazia parte do planejamento inicial da investigação, por este motivo, levou-se para o campo uma câmera digital. Como em 2014, as imagens das câmeras de smartphones não possuíam a qualidade de hoje, havia uma diferença significativa de qualidade entre as fotografias dos jogadores e os nossos registros. Esse fato levava muitos jogadores a perguntarem em qual site sairiam as imagens do jogo.

Em um primeiro momento, chegou-se a cogitar se seria o caso de não utilizar mais o equipamento, pois a intenção não era ser visto como um repórter esportivo, mas sim conseguir um espaço no grupo. No entanto, viu-se aí uma oportunidade para pedir o número de contato destes jogadores, torcedores e dirigentes, para que fosse possível enviar a eles as fotos e vídeos do jogo. Como optou-se por acompanhar apenas o Mirante E. C., gradualmente conseguiu-se um espaço nas rodas de sociabilidade do clube e posteriormente a entrada nos grupos de WhatsApp, pois isso facilitaria o compartilhamento do conteúdo.

Neste contexto, o equipamento já havia se apresentado como um recurso valioso, porém, com o passar do tempo e estreitamento das relações com o clube, passou-se a receber propostas de trabalho, como o de fotografar um aniversário, casamento ou alguma festividade. Durante uma conversa no bar do Mirante E. C. com Elias, jogador da equipe master e principal, ele me perguntou se teria disponibilidade e quanto cobraria para fotografar o aniversário de seu filho. Eu fiquei de pensar e retornar na sequência, pois nunca havia fotografado um aniversário e não tinha a pretensão de trabalhar com isso. Inicialmente, questionei-me se seria uma boa estratégia aceitar a proposta, pois o fato de não fotografar profissionalmente poderia se tornar problemático futuramente. No entanto, isso poderia ajudar a compreender um pouco mais do cotidiano daquele jogador. Como o plano era mergulhar na experiência etnográfica, aceitei o pedido.

O horário de início do aniversário estava previsto para às 14 horas. Cheguei com antecedência no salão onde ele ocorreria, porém, já haviam passado mais de 20 minutos do horário previsto quando Elias chegou com sua família (filho aniversariante, filha e esposa), eles também trouxeram consigo alguns adereços para ornamentação do espaço. Além das mesas, existia um espaço com piscina de bolinhas e cama elástica, onde ele levou seu filho para brincar antes da chegada dos convidados. Após cumprimentá-lo, iniciei o trabalho fazendo alguns registros da criança na piscina de bolinhas, enquanto eles terminavam de organizar o espaço. Aproximadamente uma hora depois, começaram a chegar mais pessoas, com exceção de seu núcleo familiar e de sua esposa, eu passei a reconhecer cada vez mais os convidados, pois eram todos jogadores ou dirigentes do Mirante. Depois de todos tirarem fotos com o aniversariante e registro do “Parabéns”, Elias me convidou novamente para sentar-se em uma mesa com os jogadores, ele já havia feito o convite antes, mas eu estava preocupado com as fotos, mas também queria participar da roda, pois o assunto era futebol e o clube. Durante a conversa, pude entender o motivo pelo qual Elias havia pedido para que eu tirasse as fotos do aniversário de seu filho. Wagner, um dos jogadores que estava na mesa disse: “- Não sabia que você trabalhava de fotógrafo em outros locais”. Eu respondi que não trabalhava, mas que como foi um pedido do Elias eu topei. Guilherme (jogador do Mirante) então disse que era bom saber daquilo, pois se ele ou alguém conhecido precisasse me indicaria. Outro jogador, Anderson, em tom mais irônico disse que eles já estavam querendo me dar mais trabalho e ressaltou que o grupo agia desta forma: “- Aqui é assim, um ajuda o outro. Seja para dar uma força, quando o outro não tem ou para pagar por um serviço quando pode”. Wagner então disse: “- Eu trabalho com móveis, já fiz móveis planejados para esses dois aqui (apontando na roda) e pra muitos outros do Mirante e do amador nem se fala. Outros aqui trabalham com construção, esses dois trabalham junto, mesma coisa né?”.

Seguido por um “é verdade” coletivo, que confirmava o que ele havia dito. Então Elias, cita quem mais trabalhava com ele e lembra de um jogador novo, que havia entrado recentemente no grupo que disputa as peladas e seria convidado para entrar no time que jogava o amador. “- A gente viu ele crescendo, sempre na beira do campo, nunca vi o pai dele, então quando ele ficou maior, convidamos ele para vir jogar com a gente, para não ficar na rua e agora está trabalhando comigo na construção, aprendendo uma profissão. Ele dá umas mancadas, mas é novo, gosta de festa, é pia né”. Por fim, Anderson fecha o assunto falando que um time é isso, é construído através da ajuda mútua. Que quando você conhece a pessoa no campo, você conhece o caráter dela, sabe se é possível ou não confiar. “- Eu coloco dentro de casa, gente que eu confio. No meu time eu confio, então se alguém do meu time sabe fazer o que eu preciso, fechou o pacote”. (DC, 20/05/2017).

A conversa naquela tarde foi bastante significativa, pois apontava uma relação que não havia-se identificado olhando apenas de dentro do campo. O fato de estar envolvido com o futebol e ser respeitado naquele espaço, abria uma porta para outros ganhos, pois atribuía confiança, mesmo que o ato de praticar futebol não tenha relação nenhuma com a qualidade de uma fotografia, com a qualidade de um móvel ou com o trabalho em uma obra.

Além dos bicos, essas relações informais de trabalho, o capital futebolístico de um jogador também poderia operar concedendo-lhe oportunidades de emprego formal. Para compreender esta possibilidade de conversão, é necessário atentar-se as sutilezas do campo. Durante a descrição do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, Freitas Jr e Oliveira (2020) apresentaram uma categorização dos clubes em quatro tipos²⁹, são eles: Clubes de Vila, Clubes Empresa, Clubes Visitantes e Clubes Associativos/Sociais. Dentro do grupo de clubes empresa, embora o regulamento do campeonato amador não exija vínculo do jogador com a empresa para sua inscrição, em alguns clubes, inscrever apenas jogadores que lá trabalham é importante para a coesão do grupo.

Em alguns Clubes Empresa, essa regra interna se justifica por alguns motivos, como o respeito ao nome que apresentam. Uma briga em campo com jogadores da própria equipe, adversários, arbitragem ou representante da LFPG, por exemplo, é visto como algo que pode manchar o nome da empresa. O fato de o jogador possuir vínculo empregatício, leva-o a atentar-se mais a estas questões, se comparado a um jogador convidado, que não conhece os seus ideias

²⁹ Clubes de Vila (times que possuíam relações identitárias com o local que dava nome ao clube), Clubes Empresa (equipes formadas por jogadores que trabalhavam ou não na empresa que dava nome ao clube), Clubes Visitantes (clubes de cidades vizinhas que participam da competição na cidade.) e Clubes Associativos/Sociais (aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de um Clube Social (sem fins lucrativos) ou Associativo (com mensalistas). Embora os clubes Associativos e Sociais possuíssem muitas semelhanças, o não pagamento de mensalidade, no caso dos clubes sociais, modificava consideravelmente as ações dos agentes pertencentes a estes locais no campo. Deste modo, adotaremos no presente texto, a divisão em 5 tipos distintos de clube. Como a caracterização destes clubes, já foi realizada de forma mais densa (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2020), realizaram ao longo do texto, descrições a partir do Mirante Esporte Clube.

e valores. Tal questão apresenta-se como pertinente, principalmente em clubes que representam empresas grandes da cidade.

Outra questão, está relacionada a uma pressão dos próprios jogadores da equipe que trabalham na empresa. A justificativa para se trazer um jogador de fora, seria suas habilidades superior à dos jogadores/trabalhadores da empresa, isso poderia ocasionar a perda de titularidade ou exclusão de um jogador da equipe, para dar espaço ao reforço. Deste modo, embora os jogadores do clube empresa quisessem fazer parte de um time mais competitivo, o risco de ficar de fora, seria um risco alto a se pagar.

Durante as observações *in loco*, foi possível acompanhar o caso de um ex-jogador do time do Mirante E. C. (2015), que mudou para um Clube Empresa, a fim de reforçar o elenco para a competição de 2016, mas sobretudo, pela proposta de emprego recebida.

O jogo entre o Clube Empresa “A” e Mirante Esporte Clube, válido pela quarta rodada do amador principal de 2016, ocorreu na tarde de domingo, na casa do adversário, que era também a sede recreativa da associação dos funcionários da empresa. Havia muitas famílias no local, algumas não aparentavam se importar com o jogo que estava prestes a começar, porém, observei um grupo de homens dirigir-se rapidamente para a beira do alambrado com algumas latinhas de cerveja na mão, quando o árbitro deu início a partida. Devido a empolgação do grupo, decido acompanhar o jogo próximo a eles. Durante os lances em que o Mirante E. C. apresentava superioridade, passei a perceber certa empolgação daquele grupo, estariam eles torcendo para o Mirante? Mas eu nunca havia os visto no estádio. A dúvida só foi respondida quando o Mirante E. C. abriu o placar, eles novamente comemoraram, mas em seguida um dos homens da roda disse que se fossem eles em campo, jamais tomariam um gol daquele, apontando para um companheiro da roda completou: “- Você não tomaria um drible daquele”. Imediatamente, aproveitei que o grupo havia quebrado o silêncio e perguntei para quem estavam torcendo. Em seguida um deles respondeu que eram do Clube Empresa “A”, mas estavam torcendo para o outro time, porque haviam ficado de fora do elenco aquele ano. Em seguida, outro homem completou dizendo que o novo técnico queria um time mais forte e por isso tinham chamado gente de fora. Então perguntei se quem estava jogando, não era funcionário da empresa, em seguida justifiquei meu interesse, por estar estudando o futebol amador da cidade. Então eles começaram a explicar (apontando para o campo) quem fazia parte do time antigo, isso os incluía (estavam em quatro na roda), em seguida, apontaram os jogadores haviam entrado recentemente. Pude perceber, que eles não sabiam ao certo se eles eram ou não funcionários do clube. Foi quando um dos homens apontou para o ex-jogador do Mirante e disse: “- Esse piá joga muita bola, mas ele não é daqui”. Comentei que ele havia jogado no Mirante no ano anterior, em seguida, outro homem da roda disse que ele era funcionário da empresa sim, que havia sido contratado pouco antes do começo do campeonato. “- Eu vi ele em um amistoso que a gente fez antes do campeonato começar, foi um último jogo que participei antes de saber que não iam me inscrever, ele estava lá, foi um dos que roubou nossa vaga” (seguido por risos). [...] Após o término da partida, vencida pelo Mirante E. C., cumprimentei o ex-jogador do time e disse que havia feito a escolha errada em sair (em tom de brincadeira). Ele respondeu que não gostaria de sair do Mirante, mas que aceitou ir para o Clube Empresa, porque não iria poder jogar o amador por conta do trabalho em que estava. Assim, quando comentei isso para um amigo do futebol, ele disse que falaria com o técnico da equipe, que era também um funcionário da empresa com um cargo de chefia. Como o técnico/funcionário já havia o visto jogar e sabia de suas habilidades, o resultado da conversa foi um convite para trabalhar na empresa, o que permitiria inscrever ele no campeonato amador (sem que houvesse conflitos internos), mas também em

competições de futebol organizadas pelas associações de empresas na cidade e região, nas quais, ser funcionário era uma exigência. (DC, 03/07/2016).

As descrições daquela tarde permitem-nos refletir sobre, como a presença do futebol nas conversas cotidianas pode promover mudanças significativas na vida dos agentes que o praticam. Uma pergunta sobre para quem jogaria o amador, levou um agente do campo futebolístico de Ponta Grossa a relatar uma dificuldade de conciliar a prática do futebol com o emprego. Não obstante, devido ao seu capital futebolístico, uma nova oportunidade surgiu. Tal relato, não faz parte de uma exceção, no mesmo Clube Empresa, havia outras situações semelhantes e em outros clubes também. Vale ressaltar, que os casos em que se observou essa possibilidade de conversão das competências futebolísticas em oportunidades de emprego, referiam-se a trabalhos que demandavam baixa qualificação profissional.

Por fim, além desta relação hierárquica entre jogador/funcionário e clube/empresa. Há vários relatos de jogadores que alavancaram os seus próprios negócios, com base nas relações sociais estabelecidas no campo futebolístico amador de Ponta Grossa e em seu capital futebolístico. Durante uma entrevista, quando perguntado sobre a importância do futebol para sua vida, um veterano do Mirante E. C. fez questão de enfatizar seu papel no modo de criar seus filhos, nos trabalhos formais que teve, reforçando a interpretação realizada acima e na construção do seu negócio próprio.

Durante sua fala, ele fazia questão de enfatizar que seu negócio teve como primeiros clientes, os jogadores do Mirante E. C. e demais jogadores do campeonato amador. Em seguida, estes passavam a fazer indicações sobre a qualidade do seu serviço, logo, pessoas que ele não conhecia estavam ligando para solicitar seus serviços, devido as indicações dos jogadores para os familiares, depois dos familiares para amigos próximos e assim sucessivamente. A empresa criada, precisou inclusive assumir o seu apelido, pois era assim que todos o reconheciam e a conheciam.

Diante do exposto, pode-se assumir que a construção social das normas e regras respeitadas no Mirante E. C. e no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, como o respeito aos veteranos, as famílias dos companheiros e os sacrifícios realizados para entrar em campo com o time, explicada pelos agentes sociais através da noção de família, agem simbolicamente para converter a arbitrariedade da escolha do fotografo, marceneiro ou pedreiro em uma escolha óbvia, até mesmo natural. De acordo com Bourdieu (2011) “o espírito familiar”, só existe porque há um trabalho simbólico e prático agindo entre os membros do grupo, capaz de transformar a obrigação de amar em disposição amorosa. Isso ocorre cotidianamente, através

das generosidades e solidariedades (trocas, ajudas, visitas, serviços, atenção etc.) eternizadas em encontros e registros fotográficos.

Não obstante, a família também opera de forma semelhante a um campo social, “[...] com suas relações de força física, econômica e sobretudo simbólica (vinculadas, por exemplo, ao volume e à estrutura dos capitais que seus diferentes membros possuem) e suas lutas pela conservação ou transformação dessas relações de força”. (BOURDIEU, 2011, p. 130). Deste modo, pode-se inferir que ao mesmo tempo em que este sentimento familiar ou de companheirismo, compartilhado dentro de campo e nos encontros festivos, agia como um princípio afetivo de coesão, ele apresentava a organização hierárquica do grupo aos novatos.

Porém, atritos podem emergir como a entrada de um novo jogador ao clube, pois há sempre a possibilidade de reestruturação das posições nesta hierarquia, visto que a quantidade de capital futebolístico é que orienta fundamentalmente a organização social do campo. Os relatos de jogadores, ex-jogadores, dirigentes e veteranos do Mirante E. C. demonstram que saber fazer uso deste capital futebolístico, pode ser importante para melhores condições de vida, devido a relevância do futebol nas relações cotidianas.

7.3.2 Notas sobre as Práticas Futebolísticas Amadoras e a Política Eleitoral em Ponta Grossa

Participar anualmente das competições amadoras organizadas pela Liga de Futebol de Ponta Grossa é um grande desafio para qualquer clube aspirante a adentrar no campo futebolístico amador pontagrossense. A disputa de um campeonato amador exige, mesmo que minimamente, recursos econômicos para manter as condições de jogo do campo do clube ou do seu aluguel, de uniformes para o time, além dos custos com taxas de arbitragem pagas antes de cada jogo e filiação a liga, cobrada todo ano. Para clubes tradicionais como o Mirante Esporte Clube, mas que não possuem uma renda mensal fixa, as dificuldades são as mesmas, com um adendo, sua participação é esperada pelos agentes pertencentes ao clube e ao campo.

Em meio a estas dificuldades, alguns agentes sociais veem neste cenário, um espaço profícuo para conversão de seus capitais econômicos, sociais e futebolísticos em capital político, mas especificamente em votos nas eleições municipais para vereadores ou na possibilidade de construir redes de apoio para candidatos que concorrem a prefeitura da cidade.

No entanto, assim como verificou Pimenta (2013) nas relações entre futebol amador e política em uma comunidade localizada no distrito de Aracatiaçu do município de Sobral (CE), essa busca pela conversão de um capital em outro não ocorre de forma clientelista ou

proporcional, pelo contrário, a existência de um capital futebolístico torna esta dinâmica relacional ainda mais complexa e profícua em reflexões.

Para ilustrar esta articulação do campo futebolístico amador com o campo político municipal, descreveu-se as vivências com três agentes sociais que concorreram aos cargos do legislativo municipal, os quais acreditavam em maior ou menor grau que as relações sociais estabelecidas nos campos de futebol poderiam auxiliar para lograr êxito nas respectivas campanhas. Ao longo do período em que foi realizada a pesquisa de campo (2013-2021) foi possível acompanhar as eleições municipais de 2016 e 2020.

Enquanto esclarecimento, vale destacar que compreende-se a complexidade e amplitude do conceito de política. Para Frey (2000) um primeiro passo para entendê-la é através dos conceitos de *polity* (dimensão institucional - estrutura do sistema político-administrativo), *politics* (dimensão processual - processo político de discussão e tomadas de decisão) e *policy* (dimensão material - configuração dos programas políticos). Não obstante, para a entrada ou permanência de um agente social no campo político, torna-se necessário passar a cada quatro anos, pelo processo eleitoral. O qual consiste nas relações e articulações sociais em busca de eleitores, para atingir o número de votos necessários para ocupação do cargo pretendido.

Como os três candidatos já eram vereadores ou elegeram-se em algum momento durante as observações, os identificaremos como: Vereador Conselheiro - Aquele que tivemos contato apenas na campanha eleitoral de 2016, mas que soube anos mais tarde, quando fui aceito pelo grupo do Mirante E.C, que ele tentou eleger uma nova diretoria para conduzir este clube; Vereador do Esporte - Aquele que envolvia-se com o campeonato amador de diversas formas, como presidente de clube associativo, assessor jurídico da comissão disciplinar da Liga e também patrocinava equipes com a marca de sua empresa; e Vereador Jogador - Embora os demais também tenham jogado o campeonato amador de futebol de Ponta Grossa, este ainda participava das peladas realizadas por um clube social e fazia parte do time master deste clube, disputando o campeonato amador da categoria enquanto concorria as eleições municipais.

As primeiras observações *in loco*, coincidiram com o início do mandato 2013-2016, porém, naquele momento, as relações do futebol amador com a política municipal não se destacaram como algo significativo para a descrição do cotidiano relatado nos primeiros diários de campo. Talvez devido a quantidade de informações a absorver e descrever no diário ou então a pouca experiência com a etnografia a época. Entretanto, um olhar retrospectivo nos mostra como há uma inter-relação entre estes campos e que pode ser uma das chaves para compreender as motivações que mantem alguns agentes diretamente atuantes na manutenção desta estrutura.

De maneira específica, verifica-se que o Vereador Conselheiro foi o único entre os três que se elegeu diretamente para o cargo nas eleições de 2012, os demais ficaram como suplentes em seus respectivos partidos. Entretanto, no primeiro semestre de 2014 o Vereador Conselheiro assumiu um cargo de Secretário Municipal, ação que deixou vaga a sua cadeira para que o Vereador do Esporte ocupasse sua posição, no mesmo período o Vereador Jogador, também teve a oportunidade de ocupar o cargo de vereador de forma interina por 30 dias.

Embora os vereadores buscassem na mesma base eleitoral seus votos, não existia de forma explícita conflitos entre eles. O que se evidenciou ao longo deste período, foram as estratégias distintas que tornaram as relações com os agentes do campo futebolístico amador de Ponta Grossa (possíveis eleitores) mais sólidas ou que jogaram contra suas candidaturas na eleição de 2016.

Conheci o Vereador Jogador em uma pelada contra o Mirante Esporte Clube no campo do Clube Social que ele frequentava, na ocasião eu estava acompanhando o clube a menos de um ano, então não havia superado a camada de aceitabilidade (OLIVEIRA, FREITAS JUNIOR, GABRIEL, 2018) que me permitisse ser convidado para participar dos jogos como um integrante do time do Mirante. Embora bem recebido, eu ainda era visto como alguém que estava estudando o futebol amador, aquele que escrevia um livro sobre o futebol da cidade ou ainda, alguém que fotografava jogos do Mirante E. C.

Seu Sebastião foi quem me apresentou ao Vereador Jogador, após a pelada, no bar do Clube Social, ele estava vestindo um uniforme do time ainda de meio e chuteira, encostado na bancada do bar com uma garrafa de cerveja e com um copo na mão. Eu e Sebastião havíamos ido ao bar justamente para pedir uma cerveja, ao pegarmos os copos no bar ele nos serviu com a garrafa dele, assim deixamos a garrafa que havíamos comprado para ser bebida na sequência.

Após a apresentação inicial, a conversa fluiu não só entre nós três, mas com outros jogadores, formando uma roda de conversa. Como não havia conseguido uma vaga de titular na Câmara, o Vereador Jogador possuía um capital político menor em relação aos demais vereadores. Naquele momento, sua influência política não era o motivo pelo qual vários jogadores se aproximavam, mas sim seu capital futebolístico. Como ele era um veterano do clube, aqueles que conversavam com ele, falavam sobre o futebol, sobre memórias compartilhadas em vivências futebolísticas anteriores, mas não sobre política.

Os demais agentes sociais que faziam parte daquela roda, o viam como um deles, outro companheiro de equipe. Isso poderia ser interpretado como um não reconhecimento de sua posição no campo político, porém pode-se perceber futuramente, que foi esta relação entre iguais, que contribuiu para sua vitória nas eleições seguintes (segundo suas próprias palavras,

durante uma conversa futura). As reclamações sobre a administração da LFPG ou o “descaso” com o futebol amador existiam, mas não era atribuída a ele uma cobrança para pressionar seus pares para que mudanças ocorressem. Algo que já ocorria com o Vereador do Esporte.

Neste mesmo período em que ele assumiu o cargo de vereador, era também presidente do Clube Associativo “Ortodoxo³⁰”. Meu primeiro contato com o Vereador do Esporte, foi através de uma lista de número de telefones dos representantes dos clubes que disputavam o campeonato amador de Ponta Grossa, entregue pelo presidente da Liga. Após uma ligação, marcamos uma entrevista na sede do clube. Depois de conversar sobre a história do Clube Associativo e seu envolvimento com o futebol, foi que ele se apresentou também como vereador. Nos jogos entre seu clube e o Mirante E. C., sempre o encontrava no alambrado dos estádios em rodas de conversa. Mais tarde pude constatar que ele sempre acompanhava os jogos do Clube Associativo.

Com o passar do tempo e facilitado pelas inúmeras apresentações de seu Sebastião, passei a entrar em rodas de conversa de diferentes clubes, sem ser visto como um intruso. Nestas rodas em que o Vereador do Esporte se encontrava, sempre existiam manifestações agradecendo suas ações, mas principalmente pedindo seu apoio para os demais clubes de futebol local, as reclamações giravam em sua grande maioria, sobre os custos para participar da competição, algo que segundo muitos, não contribuía para a democratização do campeonato.

Como as demandas apresentadas por muitos destes jogadores e representantes de clubes advinham de necessidades imediatas (BOURDIEU, 2021), as ações realizadas pelo Vereador do Esporte partiam, em muitos casos, da utilização dos recursos próprios ou do seu capital político e social para atender a muitas destas solicitações. Os representantes do Mirante Esporte Clube faziam parte do grupo que recorria ao Vereador do Esporte em diferentes circunstâncias.

Durante o ano de 2016, o campeonato amador principal foi dividido em duas etapas, devido ao número de inscritos e a uma tentativa da LFPG de criar duas divisões para os anos seguintes, por entender que havia uma desigualdade entre os clubes que tradicionalmente brigavam por títulos e as demais equipes. Embora a divisão do campeonato entre série prata e ouro não tenha sido unânime no arbitral, prevaleceu a decisão da maioria.

³⁰ Ao dissertar sobre os elementos que compõem o campo social, Bourdieu (2011) propõe que podemos enxergar ao menos duas divisões básicas entre os agentes sociais, um deles é composto pelos ortodoxos, os dominantes do capital legítimos e das posições almejadas no campo. Em oposição, há os heterodoxos ou dominados, aqueles que buscam subverter a lógica do espaço social. No contexto do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, usou-se a denominação clubes ortodoxos, para referir-se aos clubes que dominam o campo, tanto em títulos amadores, quanto nas decisões sobre como as competições devem ser conduzidas.

Deste modo, na primeira etapa a LFPG dividiu (através de sorteio) os 21 clubes inscritos em grupos A, B e C, iguais em número de equipes. Após jogarem todos contra todos dentro de cada grupo, classificaram-se para disputar a Divisão Especial – Série Ouro na segunda fase, as quatro melhores equipes de cada grupo. As demais disputariam a Divisão de Acesso – Série Prata, jogando rodízio completo dentro dos grupos. (LFPG, 2016). A nova dinâmica aumentou o número de jogos e o tempo de competição, somada a esta situação os dirigentes do Mirante E. C. estavam encontrando dificuldades para conseguir a renovação de patrocínios com um supermercado e uma autopeças, por este motivo o apoio do Vereador do Esporte se tornava ainda mais importante.

O vereador possuía uma relação de longa data com seu Sebastião e outros veteranos do clube, devido a vivências futebolísticas no campeonato amador e competições de futebol no clube associativo em que era presidente. Deste modo, ele comprometeu-se em nome de sua empresa a apoiar o clube com as despesas da liga. Um outdoor divulgando sua marca foi instalado pelo vereador na entrada do estádio do Mirante E. C., conforme acordo estabelecido verbalmente. Da mesma forma, Carlos (um agente que se envolvia em diferentes funções no clube, como: jogador, técnico, gestor etc.) informa o presidente da liga sobre o que havia acertado com o Vereador do Esporte, com intuito de tranquilizá-lo, pois havia algumas mensalidades em atraso. O presidente, atribuindo credibilidade a palavra do vereador responde que estaria tudo certo.

Após os jogos da primeira etapa, o Mirante E. C. não conseguiu atingir a posição necessária para disputa da Série Ouro. Diversos fatores interferiram neste resultado, o qual não agradou os agentes responsáveis pela administração do Mirante E. C., que não pretendiam disputar a divisão de acesso. Em um dos diálogos com o presidente da liga, além desta questão, Carlos foi cobrado dos valores a serem pagos pela filiação do clube.

Com o término do jogo entre Mirante E. C. e Clube de Vila, válido pela última rodada da primeira fase do amador, o clube não conseguiu a classificação para a série ouro. Porém, Carlos chama eu e Gabriel (caseiro do clube e responsável por atender o bar), para uma conversa mais reservada, ainda no alambrado, porém falando baixo Carlos disse que não esperava uma cobrança do presidente da LFPG, segundo ele, as parcelas de filiação a lida estavam atrasadas e a arbitragem de alguns jogos, incluindo aquele, não haviam sido pagas. Ele relatou que mencionou o acordo feio com o Vereador do Esporte e então se comprometeu a fazer a cobrança. Em seguida, nos disse que estava difícil receber os valores devidos pelo clube a liga. – Sempre que eu ligo ou vou na empresa, ele não está ou não atende (Vereador do Esporte). Sempre quem atende é a secretária que diz que só podemos acertar direto com ele. Então Gabriel diz que a melhor opção era dar um jeito de pagar a liga e retirar a placa de patrocínio, Carlos concordou. (DC, 31/07/2016).

Depois dessa conversa, outras aconteceram e mesmo sem o cumprimento do combinado, de remover a placa, outros veteranos orientaram Carlos a mantê-la alegando que ele poderia ressarcir o clube em outro momento. Porém o apoio a ele nas eleições ficou estremecido pela situação. O jeito dado pelo clube, foi a realização de um almoço para casais e familiares, seu Sebastião responsabilizou-se pela organização do evento que possibilitou a quitação das parcelas atrasadas de filiação a liga e as taxas de arbitragem da Série Prata. Devido ao contexto, o almoço não contou com a presença do Vereador do Esporte, porém outro candidato, o Vereador Conselheiro, foi ao evento.

Toda festividade organizada no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, tem como regra, ser precedida de um ou mais jogos comemorativos, o qual dá sentido ao encontro em um campo de futebol. Assim, faz parte da etiqueta, ir ao estádio para assistir os confrontos festivos e não apenas no horário previsto para o almoço. A chegada tardia do Vereador Conselheiro, quando todos já estavam se servindo não causou uma boa impressão para com os agentes responsáveis pelo Mirante E. C. e menos ainda com os jogadores, que tiveram seu almoço e conversas interrompidas para receber os santinhos entregues pelo candidato. O santinho é uma propaganda impressa com informações como nome do candidato e seu número, distribuída nas vésperas de uma eleição, na chamada boca de urna.

Nas mesas, alguns jogadores comentavam que jamais votariam em alguém que só vem pedir o voto as vésperas da eleição e some. Neste contexto, o Vereador Jogador passa a ser uma opção dos dirigentes, jogadores e torcedores do Mirante E. C., pois os encontros com ele nos dias das peladas, eram diferentes das relações de interesse dos outros candidatos, para eles a ação desinteressada desse candidato, que os encontrava apenas para jogar futebol, valiam mais.

Com o final da apuração dos votos, no dia 02 de outubro de 2016, apenas o Vereador Jogador conseguiu votos o suficiente para ocupar o cargo diretamente. Sememas depois, durante o primeiro jogo da final do campeonato amador, no alambrado do estádio do Clube Associativo Ortodoxo, que enfrentava o Clube Social Ortodoxo, eu estava conversando com o Vereador do Esporte, quando o Vereador Jogador vem ao nosso encontro. Após os cumprimentos pela vitória, a conversa dirigiu-se rapidamente sobre a dificuldade das eleições, principalmente devido a candidatura de um novato que foi o segundo mais votado.

Durante o diálogo, o Vereador do Esporte reconheceu um erro estratégico, alegando que deveria ter focado mais das relações interpessoais ao invés de tentar dar suporte a muitas equipes ao mesmo tempo. O Vereador Jogador concordou com ele, alegando que dentro do próprio clube do Vereador do Esporte, outra pessoa se candidatou, retirando dele alguns votos importantes. Segundo o Vereador Jogador, aquilo foi “sacanagem”, porque a pessoa não tinha

chances de ganhar, mas completou dizendo que eles precisam estar atentos e para que isso não ocorra, devem estarem sempre presentes. (DC, 27/11/2016).

Durante os anos seguintes, O Vereador do Esporte passou a estabelecer essa presença, não apenas acompanhando o seu clube, mas também aproximando-se do dia a dia de clubes como o Mirante. Nas eleições de 2020, ambos conseguiram diretamente o cargo, atribuindo a sociabilidade futebolística um papel de relevância. Já o Vereador Conselheiro, distanciou-se ainda mais do campo.

Neste contexto, durante a observação ficou evidente que independente do acúmulo elevado de outros capitais, para manter o capital futebolístico conquistado, se faz necessário permanecer em campo, dividir os mesmos espaços e respeitar as lógicas culturalmente estabelecidas. Sair do campo, significa perder espaço e visibilidade, em outras palavras, perder capital futebolístico. Como ressalta Bourdieu (2008) ninguém pode tirar proveito do jogo, nem mesmo os dominantes, sem se envolver a fundo nele.

7.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de um prestador de serviço ou de um representante político, com base em suas competências futebolística, pode ser vista por alguém de fora do campo futebolístico amador de Ponta Grossa como pouco lógica, principalmente se o forasteiro considerar na interpretação a descrição dos cargos mencionados ao longo do estudo. E de fato é, mas a arbitrariedade pode ser vista no princípio de todos os campos sociais (BOURDIEU, 2001), pois cada um deles só existe devido as suas leis e lógicas próprias, que nos permitem distinguir, por exemplo, o campo acadêmico, do campo político ou do econômico.

Foi justamente essa impressão de arbitrariedade, descrita nos diários de campo durante a interpretação das relações sociais estabelecidas pelos agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C., que nos permitiu chegar no capital futebolístico. Assim, passou-se a perceber que embora o fotógrafo, o marceneiro ou o pedreiro não fossem reconhecidos como os melhores profissionais, o fato de dividir o vestiário e o campo com eles, atribuía confiança e uma certa noção de segurança para aquele que solicitava o serviço. O mesmo valia para a escolha do representante político, pois era sempre melhor ter um “de nós” na câmara de vereadores, do que um político de ofício, que talvez não se importasse com o futebol amador.

No contexto das relações de trabalho, o acúmulo de capital futebolístico poderia ser interpretado como uma estratégia rentável economicamente ou por melhores condições, seja em uma perspectiva informal, formal ou empreendedora. Principalmente para os jogadores que

possuíam poucas opções de escolha, pois não realizaram ou não puderam realizar ao longo de sua trajetória social os mesmos investimentos em outros campos sociais, como o acadêmico.

Não obstante, quanto a dimensão política, o oposto ocorria, pois para manter-se nas posições de destaque da política local, o agente investia seus capitais culturais, sociais e econômicos, mas principalmente seu tempo, para acumular o capital futebolístico que retroalimentava seu capital político. Em ambos os casos, permanecer no campo era fundamental, pois deixar o posto conquistado significaria assumir o risco de sofrer perdas simbólicas dentro e fora do campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

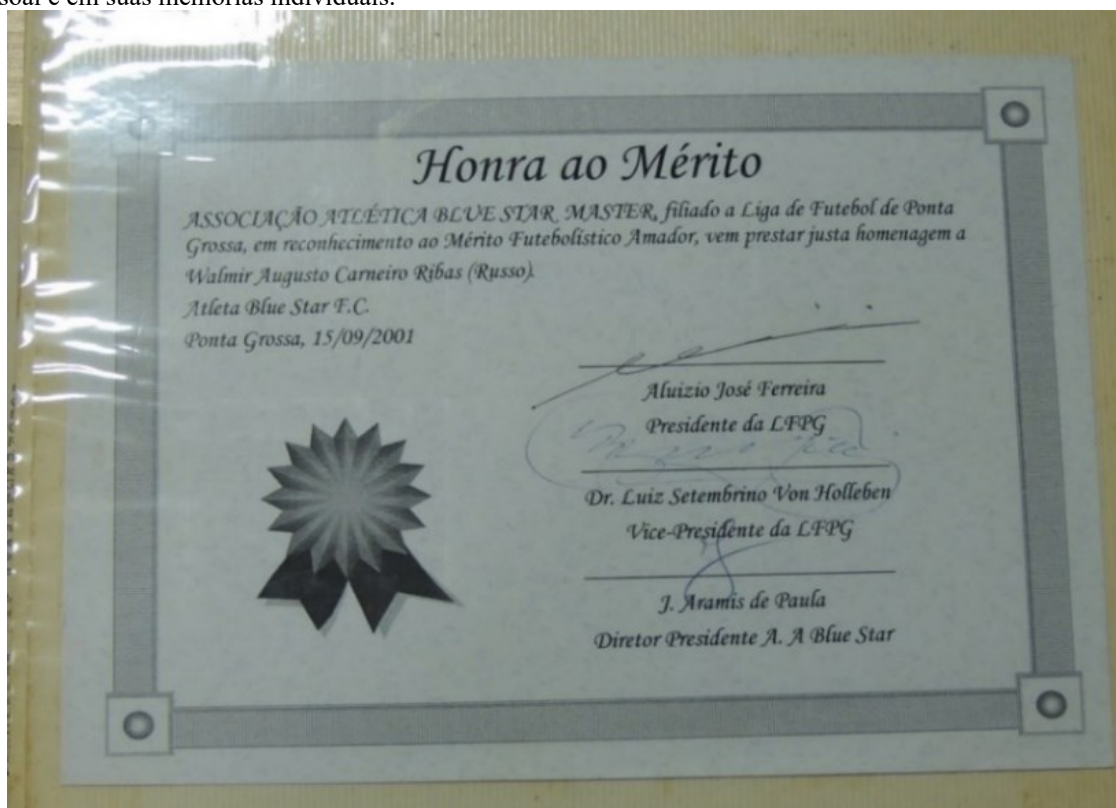
8 CAPITAL FUTEBOLÍSTICO E MEMÓRIA: A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL AMADOR NA TRAJETÓRIA SOCIAL DO JOGADOR “RUSSO” EM PONTA GROSSA – PARANÁ

Resumo³¹: O objetivo do estudo foi analisar a influência do capital futebolístico na trajetória do Russo para além dos campos onde eram disputados os campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa. Para efetivar tal ação, foi necessário acessar as memórias deste agente, assim recorreu-se a história oral, que tem como principal alicerce a narrativa e busca aprofundar os conhecimentos sobre acontecimentos e conjunturas do passado através das experiências e versões particulares. No decorrer de sua trajetória Russo vivenciou a prática do futebol em diferentes interfases, entretanto foi no campo futebolístico amador de Ponta Grossa que ele acumulou o capital simbólico necessário para ocupar uma posição de destaque. Deste modo, em longo prazo, Russo foi instituído como um veterano do campo, reconhecimento fundamentalmente simbólico, mas por vezes objetivado, através de homenagens, como a que abre o estudo, denominada honra ao mérito futebolístico amador.

Palavras-chave: Futebol amador; história oral; campo; herança cultural.

8.1 INTRODUÇÃO

Fotografia 9 - Nesta imagem pode-se observar o registro impresso da homenagem realiza ao futebolista Russo, em 15 de setembro de 2001, pela Associação Atlética Blue Star Master. A qual possui um lugar especial em seu acervo pessoal e em suas memórias individuais.



FONTE: Os autores.

³¹ Durante seu processo de desenvolvimento, o presente estudo foi apresentado e publicado em formato de resumo expandido nos Anais do II Seminário Internacional Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Sociedade, promovido pelo Núcleo de Estudos, Esporte, Lazer e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. (OLIVEIRA; FREITAS JUNIOR, 2018).

A homenagem conferida a “Russo”, apelido através do qual ele é conhecido e reconhecido no Campo³² Futebolístico Amador de Futebol de Ponta Grossa, por seu Mérito Futebolístico Amador, instiga-nos a levantar algumas questões de partida³³ sobre a prática amadora deste esporte na cidade de Ponta Grossa, localizada no estado do Paraná-Brasil.

A primeira delas seria compreender qual o significado desta honraria denominada “Mérito futebolístico amador” para os agentes sociais deste campo específico? Nesta mesma linha, visualiza-se que é fundamental entender o que seria necessário para ser reconhecido pelos demais agentes do campo futebolístico amador pontagrossense como um futebolista de mérito?

O reconhecimento de um agente através de um certificado impresso, prática comum no campo acadêmico que concede simbolicamente ao benemérito capital cultural institucionalizado³⁴, como exposto na fotografia 1, é algo bastante singular para o campo futebolístico amador de futebol de Ponta Grossa. Tradicionalmente este *status* é adquirido e observado cotidianamente de forma simbólica, através de circuitos de consagração e nomeação que ordenam as posições sociais no campo, principalmente através da “economia linguística”³⁵ fomentada pelos agentes. (OLIVEIRA, 2018).

Dentre as posições que se estruturaram historicamente, culturalmente e socialmente no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, o posto de “veterano” é objeto de desejo e de disputa dos agentes sociais. Devido o processo de ancoragem do envelhecimento há valores como a experiência, a sabedoria e o respeito, tornar-se um veterano significa adentrar a um grupo seletivo de agentes que fazem parte da história do clube que representam e do futebol na

³² O campo (acadêmico, político, econômico, esportivo, dentre outros) deve ser visto como um espaço estruturado de posições ou de postos, o qual não é uma simples localização geográfica, mas um espaço abstrato. Conforme a posição neste espaço social, o agente possuirá uma maior ou menor quantidade de capitais (econômico, cultural, social ou simbólico), convertidos em poder simbólico, capaz de instituí-lo, no caso de um grande acúmulo, ou destituí-lo, perante os demais agentes. (BOURDIEU, 2002, 2008a).

³³ Tendo como ponto de partida os três atos epistemológicos (a ruptura, a construção e a verificação) do procedimento científico estruturados por Bachelard (2006), Quivy e Campenhoudt (2008) propõem a efetivação destes atos através da realização de sete etapas interdependentes, são elas: a pergunta de partida, a exploração, a problemática, a construção do método de análise, a observação, a análise das informações e as conclusões. Nas duas primeiras etapas, relacionais, inseridas no ato de ruptura, os autores propõem a elaboração de uma pergunta de partida clara, exequível e pertinente, a qual orientará os pesquisadores na exploração do campo, teoricamente através de leituras sobre a temática e empiricamente a partir de entrevistas exploratórias e/ou observações *in loco*.

³⁴ Segundo Bourdieu (2001) o capital cultural é “propriedade” específica consagrada em três estados distintos: objetivado (posse de bens culturais), institucionalizado (posse de títulos que comprovem competência cultural, como os títulos escolares) e incorporado (capital feito corpo, domínio do conhecimento, de linguagens, técnicas, formas de percepção e classificação).

³⁵ Nesta perspectiva linguística, Bourdieu (1998) destaca a importância da nomeação (título, cargo, honraria) como um dos elementos que contribuem para a estruturação das posições ocupadas socialmente. As calúnias, acusações, críticas e elogios, por exemplo, são as moedas cotidianas destas nomeações, que atribuem aos agentes “beneméritos” um poder simbólico dentro do campo. O qual é invisível dentro das trocas simbólicas, mas legítimo e reconhecido pelos demais agentes da estrutura. (BOURDIEU, 2002).

cidade de Ponta Grossa, fato legitimado entre os agentes como um privilégio. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

Neste contexto, a singularidade da forma com que Russo foi homenageado e a posição de destaque ocupada por ele neste espaço social, instigam-nos a estabelecer um olhar mais minucioso sobre sua entrada e trajetória no campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Para tanto, o conceito de trajetória descrito por Bourdieu (2008b) apresenta-se como uma possibilidade de avançar as questões de partida.

Segundo o autor, a trajetória de um agente social em um determinado campo é a objetivação das relações sociais estabelecidas por ele com os demais agentes e as disputas presentes no campo. Assim a análise da trajetória de um agente, difere-se de uma biografia, pois busca descrever o processo de acúmulo de capitais (econômico, cultural, social e simbólico) e principalmente a diferentes posições ou postos ocupados ao longo da circulação neste espaço social. (BOURDIEU, 2008b).

Para referir-se aos ganhos através das práticas futebolísticas, utilizaremos a noção de “capital futebolístico”, o qual é adquirido e acumulado através de um conjunto de práticas herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, corporais e linguísticas, capazes de legitimar um agente em uma posição social de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido, mas também pela capacidade de conversão destas práticas ou deste capital, em outros capitais. Devido a sua dimensão relacional, entre o campo futebolístico amador e a sociedade.

Diante deste contexto, levanta-se a seguinte questão norteadora: Como os ganhos futebolísticos, vistos no *sensu comum* como financeiros, transcendem o capital econômico e as linhas geográficas do campo, influenciando a trajetória de um jogador de futebol amador? Para responder a tal questão, as memórias deste agente social seriam fundamentais, assim recorreu-se a história oral, pois segundo Alberti (1990) além de estabelecer análises de diferentes versões e testemunhos a utilização da história oral nos permite recuperar o que não está presente em documentos de outras naturezas.

Utilizou-se também, para análise da trajetória deste futebolista as experiências vivenciadas ao seu lado, nas incursões a campo durante a realização de um estudo etnográfico sobre clube de futebol amador em que este agente ocupa a posição de veterano e possui uma relação de identidade e pertencimento. (OLIVEIRA, 2018). Diante do exposto, o objetivo do estudo foi analisar a influência do capital futebolístico na trajetória do Russo para além dos campos onde eram disputados os campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa.

Uma justificativa sobre o motivo da realização de um estudo sobre um caso específico se faz relevante. Ao apresentar este problema e objetivo de pesquisa, convidamos o leitor, tal

como fez Bourdieu (2008b) em sua obra “Razões Práticas”, a ultrapassar a leitura particularista de que esta pesquisa abordará apenas uma realidade.

Quando ancoramos nossa leitura sobre a trajetória de um futebolista e seus ganhos com a prática do futebol, ao modelo teórico de Pierre Bourdieu, não estamos refletindo somente como isso ocorre em uma cidade do interior do Brasil ou com um jogador específico, mas sim submergindo na particularidade de uma realidade empírica que pode se fazer presente em outros locais em que a cultura futebolística esteja presente.

8.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A história oral tem como principal alicerce a narrativa e busca apresentar versões de experiências de vida através da entrevista oral. Para Alberti (2018) este é um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica “que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. (ALBERTI, 2018, p. 18).

Faz-se necessário salientar que a história oral não é um fim em si mesma, mas sim um meio de conhecimento, um método qualitativo de pesquisa, que busca “ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares”. (ALBERTI, 1990, p. 3). Neste viés, para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se como referência o trabalho desenvolvido pelo Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), descrito nas obras de Alberti (1990, 2018). Segundo este referencial a realização de uma entrevista oral é composta pelas seguintes etapas:

a) A escolha do entrevistado: Esta escolha tem como base o objetivo da pesquisa. Alberti (2018) salienta que o pesquisador não deve ter uma preocupação excessiva com a amostragem, mas sim com a “posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. O processo de seleção dos entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de ‘informantes’ em antropologia”. (ALBERTI, 2018). Deste modo, devido ao objetivo do estudo e a posição do agente no campo, que será objeto de análise, optou-se por realizar uma única entrevista, com Russo.

b) A escolha do tipo de entrevista: Segundo Alberti (2018) a entrevista em história oral pode ser realizada de duas maneiras, sendo ela temática ou de história de vida. Na presente pesquisa trabalhou-se com a segunda opção, pois neste caso, não se busca somente o relato do entrevistado sobre sua participação em um tema escolhido, mas sim na sua trajetória, nas

palavras de Alberti (2018, p. 38), a história de vida “têm como centro de interesse é o próprio indivíduo na história”.

c) O equipamento: Para Alberti (2018) os equipamentos foram os elementos que mais modificaram-se com o passar do tempo, pois se em 1990 o armazenamento das gravações era realizado em espaços física, hoje em dia, a gravação, o armazenamento e a disponibilização destas entrevistas, foram facilitadas. Para as gravações das entrevistas utilizou-se uma câmera digital Nikon COOLPIX P510, a organização dos arquivos foi realizada em uma pasta no computador, posteriormente armazenada em nuvem via Google Drive, juntamente com a transcrição fiel da entrevista em formato Word Windows2016.

d) A entrevista: Alberti (1990) alerta que para a realização de uma entrevista oral é necessário inicialmente que os pesquisadores se aprofundem na temática de estudo, através de fontes primárias e secundárias. Não no sentido de secar as investigações, mas sim de possuir conhecimento suficiente para construir um roteiro geral de entrevista consistente. Este deve possibilitar a sistematização dos dados de modo que seja possível articulá-los com a questão norteadora do estudo.

Neste viés, a realização de pesquisas anteriores, nas quais este agente foi um dos primeiros informantes, ou seja, alguém que me apresentou as lógicas da equipe e que passei a conviver durante os anos de pesquisa de campo, foi fundamental para a condução da entrevista em formato de conversa. Como aponta Alberti (2018), a realização de uma entrevista diretiva, na qual adota-se a prática do diálogo entre entrevistador e entrevistado, permite ao pesquisador apreender as experiências e visão de mundo do entrevistado através de seu próprio ritmo e estilo de vida.

A este respeito, cabe destacar que devido as vivências anteriores, a entrevista foi marcada na casa de Russo, a seu pedido, o qual esperava-me com o fogo aceso, para realização um churrasco após a entrevista, bem como álbuns de fotos, camisas de times que havia jogado, reportagens com seu nome ou sobre a sua atuação em campo. Além da proximidade, os elementos teóricos construídos anteriormente, para compreensão do campo futebolístico amador pontagrossense serão fundamentais para reflexão da posição e trajetória deste agente neste espaço social, como a compreensão do que significa ser um veterano, a importância da família ou o processo de aprendizagem da cultura futebolística. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

e) O processamento da entrevista: A última etapa consistiu na transcrição e arquivamento dos dados. Nas transcrições realizou-se em um primeiro momento a cópia fiel ao dito pelo entrevistado, evitando cortes ou acréscimos de palavras. Neste processo, ressalta-se a

importância de ficar atento aos sinais como: ênfases feitas pelo entrevistado, os silêncios, os risos, as emoções através de lágrimas ou não, os trechos lidos e enunciados incompletos, quando o entrevistado ameaça falar algo ou é interrompido. Em seguida, para a utilização dos dados retirou-se os vícios de linguagem como “né, sabe, entende e etc”, para auxiliar a compreensão do discurso. (ALBERTI, 1990).

Quanto aos aspectos éticos, respeitou-se em todas as etapas do estudo a dignidade, a liberdade e a autonomia do entrevistado, conforme exposto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Neste contexto, com exceção a Russo, optou-se por trabalhar com nomes fictícios para os agentes e clubes citados no desenvolvimento do estudo. Ressalta-se que ele assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, através da Plataforma Brasil, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

8.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Thompson (1998, p. 185) ressalta que a construção e a narração do passado, através de memórias individuais e coletivas, exigem engenho e poder imaginativo, pois se trata de um processo social ativo em que as narrativas “em geral são também utilizadas para contar vidas individuais, visando transmitir valores; e o que elas transmitem é a verdade simbólica e não os fatos do incidente descrito, que é o que menos importa”.

Segundo o autor o processo da memória depende, para além da capacidade de compreensão do indivíduo, do seu interesse, que se evidencia nas inclusões de detalhes ou nas supressões durante a realização da narrativa. No caso de uma comunidade ameaçada, por exemplo, a memória serve para evidenciar um sentimento de identidade coletiva, de modo que os acontecimentos divisórios ou conflitantes caminhem em direção ao esquecimento. Portanto, o modo como se aprende uma narrativa deve ser mais rigorosamente estudado, pois estes mecanismos variam de acordo com os grupos e suas localidades. (THOMPSON, 1998).

Na mesma direção Candau (2011) ressalta que para conservar a lembrança, é necessário memorizar um mundo previamente ordenado. Portanto deve-se compreender a lembrança como uma imagem distinta a do acontecimento, mas que age como uma imagem sobre o ocorrido.

Um acontecimento chave, que nos permite compreender a incorporação do futebol aos gostos e ao estilo de vida do Russo, foram os seus primeiros contatos com a prática futebolística

na infância. Experiência narrada repetidas vezes ao longo da entrevista e que de tão significativa, foi reproduzida por ele no processo de transmissão deste gosto, através de suas memórias e estilo de vida ao herdeiro (filho).

8.3.1 O Time dos Irmãos: Os Primeiros Contatos do Russo com o Futebol

Sobre este contato inicial, Russo relata que veio de uma família muito grande, mais especificamente 14 irmãos, dentre os quais, ele era o segundo mais velho. Como seu pai era músico, ficava longos períodos fora de casa, muitas vezes três ou quatro meses. Por este motivo, sua mãe enfrentou muitas dificuldades para criá-los, tanto financeiras quanto relacionadas ao processo educacional. Destarte, Russo narra que para “segurá-los” em casa ou o mais próximo possível dos cuidados da mãe, seu pai teve uma ideia:

Na época nossa de criança, nosso pai tinha muito medo de rio, de caça, essas coisas. Daí ele teve a ideia de fazer um campinho de futebol do lado da nossa casa. Ai que tudo começou. Junto com meu pai e alguns amigos em volta, nós fomos lá, limpamos o lote e fizemos o campinho de futebol. A ideia dele foi boa porque aproximou os amigos todos. Foi ali que a gente se envolveu com o futebol e assim nós nos criamos naquele campinho. (RUSSO, 2017).

Ao dissertar sobre o processo de transformação através do qual um agente social torna-se um mineiro, um camponês, um padre, um músico, um professor, ou neste caso um “futebolista”, Bourdieu (2001) destaca que este tem seu início na infância, talvez antes do nascimento (através da herança cultural), perseguindo-se sem grandes crises e conflitos, não obstante, passando por todas as provas (angústias morais e físicas) que compõem as condições de desenvolvimento da *illusio*³⁶. Situação que pode ser observada na narrativa de Russo, em seguida ele relata que o campinho foi apenas o início da trajetória dele e dos irmãos no futebol, o passo seguinte foi a criação de um time dos irmãos, pois dos 14 irmãos, 12 jogavam futebol.

O mais velho já jogava no Operário, então ele tocava o nosso time de futebol de campo. Foi aí que começamos a descer no campo da princesa, ali que nós começamos a nos destacar no futebol. Lá era futebol de campo, jogávamos torneios. Então todo domingo nós estávamos no campo, os meus irmãos todos se destacaram no futebol, é claro fomos em dois que chegaram a ir para o profissional, mas os outros, mesmo assim. O pessoal adora todos nós, pela simplicidade, o pessoal ficava admirado de ver todos nós juntos, o time dos irmãos [falou com ênfase e sorrindo]. (RUSSO, 2017).

³⁶ Ao propor a noção de campo social, Bourdieu (2008b) analisará as relações sociais como uma espécie de jogo, onde há objetos de disputa, posições demarcadas e estratégias para conquista destes troféus. Neste viés a *illusio* representa a relação do agente com o campo, significa “estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar”. (BOURDIEU, 2008b, p. 139).

O Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), que Russo se refere acima, é uma agremiação esportiva da cidade de Ponta Grossa, fundada dia 1 de maio de 1912. Trata-se de um dos clubes mais antigos do estado do Paraná em atividade. Única equipe profissional da cidade atualmente, que disputa a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol. Jogar no OFEC era bastante significativo, pois representava chegar ao profissional e ao topo da hierarquia no futebol local.

Como destaca Bourdieu (2001), o processo de construção do gosto por um bem cultural, como foi o caso do Russo com relação a prática futebolística é permeado por grandes cargas de afetividade, ao passo que torna se impossível determinar a priori que fez a escola, se foi o agente ou a instituição, ou seja, se foi o jogador que escolheu o futebol ou se ele foi levado a escolhê-lo.

Ao longo da circulação de Russo pelos diversos espaços sociais em que o futebol é vivenciado na cidade de Ponta Grossa, como no campo da princesa, localizado na Vila Princesa, região de grande vulnerabilidade social, mas tradicional na realização de torneios de futebol e nos circuitos futebolísticos interbairros, práticas e disposições de agir específicas do campo futebolístico amador pontagrossense foram apreendidas e incorporadas de forma consciente e inconsciente. Manifestando-se cotidianamente sob a forma de esquemas de pensamento, percepção e avaliação ou julgamento.

Segundo Bourdieu (2008a), o *habitus* é o princípio gerador destas práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, seu sistema classificatório. Dessa forma, segundo o autor, na relação entre a “capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida”. (BOURDIEU, 2008a, p. 162).

Deste modo, durante a circulação de Russo por este campo específico, ele passou a interiorizar também as competências julgadas “necessárias” para agir nos diferentes momentos. Ao compreender o valor das competências futebolísticas para este espaço social, consciente ou inconscientemente, as práticas de Russo passaram a nortear-se por um senso de aplicação que justificasse os investimentos altos realizados no campo.

Como sua família era grande em número e ele um dos irmãos mais velhos, trabalhar era uma necessidade e um dever, segundo Russo, portanto ele interrompeu os estudos, sem completar seu ensino fundamental. Assim, em oposição ao trabalho, a prática do futebol era o que lhe conferia prazer, no seu dia a dia. Deste modo, após incorporar as práticas futebolísticas,

as suas vivências cotidianas na infância e adolescência, Russo passou a realizar cada vez mais investimentos, principalmente de tempo e a rentabilizar os “lucros” de tais esforços.

Destarte, depois de uma vivência lúdica da prática futebolística, sempre permeada por uma certa seriedade, pois como destaca Huizinga (2000) mesmo nos jogos lúdicos, nas brincadeiras despreziosas, existe algo em jogo, isto é, no jogo sempre encontramos uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa.

Assim, devido aos investimentos Russo passou a receber convites para compor as equipes infantis, juvenis e amadoras, até atingir o objetivo de representar uma equipe profissional. Porém, segundo ele:

[...] no profissional a gente teve uma sequência, mas não teve continuidade. Por contusão e porque na época também a gente não ganhava muito, ganhava muito pouco. Como éramos uma família grande, a ideia era ajudar meu pai e minha mãe, com o dinheiro que a gente ia ganhar. Mas não tinha como, a gente não ganhava salário. Ai tanto com o salário e com a contusão eu resolvi parar. (RUSSO, 2017).

O interrompimento precoce da sua carreira como profissional é apresentada por Russo como uma decisão, uma escolha pessoal. Porém, entre o desejo de tornar-se um jogador de futebol profissional e o campo das probabilidades objetivas, existem as necessidades imediatas do cotidiano, as quais podem manter este projeto de futuro apenas como uma esperança. (BOURDIEU, 2021).

Não obstante, para que os agentes não se desencantem do jogo e de seus troféus, se estruturam no campo, diferentes níveis de disputa. De acordo com o ponto de referência, este pode ser a base ou o topo das posições sociais, ou seja, existe o melhor jogador do mundo, mas também podemos eleger o melhor jogador brasileiro ou do estado do Paraná, até mesmo o melhor pontagrossense. Esta lógica de leitura do espaço social mantém viva a esperança, o desejo de sonhar em ser jogador, mesmo que a probabilidade objetiva de tornar-se um profissional de nível internacional não jogue a favor do agente.

Isso nos ajuda a entender por que o encerramento da carreira profissional, não significou o término de sua relação com o futebol, mas sim uma nova ressignificação do espaço destas práticas futebolísticas em suas ações cotidianas. Depois de iniciar sua trajetória no futebol de bricolagem, que se revela através das peladas, dos torneios, dentre outras designações, Russo conseguiu um espaço na matriz futebolística profissional ou de alto rendimento. No entanto, devido a alguns acontecimentos reencontra-se com a modalidade esportiva em uma nova dimensão, a do futebol comunitário, denominada também como futebol de várzea, de bairro ou amador. (DAMO, 2003, 2005).

8.3.2 A Trajetória de Russo no Campo Futebolístico Amador ne Ponta Grossa

Um olhar forasteiro, superficialista ou de senso comum, que se propõe a observar o campo por uma lógica economicista (BOURDIEU, 2008b), corre o risco de inferir que esta transição do profissionalismo para o Campo Futebolístico Amador de Ponta Grossa, resultou em uma perda de *status* ou de poder simbólico deste agente. Entretanto, através da narrativa de Russo e dos acontecimentos subsequentes a esta transição percebeu-se que houve mais ganhos (simbólicos e materiais) do que perdas, segundo ele:

Depois tive mais oportunidades para voltar ao profissional, mas eu estava em um emprego bom, ganhava uma faixa de 5 salários, então eu não achei vantagem voltar para o profissional, o Operário queria que eu voltasse, o Pato Branco, teve uns 4 ou 5 times que queriam que eu voltasse, mas eu não quis voltar. (RUSSO, 2017).

Não é possível inferir se o retorno ao profissional era uma possibilidade objetiva ou se o argumento foi apresentado por Russo para justificar o quanto a permanência no amador foi fruto de uma escolha pessoal. Mencionar o convite dos clubes, significa deixar claro que a saída do profissional não ocorreu devido à falta de habilidade, assim Russo se via como um jogador de futebol, que optou por não ser profissional. Entretanto, a grande questão não é buscar a veracidade da narrativa, mas sim entender a partir de seu ponto de vista, como o futebol amador pode se tornar mais vantajoso que o profissional.

O bom emprego, descrito por Russo, que o levou a recusar o retorno ao futebol profissional, possuía também relação direta com a prática futebolística. Chegou-se a essa inferência quando questionou-se a existência de uma relação entre o futebol e o emprego que o fez renunciar à possibilidade de voltar ao profissional, ou se em sua escolha por este emprego o futebol havia sido colocado em segundo plano. De imediato Russo respondeu que tanto neste emprego, quanto nos demais, sempre existiu um alinhamento com a prática futebolística.

Todos os trabalhos nas empresas, foi através do futebol, eu trabalhei em muitas empresas através do futebol, na época tinha os campeonatos fortes do Sesi, do Sesc, tinha a Taça Paraná, não, não era Taça Paraná, mas a gente tinha um interligado com o Sesi, que a gente tinha que jogar fora. O pessoal procurava muito o pessoal que se destacava no futebol e era aí que a gente entrava. (RUSSO, 2017).

O ato de um jogador receber vantagens ou recompensa, como a oferta de um emprego, para jogar por um determinado clube, marcou um período conhecido como “profissionalismo marrom” (LIMA, 2014). Para entendê-lo, é preciso olhar para o início da prática do futebol no país. O esporte tem sua gênese ligada a elite, porém, popularizou-se rapidamente pelo Brasil através das equipes fabris. (LIMA, 2014; CORREIA, 2014).

Deste modo, aquilo que era visto como uma prática de lazer dos trabalhadores passa a ganhar conotações mais sérias, ligas e competições são formadas, e vencê-las tornava-se cada vez mais importante. Porém, com o objetivo de preservar os valores do amadorismo defendido pela elite, havia a proibição da contratação de jogadores. A estratégia adotada por muitas empresas foi a contratação destes jogadores como funcionário, porém não eram tratados como trabalhadores comuns. (CORREIA, 2014).

Embora este período de profissionalização, seja datado, década de 1920-1930 (LIMA, 2014). A prática de pagamentos velados segue presente até os dias atuais, em outras configurações futebolísticas onde a remuneração financeira ainda não é permitida ou aceitável socialmente. Como Myskiw e Stigger (2014) perceberam em sua pesquisa sobre a liga amadora de futebol em Porto Alegre (RS), onde havia uma divisão entre aqueles que acreditavam que a referência do amadorismo era o modelo profissional e aqueles que defendiam a ideia de um futebol amador praticado pela ótica do amor e desinteresse econômico.

A narrativa de Russo, ilustra de forma empírica este cenário. No entanto, além do ganho financeiro, decorrente dos empregos que conseguiu devido a suas competências e habilidades futebolísticas, houve também um ganho de *status* dentro do campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Fato evidenciado por Russo através de suas memórias, ao lembrar como eram suas relações com os demais agentes no campo. Segundo ele, sempre foi uma pessoa querida pelos jogadores, dirigentes e torcedores, por conversar com todos e pelas brincadeiras que realizava nas rodas de sociabilidade.

Nas relações de sociabilidade as alegrias individuais encontram-se ligadas a felicidade coletiva. Por esse motivo a sociabilidade desperta segundo Simmel (2006) um tipo puro, claro e atraente de relações sociais entre iguais, ou seja, a sociabilidade demanda que os agentes envolvidos nesta relação desapeguem de certos valores e modos de agir, modificando seus significados para se tornarem sociavelmente iguais.

Compartilhando os mesmos valores, em uma espécie de jogo de “faz de conta”, as relações de sociabilidade transferem todas as exigências de “caráter sério e até mesmo trágico em muitos sentidos, para o plano do jogo simbólico de seu reino de sombras, no qual não há atritos, justamente porque as sombras não podem colidir umas com as outras” (SIMMEL, 2006, p. 78). Ainda nesta questão, para legitimar seu argumento, Russo narra na entrevista sua fase de transição do futebol profissional para o amador.

Como eu tinha parado com o profissional, eu não podia jogar o amador, então eu fiquei um tempo aí sem poder jogar porque eu não tinha feito a reversão do profissional para o amador. Então eu fiquei batendo bola por aí, jogando o varzeano, essas coisas que

não eram interligadas com a liga. Neste período eu fui campeão pelo Blue Star, este era um campeonato da cidade, não da liga (Liga de Futebol de Ponta Grossa), era Cidade de Ponta Grossa antigamente o nome do campeonato. Ai quando eu estava com uns 30 anos o Clube Associativo veio atrás de mim e eu fui jogar com o Clube Associativo, mas eu não tinha feito a reversão, só que quem era o presidente do Clube Associativo, era o presidente da liga, então ele falou para mim: - Não tem problema, deixa comigo que eu resolvo [disso Russo tentando imitar o modo de falar do agente citado, seguido por um breve riso]. Ai tudo bem, eu fui, eles tinham perdido o primeiro turno, eu joguei o segundo turno e nós fomos campeões invictos. Decidimos a final do campeonato amador justamente com o Mirante, ganhamos as duas partidas, tanto lá no Mirante quanto lá no Clube Associativo, então nós fomos campeões. E quem sabia disso aí [referindo-se a não reversão] era o presidente do Mirante, o Tiquinho, ele sabia da minha situação, mas ele falou assim: - Eu perdi no campo, não vou levar para outro lado porque eu perdi no campo e o Russo é muito meu amigo. (RUSSO, 2017).

O Associativo Futebol Clube, foi criado em 1938, por diferentes agentes que compartilhavam o gosto pela prática futebolística. O clube Associativo tornou-se um dos mais tradicionais da cidade no contexto do futebol, sendo o maior campeão municipal com 26 títulos amadores, seguido pelo OFEC, com 18 títulos, porém que teve seu último título em 1955, pois não disputa mais a competição amadora. (DRAP, 2020). De acordo com Freitas Jr. (2000), os clubes sociais emergiram e tornaram-se símbolos aglutinadores pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Através da prática do futebol, os jogadores e familiares envolviam-se emocionalmente.

Na sequência Russo terminou a frase dizendo “é aí que você vê a situação”, referindo-se aos laços de amizade estabelecidos por ele com os demais agentes do campo, pois mesmo em situação irregular, não houve pedido de recurso por parte da equipe derrotada, por se tratar do Russo. Tal situação é compreendida por Russo através do laço de amizade com Tiquinho, não obstante, pode-se inferir que para além desta relação Russo possuía um determinado volume de poder simbólico, capaz de fazer com que o técnico do Mirante E. C., refletisse e optasse por preservar o laço existente entre ambos. Despertado talvez, pelo interesse em levá-lo para compor a equipe do Mirante E. C, ação efetivada alguns anos depois.

O poder simbólico possui uma dimensão abstrata, que o torna invisível dentro das trocas simbólicas, porém legítimo e reconhecido por todos os agentes da estrutura. Até mesmo quando exercitado de forma latente através de armas ou do dinheiro, há sempre uma dimensão simbólica. (BOURDIEU, 2001). No entanto, sua força evidencia-se nas relações em que o conflito não emerge, como observado no relato de Russo.

Como o Associativo F. C. venceu a competição amadora daquele ano, ele conquistou o direito de representar a cidade de Ponta Grossa na Taça Paraná, porém desta vez Russo não pode jogar a competição devido a não reversão do profissional para o amador, ação que expõe claramente que o poder simbólico deste agente estava restrito a este campo específico.

A Taça Paraná, organizada pela Federação Paranaense de Futebol, conta com a participação das equipes campeãs das ligas amadoras registradas a federação, de diversas cidades do Paraná. É a competição que atribui o título de melhor equipe amadora do estado, a competição ocorre desde o ano de 1964 com este nome. Em 2019, último ano em que a disputa ocorreu, devido a Covid-19, foi realizada a 56ª Taça Paraná, portanto, em todos os anos desde sua criação, a competição ocorreu no estado.

A impossibilidade de jogar a Taça Paraná marcou também a saída de Russo da equipe do Associativo F. C., deste modo ele narra que foi disputar o Campeonato Amador Máster (para jogadores acima de 30 anos) pela equipe Associativa B. Quando novamente entra em contato com a equipe do Mirante E. C. Assim:

Nessa transição eu acabei indo para o Mirante, porque vinham muitos times de fora, tipo Coritiba, vinha time de São Paulo, um monte de time de veterano que o pessoal jogava, quando parava com o profissional. Foi aí que deu um casamento legal com o Mirante E. C., o pessoal era legal. Uma história bonita que eu consegui, pelo futebol que a gente jogava, foi levar o time do Mirante ao título amador. Foi quando eu recebi o convite para jogar o futebol amador [categoria principal], eu já estava com 35 anos e não estava querendo mais, mas eles pediram para mim, porque eu era o cara que unia o pessoal sabe. Então eles pediram, você tem que voltar porque você é o que organiza. Resolvendo, voltei e o que aconteceu? Nós fomos campeões invictos, invictos [disse com orgulho e emoção, expressa pelos olhos lacrimejantes]. (RUSSO, 2017).

Russo faz questão de relembrar com saudosismo o clima construído por eles ao longo das partidas do amador no estádio André Mulaski, casa do Mirante E. C.

Na época era o Ricardo o presidente do Mirante E. C., então ele conseguia fazer as festas, vinha muita família, toda vida era cheio o Mirante E. C. Tinha bastante gente, quando veio o Coritiba de lá, os caras venderam ingresso sabe, casa cheia, casa cheia, era muito bonito de ver. Toda vida teve família, foi o que abraçou tudo. No próprio campeonato, era direto, festa, churrasco, o pessoal trazia família, então foi isso tudo que se resolve em um título. Não é só ser campeão, se resolve em um todo, esse todo é o que dá gosto quando você ergue o troféu.

Fotografia 10 - Ingresso de um dos jogos promovidos pelo Mirante Esporte Clube, disputado contra a equipe de aspirantes do Coritiba F. C.



FONTE: Os autores (editada pelos autores para anonimizar o clube).

Outro momento significativo de sua trajetória no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, que produziu inúmeras memórias de momentos felizes foi segundo Russo as excursões do Mirante E. C para jogar em outras cidades. Pois através dessas viagens era possível jogar novamente em lugares onde já havia jogado e rever antigos amigos, oportunidades que o faziam acreditar que sua vida foi bem vivida. (RUSSO, 2018).

Deste modo, mesmo não encontrando-se mais em atividades no campeonato de futebol amador de Ponta Grossa, após passar a maior parte de sua vida dentro de campo, Russo alega não saber mais ficar em casa nos dias em que tradicionalmente se realizam as partidas do campeonato amador pontagrossense, “sábado e domingo eu preciso ir lá primeiro, para depois voltar para casa e pensar em um almoço ou alguma coisa, mas lá é uma coisa quase que sagrada, não tem como, a gente se une e se diverte, brinca e dá risada, encontra os amigos”. (RUSSO, 2018).

8.3.3 A Transmissão do Gosto pelo Futebol ao Herdeiro

Fotografia 11 - O registro foi realizado após a disputa de uma das partidas do Campeonato Amador de Futebol de Ponta Grossa, na ocasião Russo acompanhou do alambrado a atuação de seu filho.



FONTE: Os autores

Ao observar a trajetória de Russo, percebe-se que suas ações ou estratégias, atribuíam ao futebol um espaço de destaque e relevância nas suas tomadas de posição. Elementos estes, que nos permitem inferir que a prática futebolística foi significativa para a construção de seu *habitus*. Tal processo é percebido também por Russo, embora não possua o domínio desta teoria social, ele relata que:

Com o futebol dá para aprender tudo, tudo você aprende, eu aprendi muita coisa. Por exemplo, a educação dos meus filhos, o que meu pai fez para nós lá, mostrando um caminho, porque ele fez um campo e mostrou um caminho. Nós nos criamos ali, somos trabalhadores, honestos, cada um tem sua família, tudo através daquilo que ele mostrou. O que eu fiz pelo Leandro, foi mostrar o mesmo caminho. Tanto para mim, quanto para minha família o futebol foi tudo, os trabalhos, tudo, meus serviços, eu tenho uma empresa hoje aqui e o futebol me ajudou a isso, foi tudo através do futebol. O nome “Russo” ficou, então até o nome da empresa é Russo Móveis, por causa do futebol. A minha vida envolveu tudo no futebol. (RUSSO, 2017).

Em virtude da dimensão simbólica adquirida pelo futebol em sua vida, considerada frutífera ou positiva, Russo buscou ensinar a seu filho Leandro desde muito cedo, o gosto por essa prática. Uma vez que esta seria “a ordem das coisas”. (BOURDIEU, 1999). Ao ser questionado sobre quando e como ele passou a levar seu filho para acompanhá-lo nas partidas de futebol amador, Russo respondeu:

Desde criança, desde criancinha a gente é companheiro, foi no tempo do veterano do Mirante E. C né. Ele já me acompanhava, em todos os jogos, todos os sábados ele estava comigo dentro de campo, ele se criou no campo, com uns dois anos ele já me acompanhava. Ai depois nós nos envolvemos com a associação, eu que lidava com eles aqui. Ai a coisa começou a fluir para eles. Mas essa foi uma outra história, a história deles. Nós tivemos uma passagem de oito anos aqui na associação, então eles tinham o futebol no ginásio, no suíço, os campeonatos, eu levava eles para tudo quanto é campo. Teve a história deles, foi bonita a participação. Até chegar no amador, a trajetória deles foi tudo junto comigo. Nós nunca se larguemos. Até hoje nós somos unidos. (RUSSO, 2017).

A utilização do plural possui um sentido neste contexto, pois além de transmitir o gosto por esta prática a seu filho, ele também acompanhava os amigos de Leandro, que compunham as mesmas equipes que seu filho. Neste cenário, Russo não só ensinava os valores que aprendeu ao longo de sua trajetória neste campo, como socializava seu filho, mas também seus amigos, para ocupar uma posição dentro do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, apresentando-o como o herdeiro de seu posto. (BOURDIEU, 2002).

A este respeito, Freitas Junior, Oliveira e Linhares (2018) observaram que no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a herança cultural futebolística evidenciava-se como um elemento relevante nas relações sociais em alguns clubes – caso do Mirante E. C. – pois, para ingressar em uma equipe, mesmo que fosse somente para jogar as peladas e participar de alguns

jogos-treino, sem a certeza de que comporia o time que disputaria o amador, o jogador necessitava de um convite. Porém, no caso dos filhos, sobrinhos, afilhados ou netos de jogadores, este contato ocorria desde a infância dos meninos, tornando-se “natural” sua entrada na equipe quando chegassem à juventude.

Pode-se interpretar que a transição desta herança cultural futebolística segue, salvo particularidades, a mesma lógica desvelada por Bourdieu (2002, p. 78), na relação entre capital cultural herdado e capital escolar. Pois o que ocorria nas escolas francesas era uma conversão desigual do capital cultural herdado em capital escolar, devido às diferentes origens sociais dos alunos. No caso do amador, a distinção não estava na origem social, mas nas possibilidades de acesso a estes clubes amadores, uma vez que os herdeiros deste campo (jovens filhos ou parentes de ex-jogadores e dirigentes), já iniciavam as disputas por posições e *status*, convertendo desproporcionalmente este capital futebolístico herdado.

8.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da análise percebeu-se que os primeiros contatos do Russo com a prática futebolística, em família, através da iniciativa de seu pai e da formação do time dos irmãos, foram extremamente marcantes para o agente. Ao passo que Russo utilizou esta mesma estratégia, para fomentar em seu filho, o herdeiro deste capital futebolístico, o gosto pelo futebol. As dificuldades econômicas da infância e adolescências, fizeram com que Russo enxergasse no trabalho, uma necessidade imediata, distanciando-o do sistema educacional, porém aproximando-o cada vez mais do futebol.

Deste modo, durante sua trajetória social, Russo vivenciou a prática do futebol em diferentes interfases, desde o futebol enquanto um jogo lúdico ao auto rendimento do profissionalismo. Entretanto foi no campo futebolístico amador de Ponta Grossa que ele acumulou o capital futebolístico necessário para ocupar uma posição de destaque.

Tal posição resultou-se das suas atuações em campo, quando sagrou-se campeão amador na cidade de Ponta Grossa com a Associação Atlética Blue Star, com o Associativo F. C. e com o Mirante Esporte Clube, mas principalmente devido a suas relações de sociabilidade fora das quatro linhas, quando ele passou a fazer parte dos circuitos de consagração social deste campo específico. Deste modo, em longo prazo, Russo foi instituído como um veterano do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, objeto de disputa entre os jogadores pontagrossenses.

Os capitais futebolísticos, acumulado ao longo de sua trajetória no campo, foi convertido em outros capitais, fora deste espaço social. O emprego que permitiu-lhe ajudar a família e criar seus filhos, decorreu das suas vivências com o futebol. Uma vez que, o objetivo de sua contratação, não era sua competência na função que exerceria, mas sim suas habilidades com o esporte, que fortaleceria o elenco que disputava competições de futebol entre empresas. Em outros empregos isso também se repetiu.

A empresa criada por ele, que leva como nome o seu apelido, surgiu através da prestação de serviços de marcenaria para jogadores e ex-jogadores que o conheciam dos campos de futebol amador ou indicações feitas por eles. Além dos ganhos econômicos, o futebol se incorporou de tal modo em suas disposições de agir, seu *habitus*, que Russo o compara a uma religião, pelos valores aprendidos e ao casamento, devido ao comprometimento e aos sentimentos afetivos com o esporte ou fomentados por ele.

Por fim, o reconhecimento de Russo neste espaço social foi fundamentalmente simbólico, mas por vezes objetivado através de homenagens, como a que abriu esta pesquisa, denominada honra ao mérito futebolista amador. A qual, devido a singularidade, legitima-o como uma figura nuclear para a compreensão da influência das práticas futebolísticas na construção do *habitus* dos futebolistas pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta grossa.

9 COVID-19 EM CAMPO: UMA ETNOGRAFIA DOS EFEITOS SOCIOCULTURAIS DO ISOLAMENTO SOCIAL EM UM CLUBE DE FUTEBOL AMADOR NO BRASIL

Resumo: O objetivo do estudo foi interpretar e analisar, como as interações sociais e culturais fomentadas pelas práticas futebolísticas no Mirante Esporte Clube, foram afetadas pelas medidas de distanciamento e isolamento social na cidade de Ponta Grossa - Brasil, devido a Covid-19. A interpretação das práticas simbólicas deste grupo ocorreram por intermédio da etnografia, desenvolvida *in loco*, através da observação dos jogos dos campeonatos amadores de Ponta Grossa, da participação em peladas (jogos recreativos) e demais espaços de socialização dos atletas. Além dos diálogos via aplicativos de comunicação e redes sociais, no período mais restritivo das medidas de isolamento social. Concluiu-se que os agentes pertencentes ao Mirante E. C. viam nas medidas de isolamento social a perda de seus lucros simbólicos. Para alguns, a cada dia, tornava-se mais distante a conquista dos troféus do campo, a possibilidades de acúmulo de capital futebolístico e em alguns casos a permanência no clube. Deste modo, as perdas simbólicas eram tão prejudiciais quanto contagiar-se com o vírus. Isto justificava a defesa do retorno ou a manutenção da prática do futebol amador em Ponta Grossa, com todos os seus ritos, mesmo em um contexto de pandemia, pois tratava-se também de uma necessidade primordial.

Palavras-chaves: Cultura; necessidade; pandemia; relações sociais.

9.1 INTRODUÇÃO

Estamos em março de 2022, a mais de 2 anos o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de coronavírus (Covid-19) no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020. Algumas semanas antes (03/02/2020), o ministério já havia decretado emergência de saúde pública de importância nacional. (BRASIL, 2020). Ao longo deste período, o Brasil ultrapassou as marcas de 656 mil mortes e 29,5 milhões de casos confirmados da doença. (BRASIL, 2022).

Após os primeiros casos suspeitos e confirmados de Covid-19 no Brasil, diversas medidas de controle e prevenção passaram a ser adotadas pelo governo federal, governos estaduais e municipais, através de campanhas de conscientização, decretos, medidas provisórias, projetos de lei etc. Dentre elas, podemos destacar a higienização constante das mãos com água e sabão ou álcool, a utilização de máscaras em locais com circulação pessoas, o distanciamento social, a quarentena em caso de suspeita ou confirmação da doença e em alguns casos o lockdown, distanciamento ou isolamento social obrigatório.

Neste contexto, as medidas de distanciamento social foram objeto de muitas polêmicas (BEZERRA et al. 2020) ao longo destes meses. Através das informações compartilhadas pelos meios de comunicação tradicionais (rádio e tv), pelas redes sociais, aplicativos de comunicação e nas conversas do cotidiano, estabeleceu-se no *senso comum*, por vezes reproduzidas no discurso de agentes políticos, uma dicotomia entre saúde *versus* economia. Onde ou se priorizava as estratégias de enfrentamento a pandemia e assim contribuía-se para o agravamento da pobreza e desigualdade social no país, ou se priorizava a segunda, correndo o risco de

colapsar o sistema de saúde com o grande número de infectados. A polarização política no país, pós eleições presidenciais de 2018, tornou ainda mais complexo o diálogo e alinhamento nas estratégias de enfrentamento da pandemia diante deste binômio.

O que, porque e quem, deve definir o que é ou não essencial na vida de uma pessoa? Foi uma questão recorrente no debate público. Atribuir este papel ao Estado, é aparentemente obvio, quando partimos da Constituição Federal, em seu Art. 196 (BRASIL, 1988). No entanto a situação torna-se mais complexa, quando compreendemos teoricamente o conceito de saúde e direcionamos nosso olhar para o cotidiano da população.

Primeiramente é fundamental entender que saúde não se trata apenas de um estado de ausência da Covid-19 ou outras doenças, mas sim um estado de completo bem-estar físico, mental e social. (OMS, 1998). Neste contexto, a qualidade de vida refere-se à percepção de bem-estar de uma pessoa, que resulta de um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais e ambientais, variável de pessoa para pessoa e que tende a mudar ao longo da vida. (NAHAS, 2017).

Não obstante, em meio a este cenário, decisões foram tomadas, medidas adotadas e desde o início da pandemia, pesquisas buscaram compreender os efeitos destas ações. Bezerra et. al. (2020), em maio de 2020, inferiram que para 39% dos agentes o convívio social foi o principal aspecto que estava sendo afetado pelo isolamento. O qual estava gerando estresse no ambiente doméstico, mas 89% das pessoas acreditam que ele reduziria o número de vítimas da Covid-19, portanto o faziam.

Porém, com o passar dos meses os índices de isolamento social caíram no Brasil (DATAFOLHA, 2021), mesmo na contramão de medidas restritivas adotadas pelos governantes, em diferentes locais do país. Assim, inúmeras foram as ocorrências em todo o país, envolvendo encontros clandestinos em bares, baladas e campos de futebol.

O futebol, objeto de análise do presente estudo, sofreu um grande impacto com a Covid-19, em suas diferentes manifestações, devido a paralização de competições profissionais e de base, fechamento de escolas e colégios, cancelando eventos esportivos escolares e no âmbito do lazer e participação, as mesmas restrições se aplicaram as competições futebolísticas amadoras.

Em Ponta Grossa, cidade localizada no estado do Paraná - Brasil, as competições futebolísticas amadoras são organizadas pela Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG). Durante o ano de 2020, a instituição suspendeu o campeonato amador principal, por mais de seis meses (de 13/03/2020 a 20/09/2020), logo nas primeiras rodadas, devido o avanço da Covid-19 na

região, o que desencadeou a paralização das atividades de clubes como o Mirante Esporte Clube, que comemoraria em 2020 seus 98 anos de fundação.

Diante das medidas adotadas, a saúde e dimensão simbólica do futebol amador local, o objetivo do estudo foi interpretar como as interações sociais e culturais fomentadas pelas práticas futebolísticas no Mirante Esporte Clube, foram afetadas pelas medidas de distanciamento e isolamento social na cidade de Ponta Grossa- Brasil, devido a Covid-19.

9.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Tendo como referência as experiências de Geertz (2003, 2008, 2010) e Wacquant (2002), na realização da presente investigação, superou-se as seguintes etapas:

1ª Etapa: O estabelecimento do objeto, dos sujeitos e do campo

Inicialmente estabeleceu-se o objeto e os sujeitos do estudo, estruturas que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, estipulou-se o campo futebolístico amador pontagrossense, pois nestes espaços ocorrem os campeonatos mais antigos, ainda em atividade da cidade. (RIBEIRO JR, 2004).

2ª Etapa: Conhecimento prévio

Reconhecendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo. Em um primeiro momento realizou-se um levantamento de artigos, dissertações, teses e livros, que abordam a questão do futebol amador em geral e do futebol amador no contexto da cidade de Ponta Grossa.

3ª Etapa: Autorização legítima para adentrar no campo

Tal tarefa foi facilitada através de uma visita dos pesquisadores a LFPG, por meio da qual obteve-se os contatos dos clubes filiados. De posse destas informações realizou-se aleatoriamente uma ligação para o agente “responsável” pelo Mirante E. C., que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender e colocar-se a disposição. Desta maneira, definiu-se o clube como o ponto de partida da investigação.

4ª Etapa: As descrições iniciais (superficiais)

As descrições iniciais contemplam um primeiro processo de estruturação do mapa do campo. Para a captação dos elementos provenientes destes encontros, dentre as possibilidades de procedimentos utilizou-se o diário de campo, visto que um indivíduo se lembra somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem nenhum sentido no momento. (DAMATTA, 1987).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização do DC fez-se dentro e fora de campo. Além do tradicional caderno, utilizou-se aplicativos para anotações e gravações de áudio do smartphone, devido à praticidade de seu uso e por se tratar de um objeto extremamente familiar para os agentes do campo.

Compreendendo a dimensão das relações proporcionadas pela internet na sociedade contemporânea, através das comunicações mediadas por computadores e smartphones (Hine 2015), foram incorporadas nas descrições etnográficas, relações estabelecidas através de redes sociais e grupos de aplicativos de comunicação.

5ª Etapa: O processo de aceitabilidade

Considera-se que o processo de aceitabilidade ou “ser aceito” pelo grupo social estudado, é parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o qual influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da coleta de dados.

Quanto ao ser aceito, isso pode se estabelecer em longo, médio prazo ou até mesmo logo nos primeiros contatos do pesquisador com o grupo estudado. Visto que esta questão é relativa ao grupo (o qual pode ser mais ou menos acessível), bem como à postura do investigador (que pode dispor de maior ou menor facilidade, artifícios e estratégias para tornar esta aproximação possível). Todo este processo é muito mais complexo que uma definição temporal estabelecida aprioristicamente.

6ª Etapa: As descrições “densas”

Autorizada a inserção *in loco* e superada as camadas de aceitabilidade, iniciou-se a estruturação do DC, onde objetivou-se compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense. Cabe destacar que esta compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada como “densa”.

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação

destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais. (BOUMARD, 1999). Ao passo que as descrições capturem os detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social evocando o “sentimento” de uma cena e não apenas seus atributos superficiais. (ANGROSINO, 2009).

No decorrer deste processo, acompanhou-se os jogos de duas categorias em que o Mirante E. C. participava, sendo elas: o Campeonato Amador Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos) e o Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos). Estas partidas eram realizadas em vários campos da cidade de Ponta Grossa e região, ocorrendo em sua grande maioria aos domingos pela manhã ou nos mesmos horários, característica que impossibilitava a observação de mais de um jogo por rodada. Assim, optou-se por acompanhar todas as partidas do Mirante E. C. e estabelecer-se através dele o olhar para os demais clubes, verificando-se assim as lógicas comuns e as lógicas que os diferenciam.

Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas, realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do campeonato amador. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em multidões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante (no ano de 2017).

Quanto à baliza temporal, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2013 e 2021. Neste tipo de análise o contato prévio com o tema, a autorização e aproximação com o grupo social investigado, a realização das primeiras descrições, a aceitação, para então a construção de descrições “densas”, são etapas que se diferenciam de pesquisador para pesquisador, transformando o tempo em uma “variável dinâmica” em que a permanência *in loco* não pode ser definida antecipadamente. (OLIVEIRA, 2018).

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Neste processo analítico a organização dos dados ocorreu de forma manual, considerara-se como fundamental no estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas.

Em relação aos aspectos éticos da investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, tanto para os agentes quanto para o clube de futebol no qual realizou-se as observações *in loco*, este foi denominado Mirante Esporte Clube, uma vez que o significado desta palavra faz alusão ao clube que foi o ponto de partida da investigação.

Ressalta-se também que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana, conforme designação da Plataforma Brasil³⁷, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

9.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender os efeitos socioculturais do isolamento social nos agentes pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta Grossa foi preciso entender em um primeiro momento, como as práticas futebolísticas são vivenciadas cotidianamente por estes agentes sociais. Teoricamente, o conceito de cultura apresenta-se como fundamental para entender como este conjunto de práticas fomentam um sistema de significados, capaz de atribuir tamanha importância ao futebol.

Deste modo, partiu-se do entendimento de cultura de Geertz (2008), que a compreende como as teias de significados que o indivíduo mesmo teceu, em um sistema ordenado de significação e de símbolos, cuja finalidade encontra-se na integração social. Através do qual o pesquisador deve procurar os significados em uma análise. Marconi e Presotto (2010) nos ajudam a refletir sobre esse processo ao propor que a cultura de um grupo se constitui através de elementos como o conhecimento, as crenças, os valores, as normas e os símbolos.

Para as autoras, os conhecimentos são geralmente práticos, informações transmitidas de geração para geração, de forma intencional ou inconsciente. Já as crenças, consistem na aceitação de premissas como verdadeiras, independente da comprovação ou não de sua cientificidade. Os valores, por sua vez, são objetos e situações consideradas boas, desejáveis, adequadas, relevantes, seja do ponto de vista material (riqueza ou poder) ou para externar sentimentos e a moral de um indivíduo ou grupo. (MARCONI; PRESOTTO, 2010).

As normas correspondem as regras que orientam o modo de pensar, sentir e agir nas diferentes situações, podem ser verificadas no interior de um grupo de forma obrigatória, como comportamento mais valorizado, como forma típica, e alternativas ou restritivas. Por fim, os símbolos são realidades físicas ou sensoriais, coisas concretas e abstratas que atribuem valores e significados específicos para único indivíduo ou coletivamente, para todo o grupo. (MARCONI; PRESOTTO, 2010).

³⁷A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de projetos de pesquisa que envolvam seres humanos. Após submissão da proposta na Plataforma Brasil, o projeto é designado para análise por um Comitê de Ética vinculado ao sistema. (PLATAFORMA BRASIL, 2021).

De acordo com Geertz (2008) nas análises sobre a religião, é possível perceber o papel dos ritos e crença na organização da vida social de um determinado grupo. Isto ocorre, pois é através dos rituais que as convicções de que as concepções religiosas são verdadeiras e corretas ocorrem, dando sentido a realidade dos indivíduos.

No contexto brasileiro, tal como o sistema religioso, há um sistema futebolístico bastante complexo e rico em sentidos e significados. Autores como DaMatta et al. (1982), Daolio (2006), Damo (2003), Gastaldo (2005), Guedes (2003) e Goellner (2005), para citar alguns, buscaram em suas investigações, compreender a importância do futebol, em diferentes esferas do cotidiano.

Ao realizar uma análise do ritual de preparação para os jogos nos campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa, Freitas Jr e Oliveira (2018) verificaram que através dos atos realizados dentro do vestiário e nos momentos pós jogos, o papel do rito nas crenças e na superstição individual e coletiva, mas principalmente sua função instituinte e de nomeação social. Não obstante, para além do vestiário, as práticas futebolísticas amadoras de Ponta Grossa são cercadas por vários outros ritos, responsáveis pela transmissão e legitimação dos conhecimentos, das crenças, dos valores, das normas e dos símbolos que expressam conjuntamente o que é ser um jogador amador ou um jogador do Mirante E. C.

As peladas, jogos com caráter recreativo e sem as mesmas formalidades de uma partida oficial, disputadas entre os jogadores da própria equipe ou contra uma equipe adversária, sempre foram um destes espaços de alinhamentos. Estes encontros possuíam uma dupla função. A primeira pode-se entender como preparatória, tradicionalmente no Mirante, as equipes eram formadas a poucas semanas do início da competição, deste modo, as peladas funcionavam como espaço de treinamento ou entrosamento da equipe. A segunda é a do fortalecimento das relações sociais, pois os próprios jogadores estabelecem as regras, deste modo, atletas veteranos e jovens dividem os mesmos espaços. Assim, valores como o respeito e admiração aos mais experientes são incorporados. (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCELLI, 2019).

Mesmo impossibilitado de participar do jogo, devido a uma lesão no joelho, não recusei o convite para acompanhar uma pelada entre o Mirante E. C. e o Clube Associativo "C". Cheguei no estádio do clube, às 14:30 horas, com a partida já em andamento, observei nos bancos externos ao alambrado, jogadores com seus meios abaixados e sujos, alguns sem chuteiras, outros com blusas sobre as camisas de jogo, dividindo algumas garrafas de cerveja e jogando truco ou assistindo à partida. Sinais de que houve uma partida anterior a do Mirante E. C. Como tratava-se de um amistoso e a relação de proximidade permitia, adentrei os portões do campo, para sentar-se com alguns jogadores no banco de reservas [...] Após o jogo todos dirigiram-se para o bar do estádio, este não apresenta nenhum atrativo que justificasse sua lotação, tratava-se de um espaço pequeno, com o teto baixo, no centro deste espaço uma mesa de sinuca ocupava quase todo o ambiente, ao entorno dela jogadores de dispunham em rodas

descontraídas conduzidas por piadas e comentários jocosos. A sensação era a de que se estava em um festival de stand up comedy, no qual os jogadores revezavam-se com a palavra. Ao menos durante o período em que durou este momento, esqueceu-se do estresse e pressões que campo acadêmico, tal efeito era buscado por muitos destes agentes, que alegavam esquecer os problemas pessoais nestes encontros. Diferente dos jogos aos domingos, onde a presença feminina era constante, nestas peladas os frequentadores eram predominantemente homens. Ao questioná-los sobre este comportamento, os jogadores justificavam alegando que sábado era o dia do grupo e domingo o dia da família [...] (DC, 21/05/2016).

Estes encontros eram organizados em sua grande maioria, através de aplicativos de comunicação, como o WhatsApp. No entanto, os contatos via internet não se limitavam as trocas de mensagem para combinar as peladas, este sempre era o objetivo inicial da criação do grupo no início de cada temporada, mas tornava-se com o desenrolar das competições, um espaço para estreitamento das relações sociais entre os jogadores. Sempre fomentada através das jocosidades futebolísticas, decorrentes dos campeonatos profissionais (Paranaense, Paulista, Carioca, Brasileirão, Copa do Brasil e em menor proporção competições internacionais) ou através de mensagens religiosas, de fé, motivacionais e diálogos engraçados sobre relacionamento, principalmente entre os jogadores casados ou comprometidos.

Além destes espaços físicos e virtuais, o encontro para os jogos de domingo era a celebração máxima do campo, onde todos os preparativos (conversas motivacionais, jocosidades, mutirões para melhoria no estádio, busca por patrocínios, peladas para alinhamento da equipe) passam a fazer sentido.

Eu preciso vir aqui todo domingo de manhã. Eu bebo minha cervejinha, vejo esses “pé duro”, contamos umas mentiras, depois vou pra casa, fazer o almoço para minha família, um churrasquinho. Mas eu preciso vir aqui, é como uma religião, futebol é uma religião, meu domingo começa depois que eu saio daqui. (DC, 21/05/2016).

Nos dias chuvosos, nas manhãs frias de inverno, sempre que surgia uma oportunidade, eu questionava os agentes que faziam parte do Mirante Esporte Clube, sobre os motivos pelos quais eles permaneciam fiéis as atividades do clube. Esta foi a resposta de seu Sebastião em uma destas ocasiões, seguida por comentários de outros jogadores que completaram as afirmações desse veterano com frases como: “O futebol é minha terapia” ou “Aqui eu esqueço de todos os meus problemas”. (DC, 21/05/2016).

Estes elementos decorrentes do diário de campo, construídos antes da pandemia, reforçam a importância do futebol amador na vida destes agentes sociais. Ao passo que o

conjunto de práticas (jogar, torcer, sociabilizar, entre outras) que envolvem este futebol, são significativas para construção do *habitus*³⁸ destes agentes sociais.

Não obstante, o ano de 2020 ficou marcado no campo futebolístico amador de Ponta Grossa como o ano em que toda a lógica destes rituais foi modificada, devido a pandemia de coronavírus e a necessidade de distanciamento social.

9.3.1 O Coronavírus em Campo

No domingo, dia 16 de fevereiro de 2020, ocorreu a primeira rodada do campeonato amador divisão principal de Ponta Grossa. Dezesete clubes participaram da competição, divididas em dois grupos. De acordo com o regulamento da competição, após todos disputarem contra todos em turno único, classificarão os quatro primeiros colocados de cada grupo para as quartas de final e posteriormente semifinais, ambas em jogos de ida e volta. Por fim, a realização de uma grande final em jogo único.

O Mirante E. C. ficou no Grupo A e pelo sorteio da ordem dos jogos, folgou na primeira rodada. Deste modo, a primeira partida acompanhada da equipe, foi o jogo fora de casa contra o Clube Empresa 1³⁹, na manhã de domingo, dia 01 de março de 2020⁴⁰. Na mesma data, houve a confirmação do segundo caso de Covid-19 no Brasil, ambos de pessoas vindas do exterior. No entanto, em nenhum momento daquela partida, ouviu-se discussões ou se quer comentários sobre o então surto de coronavírus. As conversas giravam em torno dos elencos das 17 equipes que disputariam o amador, quais os possíveis classificados etc. (DC, 01/03/2020).

Dia 07 de março de 2020, às 16 horas, no estádio do Mirante E.C., participei da última pelada antes da primeira paralização oficial das práticas esportivas em Ponta Grossa, através do Decreto N° 17.147, de 21 de março de 2020, quando houve a confirmação da prefeitura do primeiro caso de Covid-19 na cidade. (PONTA GROSSA,2020). A pelada foi organizada por

³⁸Segundo Bourdieu (2008a), o *habitus* é o princípio gerador destas práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, seu sistema classificatório. Dessa forma, na relação entre a “capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida” (Bourdieu 2008^a: 162).

³⁹Freitas Jr e Oliveira (2020) construíram uma tipologia dos clubes que disputaram os campeonatos amadores de futebol organizados pela LFPG. Os Clubes Empresa são aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de uma empresa, assim sendo, carregam seu nome como escudo da equipe, estes também recebem apoio financeiro e estrutural dela, para manutenção das atividades do grupo. Além, de outros benefícios, como flexibilidade na escala de trabalho ou folgas.

⁴⁰Não houve partida no dia 23/02/2020 devido ao feriado de carnaval.

jogadores do Mirante que integravam o time na categorial principal e máster em 2018 ou anos anteriores, além dos veteranos⁴¹ e convidados.

Além das duas funções descritas anteriormente, estas peladas tinham uma significância maior neste ano, pois em 2019 um novo presidente assumiu o Mirante E. C. Sua primeira ação no cargo foi a busca pela criação de um time mais competitivo, para tanto, jogadores que possuíam relações afetivas com o clube, mas não eram tão habilidosos (segundo os novos parâmetros) foram substituídos por outros tipos de jogadores.

Freitas Jr e Oliveira (2020) observaram nos campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa, motivações distintas por parte dos jogadores; havia aqueles que jogavam devido ao sentimento de identidade com o clube, às relações de amizade e rodas de sociabilidade, por amor ao futebol e devido aos benefícios ou remunerações recebidas. Para entender a relação destes jogadores com o Mirante E. C., é preciso olhar para o clube e o time. O primeiro é formado por diferentes agentes (presidente, técnico, jogadores, familiares, torcedores etc.) em torno das memórias, sentimentos e relações simbólicas com o Mirante. Já os times, são formados anualmente para representar o clube.

Em anos anteriores (2013-2018), os jogadores que formavam os times, tinham como base os jogadores que possuíam relações afetivas com o clube. Não obstante, a partir de 2019, eles não foram mais convidados para formar os times que disputariam o amador, tornando as peladas, um espaço fundamental para manutenção das relações sociais e organização de estratégias, para retornar ao time em competições futuras. Neste contexto, era incerto de que modo o Covid-19 poderia impactar nas relações sociais.

Após o jogo, que terminou empatado em 3x3, conversávamos no banco de reservas do estádio, sobre quando sairia um decreto municipal “proibindo o futebol”. Nenhum dos jogadores usava máscara ou realizava qualquer distanciamento social, pois o Covid-19 ainda era visto como estrangeiro, mesmo já havendo a confirmações de 19 casos de Covid no Brasil.

O fato de um dos infectado ter viajado para Itália (epicentro dos casos na ocasião) era motivo de comentários irônicos: “Por que o cara vai para lá?”, “Só para pegar esse vírus e trazer pra nós(brasileiros)!” ou então a possível origem no vírus no mercado de animais vivos de Wuhan: “Os caras (chineses) são louco, porque comer morcego?”, seguido por outro comentário “Mas não é só isso, se fosse morcego só tava bom, eles comem tudo quanto é bicho,

⁴¹ De acordo com Freitas Jr; Oliveira e Perucelli (2019) ao dirigir a palavra a um agente do campo, com idade elevada, deve-se utilizar o substantivo “veterano”, o qual tem a função de demarcar uma distinção entre “o que é ser velho” e “o que é ser veterano”. Pois no segundo caso, a ancoragem está associada às experiências de vida, posto de alguém pertencente ao campo por um longo período.

uns que a gente sem sabe que existe, dá nisso”, para mudar o rumo da conversa, um veterano completa “Por isso eu como carne de boi, churrasco, tem coisa melhor? Churrasco e uma cervejinha gelada”, todos riram e concordaram, em seguida convidou todos para sair do banco de reservas e ir ao bar do clube. (DC, 07/03/2020).

Ninguém esperava que o surto de Covid-19 se tornasse uma pandemia⁴² e pudesse perdurar por mais de um ano, os mais pessimistas falavam de dois ou três meses para tudo voltar ao normal. Ao longo da conversa no bar, um dos jogadores reproduziu o áudio recebido em um grupo no WhatsApp de um “infectologista” que afirmava que o Brasil poderia chegar aos 45 mil casos de Covid-19. Aquele número impressiona alguns jogadores por ser considerado exagerado, mas já demonstrava alguns princípios de alerta no grupo. Diferente da pelada realizada na semana anterior, dia 29 de fevereiro de 2020, três dias após a confirmação do primeiro caso no Brasil, onde a conversa descontraída sobre a Covid-19 prevalecia e muitas piadas eram feitas.

Mesmo com uma tensão maior, ainda não existe preocupações quanto ao contágio do vírus, que ainda “não se encontra entre nós”. Ao tomar algumas cervejas no bar do clube, a preocupação de todos era com a possibilidade de paralização do futebol. Alguns jogadores citavam partidas do campeonato italiano canceladas e de outros locais da Europa, mas existia um certo desejo de que ao menos a prática do futebol amador fosse mantida, pois para alguns, o problema do futebol profissional estaria nas grandes torcidas e aglomerações de torcedores. No entanto, o Covid-19 era de longe o centro da conversa, no dia seguinte seria o dia da mulher, existiam as competições futebolísticas profissionais, a segunda partida do Mirante E. C. no campeonato amador, depois da vitória fora de casa na primeira rodada [...] após algumas cervejas, despedi-me dos jogadores que ainda estavam do bar, confirmei minha presença na próxima pelada e disse até amanhã, para os que veria no estádio no dia seguinte. (DC, 07/02/2020).

Ao chegar no estádio do Mirante E. C., dia 08 de março, para acompanhar a partida, me deparei com muitos torcedores acompanhando o jogo, diferente de anos anteriores, o público era formado em sua maioria por jovens. Em uma contagem, entre jogadores de ambos os times, equipe técnica, veteranos, torcedores homens, namoradas de jogadores, esposas e filhos(as), aproximadamente 200 pessoas estavam no estádio. Fora do alambrado, um grupo de jovens fumava narguilé e um grupo de pagode afinava os instrumentos, dentro do bar do clube, a movimentação em torno da churrasqueira revelava que a “resenha” após a partida seria longa. (DC, 08/03/2020).

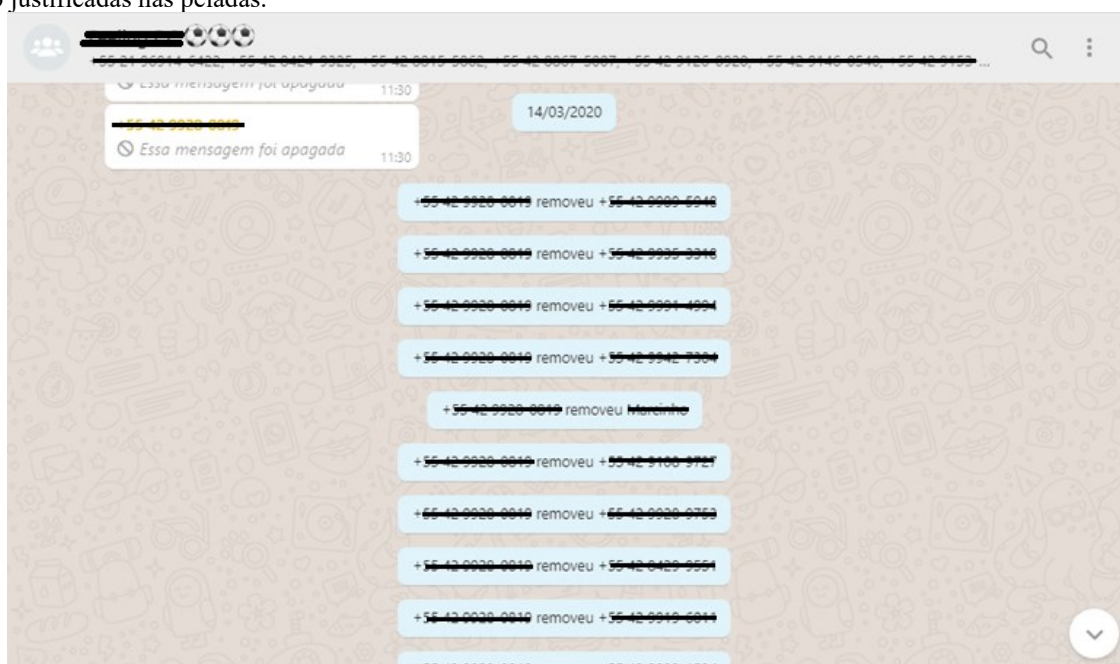
Com a vitória por dois gols a zero, contra uma das melhores equipes da competição, o time todo do Mirante E. C. saiu vibrante, o bar do clube ficou lotado com a entrada dos

⁴² A pandemia foi decretada pela OMS dia 11 de março, quatro dias após a pelada.

jogadores, que bebiam cervejas enquanto aguardavam o churrasco, o discurso de brigar pelo título emergiu e foi repetido por vários jogadores. Ao longo daquela tarde, o jogo da semana anterior e este foram revividos pelos jogadores da equipe através das rodas de conversa formadas. O clima de comemoração e jocosidades futebolísticas, não abriu margem para conversas sobre o coronavírus. (DC, 08/03/2020).

Na madrugada de sábado, dia 14 de março de 2020, acabei indo para o hospital devido a dores causadas por um cálculo renal. A necessidade de realizar alguns exames fez com que não fosse possível comparecer na pelada. Além das orientações para tomar cerveja e desejos de melhoras, a preocupação do grupo foi a busca de outro goleiro para me substituir, porém sem sucesso. Outros jogadores acabaram não indo na partida e o jogo não ocorreu, tal situação gerou a exclusão de vários jogadores do grupo por um dos administradores.

Figura 9 - PrintScreen do grupo do Mirante E. C. no WhatsApp, com a exclusão de vários jogadores, após ausências não justificadas nas peladas.



Fonte: Jogador (2020).

A justificativa para a exclusão de tantos jogadores foi a falta de compromisso com a equipe, porém a discussão não se estendeu, pois, devido as tensões em torno do avanço da Covid-19 no Brasil, vários jogadores manifestaram compreender os motivos das faltas.

No dia seguinte, 15 de março de 2020, fui ao estádio do Mirante E. C. acompanhar sua terceira partida pelo campeonato amador de 2020, confronto que só ocorreu devido ao acordo entre os clubes, pois algumas equipes já se recusavam a jogar devido aos rumores de casos positivos de coronavírus na cidade. No campeonato paranaense as partidas daquele domingo

já seriam sem público e a federação já sinalizava para uma possível interrupção do campeonato. Entretanto o Mirante E. C. e o Clube Visitante⁴³ concordaram com a realização do confronto.

Ao chegar no estádio, encontrei alguns ex-jogadores do Mirante E. C., no alambrado para assistir ao jogo, imediatamente perguntaram se já estava melhor, expliquei para alguns o contexto da pergunta e respondi que sim, que com a medicação não estava com dores. Neste momento, como já havia ocorrido em outras ocasiões, outros torcedores deram sugestões de remédios caseiros, como beber coca cola com abacaxi e chás de quebra pedra. (DC, 15/03/2020).

As orientações foram interrompidas com a saídas dos jogadores dos vestiários, ao som de fogos de artifício e hino do clube. Por alguns minutos o grupo de pagode que animava o pré-jogo, também parou para acompanhar a entrada dos jogadores no campo. Novamente, mais de 200 pessoas encontravam-se no estádio naquela tarde. Crianças brincavam no entrono do estádio e as namoradas ou amigas de vários jogadores do Mirante se concentravam embaixo de uma sombra, próximos do local onde o grupo de pagode estava, com garrafas de cerveja e um narguilé. Os demais torcedores, do Mirante e do Clube Visitante, se distribuíam no entorno do alambrado. Outros preferiam ficar conversando dentro do bar do clube, o que limitava a visão do jogo.

Como tratava-se de um jogo contra o atual campeão do amador, este era um daqueles jogos absorventes (GEERTZ; 2008), para o Mirante E. C., vencer o confronto legitimaria a competitividade do time na temporada. Portanto, o clima era bastante tenso, dentro e fora de campo. Assim, mais uma vez as falas sobre o coronavírus foram quase esquecidas. A não ser para justificar a necessidade de manter a competição, mesmo com o vírus, pois um grande encontro como aquele, com um jogo de boa qualidade, muita gente prestigiando e a interação social, não poderiam ser interrompidos. Este foi o discurso que prevaleceu nas rodas de conversas durante e após o jogo. (DC, 15/03/2020).

Na manhã de quinta-feira dia 19 de março, fomos informados que a pelada do próximo sábado havia sido cancelada. Vários jogadores manifestaram-se com emoji de “positivo”, outros com mensagens escritas, como: Roberto “Já ia sugerir isso!” e Eduardo “Ótima decisão!”.

No dia anterior, 18 de março, a LFPG havia comunicado a paralisação do campeonato amador principal, por conta do avanço do coronavírus. Deste modo, nos próximos dias o grupo

⁴³ Com a popularização da competição amadora de futebol em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais, equipes de cidades vizinhas passaram a manifestar interesse em disputar a competição. Deste modo, por serem “de fora” os Clubes Visitantes possuíam fortes elos com a cidade que representavam. (Freitas Jr; Oliveira, 2020).

foi se silenciando, pois as conversas giravam em torno dos jogos da equipe ou disputas futebolísticas na cidade e campeonatos profissionais. De mensagens diárias, o grupo do WhatsApp passou a ficar dias sem qualquer mensagem.

Com o passar das semanas, a falta do futebol passou a ser externalizada pelos jogadores, como podemos observar através da mensagem de um dos jogadores no grupo: “Quando vamos voltar com o Futebol galera. Não aguento mais ficar sem jogar” (CLÁUDIO, 18/04/2020). Além da manifestação através de fotos antigas, como forma de fomentar o diálogo no grupo e relembrar jogos disputados anteriormente.

Figura 10 - Agentes que fazem parte do Mirante Esporte Clube, compartilhando fotos antigas e relembrando jogos marcantes em suas memórias, após mais de um mês de paralização da prática do futebol em Ponta Grossa, devido ao Covid-19.



Fonte: Veterano (2020).

O mesmo ocorria em redes sociais como o Facebook, nas quais agentes de outros clubes, compartilhavam em seus perfis, lembranças de partidas vivenciadas contra o Mirante E. C., revelando que o sentimento de saudade era interno (das sociabilidades no interior do Mirante E. C.), mas também externado as relações com outros clubes. Como podemos ver na imagem a

seguir, postada por um agente de um Clube de Vila, mas rapidamente curtida e comentada pelos agentes do Mirante E. C.

Figura 11 - Interação dos jogadores do Mirante Esporte Clube, em um poste do jogador do Clube de Vila, que relembra uma partida realizada entre os clubes há três anos.



Fonte: Derensse (2020).

Em 22 de abril de 2020, a prefeitura de Ponta Grossa, através do Decreto N° 17.258, estabeleceu que “fica AUTORIZADO o funcionamento de clubes e associações recreativas EXCLUSIVAMENTE para eventos ou atividades personalizadas com contrato de locação de espaço, obedecidas as normas dos incisos II e III;” (PONTA GROSSA, 2020).

No dia seguinte, as 7:14 horas da manhã o decreto foi postado no grupo do Mirante, com a mensagem “Já podemos voltar nosso futebol”. Em seguida outro jogador avisa os membros do grupo de um convite realizado por outra equipe para disputa de um jogo no próximo sábado. As 7:43 horas, os primeiros jogadores começaram a se manifestar, confirmando a presença no jogo e incentivando os companheiros com frases do tipo: “Vamos lá! Estou desesperado para jogar”. Porém a realização do jogo não foi consensual entre os membros do grupo.

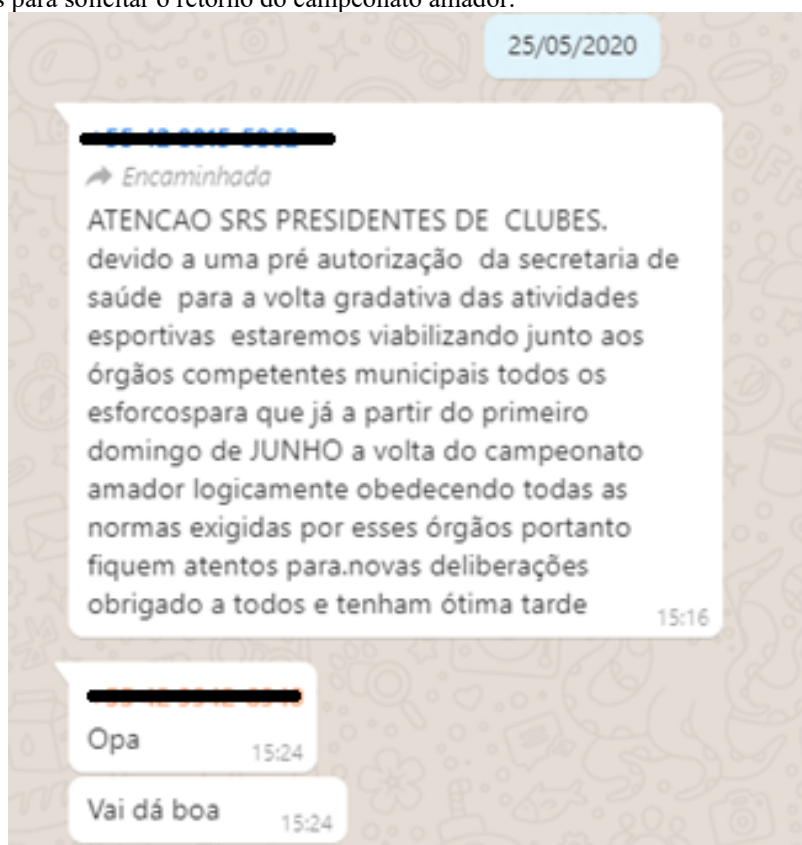
Enquanto alguns externavam a necessidade de jogar e outros ironizavam o fato de o grupo possuir vários veteranos, com mensagem como: “Nosso time tá tudo na área de risco. Vamos jogar de máscaras e luvas” (PEDRO, 2020). Outros manifestavam preocupação com o cenário da pandemia, declinando do convite. Como dois jogadores da equipe máster do Mirante e seu pai, o mais velho do grupo (com mais de 80 anos), que justificaram a não participação

nos próximos jogos devido a situação, porém quando o cenário apresentasse melhoras, retornariam a compor a equipe.

Paralelamente aos jogos mais lúdicos, as discussões estabelecidas giravam em torno do porquê o campeonato amador não retornava. Como as competições profissionais também se encontravam paralisadas, os diálogos futebolísticos eram fomentados através de memes, vídeos e figurinhas, compartilhados no interior dos grupos do WhatsApp, que faziam referência a um “desaprender” a jogar futebol, devido ao tempo parados ou então ao peso que haviam ganhado durante a pandemia.

Com a decisão da Secretaria Estadual de saúde, de autorizar os clubes profissionais com calendário nacional e que disputam o paranaense a retornarem os treinos. Surgiu uma certa esperança de retorno do campeonato amador local. Alguns presidentes dos clubes amadores começaram a se mobiliar para formalizar uma solicitação de retorno a LFPG.

Figura 12 – Mensagem de um agente do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, mobilizando os demais jogadores e clubes para solicitar o retorno do campeonato amador.



Fonte: Jogador (2020).

Após um movimento via aplicativos de comunicação e redes sociais, um grupo de clubes associativos e sociais, juntamente com a LFPG organizaram um requerimento conjunto a Secretária Municipal de Esportes, para que fosse enviado ao Comitê Gestor da Crise para

análise “com objetivo de obter autorização para voltar às atividades esportivas no âmbito do Município de Ponta Grossa”. (SALUSTIANO, 2020).

O pedido dos clubes não foi atendido pela Prefeitura, porém após a publicação do Decreto municipal nº 17.689, de 28 de agosto de 2020, que em seu Art. 1º autorizou “a prática de esportes coletivos em locais abertos e com ampla circulação de ar” (Ponta Grossa 2020), a LFPG organizou uma reunião com presidentes de clubes para planejar o retorno da competição.

Entretanto, dentre as restrições do decreto, constavam a não autorização da presença de torcida ou familiares, a necessidade de se aferir a temperatura corporal, o não empréstimo de materiais pessoais ou uniformes, a não permissão de confraternizações (nem a utilização de churrasqueiras e bares dos clubes e campos), abertura de vestiários e a mais problemática delas, que o tempo de jogo fosse adaptado para que os participantes ficassem no local pelo prazo máximo de 1 hora. (PONTA GROSSA, 2020).

Como o futebol é realizado em no mínimo 90 minutos, surgiu uma tensão entre a LFPG, Prefeitura e clubes pró e contra o retorno, sem um alinhamento com o Comitê Gestor de Crise da Covid-19. Mesmo com este empasse, alguns clubes, dentre eles o Mirante E. C., concordaram com a realização do jogo, mesmo não cumprindo todas as restrições de Decreto nº 17.689.

Somente, dia 20 de setembro de 2020, após mais de seis meses, a competição retornou oficialmente. Nesta rodada, houve uma preocupação maior quanto aos cuidados com a Covid-19, pois não se sabia ao certo como seria a fiscalização do cumprimento das restrições presentes no decreto. No grupo de WhatsApp dos ex-jogadores do Mirante E. C. foi solicitado o nome completo e CPF para poder adentrar no estádio do clube, seja para participar das peladas ou para assistir os jogos do clube em casa. Outros clubes disponibilizaram álcool gel na entrada do estádio, porém a cada rodada, as preocupações com o contágio do coronavírus se flexibilizavam.

Na última rodada da fase classificatória, dia 04 de outubro de 2020 e nas fases eliminatórias (quartas de final e semifinais), acompanhei os confrontos do Mirante E. C. Diferente da rodada de retorno, não observei álcool gel, aferimento de temperatura ou qualquer controle da entrada de torcedores e ou familiares. Nos estádios aproximadamente 70 pessoas acompanhavam as partidas, alguns assistiram apenas o primeiro tempo outras chegaram na segunda etapa, mas este número manteve-se até o término do jogo. Vários torcedores consumiam cervejas, levadas por eles mesmos ou compradas nos mercados próximos aos estádios. A grande maioria estava com máscara, porém a maioria não a usava corretamente, alguns apenas as colocavam para tirar fotos, outros as usavam no queixo para poder beber a

cerveja ou apenas a guardavam no bolso. Existiam em menor número, torcedores que buscavam espaços mais isolados para assistir os jogos.

A participação do Mirante E. C. encerrou-se nas semifinais do campeonato amador de Ponta Grossa de 2020. O time iniciou o primeiro confronto das semifinais com apenas 10 jogadores em campo, após a confirmações de seis casos de coronavírus no elenco. No decorrer da partida, o time sofreu com a lesão de alguns jogadores e a partida foi encerrado aos 30 minutos do segundo tempo, devido à falta de jogadores por parte da equipe do Mirante E. C. Após uma derrota por 4x0 no jogo de ida (29/11/2020), o Mirante E. C. venceu a partida de volta de 4x2 (06/12/2020), com 15 jogadores presentes, porém foi eliminado no saldo de gols.

O time do Mirante E. C. não foi o único a ser afetado com os casos positivados de Covid-19. Em 27 de novembro de 2020, dois dias antes do primeiro jogo da semifinal do Mirante E. C., Ponta Grossa já havia registrado 8.891 casos confirmados de Covid-19 e 159 óbitos (Ponta Grossa, 2020). Nas conversas antes do início das partidas ou nos grupos de WhatsApp, os agentes comentavam sobre familiares, amigos ou conhecidos, que haviam contraído o coronavírus, desde assintomáticos, a casos de internação nas unidades de terapia intensiva (UTI) e óbito. Porém os diagnósticos positivos não geravam espanto nos veteranos, torcedores, jogadores e dirigentes que escolheram continuar participando das peladas e jogos do campeonato amador, pelo contrário, encaravam com certa “naturalidade” a possibilidade de se infectarem pelo vírus.

Para estes agentes, o Covid-19 não deveria ser considerado um motivo para interromper ou adiar as competições. Um exemplo desta afirmação foi o caso do Mirante E. C., que teve seu pedido de adiamento da semifinal negado pela LFPG, mesmo com inúmeros casos de Covid-19 no elenco, os quais tiveram contato com os demais jogadores do time.

O mesmo discurso de necessidade de se manter os compromissos futebolísticos foi observado nas peladas realizadas no interior do Mirante E. C. A maioria dos jogadores defendiam e participavam destes jogos com caráter recreativo. Aqueles que discordavam ou passavam longos períodos sem comparecer as peladas, eram substituídos em campo e com o passar do tempo, excluídos dos grupos de WhatsApp do Mirante E. C., como já havia ocorrido em outras ocasiões, por interpretarem a atitude como falta de comprometimento com o grupo.

Ao considerar-se este campo específico como um espaço social estruturante, mas também estruturado, em que suas ações são mais ou menos orquestradas, ou seja, onde as escolhas dos agentes sociais são ordenadas de acordo com a ordem objetiva, estes tendem de acordo com Bourdieu (1996) a reproduzi-la sem saber ou querer. Como uma das ordens deste espaço é atribuir um alto valor as competências futebolísticas, observa-se uma valorização

significativa as práticas aprendidas neste espaço social. Ação que permite identificar princípios de estruturação do *habitus* destes agentes, uma vez que as configurações influenciam na forma como eles percebem e expressam os seus valores.

O olhar para os encontros futebolísticos, como uma necessidade, pode ser compreendido ao olharmos para os objetos de disputa do campo e valores aprendidos e reproduzidos pelos agentes. De acordo com Freitas Jr e Oliveira (2020, p. 74).

No campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, encontrou-se no status ou no reconhecimento o objeto maior de disputas entre os agentes sociais. Estas disputas simbólicas ou este “jogo de status” (GEERTZ, 2008) eram combatidos coletivamente por um grupo de agentes, em torno dos símbolos de um clube de futebol e, individualmente, através da busca pela consagração e legitimação pessoal. Não obstante, estas disputas estavam imbricadas, uma vez que o status de campeão, adquirido pelo clube que vence a competição amadora, era desfrutado também por seus jogadores, e os troféus individuais de um artilheiro ou do melhor goleiro do campeonato contribuem para o aumento do status do clube que representavam.

Para conquista destes troféus e acúmulo de capital futebolístico, que permitiria alcançar as posições de destaque no campo. Os jogadores interiorizavam no contexto do Mirante E. C. algumas regras.

Para compor o grupo, alguns critérios implícitos estabeleciam-se, como saber “jogar bola” (habilidade técnica), única regra que não se aplicava ao contexto das peladas. Mas também era necessário participar de todos os encontros promovidos pelo clube (regra do envolvimento), respeitar os horários preestabelecidos (regra do horário), faltar estes encontros apenas mediante justificativa aceita coletivamente (regra do comprometimento), além de possuir um bom relacionamento com os companheiros de equipe, com os familiares que o acompanham e com os “veteranos” (regra da humildade). (FREITAS JR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018).

Não obstante, estas eram as regras gerais ou leis fundamentais deste espaço social. Para o agente acumular este capital específico, existia no campo segundo Freitas Jr e Oliveira (2020), uma eficácia simbólica nos sacrifícios realizados pelos jogadores, para comparecerem as peladas e jogos válidos pelo campeonato amador, tais como: renunciar a horas extras no trabalho ou faltar a alguma festividade em família devido aos jogos. Porém a principal delas, que atribuía prestígio ao jogador, era colocar o corpo a prova, não ausentando-se de um jogo após um dia/noite de trabalho, por dores decorrentes de lesões ou em caso de doenças (gripes, enxaquecas etc.).

Sacrificar-se corporalmente e prezar pelas regras pré-estabelecidas, eram práticas potencialmente convertidas em *status*, em legitimidade perante o grupo e o campo, deste modo

eram encaradas pelos jogadores, principalmente os novatos, como deveres. Uma vez que, diferente de um veterano, sua posição no time, no clube e no campo futebolístico amador pontagrossense não estava garantida.

Portanto, era necessário permanecer em campo, mesmo frente a um cenário pandêmico. Para Bourdieu (2008b), a necessidade contempla, tudo o que se entende por esta palavra, ou seja, a privação inelutável dos bens julgados necessários. Nas palavras do autor “A necessidade impõe um gosto de necessidade que implica uma forma de adaptação à necessidade e, por conseguinte, de aceitação do necessário, de resignação ao inevitável [...]”. (BOURDIEU, 2008b, p. 350).

O autor utiliza como exemplo ilustrativo, os modos distintos como um grupo com capital econômico elevado ou um grupo de operários, destinariam a quantia de dois milhões. O primeiro, poderia investir (de acordo com seu ponto de vista) esta quantia em uma festa de noivado. Ao olhar para esta ação, um operário poderia julgar como desperdício, pois haveria outros modos mais sensatos de alocar estes recursos.

A distância entre ambos, na dimensão econômica, está no fato de o operário agir sob a forma de sistemas de necessidade. O gosto por determinava roupa ou objeto, baseia-se na sua função e capacidade de atender as necessidades imediatas. Já o agente dotado de um elevado capital econômico, entende o evento como uma necessidade, não pela lógica funcionalista, mas pelos lucros simbólicos da celebração. (BOURDIEU, 2008). A mesma lógica, pode ser aplacada ao tentar compreender, os motivos pelos quais alguns agentes defendias ou não, o retorno das práticas futebolísticas amadoras.

9.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever nos diários de campo as interações sociais fomentadas pelas práticas futebolísticas no Mirante Esporte Clube, foi possível e como elas foram afetadas pelas medidas de distanciamento e isolamento social na cidade de Ponta Grossa, com a pandemia de Covid-19. A utilização de aplicativos de comunicação e redes sociais apresentou-se como fundamental, não só para a viabilidade do estudo, mas também porque foi possível perceber através de sua importância simbólica, o quanto o espaço virtual faz parte do campo de pesquisa etnográfica.

Quanto ao futebol amador local, pode-se inferir que olhar para as práticas futebolísticas como uma necessidade, mesmo em um contexto de pandemia, fazia sentido para os agentes pertencentes ao time e ao clube. Em Ponta Grossa, através do Mirante E. C. pode-

se enxergar dois pontos de vistas distintos sobre a prática do futebol em tempos de pandemia. Aqueles que olhavam para a função imediata do isolamento social, de reduzir os números de casos de Covid-19, julgariam o desejo de jogar futebol como uma loucura ou falta de responsabilidade coletiva. Uma vez que, aparentemente, o futebol seria apenas uma prática esportiva.

Por outro lado, os agentes que defendiam o retorno do futebol amador na cidade, com todos os seus ritos, viam no isolamento a perda de seus lucros simbólicos. Que dificultariam a conquista dos troféus do campo, as possibilidades de acúmulo de capital futebolístico e em alguns casos a permanência no clube. Para este grupo, as perdas simbólicas eram tão prejudiciais quanto contagiar-se com o Covid-19.

Em oposição ao percentual estatístico de letalidade ou contágio, não era possível mensurar o quanto abandonar o campo neste momento poderiam comprometer sua permanência nos clubes, seja nas peladas ou times que disputavam o campeonato amador de futebol, devido as regras e lógicas específicas destes espaços sociais, portanto, mesmo compreendendo o cenário era preciso seguir em campo. Assim, a loucura para uns, era a necessidade primordial de outros.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação do *habitus* de um agente social, é fruto de um longo processo de socialização, permeado por tomadas de posição estratégicas, conscientes ou inconscientes, mas sobretudo, carregadas de afetividade. Esta “visão de mundo” e ao mesmo tempo, forma de agir sobre ele, ocorre em um espaço social, caracterizado pela disputa de troféus materiais e simbólicos. As chances maiores ou menores, decorrem da posição ou posto deste agente social no campo, a qual precede seu nascimento, devido a herança cultural. Assim, a circulação de um agente pelo campo é permeada por estratégias de manutenção ou subversão a ordem dominante, a opção pela primeira ou segunda, está relacionada ao senso de aplicação prática destes investimentos ou o poder advindo daquele posto.

Deste modo, compreender o sentido deste jogo social não é uma tarefa fácil. Ao realizarmos o exercício de estruturação do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a partir da ótica bourdieusiana, foi possível identificar a existência de uma cultura futebolística na cidade e como este gosto pelo futebol amador era transmitido. Não obstante, para avançar na análise deste espaço social, estabeleceu-se como passo seguinte compreender como este sistema simbólico futebolístico, era significativo na estruturação do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube. Avançar nesta questão pelo viés etnográfico, visto como o mais coerente quanto a abordagem do problema, significaria permanecer em campo mais quatro anos, totalizando mais de nove anos de observações *in loco*.

Este longo período em campo aproximou-me de um seletto grupo de agentes que mantinham suas rotinas ligadas as atividades do clube por tanto tempo, me permitindo visualizar conflitos e disputas de poder por diferentes ângulos. A possibilidade comparativa entre estes momentos distintos do Mirante Esporte Clube apresentava-se como promissora, no entanto, o envolvimento necessário para construção das descrições densas, com o grupo que perdeu a disputa pelo poder no clube, colocou-me novamente no ponto de partida. Sendo necessário superar novas camadas de aceitabilidade.

Nesta transição de poder, marcada como um recomeço na pesquisa de campo, também fui deixado de fora dos grupos em aplicativos de comunicação, o que nos fez perceber a dimensão simbólica destes espaços virtuais na manutenção das relações de identificação com o futebol e com o clube. A importância do virtual, evidenciou-se ainda mais no contexto de pandemia, em que as medidas de isolamento social forçaram o interrompimento dos jogos do campeonato amador de futebol, amistosos e peladas. Deste modo, buscou-se refletir sobre a

delimitação do campo de pesquisa na etnografia, o qual é cada vez mais permeado por relações sociais estabelecidas através da internet.

Neste sentido, nos grupos sociais em que a internet se faz presente, caso do Mirante E. C., o “campo etnográfico” deve ser visto como um espaço abstrato, ou seja, sem a subdivisão físico ou virtual. Uma vez que, o que demarca suas fronteiras e atesta sua realidade, não são as delimitações geográficas (tribo ou metrópole) ou a sua dimensão física (em oposição ao virtual), mas sim suas dimensões identitárias, relacionais e históricas, constitutivas da visão sobre o mundo dos membros do grupo.

Em paralelo as vivências *in loco* e construção dos diários de campo, as leituras sobre as dimensões simbólicas do futebol amador em outras localidades do Brasil e em diferentes países do mundo, foram fundamentais para reflexão sobre as singularidades do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, mas sobretudo para compreender a dimensão simbólica do futebol amador em diferentes pontos do globo.

Ao analisar o papel do futebol amador nos países do Reino Unido e da Península Escandinava, no Brasil, no Reino dos Países Baixos, na Suíça e na China, ficou evidente a diversidade de formas em que este esporte é vivenciado cotidianamente. Enquanto em países como a China, o futebol amador ainda é visto como um caminho para a construção de uma cultura futebolística em nível nacional. Na Europa, o termo ativismo esportivo ganha destaque, assim, através das relações sociais fomentadas pela prática do futebol, determinados grupos buscam mudar valores estabelecidos socialmente, mas que são prejudiciais a vida em sociedade.

Assim, as lutas contra a desigualdade de gênero, a homofobia, o racismo e a intolerância religiosa na Europa, encontraram nos campos de futebol amador, um espaço de resistência e mudança, pois devido a sua importância no cotidiano destes grupos sociais, os valores aprendidos dentro de campo, são externados em suas relações sociais fora dele. Em todos os casos, o futebol amador não é visto apenas como um esporte, aqueles que o praticam, acreditam no seu potencial de gerar mudanças positivas socialmente. Deste modo, em meio as dificuldades e preconceitos, jogar futebol simboliza um ato resistência e de luta, por vitórias dentro e fora de campo.

Embora apenas um artigo acadêmico sobre o futebol amador brasileiro tenha sido encontrado na base Scopus, o que nos permite inferir que a produção sobre a temática não tem atingido os periódicos de relevância internacional, as pesquisas sobre o futebol amador brasileiro não são incipientes, pelo contrário, apresentam uma grande diversidade. Isto foi constatado através do estado do conhecimento das teses e dissertações sobre futebol amador disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Nas investigações que historicizaram o futebol amador brasileiro, os autores abordaram as tensões ao longo do processo de apropriação da prática futebolística, que agia como um mediador cultural, de conflitos decorrentes das inúmeras possibilidades de ser, estar e viver em sociedade. Esta função continua presente, seja pelo direito ao lazer (através da prática do esporte) ou como um ponto de identificação, capaz de unir agentes de uma mesma etnia, sexo, gênero, religião ou realidade socioeconômica, fazendo da equipe um suporte para o enfrentamento dos preconceitos e violências sofridas cotidianamente.

Assim como os estudos que abordaram o futebol amador no contexto europeu, no Brasil, para além da carga afetiva conferida às práticas futebolísticas, o gosto ou amor pelo futebol era socialmente estratégico para os agentes. Mais do que isso, em alguns contextos era visto como fundamental em seus trajetos sociais. Algo que só era possível, porque através destas práticas futebolísticas herdadas, adquiridas e incorporadas, além dos circuitos de consagração fomentados por elas, os agentes que aceitavam as regras deste “jogo social”, com singularidades em cada região do país, poderiam legitimar-se em posições sociais de destaque no campo futebolístico em que se encontrava inserido.

Deste modo, ao realizar estes estudos do conhecimento no Brasil e fora dele, foi possível inferir que desde sua gênese fabril, a prática futebolística amadora possuía e possui a capacidade de ser convertida em capital econômico, cultural, social ou simbólico, aplicável para além das linhas geográficas dos campos. Isto permite que constatem através destes estudos, tendo como referencial o Pierre Bourdieu, a existência de um capital futebolístico. Mas sobretudo, que o arcabouço teórico aplicado na leitura social do Mirante E. C., pode ser utilizado na compreensão do futebol amador em outras realidades.

As disputas e transições de poder, observadas ao longo da investigação etnográfica, revelaram a diversidade de pensamentos e formas de experimentar o futebol amador em um único clube. Ao dividir o Mirante E. C. entre o clube e os times que o representam anualmente nos campeonatos, foi possível encontrar um núcleo central de agentes, que carregam consigo sentimentos de identificação com os símbolos do clube, como seu estádio, suas cores, seu escudo, seu hino e principalmente as memórias dos momentos proporcionados pela prática do futebol. Estes agentes, fazem parte do clube e lutam para que a sua visão de futuro seja a definição do que é ser Mirante. Porém, a cada início de campeonato, estes agentes precisam convencer outros jogadores a comporem o grupo, pois só assim era possível formar o time que disputaria o amador.

Deste modo, entre as memórias do passado dos veteranos e a esperança subjetiva (quase mística), de que tudo é possível através de um grupo que se reconheça como uma família,

os símbolos, normas e leis que regem este espaço social permanecem sendo reproduzidas, legitimando simbolicamente o futebol amador como uma prática indispensável do cotidiano destes agentes sociais. De forma consciente ou inconsciente, o acúmulo de capital futebolístico era uma estratégia rentável para os agentes pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta Grossa, devido a sua capacidade de conversão em melhores condições de trabalho ou então em capital político. Não obstante, para que essa conversão ocorresse de forma favorável ao agente, permanecer no campo era fundamental, pois deixar o posto conquistado significaria assumir o risco de sofrer as perdas simbólicas da ausência.

A fim avançar na análise deste capital futebolístico e como seu processo de acúmulo, ao longo da trajetória do futebolista, age relacionalmente com a construção do seu *habitus*, optou-se por analisar a trajetória de Russo, uma figura nuclear para o Mirante E. C. Sua posição de veterano, resultou-se das suas atuações em campo, quando sagrou-se campeão amador em duas ocasiões distintas, pois assim como no contexto da equipe amadora inglesa de futebol *The Red*, o resultado era significativo. Porém, o acúmulo deste capital futebolístico, também decorreu das relações de sociabilidade fora das quatro linhas, quando ele passou a fazer parte dos circuitos de consagração social deste campo específico.

Os capitais futebolísticos acumulados ao longo de sua trajetória no campo, foram convertidos em outros capitais, fora deste espaço social. O emprego que permitiu-lhe ajudar a família e criar seus filhos, decorreu das suas vivências com o futebol. A empresa criada por ele, que leva como nome o seu apelido, surgiu através da prestação de serviços de marcenaria para jogadores e ex-jogadores que o conheciam dos campos de futebol amador ou indicações feitas por eles.

A analogia do futebol amador ao casamento ou a religião, devido ao comprometimento e aos sentimentos afetivos com o esporte revelam que sua relação com o futebol transcende os ganhos econômicos, fazendo parte de suas disposições de pensar e agir, ou seja, de seu *habitus*. Ao olhar para estes amadores, podemos verificar não só a dimensão simbólica do futebol em suas trajetórias sociais, mas na capacidade que este fenômeno tem de se ressignificar, atribuindo sentidos e significados diferentes de acordo com o contexto e momento da vida de seus praticantes. Esta pluralidade ou maleabilidade pode justificar a relevância social do futebol para os brasileiros.

Sua importância evidenciou-se ainda mais em um contexto de pandemia, onde os agentes que defendiam o retorno do futebol amador em Ponta Grossa, com todos os seus ritos, viam no isolamento a perda de seus lucros simbólicos. O que dificultaria a conquista dos troféus do campo, as possibilidades de acúmulo de capital futebolístico e em alguns casos a

permanência no clube. A visão do futebol amador como uma necessidade básica, também advinha das relações afetivas com os símbolos do campo.

Como destacava Russo, em uma de suas inúmeras metáforas, o dia começava depois de assistir os jogos do campeonato amador de futebol. Sem o jogo de futebol, o jogo social também se esvaziava de sentido. Esta leitura do futebol como um poder (capital futebolístico), mas ao mesmo tempo uma necessidade vital, evidencia a existência de um *habitus* futebolístico amador. Jogar futebol, tanto para os jogadores do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, quanto para os jogadores dos campeonatos amadores brasileiros ou em outros locais do mundo, significa enfrentar todos os dilemas, barreiras e dificuldades que o mundo social apresenta para quem é pobre, negro, mulher ou que compartilha de valores marginalizados socialmente.

Estas lutas, poderiam e são travadas em outros espaços sociais, porém a dimensão simbólica do jogo de futebol, o esforço, o sacrifício, o comprometimento e o respeito a trajetória dos antecessores, são considerados “valores”, além do sentimento de igualdade na disputa, que tornam o futebol amador um espaço singular de refúgio, de identificação com pessoas que enfrentam os mesmos desafios e de luta, para que suas visões de mundo sejam reconhecidas como legítimas. Trata-se de um espaço social permeado por conflitos, uma vez que, após o término do jogo (com a bola ou o social) haverá sempre um vencedor, momentâneo, pois como destaca DaMatta, o jogo sempre continua.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N; NETO, S. Editorial: Sobre artigos derivados de dissertações e teses. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 15 n. 2, p. 3-4, ago. 1999.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.
- ALVES, F. P. **Amor à camisa?: conciliando razão e paixão no ambiente do futebol profissional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- ALVES, M. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais. *In*: SILVA, T; STABILE, M. **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. p. 67-84.
- AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmet, 2009.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2005.
- BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BARROS, J. D. **Teoria da História - volume 3: os Paradigmas Revolucionários**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARROS, R. A. V. **O futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- BENITEZ, A. K. P. A. **Futebol de várzea como mediador cultural na comunidade São Gonçalo Beira Rio**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.
- BEZERRA, A. C. V; SILVA, C. E. M; SOARES, F. R. G; SILVA, J. A. M. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1. p. 2411-2421, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpqgz6rn/?lang=pt..> Acesso em: 02 nov. 2021.

BIAGI, D. F. **Amadores, profissionais e varzeanos**: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade. 2017. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

BORGES, A; PEREIRA, E; BARSANELLI, M. L. Massacre na Copa faz brasileiros sofrerem com piadas em países rivais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/07/1484592-massacre-na-copa-faz-brasileiros-sofrerem-com-piadas-em-paises-rivais.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Social e Institucional**, Londrina, v.1, n.2, p. 1-6, 1999.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008a.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**: O que Falar Quem Dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, P. A ordem das coisas. In: BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 81-101.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004

BOURDIEU, P. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. Routledge Classics. London, England: Routledge, 2010.

BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Boston: Polity Press, 1992.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas sociais. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008b.

BOURDIEU, P. **Sobre o Estado**. São Paulo: Schwarcz S.A, 2014.

BOURDIEU, P; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Editores Argentina S.A., 2005

BRASIL. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

BRASIL. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). **Diário Oficial da União**, Brasília, 04 jan. 2020. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>.

Acesso em: 01 nov. 2021.

BUARQUE DE HOLANDA, B. Futebol, ciência e cultura. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 2, p. 24-26, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252014000200011>. Acesso em: 05 nov. 2021.

BUARQUE DE HOLLANDA, B; RIBEIRO, R. R. Oral History and Football Practice in Brazil: From an Emerging Methodology and Field of Study to a Critical Review of the ‘Country of Football’ from the 1970s to the 2010s. **The International Journal of the History of Sport**, Londres, v. 37, n. 16, p. 1664-1681, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2021.1879054?journalCode=fhsp20>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BURDSEY D. Contested conceptions of identity, community and multiculturalism in the staging of alternative sport events: a case study of the Amsterdam World Cup football tournament. **Leisure Studies**, Birmingham, v. 27, n. 3, p. 259-277, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614360802127235>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAMPOS, F. R. G. Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea. **Revista Ra’E Ga**, Curitiba, v. 35, p. 288-313, 2015.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANEDO JUNIOR, L; CAPRARO, A. M; SOUZA, M. T. O futebol na Colônia Santa Felicidade: memórias de uma identidade imigrante italiana. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-22, jul. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422019000300005&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 fev. 2022.

CARLOS, N. M; MARQUES, J. C. Fotojornalismo esportivo e a cobertura da derrota: Uma análise das imagens do choro em quatro jornais brasileiros após o Brasil 1 x 7 Alemanha na Copa do Mundo de 2014. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 12, n. 20, p. 38-62, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/178606>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CAVALCANTI, E. A. “**Nem tudo que reluz é ouro**”: Histórias de Jogadores de futebol. 2017. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CHIQUETTO, R. V. **A cidade do futebol**: Etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio-X do mercado 2019**: números gerais de registro. Rio de Janeiro: CBF, 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-mercado-2019-numeros-gerais-de-registro>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ranking Nacional de Clubes 2022 da CBF.** Rio de Janeiro: CBF, 2022. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202112/20211216200434_630.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

CORREIA, Jones Mendes. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo:** um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande - RS (1900 - 1916). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CUNHA FILHO, G. C; MACIEL, W. “Hoje tem festa na favela”: notas etnográficas sobre um campo de futebol de subúrbio em Fortaleza. **Ponto Urbe.** São Paulo, v. 27, p. 1-11, 2020.

DAMATTA, R et al. **Universo do Futebol:** Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, R. **A casa & a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão:** a formação de futebolistas no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: [https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/175525_Damo%20\(D\)%20-%20Do%20dom%20a%20profissao.pdf](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/175525_Damo%20(D)%20-%20Do%20dom%20a%20profissao.pdf). Acesso em: 01 nov. 2021.

DAMO, A. S. Futebóis: apresentação. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 3-9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.3-9>. Acesso em: 01 out. 2021.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Porto Alegre: **Movimento**, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2807>. Acesso em: 01 nov. 2021.

DAOLIO, J. **Cultura:** educação física e futebol. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, Campinas, 2006.

DAOU, M; GUARESCHI, N. M. F; AZAMBUJA, Marcos Adegas de. Mídia e a produção do sujeito jogador de futebol profissional. **Fractal : Revista de Psicologia.** v. 26, n. 3, p. 963-978, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1243>. Acesso em: 02 fev. 2022.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISA. **Pesquisa Nacional:** Pandemia e Vacina. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/01/26/b212555312706e10691cf0ef9a8c981be.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

DERENSSE, Der Futebo. Wesley. **Lembranças de 3 anos.** Ponta Grossa, 08 abr. 2020. Facebook: Der Futebo Derensse. Disponível em: <https://www.facebook.com/Der.Futebol/videos/9325719635706956>. Acesso em: 16 mai. 2022.

DO RICO AO POBRE. **Por dentro da história:** Relembre todos os campeões da Liga de Ponta Grossa. Ponta Grossa: DRAP, 2020. Disponível em:

<https://www.doricoapobre.com.br/2020/05/amador-pg-por-dentro-da-historia.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

DOMINGOS, N. Cultura popular urbana e configurações imperiais. In: JERÓNIMO, M. B. **O Império colonial em questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições**. Lisboa: Edições 70, 2012a. p. 391-421.

DOMINGOS, N. **Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique**. Lisboa: ICS – Imprensa Ciências Sociais, 2012b.

FAVERO, R. P. F. **'A várzea é imortal': abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **About us Organisation**. Zurique: FIFA, 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/organisation>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FERNANDO, Wesley. Amor pelo Mirante. Ponta Grossa, 04 abr. 2020. Facebook: Fernando Wesley. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3150283675005261&set=pb.100000709772510.-2207520000.&type=23>. Acesso em: 16 mai. 2022.

FERRAJOLI, L. **Derechos y garantías: La ley del más débil**. 5. ed. Madrid: Editorial Trota, 2006.

FORBES, A; EDWARDS, L; FLEMING S. Women can't referee: exploring the experiences of female football officials within UK football culture, **Soccer & Society**, Londres, v. 16, n. 4, p. 521-539, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14660970.2014.882829?journalCode=fsas20>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FREITAS JR, Miguel Archanjo de. **Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000.

FREITAS JUNIOR, M. A; OLIVEIRA, E. O futebol amador em Ponta Grossa/PR: uma análise da dimensão simbólica e instituinte do ritual de preparação para os jogos do Mirante Esporte Clube. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 122–14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.122-145>. Acesso em: 06 ago. 2021.

FREITAS JUNIOR, M. A; OLIVEIRA, E; GABRIEL, B. J. Interdependências estabelecidas na configuração futebolística amadora pontagrossense: uma análise etnográfica (2013-2016). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 3, p. 577-587, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/47947>. Acesso em: 06 ago. 2021.

FREITAS JUNIOR, M. A; OLIVEIRA, E; LINHARES, W. L. Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática

futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 302-320, 2018.

FREITAS JUNIOR, M. A; OLIVEIRA, E; PERUCELLI, T. Experiência e sabedoria em campo: uma representação social positiva sobre o processo de envelhecimento dos “veteranos” no “campo” futebolístico amador de Ponta Grossa, Paraná (2014-2017). **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 7-28, 2019.

FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 21, v. 1, p. 211-259, 2000.

GASTALDO, É. As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/zMLqFHnSgJtGfmXWmtCvyTR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científico Editora Ltda, 2011.

GEERTZ, C. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 2010.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, E. V.; SANTOS, V. M. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 15-41, 2014.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/16590>. Acesso em: 02 nov. 2021.

GONÇALVES, A. F. Etnografia, Etnologia e Teoria Antropológica. **Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 44, p. 247-261, 2016.

GRØNLUND, J. The genesis of a football field: urban football in Soweto, South Africa. **Soccer & Society**, Londres, v. 22, n. 3, p. 218-230, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2020.1790357>. Acesso em: 02 mar. 2022.

GRUNENVALDT, A. C. R; GRUNENVALDT, J. T; PINHO, V. A. O futebol em Mato Grosso: memórias e experiências de atletas negros. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências

do Esporte, 19, 2015. **Anais XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória: CBCE, 2015.

GUEDES, S. L. Lógicas da emoção. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 1-5, 2003. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/5595/15995.pdf;jsessionid=701F2115339587E494883455B4802E09?sequence=1>. Acesso em: 01 nov. 2021.

HINE, C. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon: Bloomsbury Academic, 2015.

Huizinga, J. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ponta Grossa**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>. Acesso em: 31 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Práticas de esporte e atividade física**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

INVERNIZZI, L. **Ser 'daqui' ou 'de fora': hierarquias, descontinuidade e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

JOGADOR, Herdeiro. **Removendo membros do grupo**. WhatsApp: Mirante E. C. 14 mar. 2020. 19:24. 1 mensagem de WhatsApp.

JOGADOR, Pedro. **Atenção srs presidents de clubes**. WhatsApp: Mirante E. C. 25 mai. 2020. 15:16. 1 mensagem de WhatsApp.

KAWASAKI, B. C. Critérios da avaliação CAPES para Programas de Pós-graduação. **Revista Adusp**, São Paulo, v. 1, n. 60, p. 102-117, mai. 2017. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/60/mat10.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2022.

KONTER E. Leadership power perception of amateur and professional soccer coaches and players according to their belief in good luck or not. **Collegium Antropologicum**, Croácia, v. 34, n. 3, p. 1001-1008, 2010. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/file/89523>. Acesso em: 02 fev. 2022.

KUHLMANN JR., M. Publicação em periódicos científicos: ética, qualidade e avaliação da pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**. v. 44, n. 151, p. 16-32, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142877>. Acesso em: 01 fev. 2022.

LAPLANTINE, F. **Aprender Natropologia**. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LEÃO, G. B. M. **Futebol em Goiânia: sociabilidades e espaços**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

LIANG, Y. Developing a sustainable football model with the AFC Vision Asia Philosophy - two grassroots development cases in Zibo and Qingdao. **Sport in Society**, Londres, v. 19, n.

10, p. 1478-1488, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2015.1133599>. Acesso em: 02 fev. 2022.

LIMA, F. G. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

LOZETTI, A. Brasil sofre goleada da Alemanha em vexame histórico e disputará 3º lugar. **GE**, Belo Horizonte, 08 ago. 2014. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/07/brasil-leva-7-1-da-alemanha-em-vexame-historico-e-disputara-3-lugar.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MAGNANI, J. G; TORRES, L. L. **Na metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EdUSP, 1996.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAOSKI, D. B. **"Tem que ser um amador profissional" os sentidos do trabalho para treinadores de futebol amador**. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MARTINS, Mariane Goettert. **Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: uma abordagem sócio-histórica (1993-2014)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAYOR, S. T. S. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MERKEL, U. German football culture in the new millennium: ethnic diversity, flair and youth on and off the pitch. **Soccer & Society**, Londres, v. 15, n. 2, p. 241-255, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14660970.2013.849189?journalCode=fsas20>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MIRANDA, M. A teoria da soberania de Thomas Hobbes. **7 mares**, Rio de Janeiro, n. 3 v. 1, p. 128-144. 2013. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/7mares/wp-content/uploads/2018/11/v02n03a11.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MOORE, K. Football is not ‘a matter of life and death’. It is far less important than that. Football and the COVID-19 pandemic in England. **Soccer & Society**, Londres, v. 22, n.1-2, p. 43-57, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2020.1797496>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MOROSINI, M. C; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MYSKIW, M; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, Saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Florianópolis: O autor, 2017.

NATURE. The past, present and future of the PhD thesis. **Nature**, Reino Unido, n. 7610, v. 535, p. 7-7, 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/535007a>. Acesso em: 02 fev. 2022.

NESSELER, Cornel; GOMEZ-GONZALEZ, Carlos; DIETL, Helmut. Whats in a name? Measuring access to social activities with a field experiment. **Palgrave Communications**, Berlin, v. 5, n. 160, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-019-0372-0>. Acesso em: 01 jan. 2022.

OLIVEIRA, A. P. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v.14, n. 29, p. 114-139, 2013.

OLIVEIRA, E. F. T; GRÁCIO, M. C. C. Visibilidade dos pesquisadores no periódico Scientometrics a partir da perspectiva brasileira: um estudo de cocitação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, p. 99-113, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/114857>. Acesso em: 02 jan. 2022.

OLIVEIRA, E. FREITAS JUNIOR, M. A. Honra ao mérito futebolístico amador: memórias da influência do futebol na trajetória do futebolista “Russo” em Ponta Grossa – Paraná. *In*: II Seminário Internacional Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Sociedade, 2, 2019, Ponta Grossa. **Anais II Seminário Internacional Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Sociedade**. Ponta Grossa: UEPG, 2019. Disponível em: https://siseve.apps.uepg.br/storage/siiefs2019/126_Edilson_de_Oliveira-155711180815764.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

OLIVEIRA, E. **Redescobrimo o sentido do jogo**: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná (2013-2017). 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2457>. Acesso em: 28 fev. 2022.

OLIVEIRA, E; FREITAS JUNIOR, M. A. **Redescobrimo o sentido do jogo**: uma etnografia da cultura futebolística no mirante esporte clube. Brasília: Trampolim, 2020. Disponível em:

https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/programa-academia-futebol/livros/livro-7_tagore_impressao.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

OLIVEIRA, F. O. **A paixão é uma bola**: a representação social e a ideologia do futebol. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Promoción de la salud**: glosario. Genebra: OMS, 1998.

PAIXÃO, J. A.; KOWALSI, M. Emoção na torcida de futebol: uma paixão perigosa. **Conexões**, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 54–66, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637713>. Acesso em: 28 fev. 2022.

PAVAN, C; STUMPF, I. R. C. Avaliação pelos pares nas Revistas Brasileiras de Ciência da Informação: procedimentos e percepções dos atores. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 73-92, 2009.

PETROGNANI, C. **Futebol e religião no Brasil**: um estudo antropológico do "fechamento". 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/156406. Acesso em: 02 fev. 2022.

PIMENTA, C. A. M. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 112-12, 2008.

PIMENTA, R. D. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 90-113, 2013.

PISANI, M. S. **'Sou feita de chuva, sol e barro'**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PLATAFORMA BRASIL. Sobre a Plataforma Brasil. Brasília, Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

PONTA GROSSA. Decreto nº 17.147 de 21 de março de 2020. Dispõe sobre a suspensão de atividades sujeitas à aglomeração de pessoas no âmbito do Município de Ponta Grossa, em complemento aos Decretos Municipais nº 17.077/2020 e 17.144/2020. **Legislação Municipal de Ponta Grossa/PR**, Ponta Grossa, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2020/1714/17147/decreto-n-17147-2020-dispoe-sobre-a-suspensao-de-atividades-sujeitas-a-aglomeracao-de-pessoas-no-ambito-do-municipio-de-ponta-grossa-em-complemento-aos-decretos-municipais-n-17077-2020-e-17-144-2020>. Acesso em: 01 jan. 2021.

PONTA GROSSA. Decreto nº 17.258 de 22 de abril de 2020. Dispõe sobre a suspensão de atividades sujeitas à aglomeração de pessoas no âmbito do Município de Ponta Grossa, em complemento aos Decretos 17.207, de 03/04/2020, 17.211, de 06/04/2020, 17.242, de 09/04/2020, 17.243, de 09/04/2020 e 17.255/2020. **Legislação Municipal de Ponta**

Grossa/PR, Ponta Grossa, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2020/1726/17258/decreto-n-17258-2020-dispoe-sobre-a-suspensao-de-atividades-sujeitas-a-aglomeracao-de-pessoas-no-mbito-do-municipio-de-ponta-grossa-em-complemento-aos-decretos-17207-de-03-04-2020-17211-de-06-04-2020-17242-de-09-04-2020-17243-de-09-04-2020-e-17255-2020-2020-04-22-versao-original>. Acesso em: 01 jan. 2021.

PONTA GROSSA. Decreto nº 17.689, de 28 de agosto de 2020. Dispõe sobre alterações para as atividades sujeitas à aglomeração de pessoas no âmbito do Município de Ponta Grossa, e dá outras providências. **Legislação Municipal de Ponta Grossa/PR**, Ponta Grossa, 02 set. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/ponta-grossa/decreto/2020/1768/17689/decreto-n-17689-2020-dispoe-sobre-alteracoes-para-as-atividades-sujeitas-a-aglomeracao-de-pessoas-no-ambito-do-municipio-de-ponta-grossa-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 01 jan. 2021.

PORTER, D. 'Coming on with Leaps and Bounds in the Metropolis': London Football in the Era of the 1908 Olympics, **The London Journal**, Londres, v. 34, n. 2, p. 101-122, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/174963209X442414>. Acesso em: 01 fev. 2021.

PRESIDENTE, Roberto. **Saida do Mirante**. WhatsApp: Liga de Futebol R. C. Sul. 06 jun. 2021. 18:22. 1 mensagem de WhatsApp.

QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RAMOS, R. Coronavírus: prefeitura divulga primeiro caso da doença em Ponta Grossa. Ponta Grossa: Imprensa, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://pontagrossa.pr.gov.br/node/46236>. Acesso em: 05 ago. 2021.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO JR, J. C. **Futebol Pontagrossense Recortes da História**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004

RIGO, L. C. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SAHLINS, M. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac & Naify, 1993.

SANTOS, P. H. Cooperação na gestão da cadeia de suprimentos: uma análise bibliométrica utilizando o biblioshiny. **Gestão Contemporânea**, Vila Velha, v. 10, n. 1, p. 100-128, 2020.

SILVA, R. P. **Campo de terra, campo da vida**: interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube. 2017. Dissertação (Mestrado

em Serviço Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SIMMEL, G. A sociabilidade: Exemplo de Sociologia pura ou formal. *In*: SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 59-82.

SPAGGIARI, E. **Família joga bola**. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TOKARNIA, M. Eleição polarizada no Brasil ganha destaque na imprensa estrangeira. Brasília, **Agência Brasil**, 06 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/eleicao-polarizada-no-brasil-ganha-destaque-na-imprensa-estrangeira>. Acesso em: 2 ago. 2021.

TOLEDO, L. H; CAMARGO, W. X. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 93–107, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14646>. Acesso em: 2 ago. 2021.

TORBJÖRN, A; HANS H. Glocal culture, sporting decline? Globalization and football in Scandinavia, **Sport in Society**, Londres, v. 22, n. 4, p. 704-716, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2017.1389015>. Acesso em: 01 jan. 2022.

TUCKER, L. It's not just about the football: leading social change in a Sunday league football team. **Sport in Society**, Londres, v. 18, n. 4, p. 410-424, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2015.929296>. Acesso em: 01 jan. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Saúde Pública. **Resolução COPGR nº 7808, de 29 de agosto de 2019**. Regulamento do programa de pós-graduação em epidemiologia – FSP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-copgr-no-7808-de-29-de-agosto-de-2019>. Acesso em: 02 jan. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL (PEF). **Instrução normativa nº 01/2017**. Modelo escandinavo. Londrina/Maringá: Universidade Estadual de Londrina/Universidade Estadual de Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/ppgef/portal/pages/arquivos/Arquivos%20UEL/MODELO%20ESCANDINAVO%2031-01-17.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Programa de Pós-Graduação em Ciências Exatas e Tecnológicas. **Instrução Normativa 001/2019**. Dispõe sobre as normas de formatação para Teses do Programa de Pós-Graduação em Ciências Exatas e Tecnológicas. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/852/o/Instrucao001.pdf?1594992480>. Acesso em: 02 jan. 2022.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, ano. 2, n. 11, p. 1-13, 2012.

VAN SLOBBE, M; VERMEULEN, J; KOSTER, M. The making of an ethnically diverse management: contested cultural meanings in a Dutch amateur football club. **Sport in Society**, Londres, v. 16, n. 10, p. 1360-1374, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2013.821257>. Acesso em: 01 jan. 2022.

VÁRNAGY, T. O pensamento político de John Locke e o surgimento do liberalismo. *In*: VÁRNAGY, T. **Filosofia política moderna: De Hobbes a Marx**. São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. p. 46-79.

VETERANO, C. **Glorioso veterano do Mirante**. WhatsApp: Mirante E. C. 19 abr. 2020. 21:54. 1 mensagem de WhatsApp.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WE ARE SOCIAL. Digital in 2020. **HootSuite**. Vancouver, 2020. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>. Acesso em: 01 fev.2022.

ZANINI, D. Etnografia em mídias sociais. *In*: SILVA, T; STABILE, M. **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. p.163-186.

ANEXO A: PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.

FACULDADE SANT'ANA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FUTEBOL E SOCIEDADE: NOTAS ETNOGRÁFICAS DOS CAMPEONATOS AMADORES DE PONTA GROSSA-PR

Pesquisador: Miguel Archanjo de Freitas Junior

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66013317.8.0000.5694

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.005.549

Apresentação do Projeto:

A proposta versa em analisar como as posições e relações destes agentes dentro e fora de campo influenciam sua escolha/seleção pelo clube que representam. Para tanto, optou-se pela realização de um estudo de campo de caráter etnográfico, durante as competições amadoras de futebol de três categorias, fomentadas pela Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), no ano de 2017, na cidade de Ponta Grossa, E.stado do Paraná.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da presente investigação é compreender o processo de estruturação do campo futebolístico de Ponta Grossa e suas lógicas próprias de funcionamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:]

Pode-se induzir essa pesquisa ao risco mínimo, pois a proposta é de manter, como preconizam as normas, o anonimato do público envolvido, tomando o mesmo cuidado com as entrevistas.

Benefícios:

Trazer um resgate histórico do futebol amador local se caracteriza como ponto forte da pesquisa, uma vez que, nestes fatos, permanecem armazenados os

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189

Bairro: CENTRO

CEP: 84.010-310

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3224-0301

E-mail: cep@iessa.edu.br

FACULDADE SANT'ANA



Continuação do Parecer: 2.005.549

costumes e a história da comunidade pontagrossense praticante de futebol.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vejo a referida pesquisa como de grande relevância para a manutenção da história do futebol amador de ponta grossa, hora, conforme a proposta apresentada pelos autores, bem fundamentada em questões sociais e culturais de uma região (baseado na teoria de Pierre Bourdieu), a qual, por história, não tem no futebol de campo uma tradição que impera, fato este que, com a referida pesquisa poderá comprovar a tradição dos Clubes de Bairro e das pessoas que, ainda, persistem em tocar tal agremiações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos que fazem parte do processo de análise estão em conformidade com aquilo que preconizam as regras de avaliação e submissão a este Comitê.

*Salvo o TCLE que segue assinado pelos envolvidos na pesquisa.

Recomendações:

Conforme normatizado, há necessidade de que o TCLE seja encaminhado apenas com as informações necessárias que lhe são pertinentes e, isento de assinaturas, fato que NÃO ocorreu no documento mencionado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No que tange ao desenvolvimento e estratégia metodológica do projeto em análise, o mesmo cumpre com as exigências formais e legais naquilo que se pretende em termos de desenvolvimento do mesmo.

Porém, em conformidade com aquilo que preconiza este Comitê, o TCLE seguiu assinado pelos responsáveis pela pesquisa, fato este que NÃO é indicado que assim ocorra, causando, momentaneamente, pendência para substituição de tal documento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_861106.pdf	03/03/2017 22:29:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Protocolo_de_Pesquisa.pdf	03/03/2017 22:27:58	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_responsabilidade.pdf	03/03/2017 22:26:44	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189

Bairro: CENTRO

CEP: 84.010-310

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3224-0301

E-mail: cep@iessa.edu.br

FACULDADE SANT'ANA



Continuação do Parecer: 2.005.549

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_concentimento.pdf	03/03/2017 22:25:37	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	21/02/2017 13:58:41	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:


Não

PONTA GROSSA, 06 de Abril de 2017

Assinado por:
Analia Maria de Fátima Costa
(Coordenador)

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189**Bairro:** CENTRO**CEP:** 84.010-310**UF:** PR**Município:** PONTA GROSSA**Telefone:** (42)3224-0301**E-mail:** cep@iessa.edu.br

ANEXO B: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Estadual de Ponta Grossa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100
Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

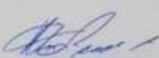
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você Walmir Augusto Lameiro Ribes, RG: 1604724, está sendo convidado a participar da pesquisa "REDESCOBRINDO O SENTIDO DO JOGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA-PARANÁ (2013-2017)." tendo como pesquisador responsável **Miguel Archanjo de Freitas Junior** e como pesquisador participante **Edilson de Oliveira** da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é interpretar e analisar a relação das representações sociais, emergentes do processo de aprendizagem da cultura futebolística, com a construção do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube, localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná (2013-2017).

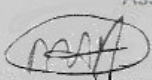
O procedimento de coleta de dados utilizado será a etnografia, ou seja, observações participantes durante os dias de jogos e momentos de sociabilidade. Intentando compreender as motivações de seu envolvimento com as atividades do clube e como sua história de vida relaciona-se com o futebol. Solicitamos neste termo a autorização do uso de sua imagem, para fins acadêmicos e de pesquisa, não obstante, ressalta-se que sua identidade será mantida em sigilo. Os dados coletados serão utilizados na construção da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, bem como publicações em periódicos e eventos acadêmicos.

Após as análises você será informado dos resultados da pesquisa. Sua participação é voluntária, portanto não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

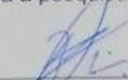
Miguel Archanjo de Freitas Junior Rua: Fagundes Varela nº 1801 Ponta Grossa /PR	Telefone: (42) 3226-9111
Edilson de Oliveira Rua: Bento do Amaral nº 431 Ponta Grossa /PR	Telefone: (42) 99913-5819
Comitê de Ética em Pesquisa UEPG campus Uvaranas, Bloco M, sala 100	Telefone: (42) 3220-3108



 Assinatura do convidado para a pesquisa



 Assinatura pesquisador responsável



 Assinatura pesquisador participante

Ponta Grossa, 14 de Janeiro de 2018.